

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JONAS ELIAS VOLCOV

**CERÂMICA TUPIGUARANI E OS PROCESSOS DE INTERAÇÃO
CULTURAL NO ALTO RIO IGUAÇU, PR.**

CURITIBA

2011

JONAS ELIAS VOLCOV

**CERÂMICA TUPIGUARANI E OS PROCESSOS DE INTERAÇÃO
CULTURAL NO ALTO RIO IGUAÇU, PR.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Área de Concentração em Arqueologia. Departamento de Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Igor Chmyz.

CURITIBA

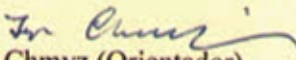
2011

**81ª ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA
DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO,
APRESENTADA PELO ALUNO JONAS ELIAS VOLCOV**

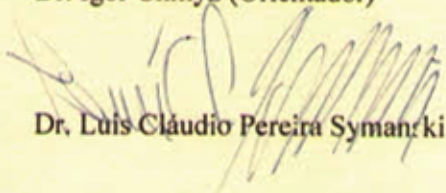
Aos dezenove dias do mês de dezembro do ano de dois mil e onze, às quatorze horas, na sala 1100 do Edifício D. Pedro I, reuniu-se a banca examinadora, designada pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, composta pelos seguintes Professores Doutores: Igor Chmyz (Orientador), Luis Cláudio Pereira Symanski (PPGAS-UFPR) e Cláudia Inês Parellada (Museu Paranaense), para julgamento da Dissertação intitulada *"Cerâmica Tupiguarani e os processos de interação cultural no alto Rio Iguaçu, Paraná"*, de Jonas Elias Volcov. Foi aberta a sessão pelo orientador, professor Igor Chmyz, apresentando ao público os demais membros, passando a palavra em seguida ao mestrando, conferindo-lhe trinta minutos para exposição de seu trabalho. Concluída a exposição, passou-se à arguição. Os avaliadores fizeram suas observações e críticas no prazo de trinta minutos, na seguinte ordem: Luis Cláudio Pereira Symanski e Cláudia Inês Parellada, tendo o mestrando igual tempo para resposta. Ao final, o presidente suspendeu a sessão para que fosse decidido o julgamento. A banca decidiu pela aprovação do mestrando, com conceito A.

Recomendações da banca:

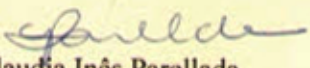
Banca examinadora:



Dr. Igor Chmyz (Orientador)



Dr. Luis Cláudio Pereira Symanski



Dr. Cláudia Inês Parellada

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A minha família.

Ao Professor Doutor Igor Chmyz, pela confiança de ser meu orientador e pelo material cedido.

Aos Professores Doutores Luís Cláudio Pereira Symanski e Laércio Loyola Brochier, pelos comentários e sugestões.

A Eliane Maria Sganzerla pela colaboração e companheirismo na realização deste trabalho e Eloi Bora, pela amizade.

RESUMO

O enfoque dessa dissertação é compreender como se deram os diferentes períodos de ocupação ocorridos na região do alto rio Iguaçu e as interações culturais representadas, primeiramente, pelas relações intertribais entre grupos indígenas das famílias linguísticas Tupi e Jê. A partir do século XVI, essas relações foram acrescidas pelo elemento europeu, originando novos processos de interações multiculturais.

Para a compreensão desses processos de interações, foram realizados levantamentos bibliográficos para explicitar questões sobre aspectos culturais e históricos, fronteiras e contatos culturais.

Para a arqueologia o estudo da interação cultural é evidenciado a partir de determinados aspectos da cultura material e, ao traçarmos as escolhas dos grupos étnicos envolvidos, foi possível realizar inferências sobre suas características formais e tecnológicas e, se essas persistiram espacial e temporalmente.

A partir da análise do material arqueológico, das suas características tecnológicas e decorativas, procuramos captar de que maneira e, em que momentos ocorreram esses processos de interação cultural envolvendo populações indígenas e europeias.

Através do resultado da análise do material cerâmico foi possível a caracterização de quatro períodos distintos da ocupação da área e revelou também, a ocorrência de interações multiculturais junto à Tradição Tupiguarani.

ABSTRACT

The following dissertation focuses on understand how there were various periods of occupation in the upper rio Iguaçu and cultural interactions represented primarily by intertribal relations between groups of Indians of Tupi and Je linguistic families. From XVI century on, those relations were added by European element, creating new multicultural interaction processes.

To analyze the mentioned interactional process, there were made bibliographic research to enlighten cultural and historical aspects, and cultural points of contacts and barriers among Indian and European populations.

The archeological study of cultural interaction is brought into evidence by defined aspects of the material elements of one's cultures. The specific choices of ethnical groups draws a cultural line in which is possible to make inferences about its formal and technological characteristics and IF those could persist time-spatially.

From the analysis of archeological material, its technological and decorative characteristics, it were possible to elucidate in which moments and how did happen any kind of cultural interaction between European and Indian populations.

Throughout the result of ceramic material analyses it was possible to characterize four distinct periods of area occupation and it revealed, also, the occurrence of multicultural interaction among *Tupiguarani Tradition*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. ASPECTOS CULTURAIS DOS GRUPOS INDÍGENAS.....	7
2.1. Tronco Linguístico Macro-Jê.....	11
2.1.1. Família Kaingáng	11
2.1.2. Família Xokleng	20
2.2. Tronco Linguístico Tupi	26
3. PERÍODO HISTÓRICO	33
4. FRONTEIRAS CULTURAIS E RELAÇÕES INTERÉTNICAS	50
5. REGISTRO ARQUEOLÓGICO – VARIABILIDADE ARTEFATUAL	56
6. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA	62
7. LEVANTAMENTOS ARQUEOLÓGICOS	69
7.1. Descrição dos sítios arqueológicos	70
7.1.1. Fase Açungui da Tradição Itararé	70
7.1.2. Fase Imbituva da Tradição Tupiguarani	72
7.1.3. Fase Guajuvira da Tradição Tupiguarani	77
7.1.4. Fase Lavrinha da Tradição Neobrasileira	82
8. DESCRIÇÃO DO ACERVO ARQUEOLÓGICO	84
8.1. Descrição do material da fase Açungui da Tradição Itararé	86
8.2. Descrição do material da Tradição Tupiguarani	90
8.2.1. Fase Imbituva	90
8.2.1.1. Cerâmica intrusiva da Tradição Itararé	109

8.2.2. Fase Guajuvira	110
8.2.2.1. Cerâmica intrusiva da Tradição Itararé	123
8.2.3. Descrição do material da fase Lavrinha da Tradição Neobrasileira	123
9. DISCUSSÕES E COMPARAÇÕES.....	128
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS	158
ANEXOS	168

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS REGIÕES PARANAENSES E PAULISTAS E ADJACÊNCIAS	7
FIGURA 2 - O CAMINHO DO PEABIRU E SEUS RAMAIS E A LOCALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES ESPANHOLAS E REDUÇÕES JESUÍTICAS NO ESTADO DO PARANÁ	34
FIGURA 3 - MOVIMENTAÇÕES PORTUGUESAS NO ESTADO DO PARANÁ ENTRE 1620 E 1640	36
FIGURA 4 - MOVIMENTAÇÕES PORTUGUESAS NO ESTADO DO PARANÁ ENTRE 1720 E 1740	38
FIGURA 5 - MOVIMENTAÇÕES PORTUGUESAS NO ESTADO DO PARANÁ ENTRE 1760 E 1780.....	39
FIGURA 6 - CAMINHOS DE TROPAS DO BRASIL MERIDIONAL NOS SÉCULOS XVIII E XIX	42
FIGURA 7 - ÁREAS PESQUISADAS PELO PRONAPA NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO IGUAÇU.....	62
FIGURA 8 - LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO NOS MUNICÍPIOS DE PALMEIRA, LAPA E SÃO JOÃO DO TRIUNFO	63
FIGURA 9 - LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE PALMEIRA, LAPA E SÃO JOÃO DO TRIUNFO E, AS ÁREAS DE ESTUDO NA REGIÃO DOS CAMPOS GERAIS	65

FIGURA 10 - LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA ÁREA EM ESTUDO	69
FIGURA 11 - FREQUÊNCIA DO MATERIAL CERÂMICO NOS SÍTIOS DA FASE AÇUNGUI DA TRADIÇÃO ITARARÉ	87
FIGURA 12 - PERFIS DE BORDAS CORRESPONDENTES ÀS FORMAS 1, 2, 3, 5, 5A, 7, 8, 9, 10 E 11 DA FASE AÇUNGUI	89
FIGURA 13 - FREQUÊNCIA DO MATERIAL CERÂMICO NOS SÍTIOS DA FASE IMBITUVA	91
FIGURA 14 - FORMAS RECONSTRUÍDAS DO VASILHAME DA FASE IMBITUVA DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI	93
FIGURA 15 - FREQUÊNCIA DO MATERIAL CERÂMICO NOS SÍTIOS DA FASE GUAJUVIRA	112
FIGURA 16 - FORMAS RECONSTRUÍDAS DO VASILHAME DA FASE GUAJUVIRA DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI	114
FIGURA 17 - FREQUÊNCIA DO MATERIAL CERÂMICO NO SÍTIO DA FASE LAVRINHA	124
FIGURA 18 - MORFOLOGIA DA CERÂMICA REGISTRADA NOS SÍTIOS DA TRADIÇÃO NEOBRASILEIRA NO PLANALTO CURITIBANO	127
FIGURA 19 - FREQUÊNCIA DAS FORMAS CERÂMICAS DA FASE AÇUNGUI, QUE EVIDENCIAM SINAIS DE INTERAÇÃO NOS SÍTIOS DA FASE IMBITUVA	133

FIGURA 20 - PERFIS DE BORDAS CORRESPONDENTES ÀS FORMAS 2, 6, 7, 8, 9 E 12 DA FASE AÇUNGUI, CLASSIFICADOS NOS SÍTIOS DA FASE IMBITUVA, EVIDENCIANDO SINAIS DE INTERAÇÃO	134
FIGURA 21 - FREQUÊNCIA DAS FORMAS CERÂMICAS DA FASE AÇUNGUI, QUE EVIDENCIAM SINAIS DE INTERAÇÃO NOS SÍTIOS DA FASE GUAJUVIRA	135
FIGURA 22 - PERFIS DE BORDAS CORRESPONDENTES ÀS FORMAS 1, 3, 5, 6, 9, 10, 11 E 12 DA FASE AÇUNGUI, CLASSIFICADOS NOS SÍTIOS DA FASE GUAJUVIRA, EVIDENCIANDO SINAIS DE INTERAÇÃO	137
FIGURA 23 - FREQUÊNCIA DAS FORMAS CERÂMICAS DA FASE AÇUNGUI, QUE EVIDENCIAM SINAIS DE INTERAÇÃO NOS SÍTIOS DAS FASES IMBITUVA E GUAJUVIRA	139
FIGURA 24 - OS QUATRO PERÍODOS DISTINTOS DA OCUPAÇÃO DA ÁREA EM ESTUDO	141
FIGURA 25 - LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DAS TRADIÇÕES ITARARÉ, TUPIGUARANI E NEOBRASILEIRA COM A SINALIZAÇÃO DOS QUATRO PERÍODOS DE OCUPAÇÃO DA ÁREA EM ESTUDO	142
FIGURA 26 - LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DAS TRADIÇÕES ITARARÉ E TUPIGUARANI REFERENTE AO PRIMEIRO PERÍODO QUE CORRESPONDE À OCUPAÇÃO DA REGIÃO PELOS GRUPOS JÊ E TUPI-GUARANI ANTERIOR AO PERÍODO COLONIAL	143
FIGURA 27 - LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI CORRESPONDENTE AO SEGUNDO PERÍODO DE OCUPAÇÃO DA ÁREA, ONDE OCORRERAM AS RELAÇÕES ENTRE OS GRUPOS INDÍGENAS JÊ E TUPI-GUARANI SEM A INFLUÊNCIA EUROPEIA.....	144

FIGURA 28 - LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DAS FASES
IMBITUVA E GUAJUVIRA DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI REFERENTES AO
TERCEIRO PERÍODO, SUBDIVIDIDO EM DUAS SITUAÇÕES DE CONTATO
CULTURAL 146

FIGURA 29 - LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA TRADIÇÃO
NEOBRASILEIRA REFERENTE AO QUARTO PERÍODO, QUE APRESENTOU
EVIDÊNCIAS DE INTENSO CONTATO ENTRE OS INDÍGENAS DA FAMÍLIA
LINGUÍSTICA TUPI-GUARANI E EUROPEUS 148

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - FREQUÊNCIA DAS FORMAS NOS TIPOS DE DECORAÇÃO NOS SÍTIOS DA FASE AÇUNGUI.....	88
TABELA 2 - FREQUÊNCIA DO MATERIAL CERÂMICO NOS SÍTIOS DA FASE IMBITUVA	91
TABELA 3 - FREQUÊNCIA DO MATERIAL CERÂMICO NOS SÍTIOS DA FASE GUAJUVIRA	111
TABELA 4 - FREQUÊNCIA DE FORMAS DE RECIPIENTES CERÂMICOS NOS SÍTIOS DA FASE IMBITUVA	130
TABELA 5 - FREQUÊNCIA DE FORMAS DE RECIPIENTES CERÂMICOS NOS SÍTIOS DA FASE GUAJUVIRA	131
TABELA 6 - FORMAS E TIPOLOGIA DO MATERIAL CERÂMICO QUE APRESENTA SINAIS DE INTERAÇÃO NOS SÍTIOS DA FASE IMBITUVA	132
TABELA 7 - FORMAS E TIPOLOGIA DO MATERIAL CERÂMICO QUE APRESENTA SINAIS DE INTERAÇÃO NOS SÍTIOS DA FASE GUAJUVIRA ...	136
TABELA 8 - SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DAS FASES IMBITUVA E GUAJUVIRA, QUE APRESENTARAM SINAIS DE INTERAÇÃO CULTURAL ...	140
TABELA 9 - SÍTIOS DAS TRADIÇÕES ITARARÉ, TUPIGUARANI E NEOBRASILEIRA, COM OS PERÍODOS DISTINTOS DA OCUPAÇÃO DA ÁREA EM ESTUDO E A CARACTERIZAÇÃO DA INTERAÇÃO INTERCULTURAL A PARTIR DO SEGUNDO PERÍODO	149

1. INTRODUÇÃO

O enfoque desse estudo é compreender como se deram os diferentes períodos de interações culturais ocorridos na região do alto rio Iguaçu representados, primeiramente, pelas relações intertribais entre grupos indígenas das famílias linguísticas Tupi-Guarani e Jê. A partir do século XVI, essas relações foram acrescidas pelo elemento europeu, originando novos processos de interações multiculturais.

Para entender como se efetuaram esses processos de interações, foram realizados levantamentos bibliográficos para explicitar questões sobre aspectos culturais e históricos, fronteiras e contatos culturais.

Ao utilizarmos o termo “contato”, este deve ser entendido, explicitamente, como referente ao contato entre sociedades humanas. Os recentes estudos que envolvem o contato entre sistemas socioculturais, cada vez mais formulam tal questão em torno de processos de interação que se desenvolvem e se desenrolam entre eles.

Dentro dos contextos que estamos estudando, aplicaremos a noção de “interação”, a qual referencia processos multidimensionais que envolvem o contato cultural. O termo aculturação não será utilizado, pois se refere a um processo unidirecional que aponta mudanças apenas nas sociedades dominadas pelo colonialismo. O estudo em questão mostrou alterações não só nas sociedades dominadas, como também na dominante, originando novas configurações culturais.

Vários trabalhos de arqueologia realizados no Brasil descrevem diversas situações de interação cultural entre os grupos indígenas.

No Estado do Rio Grande do Sul, encontramos várias pesquisas de diferentes autores que tratam da temática da interação cultural. Schmitz (2007, p. 133) descreve que, arqueologicamente, nos sítios do litoral do Rio Grande do Sul ocorreram aproximações pacíficas entre populações indígenas, onde grupos guarani acamparam ocasionalmente com populações Jê Meridionais e com caçadores e pescadores dos campos do sul, para pescar nas lagoas, colher mariscos e caçar. Foram registrados contatos, talvez mais permanentes, com caçadores da Tradição Umbu no vale do rio Pardinho. No alto vale do rio Uruguai, às vezes, a metade dos recipientes cerâmicos recuperados em um sítio eram Guarani, a outra metade era Jê Meridional.

Entre 1977 e 78, Pedro A. Mentz Ribeiro (1979, p. 4) realizou pesquisas no vale do rio Pardo, onde localizou 28 sítios arqueológicos e, na bacia do rio Taquari, onde registrou duas ocorrências. Esse material foi incluído em uma nova fase da Tradição Taquara, denominada Erveiras, que apresentava uma variedade de tipos cerâmicos decorados. Nessa pesquisa ele observou um processo de aculturação entre o material dessa nova fase e o da Tradição Tupiguarani.

Nove sítios Tupiguarani localizados foram englobados em duas fases: Botucaraí e Trombudo. A diferenciação entre as duas se fez através dos antiplásticos: na primeira, era predominantemente arenosa e, na segunda, argilosa. A cerâmica aculturada ocorreu em quatro sítios, que apresentaram antiplástico da Tradição Taquara em decoração Tupiguarani. Demonstraram, no entanto, que o contato foi efêmero, pois esse material aculturado era rarefeito e ocorreu em poucos sítios. Um deles, representado pelo sítio RS-RP-112, da fase Botucaraí, foi associado ao início do século XVII, no período das fundações jesuíticas na área, entre 1633 e 34 (MENTZ RIBEIRO, 1979, p. 46).

Jairo Henrique Rogge (2004, p. 75-86), fazendo um resumo das situações de contato estudadas no Rio Grande do Sul, descreve que os fenômenos de fronteira possuem uma estreita relação com o próprio processo de expansão e colonização das áreas de Floresta Estacional pelas populações Tupi-Guarani devido a uma crescente pressão populacional que refletiu em um gradual esgotamento dos recursos disponíveis nas regiões mais favoráveis, tornando necessária a expansão de suas áreas de captação sobre os limites territoriais das outras populações ceramistas. O acesso da população Tupi-Guarani nas porções limítrofes do território dominado pelas populações da Tradição Taquara garantiria a coleta do pinhão e a caça de animais e, também a permanência de assentamentos, ocorrendo nessas áreas marginais uma interação ainda mais efetiva, possivelmente por via matrimonial, entre indivíduos das diferentes culturas, com a incorporação de mulheres portadoras da Tradição Taquara no sistema Tupiguarani. O registro arqueológico não demonstra a existência de relações conflituosas, mas sim, a ocorrência de material cerâmico da Tradição Tupiguarani em vários sítios da Tradição Taquara, e a cerâmica Taquara incorporando formas e decorações da cerâmica de Tradição Tupiguarani.

Erika Marion Robrahn-González, na década de 1990 apontou diversos níveis de contato e interação de grupos ceramistas das Tradições Una, Aratu, Uru e Tupiguarani no Brasil Central. Os maiores processos de interação com mudança cultural estavam relacionados às Tradições Aratu e Uru. A interação se intensificou a partir do século X, através de diversos estímulos, provavelmente relacionados a dinâmicas locais e específicas de mudança cultural (OLIVEIRA, 2005, p. 2).

Os grupos Uru vindos de áreas a oeste da bacia do rio Araguaia iniciaram um movimento migratório rumo leste invadindo territórios ocupados pelos grupos Aratu. A interação foi tão intensa que criou células de fusão entre os grupos, com um predomínio gradativo das características do grupo Uru. Isso se deu devido a vários aspectos internos que cada uma destas sociedades exibia: onde o grupo Uru passava por um processo de expansão territorial, talvez pelo aumento populacional na sua área de origem, o grupo Aratu, encontrava-se em situação cômoda e de retração interna (Idem, p. 75).

Elisangela Regina de Oliveira (2005, p. 76-77), descreve que no médio rio Tocantins, foram localizados diversos sítios arqueológicos que apresentavam processos de fusão entre o grupo Uru e Aratu, e mesmo a outro grupo, o Tupiguarani. Os estudos realizados permitiram afirmar que os grupos já não possuíam tanto morfologicamente, como em relação à posição na paisagem, padrões de antigos assentamentos, que eram de grandes sítios anelares ou circulares nas áreas de origem e localizavam-se em diversos compartimentos da paisagem. Apresentavam agora aldeias pequenas com traços não bem demarcados de processos de interação cultural. Assim, no médio rio Tocantins, os sítios das Tradições Aratu e Uru têm como característica marcante a homogeneidade interna com aceitação de influências externas e, heterogeneidade interna com pouca permeabilidade a influências externas, mantendo o mesmo padrão mesmo depois da interação cultural entre essas populações.

Para a arqueologia o estudo da interação cultural é evidenciado a partir de determinados aspectos da cultura material e, ao traçarmos as escolhas dos grupos étnicos envolvidos, foi possível realizar inferências sobre suas características formais e tecnológicas e, se essas persistiram espacial e temporalmente.

Baseando-nos nos estudos do material arqueológico, a partir das suas características tecnológicas e decorativas, procuramos captar de que maneira e, em

que períodos ocorreram esses processos de interação cultural envolvendo populações indígenas e europeias.

A área de interesse de estudo está inserida nos municípios de Palmeira, Lapa e São João do Triunfo, localizados no Segundo Planalto Paranaense, na região dos Campos Gerais, que foi densamente ocupada por grupos relacionados às famílias linguísticas Jê e Tupi-Guarani, respectivamente associadas às Tradições¹ arqueológicas Itararé e Tupiguarani e, a partir do século XVI, pela ocupação europeia.

Essa região foi estudada entre 1967 e 69 pelo Prof. Dr. Igor Chmyz. Das pesquisas realizadas resultou a primeira referência sobre contatos interétnicos no Estado do Paraná, a qual foi publicada em 1971 e republicada em 1977.

As abordagens efetuadas resultaram no registro de diversos sítios arqueológicos estabelecendo as fases² Açungui para a Tradição Itararé, Imbituva e Guajuvira para a Tradição Tupiguarani e Lavrinha para a Tradição Neobrasileira.

Com base nas pesquisas arqueológicas realizadas por Igor Chmyz procuramos através da análise do material cerâmico, estabelecer inferências sobre a variabilidade estilística e suas mudanças em função dos processos de contato cultural, tentando entender como ocorreu a interação entre os grupos indígenas Jê e Tupi-Guarani e, se esses contatos foram intensificados em função do colonialismo, que forçou uma adaptação entre esses grupos na região, ou se iniciaram em um período anterior e, como ocorreu a interação cultural entre o grupo Tupi-Guarani e o europeu, e assim como a abrangência dessa relação.

A análise do material cerâmico demonstrou que houve contatos intertribais com grupos da Tradição Itararé, evidenciados por traços característicos desse grupo nas formas cerâmicas e no uso do antiplástico da Tradição Tupiguarani. Mostrou, também, nas duas fases dessa Tradição, traços de influência europeia, representados pelo uso de bases planas em pedestal, no lugar das bases tradicionais convexas e levemente planas e adoção de novas decorações plásticas como o Marcado com Tecido, Marcado com Malha, Marcado com Cestaria e o Escovado.

¹ Tradição, grupo de elementos ou técnicas diagnósticas compatíveis com persistência temporal, que tem como consequência uma relação histórica entre os sítios ou fases (CHMYZ, 1976, p. 145).

² Fase, qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação relacionados no tempo e no espaço, em um ou mais sítios.

O resultado da análise revelou a ocorrência de interações multiculturais junto à Tradição Tupiguarani em vários períodos distintos. Demonstrou, ainda, que a mulher indígena desempenhou papel de intermediadora cultural em dois períodos: no primeiro, a mulher Jê junto ao grupo Tupi-Guarani, onde manteve a identidade do seu grupo e, no segundo, a mulher Tupi-Guarani em meio ao europeu, dando início a novas configurações culturais através da incorporação de novos elementos.

Objetivando a sua compreensão e para facilitar o estudo do tema proposto nesta dissertação, estruturamos o trabalho enfocando os seguintes temas:

No segundo capítulo são descritos, através de levantamentos etno-históricos, os aspectos culturais dos grupos dos troncos linguísticos Macro-Jê e Tupi, para comparação e compreensão das características socioculturais dos grupos indígenas e melhor entendimento dos processos de interação cultural.

No terceiro capítulo referenciamos o período histórico correspondente ao processo de ocupação europeia. Envolve desde o século XVI, com o início da ocupação do território paranaense representado pelos espanhóis na região do Guairá e, pelos portugueses no litoral, a abertura do Caminho do Viamão, no século XVIII, dando origem à colonização dos Campos Gerais, até o século XIX e primeiras décadas do século XX, quando tem início a expansão agrícola na área em estudo e, se acentua a restrição do território indígena.

O capítulo quatro aborda os conceitos de fronteira e relações interétnicas entre as populações indígenas e europeias.

No capítulo cinco abordamos a análise de estilo no material arqueológico para tentar compreender as situações de interações culturais e de fronteiras, partindo do pressuposto de que as identidades dos grupos são codificadas pelas formas, decoração e tecnologia do material arqueológico e definem espaços territoriais.

A caracterização geográfica da área encontra-se no capítulo seis.

No capítulo sete trabalhamos com os levantamentos arqueológicos, os quais compreendem a descrição dos sítios estudados vinculados às Tradições ceramistas Itararé, Tupiguarani e Neobrasileira.

A descrição do acervo arqueológico compõe o oitavo capítulo, onde consta a análise do material cerâmico das fases Açungui, de Tradição Itararé, Imbituva e Guajuvira, relacionadas à Tradição Tupiguarani e, Lavrinha, da Tradição Neobrasileira.

No capítulo nove são expostos os traços indicativos e, os processos que abrangeram a interação cultural, entre as tradições e fases arqueológicas envolvidas. As considerações finais, com as discussões sobre os resultados das análises e a comparação entre as diversas situações de interação cultural fazem parte do capítulo dez.

2. ASPECTOS CULTURAIS DOS GRUPOS INDÍGENAS

Para compreender como ocorreram os processos de interação cultural torna-se necessário entender, primeiramente, as características socioculturais assim como a mobilidade, população e territórios dos grupos indígenas presentes na área em estudo.

Neste capítulo abordaremos, através de informações etno-históricas, as características culturais dos grupos indígenas envolvidos. Como demonstrado no mapa de Curt Nimuendajú, a região do alto Iguaçu foi ocupada por grupos Botocudos (Xoklêng) vinculados ao tronco linguístico Macro-Jê, representados também pela família Kaingáng, e grupos Carijó relacionados ao Tronco Tupi, correspondentes aos Tupi-Guarani (Figura 1).

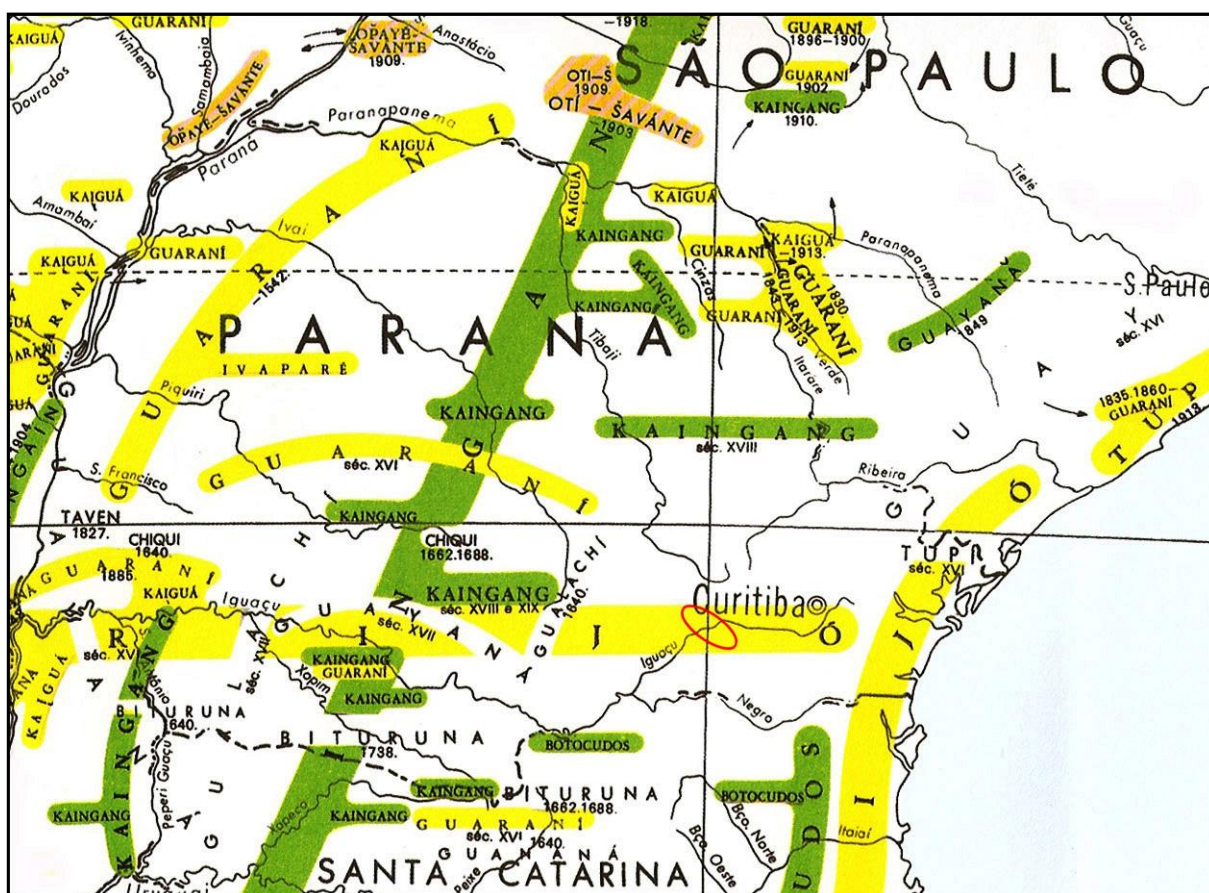


Figura 1. Localização dos povos indígenas nas regiões paranaenses e paulistas e adjacências. Elipse em vermelho se refere à área de estudo (extraído do Mapa Etno-Histórico de Curt NIMUENDAJÚ, IBGE, 1981).

Os grupos vinculados à família linguística Jê, com origem no centro-oeste brasileiro, tiveram como principais acessos para o sul do Brasil a região sudeste de

São Paulo e o nordeste do Paraná, principalmente entre os vales dos rios Itararé, Paranapanema e Ribeira. Dominaram espaços situados entre o atual Estado de São Paulo e o Rio Grande do Sul, estendendo-se até Misiones, na Argentina. No Paraná ocuparam os três planaltos, estabelecendo-se nas proximidades de grandes rios e seus afluentes, como o Paranapanema, Tibagi, Itararé, Paraná, Iguaçu, Piquiri e Ivaí e partes do litoral (NOELLI, 2004, p. 31).

Os Kaingáng, conhecidos no passado como Coroados, constituíam grupos seminômades, com economia de subsistência baseada na caça, pesca, coleta e agricultura incipiente.

Os Xoklém, também representados por grupos nômades, com economia baseada na caça e coleta, de acordo com Silvio Coelho dos Santos (1987, p. 32-33), ocupavam o interior do sul do Brasil, assim como partes do litoral. Para o autor, no século XIX, esses espaços eram dominados por três grupos: *“um deles vivia no centro do território catarinense, tendo como área de ação principal o médio e o alto vale do Itajaí; o segundo ocupava as cabeceiras do Rio Negro, na atual fronteira de Santa Catarina com o Paraná; o terceiro dominava o sul, com base nos vales do Capivari e Tubarão”*.

Apesar de pertencentes à mesma família linguística, estudos comparativos evidenciam diferenciações sobre a identidade cultural desses grupos relativos à organização social, mitologia, rituais de passagens e formas de sepultamento. Segundo Nimuendajú (2000, p. 348) os Xoklém e Kaingáng tinham raiz comum proto-kaingáng que teria se separado na pré-história constituindo bandos em estado de hostilidade constante.

Os Jê Meridionais têm o seu território vinculado com a Floresta Ombrófila Mista, onde predomina a Araucária angustifolia. Arqueologicamente, a cerâmica vinculada aos Jê foi dividida em três tradições: Taquara no Rio Grande do Sul e, Itararé e Casa de Pedra no Paraná. Na primeira Tradição a superfície externa das cerâmicas apresenta-se decorada com impressões de pequenas marcas feitas com a borda da unha, ponteiros, impressão de traçado ou tecido. A cerâmica da Tradição Itararé raramente possui essas marcas, porém tem a sua superfície externa escurecida e polida intencionalmente.

Conforme Schmitz (2007, p. 138-139), a Tradição Taquara, com uma distribuição mais meridional e ocidental a partir do Rio Grande do Sul, corresponde

possivelmente aos índios Kaingáng e, a Tradição Itararé em uma posição mais central e oriental nos Estados de Santa Catarina e Paraná, pertence ao território dos Xoklém. Os limites, porém, não estão bem definidos e podem corresponder a uma fronteira móvel e aberta.

De acordo com Chmyz et al. (2008, p. 250-252), os Kaingáng estão relacionados à Tradição arqueológica Casa de Pedra. Sua cerâmica, embora apresente acabamento superficial semelhante à da cerâmica Itararé, dela se diferencia ao apresentar menor variação nas bordas, paredes mais espessas, maior volume dos recipientes e nas formas das vasilhas, especialmente as cônicas. Ainda segundo o pesquisador, cerâmica comparável ocorreu na região centro-sul do Paraná, espaço frequentado por índios Kaingáng conforme informações etno-históricas relativas ao período compreendido entre os séculos XVIII e XX. Foi registrada na camada superficial do sítio PR MR 1: Gruta do Wóbeto (médio rio Ivaí), no abrigo PR PG 2 (cabeceiras do rio Tibagi, no abrigo PR UV 1 (médio rio Iguaçu). Ocorreu, também, no sítio PR FI 145, na margem do rio Paraná, região essa explorada pelos Kaingáng na segunda metade do século XIX, o que ocasionou a movimentação dos grupos Guarani para o sul em direção à atual cidade de Foz do Iguaçu.

Os grupos Xoklém, para Chmyz et al. (2009, p.14), estão relacionados à Tradição Itararé. Com uma indústria cerâmica constituída por recipientes pequenos, com superfícies simples e de coloração preta tem, a ela associadas, estruturas subterrâneas que poderiam ser utilizadas como habitações, depósitos ou armadilhas para caça ou defesa contra ataques de grupos rivais, assim como a prática de cremação. Apenas as crianças eram enterradas.

De acordo com Noelli (2009, p. 69) através de pesquisas linguísticas e arqueológicas, a família linguística Tupi-Guarani teve origem no Alto Madeira, no atual Estado de Rondônia. Os grupos vinculados a ela utilizaram, como rota de expansão, os rios Paraná e Paraguai, atravessando o Mato Grosso do Sul e o oeste paulista. Ocupavam, na época das primeiras expedições exploratórias e de conquista, o espaço situado entre os rios Tietê e Iguaçu e a região entre o rio Uruguai e a Lagoa dos Patos e, também, aqueles situados entre os rios Uruguai e Paraná, até o rio Miranda ao norte e, nas ilhas do rio Paraná até o rio Tigre, ao sul.

A expansão territorial dos Tupi-Guarani ocasionou disputas por espaço com os povos Jê, gerando grandes aberturas territoriais através de uma autêntica guerra de conquista, não respeitando as populações das áreas dominadas, que provavelmente foram expulsas ou assimiladas.

Permaneciam, preferencialmente, nas terras férteis de várzeas e encostas florestadas dos médios cursos de rios e os terrenos aluviais junto às lagoas das planícies costeiras, ou seja, seu território abrangia terras férteis cobertas por matas na borda do planalto meridional e ao longo de grandes rios e lagoas (SCHMITZ, 2007, p. 130).

A Tradição Tupiguarani se caracteriza pela presença de recipientes cerâmicos variados, incluindo tigelas e grandes panelas, muitos com abundantes tipos decorativos como o pintado (com linhas e pontos de cores vermelha, preta ou marrom sobre um engobo branco, formando motivos geométricos retilíneos e curvilíneos), engobo vermelho, corrugado, ungulado, pinçado, nodulado, serrungulado, escovado, etc. Alguns vasilhames, como as panelas, foram utilizados como urnas em rituais de enterramento primário ou secundário, além de recipientes menores, associados ao conjunto funerário e que possivelmente representavam “oferendas”. Faziam uso de lâminas de machado, pilões e mãos de pilões de pedra polida, sendo aqueles utilizados na derrubada da mata para o roçado e na confecção de canoas e, estes para triturar e moer grãos, raízes e sementes. Outros objetos encontrados correspondem a rodela de fusos (associadas à tecelagem) e cachimbos de cerâmica, tembetás de pedra ou resina e material ósseo trabalhado (CHMYZ e BROCHIER, 2004, p. 49-50).

A Tradição Tupiguarani foi subdividida, pela predominância estatística de tipos de decoração da superfície dos recipientes cerâmicos, em Subtradição Pintada, Subtradição Corrugada e Subtradição Escovada, sendo a pintada mais antiga e, a escovada, mais recente, caracterizando contato com populações europeias relacionadas à área de estabelecimento das Reduções Jesuíticas em tempos históricos (ROGGE, 2004, p. 68-69).

2.1. Tronco Linguístico Macro-Jê

Está representado por populações constatadas por exploradores logo após o descobrimento. Com subdivisões linguísticas e grupais, no Brasil Meridional correspondem às famílias linguísticas Kaingáng e Xoklêng.

2.1.1. Família Kaingáng

No Estado do Paraná, de acordo com Ambrosetti (2006, p. 12-13), que utilizou informações de Telêmaco Borba, os Kaingáng eram encontrados em maior número, no território situado entre os Municípios de Castro e Guarapuava. Em 1858, em razão dos constantes ataques dos colonizadores, alguns grupos dirigiram-se à Colônia Militar do Jataí, sendo aldeados em São Jerônimo e São Pedro de Alcântara. Os demais permaneceram nos espaços entre os rios Piquiri, baixo Ivaí e Iguaçu.

Darcy Ribeiro (1977, p. 101), situa-os também em São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Para o pesquisador, esses grupos eram conhecidos como Guainá, Bugres ou Botocudos, de língua Kaingáng e, alguns deles, que habitavam a orla das matas e sobreviviam nos capões de mata desde os campos de Guarapuava, Ivaí e Palmas até o Rio Grande do Sul, foram subjugados pelos criadores de gado vindos do sul.

Formados por grupos seminômades, com economia de subsistência baseada na caça, pesca e coleta de mel, frutas e, principalmente pinhão, eram detentores de conhecimentos básicos de horticultura, cultivando preferencialmente o milho. Para seu cultivo as mulheres abriam roça. Escolhiam áreas com mata rarefeita e, nela quebravam, com cacetes, as árvores pequenas que depois de secas eram queimadas. As sementes, umedecidas com saliva eram plantadas em valas abertas com cavadeiras de pau.

Segundo frei Luiz de Cemitille (PARANÁ, 1900, p. 321):

Sustentam se de caça, peixe, mel e fructas: plantam algum milho e feijão. Do milho fazem uma espécie de pão, para o que o põem de molho na água até apodrecer, e depois o socam no pilão, ou o amassam com as mãos e cuspo, fabricando uma roda de bom tamanho para assarem-na em baixo da cinza.

Com o pinhão, segundo Ambrosetti (2006, p. 43) faziam uma espécie de pasta obtida após sua imersão em água, onde permaneciam até inchar e romper. Em seguida eram socados em pilão e, a pasta obtida, fervida.

Para as caçadas reuniam-se em grupos de 10 a 20 indivíduos. O método para preparação dos animais de grande porte é descrito de maneira semelhante por Manizer entre os Kaingáng de São Paulo (2006, p. 35) e Ambrosetti no Rio Grande do Sul (2006, p. 47). Assavam-nos abrindo no chão uma cova de tamanho proporcional ao do animal abatido. Colocavam fogo dentro da cova e bastante lenha, esperando até que a madeira se transformasse em brasas. Depositavam então, sobre elas, grande quantidade de pedras e mais lenha até que as pedras atingissem alta temperatura, tornando-se de coloração avermelhada. Quando vermelhas, a cova era forrada com folhas de palmeira, sobre as quais colocavam a carne com o couro. Esta era coberta com folhas de palmeira e terra, permanecendo nessa espécie de forno um dia. Quando aberto, a carne encontrava-se preparada e pronta para consumo. A caça miúda era assada sobre braseiros ou em pequenos giraus e, às vezes, cozida ou moqueada.

Fazia parte de sua dieta alimentar, ainda, larvas encontradas nos troncos podres de palmeiras e taquaras. Recolhidas, eram assadas em talos de bambu. Segundo Ambrosetti (2006, p. 47), defumavam peixes que apanhavam com o auxílio de paris. Após a retirada das entranhas, estes eram atados a tiras de taquara e colocados sobre *jiraus*³, onde assavam, sendo depois depositados sobre armações próximas a fogueiras para serem defumados.

Fisicamente, segundo Manizer (2006, p. 19), que conviveu com grupo Kaingáng entre dezembro de 1914 e janeiro de 1915, em um posto governamental da Inspetoria de Índios no Estado de São Paulo, os indígenas tinham porte médio ou pequeno, com corpo proporcional e musculatura desenvolvida, com ombros largos, peito forte, planta dos pés relativamente pequena, punhos delgados e pescoço curto. De acordo com o pesquisador, ainda, a forma da cabeça era alongada para trás, o nariz curto, com narinas levantadas para frente e a tez clara, não muito mais escura do que os homens morenos da raça branca. Quando expostos ao sol, bronzeavam

³ Espécie de grade de varas, fixados no chão sobre esteios, que serve de cama e também como grelha para expor ao sol, vários objetos.

com facilidade, adquirindo a pele tom escuro, acobreada. Tinham pelos e cabelos escuros e olhos fendidos obliquamente.

Essa descrição é semelhante à de Telêmaco Borba (1908, p. 6-7):

São estes Índios bem conformados, de estatura regular, peito largo, cheios de corpo, mãos e pés pequenos, dedos finos, cabeça regular, testa e olhos pequenos, estes um pouco oblíquos, maçans do rosto salientes, nariz pequeno e um pouco chato, boca grande, lábios grossos, dentes grandes e bem dispostos, orelhas pequenas, pescoço curto; arrancam os cabelos do corpo, inclusive os das sobrancelhas e pestanas; os da cabeça, tanto homens como mulheres, os trazem tonsurados como os frades, com uma larga corôa, no centro; são de côr baça e feições grosseiras e feias.

Afonso Botelho em seu relato datado de 1771, quando de seu primeiro encontro com indígenas habitantes da região dos Campos de Guarapuava (1956, p. 32) descreve-os de maneira similar:

[...] e o mais velho teria cinqüenta anos, os cabelos cumpridos de um palmo pouco mais, ou menos, cortados por diante bem redondos, e dous com coroa no próprio lugar em que os nossos clérigos as têm, bem redondas, pouco maiores que as dos minoristas; as sobrancelhas rapadas todos em geral, as barbas crescidas, uns mais, e outros menos; e perguntando-lhes por que as não rapavam, ou traziam como nós, responderão por acenos que por não terem com quê.

Referências às suas habitações existem nos relatos de expedições exploratórias, de conquista, assim como nos provenientes dos relatórios de padres que acompanhavam essas expedições ou assumiam a direção de aldeamentos. Situavam-se estas, comumente, nas proximidades de grandes roças de milho e de córregos e poderiam constituir toldos isolados ou conjunto de ranchos, formando aldeias. De acordo com Cemitille (PARANÁ, 1900, p. 320), eram cobertas com folhas de palmeira de diferentes tamanhos “[...] conforme o numero dos indivíduos, e quase sempre assente em collinas, á distancia de duzentos a trezentos metros da água.”

Muitas se comunicavam através de pequenas trilhas:

Na primeira expedição de Botelho e sua comitiva militar, foram localizadas outras muitas aldeias intercomunicáveis por estreitas trilhas que serviriam também aos desbravadores. Essas muitas aldeias abandonadas apresentavam vestígios de roças antigas em meio a capões de mato (BECKER, 1999, p. 62).

No relatório da expedição do tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio e Souza para os campos de Guarapuava consta também que, no dia 16 de dezembro de 1771, foi localizada uma aldeia abandonada de índios Kaingáng, onde encontraram varias alcôfas, cestinhas, panelas e porongos, sendo que um ainda estava com mel. Distanto duzentas braças, depararam com uma grande roça de milho. Continuando o caminho acharam vários alojamentos, sendo que um estava bastante queimado e depois de três léguas, localizaram outra aldeia com três ranchos grandes que, segundo ele, poderiam abrigar mais de 150 pessoas (BOTELHO, 1956, p. 30).

Visitando acampamentos de índios Kaingáng, em São Paulo, Geraldo H. de Paula Souza (1918, p. 741-742), descreve assim os utensílios:

Os utensis domesticos dos Caingangs, resumem-se em algumas purungas, atadas com fibras de cipó, onde guardam a agua, de que se servem; outras purungas partidas ao meio lhes servem de pá ou colher para certos misteres. As mulheres fabricam vasilhas de barro preto, de fóma lembrando a do fructo de sapucaia, de diversos tamanhos e que lhes servem de panellas. Usam de pinças de madeiras, feitas de um só pedaço, curvado ao fogo, com as quaes lidam no braseiro.

De acordo com descrição de Telêmaco Borba (1908, p. 9), suas cabanas tinham cerca de 30 metros de comprimento. Eram construídas e cobertas com folhas de palmeira. Sem divisão interna possuíam apenas uma pequena abertura em cada extremidade, as quais serviam de porta; no centro havia fogões para cada família; não varriam as cabanas e quando ficavam sujas e com pulgas, eram queimadas e construídas novas.

Manizer (2006, p. 23) teve oportunidade de observar a construção de cabanas:

Eles fincam no chão, oblíqua e paralelamente entre si, duas ou três varas. Depois cortam uma palmeira nos arredores e trazem as folhas. Eles empregam essas folhas à guisa de cobertura [...] As folhas [...] são dispostas horizontalmente, do lado exterior, sobre duas peças fixadas na terra obliquamente, começando pela base. As folhas são atadas às varas com a ajuda das tiras rasgadas, sem fazer nó, introduzindo as extremidades torcidas numa fenda qualquer. A folha superior recobre levemente a precedente, como telhas. Às vezes a cabana é sustentada por uma estaca fincada do lado oposto, ou então se constrói, do outro lado, um outro telhado, de menor dimensão que o primeiro, e se obtém assim um telhado de dois lados.

Segundo o pesquisador, as cabanas eram abandonadas em caso de doença ou morte.

De acordo com Loureiro Fernandes (1941, p. 171) no interior das cabanas havia, em toda a sua extensão, a presença de fogueiras em um espaço de três a quatro palmos de largura. Segundo o pesquisador, ao longo delas dormiam homens e mulheres, com os pés voltados para o fogo. Essas habitações, quando muito sujas e, infestadas de piolhos e pulgas eram queimadas.

Esse comportamento já tinha sido observado por Cemitille em 1879, no Aldeamento de São Jerônimo:

As cabanas em que moram servem até ficarem inhabitaveis por causa da imundície, tanto interna como externa; acham que é mais fácil queimar a velha e construir uma nova do que terem o trabalho de afugentar os bichos de pés e as pulgas que os atormentam, ou fazer a limpeza necessária para 'destruir estes insetos';... (PARANÁ, 1900, p. 326).

Segundo Fernandes (1941, p. 169), os Kaingáng construíam também acampamentos temporários

[...] formados em geral por um anteparo retangular cujo arcabouço é feito de galhos mais ou menos retos revestidos exteriormente com folhas de palmeiras. Verdadeira parede que é apoiada na parte superior sobre estacas de modo a ficar bem inclinada, como uma meia água de telhado que entrasse em contato com o solo em sua porção inferior.

Segundo Baldus (1937, p. 44-45) a estrutura social nos grupos Kaingáng caracterizava-se pela divisão em metades exogâmicas, patrilineares e hierarquizadas e que cada metade está subdividida em dois grupos: em uma metade, Kamé e Aniky e na outra, Kadnyerú e Votôro. Dentro de sua metade, cada grupo, com pinturas diferenciadas no rosto que os identificava dentro da sociedade, obedecia a uma hierarquia distinta, conforme o seu prestígio social e, nas festas e danças, os grupos ocupavam posições de acordo com as metades a que pertenciam. A existência de metades determina o casamento entre os Kaingang, se o homem pertence a uma metade, a mulher deve ser da metade oposta.

Dessa forma,

Os Votôros apresentam pequenos círculos no meio da testa, e outro do mesmo tamanho e às vezes não completamente fechado, em cada

bochecha. Os Kadnyerú tem nos mesmos lugares um ponto grosso apenas. Os Aniky tem ao lado de cada olho dois riscos curtos paralelos começando nos ângulos externos dos olhos e passando horizontalmente em direção à têmpora, dois riscos de cada bochecha, e um curto risco horizontal ao lado de cada canto da boca. Os Kamé não ostentam senão um risco vertical em cada bochecha (BALDUS, 1937, p. 45-46).

As moças casavam jovens, entre 11 e 12 anos, e os rapazes entre 18 e 20 anos, sendo respeitados os graus de parentesco. Segundo Ambrosetti (2006, p. 37), quando um índio encontrava uma mulher de seu agrado, pedia-a ao pai, dando-lhe algum presente. Se aceito, o pretendente ficava agregado à família. Quando a moça era muito nova, o rapaz permanecia junto da família ajudando o sogro em seus trabalhos, até a garota completar dez ou doze anos. Polígamos, relacionavam o número de esposas ao desempenho e valentia do rapaz. Manizer constatou a permanência dessa prática no grupo que estudou em 1914.

De acordo com registro de Telêmaco Borba, nas festas utilizavam buzinas feitas de chifres de boi, troncos ocos de embaúbas e porongos com grãos de milho ou pedrinhas em seu interior. Usavam, ainda, flautas e apitos de taquara.

Relacionada à cultura espiritual dos Kaingáng e representando papel importante está a Festa dos Mortos ou *Veingréinyã*. Reunindo todos os elementos da vida social Kaingáng, nela, além das homenagens ao morto, as crianças ficavam sabendo, através do pai, a qual metade pertenciam e o significado e importância de seu nome (BECKER, 1999, p. 222).

As práticas funerárias observadas entre os Kaingáng são descritas de forma similar por Manizer em 1914 (2006), Ambrosetti em 1894 (2006) e Cemitille (PARANÁ, 1900, p. 325):

[...] indo o cadáver envolto em um panno (curú) e seguro com amarrilhas. Chegado ao seu destino, abrem uma cova que mede sempre 7 palmos de comprido, 3 de largura e 4 de fundo, tendo para esse serviço uma bitola exacta, forram essa cova com folhas de palmeira e metade da casca de arvore que servia de cama ao fallecido, e depois com grande cuidado o depositam na sepultura com a cara para o poente, servindo de travesseiro os seus curús e pennas. A' direita collacam todas as suas armas e um tição de fogo acceso; cobrem depois com paus que alcançam de um a outro lado da sepultura, em cima dos quaes põem a outra metade da casca de sua cama para evitarem que caia terra sobre o corpo; tapam todos os orificios com folhas de palmito e enchem a sepultura com terra que vão depositando até a altura de 10 a 12 palmos, dando-lhe fórma cônica.

Os pesquisadores divergem em alguns pontos como na direção da deposição da cabeça que, para Ambrosetti era direcionada para leste e, na posição do morto que, segundo Manizer era enterrado com as pernas flexionadas, pois a cova não era suficientemente longa para esticar suas pernas. No conjunto, entretanto, as cerimônias e as formas dos túmulos são semelhantes.

Telêmaco Borba observou o mesmo procedimento, mas salienta que *“Para as creanças que morrem não constroem pyramides e somente as enterram em covas rasas.”* (PARANÁ, 1900, p. 339).

Após o sepultamento, durante oito dias, período dedicado ao luto, as mulheres do morto ficavam isoladas. Nesses dias era preparada, pelos demais membros do grupo, a festa do morto. Essa festa, após o contato com o branco, passou a ser realizada na época em que o milho e os pinhões estavam maduros.

Em relação à sua cultura material, as informações obtidas através da etno-história citam utensílios como panelas, gomos de taquaruçu que, devidamente impermeabilizados, conservavam líquidos ou eram usados como copos; porongos, balaies, cestas com tampas revestidas com cera e utilizadas para transporte de água, jacás para o trabalho com pinhão e paris usados para captura de peixes, assim como pinças de madeira que eram utilizadas para mexer em pedras ou brasas quentes e, para retirar pinhões das fogueiras e espetos de madeira dura para assar carnes (CHMYZ et al., 2008, p. 15-16).

Seus utensílios, descritos por Afonso Botelho em 1772, consistiam em

[...] um dos ranchos tinha de cumprido vinte e cinco passos, e oito de largo, e aqui acharão vários trastes de uso dos índios de panelas, porongos, pratos, caracaxases, linho em estriga de que fazem seus panos, e mostra, que o tiram das ortigas grandes, três côches grandes bem feitos, limpos, e levará cada um de sete alqueires de milho para cima, balaies, e cêstos bem tapados, e bem feitos, rebocados por fora e por dentro com cêra, que se supõe ser para trazerem água das fontes, cristais finos, que os partem sobre outras pedras para suas navalhas, ûa roça, que teria de milho plantado meio alqueire, algum em pendão. (BOTELHO, 1956, p. 41).

O uso dos espetos é descrito por Afonso Botelho (PARANÁ, 1900, p. 63):

[...] e offerecerão-me do Pinhão, q.^o ali estava a assar ao fogo, tirarão hu com a mão; descascarão e comerão dizendo-me fissesse o mesmo, e outro pegou em huma atanás de tacoara, mostrando o uso q.^o deveria ter, dá para tirar o pinhão do fogo e descascalo...

O mesmo procedimento é descrito por Manizer (2006, p. 35) entre os Kaingáng de São Paulo no início do século XX

[...] para remexer o fogo, para colocar ou retirar dele as carnes, as ‘tortilhas’, etc: são pequenas pinças [...] feitas de varas recurvadas e amassadas ao meio.

De pedra faziam pilões e machados, utilizando pequenas lascas como instrumentos cortantes. Os pilões eram confeccionados também em madeira conforme registros de Ambrosetti em 1894 e Manizer em 1914. As mãos de pilão, no entanto, conforme observações dos pesquisadores, comumente eram de pedra, de formato cônico, alongadas e muito bem polidas.

No Estado do Paraná as referências aos recipientes cerâmicos utilizados pelos Kaingáng são vagas. São citados por Cemittile (PARANÁ, 1900, p. 325): *“Para prepararem as bebidas destinadas a essa festa mettem o milho e o pinhão juntamente com a água em grandes panellas de barro, e perto do fogo os moem com os dentes...”*.

Telêmaco Borba (PARANÁ, 1900, p. 341) descreve-os da mesma forma, *“Depois socam o milho e o depositam em grandes vasos de barro (cocrén), perto do fogo brando ...”*.

Loureiro Fernandes (1941, p. 190) em seu trabalho sobre os Kaingáng de Palmas refere-se à sua produção, através de relatos de índios mais velhos que ainda conservavam lembrança de mulheres confeccionando-as. Segundo o autor, primeiramente eram escolhidas variedades de barro nas barrancas dos rios, as quais eram em seguida misturadas e amassadas. Depois a argila era trabalhada em forma de roletes, os quais eram sobrepostos, tomando a vasilha a forma desejada, sendo predominantes as esféricas com pescoço circunscrito e borda ligeiramente extrovertida e tigelas. Para regularização de sua superfície usavam as mãos ou pedaços de porongos ou pedras conservando, mais comumente, as suas faces lisas. Depois de secas, quando eram expostas ao sol, mas abrigadas do vento, eram levadas aos arredores de fogueiras, quando adquiriam a coloração escura pela ação da fumaça. Somente após esse processo eram colocadas em covas abertas no solo e cobertas com galhos, sobre as quais se mantinha uma fogueira até a sua queima completa.

Manizer observou, em 1914, a utilização da mesma técnica para a confecção das vasilhas, desde a busca e seleção da argila escura até a conclusão do trabalho, com a secagem no tempo, um pouco à sombra e um pouco ao sol, até o processo de cozimento, quando o recipiente era colocado sobre a terra e rodeado com lascas de madeira e queimado até ficar vermelho. Segundo o pesquisador

Além dos potes grandes (kukrú) se faz também, com terra argilosa, copos para beber (petki) com paredes mais finas; [...]. Eles tem a forma de um tronco cônico invertido, sendo o fundo convexo (MANIZER, 2006, p. 37).

Após o contato com o europeu, os recipientes cerâmicos foram, assim como os de pedra e osso, substituídos pelos de ferro. Telêmaco Borba (1908, p. 9) registra em seu trabalho que:

Muito poucos utensílios teem, e estes compõem-se geralmente de: Uma panela de barro (cócron), um machado de pedra (póbéng), um pequeno pilão (craie), cuja mó geralmente é de pedra, uma peneira, um cesto (queinhe), algumas cuias, porungos ou cabaças (rundia), e pequenas lascas de pederneiras (toi), que lhes servem de instrumentos cortantes. Os que vivem nos aldeamentos e suas imediações já teem alguns outros objetos e utensílios dos que usamos.

Em relação às vestimentas e adornos, consta nos relatos de expedições que habitualmente estavam nus. Os homens portavam apenas cordéis de fibras na cintura e nas pernas e, as mulheres, tangas que as cobriam da cintura até os joelhos. Na época do frio vestiam panos grossos feitos com fibras de urtiga brava chamados Kurú-cuxá. Neles, eram comuns desenhos em vermelho ou preto representando machados, facões e flechas esquematizados. Seus adornos eram confeccionados com frutos silvestres e dentes de animais.

Afonso Botelho (PARANÁ, 1900, p. 60) descreve-os vestindo um tipo de camisa: *“...trazião seu modo de camisas, sem mangas, e estas mesmas sendo m.^{to} curtas, arregaçada de sorte q.^e se lhe via todo o corpo da cintura p.^a baixo; dous trazião bordoens na mão [...], e os mais com arcos e frexas...”*.

Havendo divisão de trabalho entre os sexos, às mulheres competia a tecelagem, cestaria e cerâmica. Aos homens, o preparo das armas, a caça e a pesca.

Conforme Souza (1918, p. 742, 744), a palhoça e suas imediações eram consideradas como habitação e os trabalhos atribuídos às mulheres. Os homens,

pescavam, caçavam, guerreavam, construía palhoças e faziam o fogo, os quais as mulheres conservavam. A caça era feita com arco e flecha. As flechas eram feitas de brotos retos de aroeira e as pontas eram geralmente de osso de macaco. Algumas possuíam bolas de madeira na ponta, usadas para derrubar pássaros com vida.

Suas armas consistiam no arco, confeccionado com pau de guaiuva e enleados em cipó imbê, flechas, lanças e cacetes de madeira dura. Segundo Chmyz (1980, p. 10):

As flechas tinham dois metros de comprimento, com pontas de osso e/ou madeira, algumas em forma de virote, e hastes pintadas. As pontas utilizadas na pesca eram barbeladas num dos lados; as de osso eram obtidas pela fragmentação da tíbia de pequenos mamíferos, principalmente de macaco e bugio.

Manizer (2006, p. 31) descreve quatro tipos diferentes de pontas de flecha: uma utilizada para a caça comum, era confeccionada em osso tubular de macaco. Afiada nas extremidades, recebia um entalhe em uma das pontas para retê-la dentro do ferimento. Faziam também uma ponta quádrupla em madeira. Nela as quatro pontas formadas se erguiam na frente da flecha. Eram ligadas entre si por casca enrolada a um caule mais grosso e servia para caça de pássaros. A terceira variedade de ponta, também fabricada em madeira tinha formato de virote⁴ e era utilizada para abater pequenos pássaros ou, mesmo, para capturá-los vivos. O quarto tipo de ponta evidencia o contato com o colonizador: confeccionada em ferro, obtido de qualquer lâmina metálica era empregada para caça de grande porte como antas e onças.

2.1.2. Família Xoklém

Apesar de filiados ao mesmo tronco linguístico Macro-Jê e derivarem dos antigos Guayaná ou Caaguá, os Xoklém, conhecidos também como Bugre, Botocudo, Aweikoma e Xokrén, mostram diferenciações culturais dos Kaingáng, principalmente no que se refere à organização social, rituais de passagem, mitologia e à maneira de enterrar seus mortos (COELHO DOS SANTOS, 1976, p. 32)

⁴ Ponta de projétil rombuda para derrubar pinhas e, abater aves sem danificar a plumagem.

Pesquisadores como Henry (1941), que estudou os Xoklémng como sendo Kaingáng, observou que os povos indígenas que falavam dialetos Kaingáng diferiam na linguagem e na cultura. Da mesma forma Baldus (1937 e 1952), também não aceitou haver identidade cultural entre os dois povos indígenas. Hicks (1966), através da análise de informações etnográficas, corroborou a opinião destes pesquisadores, afirmando que correspondiam a povos indígenas distintos.

Representando grupos nômades e com uma economia de subsistência baseada na caça e coleta, além de praticarem horticultura incipiente, ocupavam as terras do interior do sul do Brasil, assim como porções litorâneas. A sua economia extrativista e de caça, levava-os a grandes movimentações, sendo a sua presença registrada historicamente em pontos distantes de suas origens.

Na época da conquista das terras recém-descobertas, três grupos dominavam esses espaços:

[...] um deles vivia no centro do território catarinense, tendo como área de ação principal o médio e o alto vale do Itajaí; o segundo ocupava as cabeceiras do Rio Negro, na atual fronteira de Santa Catarina com o Paraná; o terceiro dominava o sul, com base nos vales do Capivari e Tubarão (COELHO DOS SANTOS, 1973, pp. 32-33).

Bartomeu Meliá (1983, p. 12) assinala os Guayaná dos séculos XVI e XVII na periferia do habitat Guarani. No Paraná, eram denominados Chiqui e Gualacho, ocupando os primeiros, de acordo com a cartografia jesuítica, os espaços entre os rios Piquiri e Iguaçu e, os segundo, o primeiro planalto paranaense.

De acordo com Wachowicz (1980, p. 59),

[...] dominavam a área compreendida a oeste da escarpa do mar do litoral catarinense, desde as proximidades de porto Alegre, até as de Curitiba. A oeste, suas penetrações atingiam até o vale do rio do Peixe, afluente do Uruguai, estendendo-se a noroeste até Guarapuava e ao norte até a colônia Teresa.

A presença de grupos Xoklémng é referenciada por Zacarias de Goes e Vasconcelos, em 1853, por ocasião da emancipação política do Paraná. *“No distrito de Ambrósios, 12 léguas pouco mais ou menos desta cidade (Curitiba), os indígenas ameaçam a segurança da gente civilizada, e não existe nenhum aldeamento regular [...]”* (WACHOWICZ, 1968, p. 91).

Segundo relato de Jacques Ourique (PARANÁ, 1900, p. 353), chefe da Comissão Mista de Discriminação de Terras e Limites, entre 1882 e 1884, eram encontrados nos municípios de Tibagi e Rio Negro.

Referências à presença de indígenas nas margens do rio Iguaçu são encontradas em relatos de viagens como as de Alfredo de Escagnole Taunay (1887, p. 168 e 173) que, em 1896, avistou-os em localidades situadas entre São Mateus do Sul e União da Vitória. Correspondem a atritos entre índios e moradores da vila denominada Chapéu do Sol, hoje situada no Município de Paulo Frontin e, a sinais de buzinas ouvidos em meio a mata no lugar conhecido como Escadas, localizado abaixo da foz do rio Potinga.

Entre 1895 e 1905, conforme Cleto da Silva (1933, pp. 66 e 88) e Wachowicz (1968), os Botocudos se confrontavam com agricultores nas proximidades de União da Vitória e nas margens do rio Timbó, afluente da margem esquerda do rio Iguaçu, em Santa Catarina.

Cleto da Silva (1933, p. 33) menciona ataques por índios Botocudos a tropeiros que, entre 1877 e 1879, transportavam de Porto Amazonas a Palmas, cargas trazidas em canoas e lanchas. *“De São Mateus do Sul até o Emboque da Serra, as escaramuças aconteciam quando os tropeiros tinham que atravessar a cerrada mata”* (CHMYZ et al., 2009, p. 8).

Fisicamente os homens são descritos como de estatura mediana e bem formados, de pele escura, cabelos negros e lisos *“[...] tosado na testa em forma de semi-circulo até a região parietal, de onde o raspam em ângulo agudo em direcção á orelha. Atrás é o cabelo longo, sendo aparado acima dos hombros [...]”* (PAULA, 1924, p. 122) e, as mulheres de pequena estatura, mas grande força muscular, pois eram as responsáveis pelo transporte das tralhas domésticas e das crianças, quando em mudanças de acampamentos.

Formada por grupos de 50 a 300 pessoas, o grupo se deslocava constantemente e seus acampamentos eram montados nos locais onde as mulheres depositavam a tralha doméstica e acendiam a fogueira.

Suas cabanas eram construídas com varas finas, colocadas umas ao lado das outras e a pouca distância. Vergadas em forma de arco e com as suas pontas presas em uma vara horizontal, a qual era fixada em árvores, tinham forma abobadada. Eram cobertas com folhas de coqueiro, caeté ou xaxim e mantinham

uma abertura lateral com cerca de 1 metro de altura, por onde visualizavam as áreas situadas atrás do rancho.

Durante o período de coleta de pinhão, quando permaneciam mais tempo em um local, construíam suas cabanas

[...] com mais perfeição e capricho, em maior tamanho, ligando as coberturas de dois ranchos fronteiros, de modo que as varas arcadas de cada rancho não fiquem ligadas a uma vara horizontal, mas umas às outras, formando então uma abóbada perfeita. Nestes grandes ranchos habitam vários casaes pertencentes á mesma família, tendo para si cada casal o seu fogo (PAULA, 1924, p. 122).

De acordo com Chmyz et al. (2009, p. 9-10): *“Associadas aos Xolkéng também estão estruturas subterrâneas que poderiam ter sido utilizadas como habitações, depósitos, ou até mesmo armadilhas para caça ou de proteção contra ataques de grupos rivais.”*

O sertanista Joaquim Francisco Lopes deparou com essas estruturas e descreveu-as como armadilhas preparadas para defesa:

Erão estas armadilhas de 15 palmos de profundidade e 20 de circunferência eriçadas de estacas, lanças e espetos, em que se vião ainda o sangue dos que tinhão cahido. Próximo a este mundéo a direita estavam duas trincheiras de madeira e pinho e a terra proveniente das escavações dos fojos, a esquerda um trilho seguido, e no centro das covas, artificiosas dous toldos despovoados. (WACHOWICZ, 1980, p. 67).

Os fojos foram descritos também por Paula (1924, p. 123-124) em sua Memória sobre os Botocudos:

Guarnecem as immediações dos seus acampamentos, quando suspeitam uma possível aggressão, excavando profundos fojos até dois metros e mais crivados de agudissimos estrepes nas paredes, e fixando ainda, no centro, uma lança. [...] É tal a arte com que disfarçam estes fojos por meio de frágeis varinhas, que são cobertas com folhagem, que aos próprios indios não é possível reconhecê-los sem previa sciencia.

Essas estruturas subterrâneas integravam o sistema defensivo das aldeias e pressupõem a existência de, em alguns momentos, um estado de conflito entre parcialidades do mesmo grupo ou com grupos diferentes.

Em suas atividades diárias os grupos tinham a caça e a pesca como tarefas exclusivamente masculina. Caçadores e guerreiros utilizavam lanças e arcos

confeccionados em madeira cabiúna e flechas com ponta de madeira ou osso que, quando destinada à caça era farpada unilateralmente. Após o contato com o branco passaram a confeccionar pontas de flecha e lança, facas, raspadores e outros instrumentos com o ferro obtido, o qual era malhado frio, com duras pedras. A caça era realizada por pequenos grupos formados por parentes como irmãos, pais, filhos. Usavam, também, clavas ou bordunas com 1,50m de comprimento. Estas tinham cabo roliço e, na parte restante, talhada em losango crescente, quinas pontiagudas (CHMYZ et al., 2009, p. 17).

Para a caça de pássaros utilizavam virotes, ocasionando a morte pelo choque.

Complementavam a sua dieta alimentar com pinhões, frutas, mel e larvas. Na tarefa de coleta todos participavam, sendo o período de maior fartura aquele compreendido entre abril e junho, na época em que o pinhão estava maduro. Em virtude de sua abundância, eram armazenados em balaies forrados com folhas de xaxim e amarrados com cipó, sendo depois mergulhados em pequenos córregos.

Os homens andavam nus, mas usavam feixes trançados de fios escuros confeccionados com cipó-imbé, e claros, feitos com fibras de palmeira, às vezes enfeitados com plumas coloridas de aves. Nesses feixes era presa a glândula. Eram colocados, também, acima dos tornozelos. Usavam botoques como emblema tribal. Ainda pequeno, o índio tinha seu lábio inferior perfurado, onde era introduzido um tembetá. Este inicialmente era pequeno, mas à medida que o menino crescia, era substituído por outro maior. A perfuração era acompanhada por uma festa onde se reunia todo o grupo. Segundo Paula (1900, p. 126), nos jovens, como distintivo de guerreiro, era tatuado sobre o braço dois pontos em sentido horizontal. À medida que se mostravam mais valentes, recebiam mais duas tatuagens semelhantes.

As mulheres confeccionavam, com fibras de urtiga brava, grandes mantas. Estas as cobriam desde abaixo dos seios até os joelhos. No inverno eram utilizadas como cobertores. Como ornamentos, as mulheres usavam colares feitos de sementes ou dentes de animais. Quando meninas recebiam duas incisões abaixo da patela esquerda, que segundo informações obtidas por Silvio Coelho dos Santos (1976, p. 214), era para fortalecer as pernas para caminhar.

Em relação à tralha doméstica, seus vasilhames eram obtidos através da cestaria e da cerâmica, sendo a primeira, uma atividade masculina e, a segunda,

feminina. Os balaies podiam ser utilizados não somente para guardar e transportar alimentos ou objetos; quando impermeabilizados com cera de abelha, serviam para a guarda de líquidos. Faixas trançadas também eram confeccionadas e serviam tanto para apoiar um balaio às costas, como para transportar crianças.

Os seus grandes cestos, 'Kan-nha', para carga, bem como os menores, encerados, para água e os pequenos, também encerados, para diversos fins, são todos trançados de taquara mansa [...]. Servem-se dos cestos maiores, encerados, para o transporte do mel e da água [...]. Os cestos pequenos, também impermeáveis, servem-lhes como vasilhas, espécie de canecas, para água e para tomar 'mong-ma', por ocasião de suas festas. (PAULA, 1924, p. 125).

Os recipientes cerâmicos eram de tamanho reduzido e de coloração preta. *“Usavam, antigamente, vários objetos feitos de barro cosido, taes como panellas de vários tamanhos e feitios e pequenos vasos de diferentes fôrmas, que lhes serviam para o preparo e cosimento de suas bebidas.”* (PAULA, 1924, p. 127).

Com o contato com o branco, gradativamente foram sendo substituídas por panelas de ferro. Coelho dos Santos (1976, p. 214) descreve a confecção de vasilhas de acordo com informações obtidas em 1967, através da índia *locô Aiú*:

[...] as panelas são feitas com barro misturado com carvão. O barro é bem amassado e limpo. Depois de moldada, a peça fica secando uma semana, mais ou menos. A seguir, faz-se a queima numa fogueira ao ar livre. A peça é envolvida num musgo, chamado barba de pau. Durante a queima a mulher “reza” pedindo que a panela não se quebre.

Bebidas fermentadas eram fabricadas com base no mel, água e xaxim. Eram preparadas por ocasião da festa de furação dos lábios dos meninos e, também, após o ritual de cremação (COELHO DOS SANTOS, 1976, p. 212). Para a fermentação de bebidas construíam grandes cochos. Primeiramente escolhiam grossos troncos de cedro que eram derrubados e cortados em pedaços com 1,50 m a 2 m de comprimento. A seguir abriam uma fenda longitudinal de 18 a 20 cm de largura, através da qual escavavam todo o seu interior com o auxílio de formões de pedra e fogo, deixando-o completamente oco. Deixavam as paredes laterais com 3 a 4 cm de espessura e, as pontas limítrofes com 8 a 1 cm.

As referências quanto à organização social desses grupos situam-nos como exógamos, praticando todos os tipos de casamentos: monogamia, poliginia,

poliandria e casamento conjunto. Respeitavam somente as ligações consanguíneas entre pais e filhos. No período dos primeiros contatos com o branco, os Xoklêng viviam em um contexto cultural alterado e lutavam pela sua sobrevivência, mantendo somente os princípios sociais indispensáveis.

Composto por famílias extensas, era dividido em cinco grupos, os quais eram relacionados a uma série de nomes pessoais e pinturas corporais, com os quais se apresentavam em festas cerimoniais. O sistema de nomenclatura, inclusive, era a estrutura social básica no grupo. Recebendo sempre o nome de um indivíduo já falecido, parente ou não, a criança ingressava na mesma posição social e no mesmo grupo de pintura do falecido (CHMYZ et al., 2008, p. 20).

Em relação aos seus mortos, era comum a prática de cremação. Apenas as crianças pequenas eram enterradas.

Nesse ritual, “conjuntamente com o guerreiro são queimados todas as suas armas e demais utensílios de uso pessoal. Incinerado o corpo, recolhem, no sol seguinte, as cinzas, que depositam em um buraco redondo, previamente forrado com cascas e folhas de árvores, sendo então tampado com terra e sobre a qual colocam rachões de madeira, construindo, por cima de tudo, um rancho (PAULA, 1922, p. 126 apud COELHO DOS SANTOS, 1976, p. 216).

2.2. Tronco linguístico Tupi

De acordo com Schaden (1974, p. 2), no Brasil Meridional os Guaraní estão divididos em três grupos: os Nandéva, representados pelas hordas Apapokúva e Tañyguá; os Mbüá, conhecidos na bibliografia como Kainguá, Kaiuá e, também, como Apüteré ou Apyteré, com as corruptelas Apuiteré e Apiteré e, como Baticolas e Aváhuguai. O terceiro grupo corresponde aos Kayová, conhecidos como Teüi e Tembokuá e composto, provavelmente, pela horda Txiripá habitantes das margens do rio Paraná.

Para Bartomeu Melià (2008, p. 9), a língua guarani pertence à família linguística Tupi-Guarani e os Guaraní são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kainguá, Montesés, Baticola, Apyteré, Tembokuá, e outros. Porém, a denominação com que se designam a si mesmos é Avá, que significa, em guarani, “pessoa”. Entre os subgrupos existentes no Brasil, temos os Mbya, os Pãi-Tavyterã, conhecidos

como Kaiowá e os Avá Guarani, denominados Guarani ou Ñandeva. São muito semelhantes nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sócio-políticas, porém, diferentes no modo de falar a língua guarani, na prática da religião e nas diversas tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sócio-políticas e econômicas.

Mantinham linhagem patrilinear com residência matrilocal. Suas aldeias eram compostas por grandes casas comunais com capacidade para abrigar de 10 a 60 famílias, constituindo um grupo macrofamiliar unido pelo parentesco. Polígamos, os homens casavam entre 16 e 18 anos e, as mulheres, entre 14 e 17 anos.

Com uma organização social baseada em pequenos núcleos estruturados a partir da grande família, a qual representava a unidade socioeconômica da sociedade guarani, esta dispunha de autonomia e território próprio e podia incorporar outras famílias, sendo dominante nestes casos aquela que chegou primeiro ao local, o qual era escolhido através do contato efetuado pelo seu líder religioso (ñanderú, entre os Ñandéva; paí, ñanderú ou mburuvixá entre os Mbüá; paí entre os Kayová) com os deuses (CHMYZ et al., 2008, p. 21).

Suas casas comunais tinham base quadrangular e apresentavam cobertura de sapé descendo até o chão formando os frontões. Egon Schaden (1974, p. 26) descreve essa construção de acordo com informações obtidas de chefe religioso,

Comprimento: cerca de 18; largura 8m. Frontões e oitões cobertos de sapé. A casa consiste, pois, em quatro faces de cobertura, que fecham todos os lados, estendendo-se a cumeeira em sentido norte-sul. Três entradas: uma a leste, outra ao norte e a terceira ao sul. Em frente, isto é, para leste, estende-se grande pátio, como terreiro de dança, de talvez 500 metros quadrados. No interior: quatro grandes vigas transversais, duas à direita e duas à esquerda da entrada principal, repousando sobre as vigas longitudinais, contra as quais se apóiam as ripas da parede-cobertura fincadas no solo. Do lado oposto à entrada principal, um “altar”, armação de madeira, diante do qual se realiza parte das danças religiosas.

Formando bandos seminômades de caçadores-coletores, praticavam também a horticultura, cultivando principalmente o milho, com o qual fabricavam a chicha (bebida fermentada), a mandioca e o fumo, o qual mascavam e carregavam em pequena cuia atada à cintura. Associado a ele está o uso de cachimbos feitos de barro ou nó de pinho.

Para a caça, atividade de importância na dieta alimentar dos Guarani, usavam armadilhas de jicara e laços, além de arcos e flechas, algumas com ponta rombuda para não ficar presa nas árvores.

Os arcos, de corte biconvexo, tem encordamento de embira e enfeite de trançado de tipo mbopará (taquara e imbé) em padrões tradicionais; as flechas, com pontas de osso de bugio (káiguasú) ou de brejaúba, a madeira preta [...] são desprovidas de farpas, mas ostentam emplumação comum. (SCHADEN, 1974, p. 77).

A caça era repartida em porções iguais, beneficiando todos os integrantes da família. Na pesca utilizavam covos de taquara, anzóis, arcos e flechas e armadilhas, além da pesca com timbó⁵. *“Para a pesca com timbó, constroem um pari no rio, cortam timbó, colocam-no sobre uma pedra e amassam-no com outra, jogando-o em quantidade dentro da água.”* (Idem, 1974, p. 47).

Os peixes eram recolhidos em cestos ou enfiados em pauzinhos com farpas. Quando longe de casa eram assados no próprio local, onde era consumido e, quando perto da aldeia, eram divididos igualmente.

Ceramistas, produziam recipientes onde armazenavam líquidos, farinhas e demais alimentos. Fabricavam desde grandes vasilhas, até peças pequenas e rasas. De formatos ovais, elípticos, esféricos, em semiesfera, periformes e carenados, correspondiam a vasos, pratos, terrinas, jarros, etc.

Segundo Hans Staden (1892, p. 340),

As mulheres fabricam os vasos do modo seguinte. Formam com barro uma espécie de massa, a que dão a forma desejada; sabem mui bem colorir. Deixam estes vasos secar por algum tempo, os põem depois em cima de pedras, cobrem com lenha, e assim os deixam no fogo até ficarem rubros; então axam-se suficientemente cozidos.

Confeccionadas através da superposição de cordéis de pasta e queimadas diretamente em fogueiras, com a colocação das peças diretamente sobre o braseiro, os vasilhames poderiam conservar a superfície externa simplesmente alisada ou receber decoração plástica com motivos diferenciados como corrugações, ungulações, ponteados, incisões, engobo vermelho, serrungulações, etc. Alguns

⁵ Nome popular: cipó-timbó, Nome científico: *Paullinia trigonia*. Espécie venenosa que possui como princípio ativo, a rotenona. É utilizada na pesca artesanal pelos índios, que em contato com a água adormece os peixes permitindo sua captura com as mãos.

recipientes tinham a face externa escovada, permanecendo as estrias, comumente finas e paralelas entre si, na superfície. Outras recebiam pinturas policromas, com linhas em vermelho ou preto sobre a uma base branca ou, mais raramente, linhas pretas ou brancas sobre vermelho (CHMYZ et al., 2008, p. 22).

Os motivos decorativos, principalmente a pintura, formavam complexos padrões geométricos ou abstratos delineados por linhas ou traços paralelos distribuídos em zonas delimitadas. Era comum também, a associação de técnicas decorativas em um mesmo recipiente, assim como a alternância de espaços decorados com outros sem decoração.

As grandes urnas eram utilizadas, também, para enterramentos, os quais podiam ser acompanhados por oferendas depositadas em vasilhas pequenas.

Intrinsecamente relacionada com a religião, na vida social e econômica dos Guarani qualquer acontecimento mostrava-se motivo para rezas e danças rituais, adquirindo caráter místico.

Segundo Schaden (1974, p. 31-32), como indumentária, *“são três as peças principais da indumentária tradicional masculina dos Kayová: o txiripá, o txumbé e o ponchito. Todas elas são feitas de fio de algodão (mandyjdjú inimbo), produzido pelos próprios índios”*. O txiripá consistia em um pano de forma retangular, provido de franjas em três lados, com o qual se cobriam da cintura até abaixo dos joelhos. Uma forma alternativa desta peça era o tambéaó, que era de menor tamanho. O txiripá era preso na cintura e apertado pelo txumbé. Tinham, ainda, um cinto ornamentado chamado kúákuahá, usado em rituais. O ponchito correspondia a um poncho pequeno usado sobre os ombros. As mulheres usavam o tupái e a váta. O primeiro assemelhava-se ao txiripá. Tinha aproximadamente o mesmo comprimento, era fechado por meio de costura lateral e usado em torno da cintura, como uma saia. A vatá era como uma blusa com mangas, que as cobria até a altura da cintura.

Profundamente arraigado na alma Guarani era o sentimento da morte. Não manifestavam medo da morte, mas dos mortos, que podiam colocar em perigo as almas dos parentes vivos. Suas práticas rituais tinham como objetivo assegurar a separação da alma do corpo morto e, o luto representava um meio para o reequilíbrio emocional da comunidade.

A identidade étnica dos Guarani era expressada pelo Avá-idad, uma consciência pantribal compreendida apenas nas relações interguaranis onde, por

oposição tinham uma discriminação racial e cultural referente aos outros grupos vizinhos não Avá, que eram chamados de Guayá-Guayaná-Guañaná e de “Tapíí e Tapi’yy”, que também se referia aos seus escravos ou cativos. A base desse conceito Avá-Guayá-Tapíí era marcada pela hostilidade nas relações interétnicas (SUSNIK, 1982, p. 12-13).

Em *La civilización Guarani*, Bertoni (1922, p. 428-429) descreve esses conflitos entre os Guarani e Kaingáng por territórios no Paraná:

Los verdaderos Avá-oMbihá, desde las grandes selvas del Este del Paraguay, también penetraron lejos en el Brasil. El Mbihasá era antiguamente un gran país, dominado por una nación bastante poderosa, que desde El Paraguay se extendía hasta cerca de Cananea, pasando al Norte del río Ihuasú. Esta forma irregular de su territorio exponía a los Mbihá a continuos atropellos de los Indios Del grupo Krenn, especialmente los Kaingáng, los Guayaná-Kimdá y los Kualachí, o Gualachíes, los que también ocupaban grandes territorios, y con los cuales estaban em perpetuo estado de guerra. Los Indios arriba nombrados siempre tuvieron arreglada su vida sobre la madurez de la Araucaria en las sierras y planaltos, y la de ciertos frutos de los llanos, y la consiguiente mudanza o concentración de los principales animales de caza.

Referências sobre interações culturais ocorridas no período pré-contato com o europeu, relacionadas aos grupos Jê e Tupi-Guarani, são mencionadas de diferentes formas. Para o grupo Tupi-Guarani temos as hipóteses teóricas de Francisco Noelli (1993) e André Luis R. Soares (1997) que discutem o conceito de tradição cultural.

Kelly de Oliveira (2009, p. 61) faz referência à hipótese teórica de Noelli, onde a tradição cultural seria evidenciada através da língua e da cultura material. Essa hipótese se sustenta na ideia de que a continuidade material do Tupi-Guarani deveria ser observada pela ótica da prescritividade, onde a reprodução da sua cultura material e principalmente da sua língua, não sofreriam mudanças significativas. Ele se baseia na proposta de Sahlins (1999) onde os eventos ocorridos nas sociedades prescritivas tendem a não serem encarados como algo novo, onde em qualquer acontecimento sempre haverá uma resposta apoiada na tradição, que o assimilará e reordenará de acordo com a nova ordem constituída. Noelli também utiliza o conceito de *habitus* de Bourdieu, que seria como uma estrutura rígida e impermeável, que é passada de geração em geração, organizando e estabelecendo normas e regras bem definidas, as quais servem ao grupo como

guia para entender e compreender o mundo e a sociedade em si, visível na língua e na cultura material.

Ainda segundo Kelly de Oliveira (2009, p. 62), a hipótese teórica de André Luis R. Soares (1997, p. 16-17) procurou evidenciar a continuidade temporal relacionada à organização social do Guarani. Utilizando principalmente a documentação histórica para tentar compreender a cultura a partir do ponto de vista da organização político-social no período do contato, procurou realizar possíveis projeções para o período pré-contato com o europeu, visando mostrar que os aspectos sociais também influenciaram a cultura material, especialmente a cerâmica. Soares, utilizando também das hipóteses da língua, do habitus e das sociedades prescritivas de Sahlins, demonstrou que a cultura Guarani não seria nem tão prescritiva, nem tão performativa, mas apenas, mantenedora de um ethos. Para ele, não é conhecido na etnografia uma sociedade somente prescritiva ou performativa, pois isso impediria seu relacionamento com outros grupos circunvizinhos. Assim a cultura material e a organização social possuíam a mesma matriz cultural, porém a sua reprodução podia ocorrer de diferentes formas. Os diferentes ambientes ocupados pelos Guarani ao longo do tempo, bem como os diversos grupos aos quais se miscigenaram, podem ter possibilitado a assimilação de diversas características exógenas que, provavelmente, determinaram a existência das distintas parcialidades no período pré-contato (Soares, 1997, p. 26).

Em relação aos grupos vinculados ao Tronco Linguístico Macro-Jê, José Iriarte et al. (2010, p. 35-36) em seu trabalho no sítio PM01 em ElDorado na Argentina, considera que a monumentalidade no caso dos Proto-Jê ocorreu a partir de processos que se sucederam em uma ampla escala geográfica nas terras baixas da América do Sul durante o Holoceno tardio, através do crescimento da população, integração regional, aumento acentuado na atividade monumental, surgimento de povoações fortificadas, desenvolvimento de estilos cerâmicos e a migração e o deslocamento de grupos em longas distâncias, transformando a paisagem, em uma região geográfica onde as grandes tradições culturais como grupos Tupi-Guarani, Arawak e Jês do sul convergiram e interagiram.

A partir desse período de maior interação entre essas diferentes tradições culturais, é que surgiram os complexos de compartimentos e túmulos da Tradição Taquara/Itararé. O surgimento desta tradição monumental e o desenvolvimento dos

comportamentos cerimoniais representaram um sinal das necessidades sociais dessas comunidades. A construção desses monumentos funerários como túmulos tenderam a ser construídos nos períodos de intenso contato cultural ou de mudança militar, social ou política, refletindo os processos que estavam ocorrendo no sudeste da América do Sul. As celebrações rituais muitas vezes possuíam um importante papel social, político e econômico, promovendo a integração e a coesão social, mas também promovendo a exclusão, apropriação e a desigualdade.

Ainda segundo José Iriarte (2010, p. 36), estes centros cerimoniais representaram espaços sagrados que desempenharam um papel fundamental na estabilidade social e territorial do grupo Taquara/Itararé, servindo para promover a solidariedade entre as aldeias e sua dependência militar, em um momento em que ocorria o aumento do contato entre os diferentes grupos. O caráter ritual nesses locais também poderia funcionar como lugares neutros para resolver conflitos, promover a reciprocidade e forjar alianças entre eles.

Assim esses dois grupos indígenas distintos, que apresentavam variações culturais marcantes observadas através das referências etno-históricas e nos estudos arqueológicos, mantinham a sua territorialidade e fronteiras étnicas bem definidas.

Somente a partir do contato dessas populações indígenas com a ocupação e a colonização de seus territórios pela sociedade nacional, ocorreu a redução do espaço desses territórios, inferindo grandes alterações na cultura desses povos, modificando sua estrutura e provocando uma diminuição populacional devido as doenças, as guerras de extermínio, as encomiendas e outros, bem como, forçando o abandono de muitas práticas tradicionais.

Para entender esse processo é necessário compreender a entrada do europeu a partir do século XVI.

3. PERÍODO HISTÓRICO

No século XVI o território paranaense compunha a Província do Guairá, pertencente à coroa espanhola. A região, povoada principalmente por grupos indígenas do Tronco linguístico Tupi e do Tronco Macro-Jê, era cortada pelo Caminho do Peabiru, o qual era formado por diversos ramais. Muitos dos quais acabaram originando uma série de estradas utilizadas para atividades exploratórias ou por colonos na conquista e ocupação do território.

O caminho do Peabiru, de acordo com Maack (1968, p. 6), partia de São Vicente e dirigia-se para o sul em direção ao rio Paranapanema, de lá, direcionava-se para as nascentes do rio Ribeira situada acima da atual cidade de Castro, no Estado do Paraná. Deste ponto, onde se encontrava a aldeia de índios Abapany, bifurcava um ramal originário na foz do rio Itapocu, em Santa Catarina. A partir de Abapany-Castro o caminho orientava-se em sentido aos rios Tibagi e Ivaí onde, cruzando acima do salto Ubá, transpunha a serra da Boa Esperança acompanhando o vale do rio Barra Preta, conduzindo às nascentes do rio Cantu. Deste ponto, como caminho principal, o Peabiru direcionava-se ao sul do rio Piquiri, encontrando a oeste o alto rio Paraná em ponto acima das Sete Quedas. Cortando o Chaco, atingia o planalto peruano e o oceano pacífico.

Um de seus ramais, que partia das nascentes do rio Cantu, orientava-se ao sul. Atingindo o rio Iguaçu, cruzava-o na embocadura do rio Cotegipe e, atravessando o oeste do Estado de Santa Catarina, chegava ao rio Uruguai e à região de Morpion. Outro de seus ramais direcionava-se no sentido norte. Cortando a região de Campo Mourão (Paraná), acompanhava a margem oeste do rio Mourão e, atravessando o rio Ivaí, atingia o curso médio do rio Pirapó. Deste ponto, acompanhando o rio Pirapó seguia até o rio Paranapanema e, deste, até o rio Anhembi ao norte, onde se unia a outro caminho indígena originário do rio Paraná que conduzia rumo leste, para Itu e o litoral de São Vicente (Figura 2).

O primeiro europeu a utilizar o Caminho do Peabiru foi Aleixo Garcia que, em 1524, saindo de Santa Catarina, subiu a Serra do Mar atingindo os Campos Gerais do Paraná e, cruzando sucessivamente os rios Tibagi, Ivaí, Iguaçu e Paraná chegou ao Paraguai. Atravessando o Chaco e os Andes, alcançou a região de Potosi e Sucre.

Segundo MERCER (1934, p. 8),

[...] atravessou os campos de Piratininga, passou o rio das Cinzas, navegou e transpôs o rio Tibagi, pouco abaixo da foz do Iapó e, embrenhando-se nos sertões de oeste, cruzou o Ivaí, margeou o Piquiri, e transpôs o Paraná acima das Sete Quedas e penetrou no território da hoje Republica do Paraguai. Pelo itinerário seguido por esta expedição, vê-se que ele cortou as terras tibagianas, exatamente, no lugar onde, muito tempo depois, foi fundada a atual cidade de Tibagi.

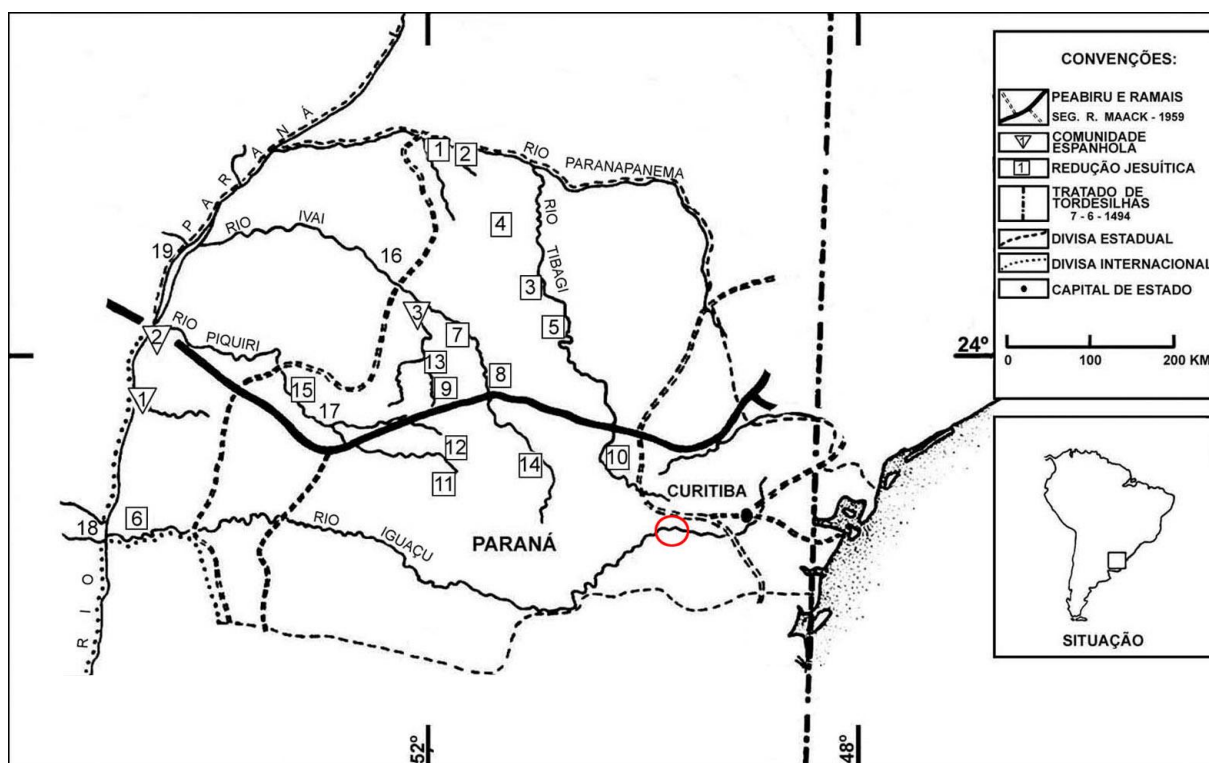


Figura 2. O caminho do Peabiru e seus ramais e a localização das comunidades espanholas e reduções jesuíticas no Estado do Paraná: **Triângulos numerados** = comunidades espanholas: 1 - Ontiveros, 2 - Ciudad Real del Guayrá, 3 - Villa Rica del Spiritu Sanctu. **Quadrados numerados** = reduções jesuíticas: 1 - Nossa Senhora de Loreto, 2 - Santo Inácio Menor, 3 - São Francisco Xavier, 4 - São José, 5 - Nossa Senhora da Encarnação, 6 - Santa Maria, 7 - São Paulo do Inaiai, 8 - Santo Antonio, 9 - Sete Arcanjos de Taiaoba, 10 - São Miguel, 11 - São Pedro, 12 - Conceição de Nossa Senhora dos Guanhomos, 13 - São Tomé, 14 - Jesus-Maria, 15 - Ermida de Nossa Senhora de Copacabana (CHMYZ, 1976, Fig. 16).

Em 1531 foi organizada por Martim Afonso de Souza a primeira expedição para explorar o interior paranaense, que enviou Francisco Chaves e Pero Lobo à procura de ouro e prata nas terras recém-descobertas. A expedição, porém, foi atacada por índios entre os rios Paraná e Iguaçu e, seus componentes mortos.

Uma nova expedição foi organizada após dez anos. Comandada por Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca tinha como objetivo alcançar Assunção, no Paraguai. Utilizando o caminho indígena do Peabiru e seus ramais a expedição, saindo de Santa Catarina, atravessou o rio Iguaçu na região de Tindiquera (Araucária), os

Campos de Curitiba e os Campos Gerais, atingindo os rios Tibagi, Piquiri e novamente o Iguaçu. Datam dessa expedição as primeiras informações, escritas por Pêro Hernández, sobre aspectos geográficos da bacia do rio Iguaçu e notícias sobre os grupos Guarani que o habitavam.

O mesmo caminho foi percorrido em 1552 por Ulrich Schmidel que, saindo de Assunção, atravessou o continente até São Vicente e, por Rui Dias de Melgarejo, em 1555 (MAACK, 1968, p. 33).

No século XVI, a proibição da coroa espanhola à entrada de expedições para a Serra da Prata levou os exploradores a penetrar o território paranaense à procura de riquezas e para assegurar o domínio espanhol das terras. Objetivavam, também, encontrar uma saída, por terra, para o Atlântico, além de submeter os indígenas que viviam no rio Paraná para trabalharem nas “*encomiendas*”⁶.

Dessa forma comunidades espanholas começaram a ser fundadas. O primeiro povoado (1554) recebeu o nome de Ontiveros e foi estabelecido às margens do rio Paraná pelo Capitão Garcia de Vergara, em uma povoação indígena denominada *Canideyú*. De pouca duração devido, provavelmente, à insalubridade do local, seus habitantes mudaram para a comunidade de Ciudad Real (em fins de 1556 ou início de 1557), criada por ordem de Irala, governador do Paraguai e estabelecida por Ruy Diaz de Melgarejo sobre a aldeia indígena do cacique Guairá. Ciudad Real foi disposta na passagem do caminho do Peabiru para Mato Grosso e Paraguai.

Outra comunidade espanhola, Villa Rica del Spiritu Sancto localizava-se na foz do rio Corumbataí com o Ivaí. De acordo com documentos históricos, teve sua fundação em 1570, entre as nascentes dos rios Piquiri e Ivaí. Foi transferida para a margem esquerda do rio Ivaí, pouco abaixo da foz do Corumbataí, após 1578.

Malograda a administração das “*encomiendas*” e frente à resistência indígena nas vilas, teve início o movimento reducional, a partir de 1610, pelos padres jesuítas José Cataldino e Simão Maceta, com a fundação da redução de Nossa Senhora de

⁶ Sistema através do qual os índios dominados eram entregues aos espanhóis que os conquistavam, para serem doutrinados e exercerem trabalhos determinados pelo seu senhorio na ocupação das terras, extração e transporte de erva-mate, entre outros. Segundo Métraux (1948, p. 77) o sistema de encomiendas, introduzido em meados do século XVI, teve efeitos terríveis sobre os costumes da população nativa. Forçados a trabalhar para seus mestres e muitas vezes maltratados, os índios morreram aos milhares, fazendo com que se revoltassem e fugissem sempre que podiam.

Loreto na foz do rio Pirapó com o Paranapanema, com intuito de pregação e batismo do indígena.

O sucesso do empreendimento levou, até 1628, à criação de treze novas reduções nos vales dos rios Tibagi, Ivaí, Piquiri e no Iguaçu.

Os estabelecimentos jesuíticos do Guairá atraíram a atenção dos bandeirantes paulistas, que passaram a atacá-las para o aprisionamento dos indígenas, os quais, treinados pelos jesuítas para o desenvolvimento de várias tarefas representavam maior potencial para a execução de trabalhos que aqueles aldeados anteriormente pelos espanhóis (Figura 3).

A grande população indígena existente na área, apontada nos relatos históricos por cronistas do período do estabelecimento de comunidades espanholas e reduções jesuíticas, entre 1554 e 1631, referem-se a índios Guarani nos rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí e, também, à presença de Jês nas reduções localizadas nas áreas mais centrais da região.

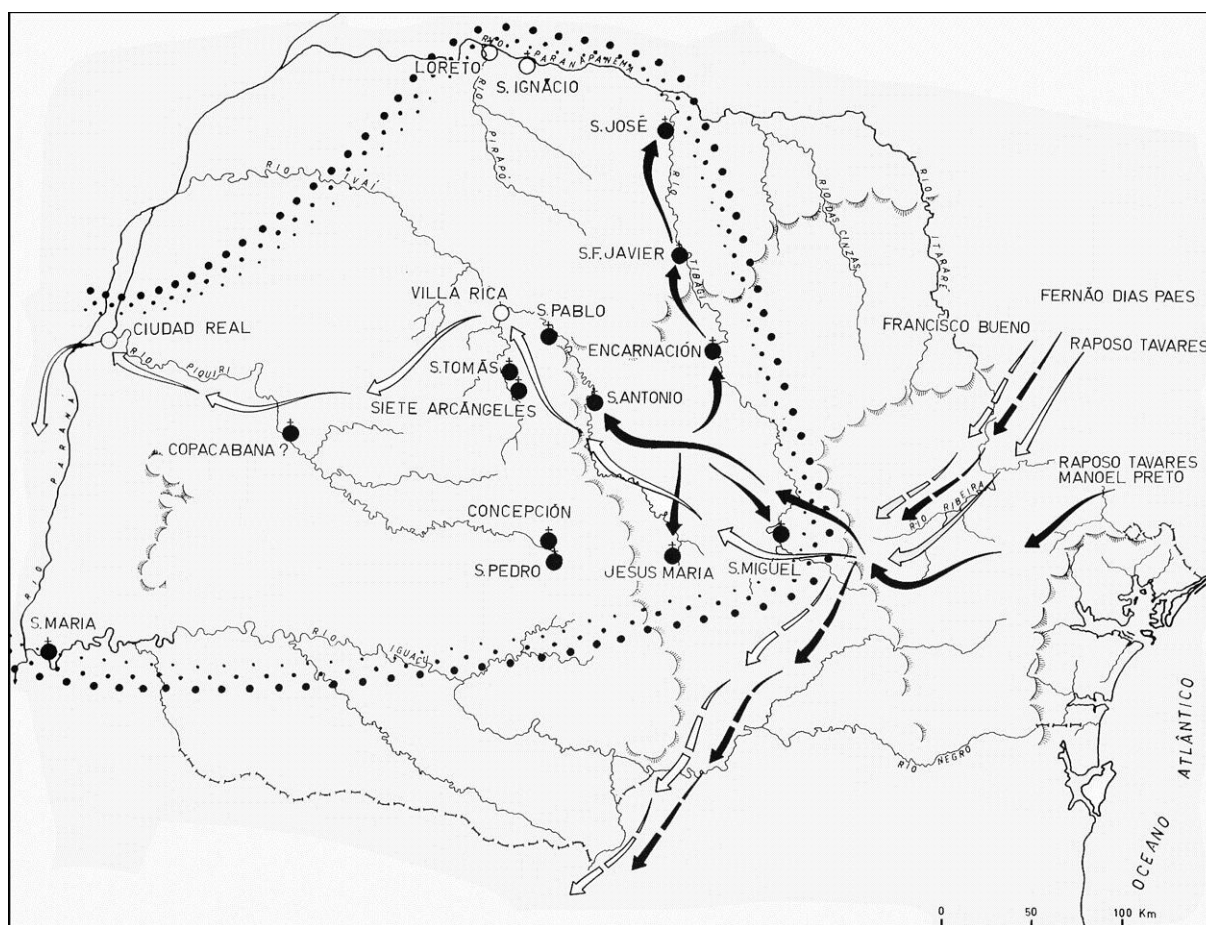


Figura 3. Movimentações portuguesas no Estado do Paraná entre 1620 e 1640 (extraída de CARDOSO e WESTPHALEN, 1981: Mapa 14).

Destruídas as reduções em 1631 pelas bandeiras sob o comando de Raposo Tavares, os sobreviventes fugiram para o interior das matas ou para o território paraguaio e a região foi abandonada por mais de um século. Ficando a área desocupada, índios da família linguística Jê, vindos do Sul e alguns Tupi-Guarani, do oeste, passaram a ocupá-la (CHMYZ, 1986, p. 9).

Mucho más al sur, más allá de las tierras que habían ocupado los cayapó del sur, se encontraban otras tribus de habla ge, en la meseta boscosa que se inclinaba hacia el oeste en dirección al río Paraná. Como estaban relativamente cerca de Sao Paulo, los primeros cronistas conocían la existencia de estas tribus; muchos de estos indios caerían más tarde víctimas de los negreros paulistas. Las tribus que en el siglo xvi se conocían como guaianá (goianá) o bilreiro (discos de madera), y más tarde como coreado (coronado, debido a su peinado en forma de copete), eran los antepasados de los actuales caingang. Estos pueblos se habían retirado a la selva, cuando las misiones de los jesuitas ocuparon por el Guaraní gran parte de su territorio; pero estas misiones serían destruidas a mediados del siglo xvi, y los caingang se extendieron hacia el oeste del estado de Paraná, resistiendo la expansión colonial hasta los comienzos del siglo xx. Los indios de habla ge, llamados xokleng (a veces calificados con el despectivo epíteto de bugre) tuvieron sufridas experiencias parecidas más al sur, en lo que hoy es Santa Catarina (HEMMING, 1999, p. 115)

Nesse período as bandeiras de Francisco Bueno (1637) e Fernão Dias Paes (1638-1661) atravessaram o território paranaense. Subindo pelo vale do Ribeira transpuseram a região dos Campos Gerais alcançando as nascentes do rio Tibagi e, prosseguindo em direção sul, chegaram até o Rio Grande do Sul.

De acordo com MAACK (1968, p. 47) “[...] os bandeirantes paulistas até aí haviam atingido o primeiro planalto desde o rio Ribeira pelo velho ‘Peabiru’ e suas ramificações chegando em Abapany, na atual zona de Castro.”

As bandeiras, além de seu objetivo de caça aos indígenas aldeados nas reduções, tinham como meta encontrar pedras e metais preciosos. Após a destruição das reduções, com o intuito de encontrá-las, Fernão Dias Paes em 1651 atravessou o espaço do atual Estado do Paraná, estabelecendo-se por um período de cinco anos na Serra de Apucarana. No local encontrou grupos indígenas Guaianá, sob a chefia de três caciques: Tombu, Sondá e Gravataí.

De acordo com MERCER (1934, p. 21) “[...] a estada de Fernão Dias verificou-se nos campos da atual Fazenda Monte Alegre, onde aqueles índios estavam radicados”.

ordem e vigilância dos garimpos. Essa corporação permaneceu aquartelada até 1765 no Registro de Nossa Senhora do Carmo, situada na foz do rio Capivari no Tibagi, onde foi instalado o forte militar de Nossa Senhora do Carmo.

Após a descoberta das minas em Tibagi, expedições militares de exploração ao setentrião paranaense tiveram início. Ordenadas por D. Luís Antonio de Souza Botelho Mourão, a primeira expedição militar com destino aos Sertões do Tibagi partiu em 1768 sob o comando de Domingos Lopes Cascais. Descendo o rio Iguaçu, ao atingir o boqueirão do rio na Serra da Boa Esperança, a expedição prosseguiu por terra até atingir novamente trecho navegável do rio. Em seu relatório constam dados sobre a primeira porção de seu curso e seus principais afluentes.

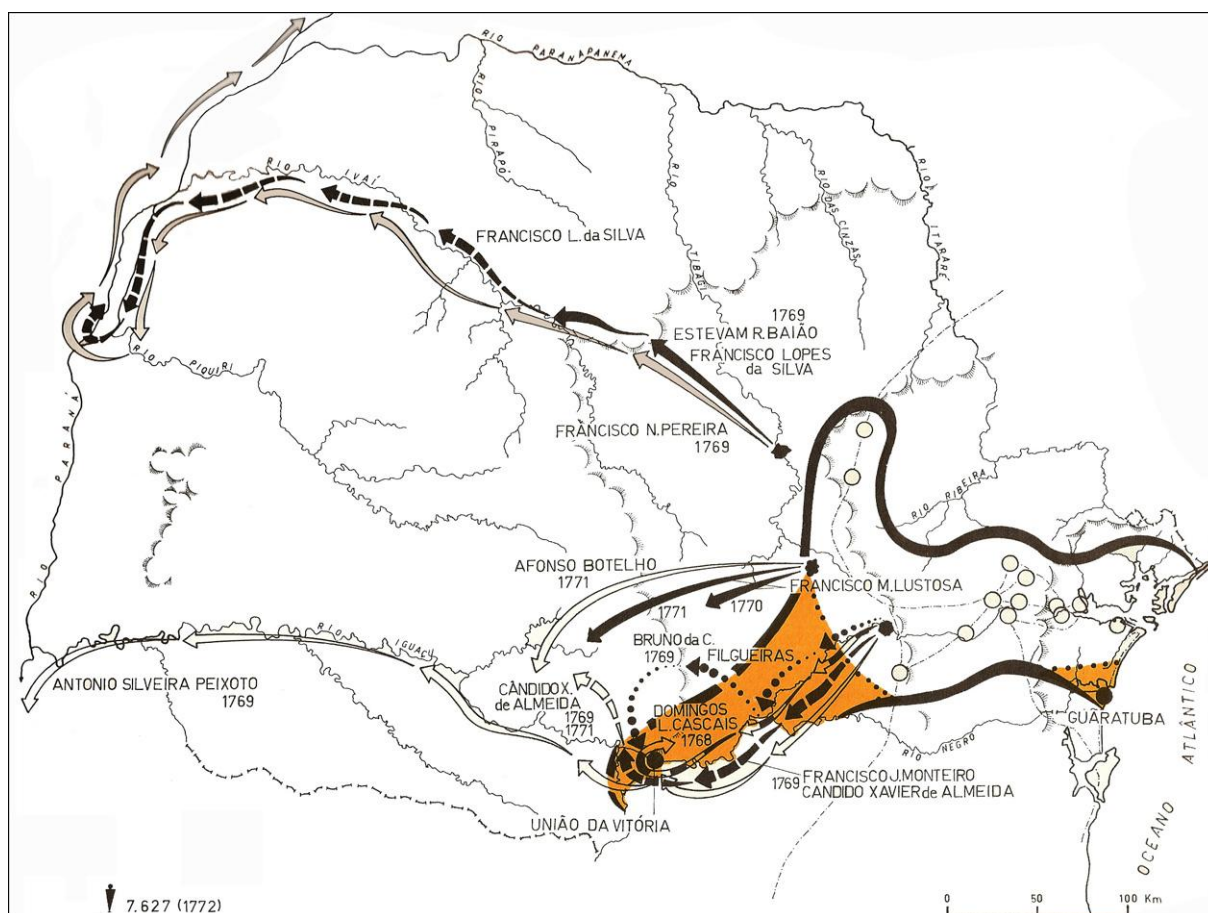


Figura 5. Movimentações portuguesas no Estado do Paraná entre 1760 e 1780 (extraída de CARDOSO e WESTPHALEN, 1981: Mapa 21).

A segunda expedição, sob o comando do capitão Estevão Ribeiro Bayão data de 1769. Saiu pelo Porto de São Bento do Tibagi e atingiu o rio Paraná através do rio Ivaí. A terceira expedição partiu em agosto de 1769 sob o comando de Francisco Nunes e alcançou as Sete Quedas. A quarta expedição, comandada por Bruno da

Costa Filgueira partiu de Curitiba e tinha como objetivo explorar a margem do rio Iguaçu até a sua foz no rio Paraná. A quinta expedição partiu também em 1769 e, descendo o rio Iguaçu, estabeleceu no rio Registro (Iguaçu) o Porto de Nossa Senhora da Vitória. Era comandada por Antonio da Silveira Peixoto. A sexta expedição organizada nesse período, sob o comando de Bruno Filgueira, foi enviada para reforçar a expedição de Silveira Peixoto. Outra expedição sob a responsabilidade de Botelho partiu em 1770 do Porto de Nossa Senhora da Vitória. Era comandada pelo Sargento Mor Francisco José Monteiro e tinha como objetivo encontrar o capitão Silveira Peixoto, de quem não se tinha notícia (Figura 5).

Das expedições organizadas resultou o reconhecimento dos grandes sistemas fluviais do segundo e terceiro planaltos.

A partir do século XVIII teve início a concessão de sesmarias no território paranaense a fazendeiros procedentes de São Paulo, Curitiba e Rio Grande do Sul, onde instalaram fazendas de pecuária que ainda mais se desenvolveram com o comércio de tropas, então o fator mais importante dos transportes. Utilizando o Caminho das Tropas, também conhecido como Caminho do Viamão, que deslocava tropas de muares e gado de abate provenientes do Rio Grande do Sul para os mercados de São Paulo e Minas Gerais, os campos naturais da região dos Campos Gerais tornaram-se muito disputados. Entre as sesmarias doadas, uma situava-se entre os rios Iapó e Pitangui, incluindo as terras correspondentes ao Guartelá. Foi outorgada em 1725 a José de Góes Moraes, Bartolomeu Paes de Abreu e Antônio Pinto Guedes. Entre os grandes fazendeiros, estava José Felix da Silva, estabelecido ao Norte dos Campos Gerais, no local que ficaria conhecido por Fazenda Fortaleza. Datando de 1778, a Fazenda Fortaleza desempenhou papel marcante na defesa das propriedades que, constantemente, eram atacadas por grupos Kaingáng.

Segundo COELHO DOS SANTOS (1976, p. 46-47), ao longo do “Caminho de Tropas” nos pontos de descanso, foram criadas sedes de fazendas e povoados aproveitando os campos naturais para a criação de gado e, a partir desses estabelecimentos, iniciou-se a exploração da erva-mate, que se desenvolveu à sombra da atividade pastoril. Os extrativistas eram principalmente peões e agregados das fazendas que tentavam ganhar a vida fora das terras do fazendeiro,

sendo um escape aos indivíduos que não tinham condições de iniciar a criação de gado ou não possuíam vocação.

Saint Hilaire (1978) informa, no seu relatório de viagem, que os Campos Gerais possuíam excelentes pastagens que eram aproveitadas por numerosas tropas de burros que vinham do Rio Grande do Sul, divididas entre 500 e 600 animais. As tropas chegavam em fevereiro, depois de atravessarem o sertão do Viamão. Os tropeiros deixavam os animais descansarem até meados de outubro, quando seguiam para Sorocaba.

Em decorrência do Caminho do Viamão, por onde passavam as tropas em antigas fazendas e pousos, que se deu a fundação das cidades da Lapa, Palmeira, Castro, Ponta Grossa, Rio Negro, Campo do Tenente, Porto Amazonas, Piraí do Sul, Jaguariaíva e Sengés (Figura 6).

A história da Lapa tem início a partir da abertura do Caminho do Viamão, entre 1730 e 1731. Este trecho do caminho recebeu a denominação de Estrada da Mata, pois do rio Negro para o sul atravessava grande área com mata densa. Constituindo ponto final da etapa diária dos tropeiros e, em razão do intenso tráfego de tropas pela região, Dom Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, Governador e Capitão Geral da Capitania de São Paulo, decidiu criar no local um Registro para cobrança do pedágio do gado que transitava por aquele caminho, o qual foi instalado à margem do rio Iguaçu. Com a instalação do Posto Fiscal, o rio Iguaçu passou a ser conhecido como rio do Registro.

Ao redor do Registro foram se estabelecendo alguns moradores, entre eles. João Pereira Braga e sua mulher, D. Josefa Gonçalves da Silva, que instalaram a Fazenda da Boa Vista na localidade de Capão Alto.

Em meados do século XVIII já era elevado o número de habitantes no povoado, onde se erguia uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Capão Alto, construída pelos padres carmelitas do Tamanduá.

A povoação foi elevada à categoria de freguesia no dia 13 de junho de 1797. A freguesia foi elevada a Vila Nova do Príncipe em 6 de junho de 1806. Em 30 de maio de 1870, era elevada a comarca, dando-se sua instalação a 11 de junho de 1871. Em 1872, a Vila Nova do Príncipe adquiriu foros de cidade, passando a denominar-se Lapa, nome pelo qual era conhecida a povoação desde sua origem.

Em 1877, a política opressiva dos russos aos alemães do Volga originou nova leva de imigração, os quais se estabeleceram nas proximidades da então Vila Nova do Príncipe. Os núcleos coloniais fundados pelos russos-alemães do Volga, em território do atual município da Lapa, foram denominados Mariental, Johannisdorf, Wirmond. O assentamento na Lapa, de 327 imigrantes em 1878, esteve sob a direção do Engenheiro Theodoro Ochs.

Com outros colonos, descendentes de polacos de várias colônias e agricultores nacionais, surgiram outros núcleos agrícolas como Serrinha de Santa Ana, Catanduvás, Ribeirão Vermelho, Passa-Passa, São Miguel, Campestre, Tagaçaba, Lagoão, Mato Branco, Pouso e Contenda.

A História de Palmeira inicia no pequeno núcleo que surgiu no final do século XVIII às margens do histórico Caminho de Sorocaba - Viamão, no local denominado Curral das Vacas, no sítio abandonado de Santa Cruz do Sutil, onde Antônio Bicudo Camacho lavrara ouro nos anos de 1694 a 1699. Este lugar era primitivamente local de pouso e curral de gado, utilizado por tropeiros que demandavam do Rio Grande a São Paulo (FERREIRA, 2006, p. 218).

A sua história está ligada inicialmente com a Freguesia de Tamanduá, atualmente no Município de Campo Largo, onde o Capitão Antônio Luiz Tigre doou uma área de meia légua a Nossa Senhora do Carmo, onde edificou uma capela.

Segundo Moyses Marcondes (1926, p. 303), a primeira doação para a fundação de Palmeira partiu do Tenente Manoel José de Araújo e sua mulher, Dona Anna Maria da Conceição de Sá, por Ato de 7 de abril de 1819. Mais tarde, seu filho, Capitão Domingos Ignacio de Araújo doou novo terreno para aumentar a povoação.

A freguesia colada da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tamanduá, chamada anteriormente de Capela Curada de Tamanduá, era mal localizada para fixar povoadores: não tinha bons mananciais, havia pouca lenha e era mal abrigada no inverno. Os seus habitantes viviam dispersos em grandes distâncias, muitos além do rio dos Papagaios, que em época de enchentes tinham que circundar. Essas dificuldades levaram à transferência da Freguesia para a atual sede de Palmeira, assim denominada pelo capão que deu nome para aqueles campos e a fazenda, cuja casa estava próxima (MARCONDES, 1926, p. 13-14).

Com a doação das terras ao Vigário Antônio Duarte dos Passos e as precárias condições da Freguesia de Tamanduá, esta foi transferida para Palmeira,

estabelecendo-se uma igreja onde hoje se encontra a Matriz e, a população foi se mudando para o povoado, instalando-se nas cercanias da nova igreja.

O povoado denominado inicialmente de Freguesia Nova, foi oficialmente elevado à categoria de freguesia em 1833, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. O distrito foi criado por Alvará de 20 de março de 1813 e em 3 de maio de 1869, foi criado o município pela Lei Provincial N° 184 com território desmembrado de Ponta Grossa, sendo instalado em 15 de fevereiro de 1870. Em 9 de novembro de 1897 foi elevado à categoria de cidade pela Lei N° 238.

A expansão da pecuária no interior paranaense, principalmente nos campos de Guarapuava e Palmas, resultou na necessidade de abastecimento dos moradores das vilas e povoados que se formavam. Consequentemente, se fizeram necessárias aberturas de estradas que possibilitassem a ligação dessas comunidades com o mercado externo.

Em 1830, a Câmara de Curitiba resolveu abrir um novo caminho entre Palmeira e a Vila do Príncipe, hoje Lapa, para encurtar o caminho em 3 léguas, evitando passar por vários rios. O passo do rio Iguaçu deveria ser próximo do local chamado Guardinha, porém, com a mudança do Registro do Rio Grande para o Rio Negro em 1835, muitos tropeiros preferiram o Porto de Laranjeiras a Palmeira.

Um caminho foi aberto em 1842 por Pedro Siqueira Côrtes:

Sendo reconhecida a necessidade de uma estrada por terra, em direção dos campos geraes de Coritiba foi encarregado de abrir-a o novo commandante dos permanentes o capitão Pedro de Siqueira Côrtes (...) partiu a 12 de abril de 1842 com sete pessoas e, seguindo a rumo nordeste chegou á freguezia da palmeira, nos referidos campos geraes, no dia 7 de Maio de 1842, varando vinte léguas de sertão desde o referido rio, em cuja diligencia encontrou diferentes vestígios de selvagens" (PARANÁ, 1900, p. 139).

Apesar de estabelecido ponto de travessia e comunicação no rio Iguaçu, permitindo a comunicação com o povoado de Palmeira, o trajeto se mostrava muito extenso. De acordo com Joaquim José Pinto Bandeira (1851, p. 433-434), os fazendeiros das regiões de Guarapuava e Palmas organizaram uma nova expedição em março de 1846 objetivando a localização de outro trajeto. A partir de Palmas, mais ao sul, os exploradores acharam uma váu distante apenas onze léguas que servia para passagem de animais e, também, como porto de embarque e desembarque e o denominaram de Porto da União. Com a descoberta, a Assembleia

Provincial, que tinha o interesse no cultivo dos campos de Palmas designou o Capitão Domingos Ignácio de Araújo como responsável pela sua abertura.

Somente em 1852, ficaram prontas as pontes sobre o rio Iguaçu, rio da Várzea e a Vila do Príncipe (MOREIRA, 1975, p. 966-967).

No relatório do Presidente Zacarias de Góes de Vasconcellos da Província do Paraná (1854, p. 97-98), consta que a estrada que saía da freguesia de Palmeira até Palmas era menor que a de Guarapuava, apresentando apenas 32 léguas, e por ela poderia ser levados suprimentos de sal para as fazendas e a exportação de animais. A estrada, porém, estava em péssimo estado devido ao crescimento do mato e de troncos caídos no seu leito.

Com o grande número de tropeiros, o Porto da União foi o formador dos núcleos das cidades de Porto União e União da Vitória.

De Palmeira saíram contingentes de povoadores para as remotas zonas do interior paranaense (MARCONDES, 1926, p. 16).

A Comarca de Palmeira também compreendia a Vila de São João do Triunfo e os Distritos de Rio Claro, São Matheus, Palmyra, Papagaios Novos, Diamantina e Porto Amazonas, os quarteirões, Restinga Seca, Mandaçaia, Correias, Encruzilhada e as colônias Lago, Pugas e Quero-quero (PARANÁ, 1900, p. 608-609).

O povoamento da região de Palmeira acelerou a partir de 1878, com a chegada de colonos russo-alemães procedentes do Volga e a formação da colônia Sinimbu, a qual era composta pelos núcleos: Marcondes, Hartmann, Alegrete, Santa Quitéria, Nossa Senhora do Lago e Papagaios Novos.

Mais da metade das famílias que chegaram à colônia Sinimbu, não se fixaram nas terras destinadas, devido à falta de conhecimentos ecológicos e climáticos da nova terra, desconhecimento dos costumes locais, medidas de prevenção e proteção contra insetos e ofídios e o comportamento da cultura nativa. Desconheciam os métodos rudimentares empregados pelos nativos na incipiente lavoura local e a acidez do solo que afetava as plantações, onde escolhiam terrenos descampados devido à facilidade de manejo, porém o mesmo não poderia ser utilizado sem um preparo prévio. Assim vários colonos tentaram voltar para a sua pátria distante ou emigrar para outro país. Os colonos que permaneceram em Palmeira, aos poucos foram se adaptando ao meio, adquirindo costumes locais e em

troca, introduzindo conhecimentos e costumes trazidos da sua longínqua terra de origem (FREITAS, 1984, p. 42, 46).

No vale do rio Iguaçu, ainda, na região hoje compreendida pelo município de Porto Amazonas o governo Imperial concedeu a Charles William Kitto, terras para serem destinadas ao assentamento de 250.000 colonos ingleses. O empreendimento durou apenas até os anos de 1876 e 1877, devido aos sucessivos fracassos pela falta de infraestrutura necessária para receber as famílias desses colonos. Depois foi aproveitada para a instalação de novos colonos poloneses, italianos e regionais.

A partir de 1890, com a implantação de uma política governamental de incentivo à imigração com o objetivo de colonização de terras devolutas, tem início a entrada de imigrantes poloneses, ucranianos, alemães, poloneses-austriacos e poloneses-russos em seu vale, com o assentamento das Colônias Maria Augusta, hoje São Mateus do Sul, em 1890, Palmira, Água Branca, Eufrozina e Rio Claro em 1891, Cantagalo, General Carneiro e Antonio Cândido em 1892, Alberto de Abreu em 1895, Vila Zulmira em 1897, Amazonas e Vitória em 1907, Vera Guarani em 1909 e Cruz Machado em 1910 (RIESEMBERG, 1973, p. 86).

Analisando o processo histórico de ocupação do território paranaense constatamos uma periodização de contatos interétnicos entre europeus e indígenas representadas primeiramente pela presença de espanhóis quando da fundação da Ciudad Real del Guayrá e das reduções jesuíticas, onde os espanhóis e jesuítas reuniram grupos indígenas, tanto para a catequização, como para mão-de-obra.

Os estabelecimentos jesuíticos do Guairá atraíram a atenção dos bandeirantes paulistas, constituindo um segundo momento no processo histórico, que passaram a atacá-las para o aprisionamento dos indígenas pois, treinados pelos jesuítas, ofereciam mão-de-obra transformada e disciplinada, como também era do conhecimento dos paulistas que os Guarani praticavam agricultura (MONTEIRO, 2009, p. 70).

Dessa forma, o produto de maior interesse do interior brasileiro para os europeus era os índios Guarani para serem utilizados como mão de obra nos engenhos de açúcar das Capitanias do Rio de Janeiro e São Vicente e nas fazendas nos arredores de São Paulo. Aos missionários o interesse era difundir seu evangelho e aumentar o número de almas resgatadas (HEMMING, 1999, p. 425).

Os Xoklém e Kaingáng praticamente não interessavam aos bandeirantes, pois formavam pequenos grupos seminômades dispersos, falavam uma língua diferente e não eram adaptados para os trabalhos agrícolas (COELHO DOS SANTOS, 1976, p. 43).

Caracterizando nova etapa no processo de exploração e ocupação do território, a partir do século XVIII, estão as bandeiras paulistas e curitibanas, assim como militares, que percorreram o interior do território paranaense, nas regiões do Segundo e Terceiro Planaltos.

No século XVIII tem início a expansão da sociedade nacional através de três frentes distintas: na forma de economia extrativista, depois pastoril e por último a frente agrícola. Apresentando, cada uma, seus próprios interesses na exploração do ambiente, utilizavam diferentes formas de contato com os grupos indígenas.

A economia extrativista mobilizava indivíduos e os lançava em áreas inexploradas, atuando como bandos móveis que destruíam as matas à procura de valor comercial. Quando se defrontavam com grupos indígenas tendiam a desalojá-los de seu território e, quando possível, os colocavam aos seus serviços, com os homens sendo utilizados como guias para novas áreas florestais, ou como remeiros, carregadores e outros e, as mulheres como amásias e na produção de alimentos. Como essa economia apresentava uma grande dispersão espacial da população e como as suas frentes de expansão eram pequenas, possibilitava a um grupo indígena manter-se em seu território, apesar dos conflitos oriundos das tentativas de impedir a sua ocupação. Os contatos intermitentes e permanentes, ocasionando condições opressivas, deram início à desorganização da vida familiar e à ruptura da unidade tribal.

A economia pastoril era constituída por grupos familiares que avançavam à procura de novas áreas de pastagens para seus rebanhos. Agiam para eliminar os índios e para impedi-los de caçar seus rebanhos, ocorrendo atitudes de hostilidades e preconceitos contra o índio, que serviam como meio de legitimar as chacinas. A interação se dava frequentemente por conflitos sangrentos e, raramente, através de convívio direto ou acasalamento e mestiçagem como no extrativismo.

As frentes agrícolas eram geralmente constituídas por grandes massas populacionais, com uma tecnologia superior. Viam o índio como um simples obstáculo à sua expansão e entravam em conflito para desalojá-los das terras que

ocupavam para ampliar as suas lavouras. Transformando rapidamente a paisagem, criavam novas condições ecológicas que obrigavam os índios a adotarem novas formas de provimento da subsistência (RIBEIRO, 1977, p. 242-244).

Quando do início da criação de fazendas e a colonização na região do planalto, onde predominava os campos naturais com pinheirais, justamente a área dos Xoklêng, que tinham no pinhão a sua base alimentar, esses foram empurrados para a sua borda e para as florestas nas encostas e vales. A dificuldade de se adaptar plenamente ao novo ambiente levou-os a assaltar as fazendas, uma solução para obter alimentos que eram cada vez mais escassos. Através desse contato conheceram os instrumentos de ferro, adaptando-os às suas armas tradicionais como a lança e a flecha; também substituíram suas panelas de barro pelas panelas de ferro que eram mais resistentes e passaram a utilizar facas e machados em substituição das lascas de taquara e as lâminas de pedra (COELHO DOS SANTOS, 1976, p. 38, 100).

Dessa forma, a expansão da colonização criou três situações de reação possíveis para os indígenas: (1) a fuga para territórios ermos, adiando o enfrentamento; (2) a reação hostil aos invasores, impondo uma situação de guerra e, (3) aceitação do convívio, submetendo-se então a uma série de desafios, com mudanças sucessivas no seu substrato biológico, sua sociedade, sua cultura na sua forma original.

Inegavelmente, a colonização interferiu diretamente na sociedade indígena, através da invasão de seus territórios, pelo enfrentamento, pelas perturbações ecológicas em áreas inexploradas e a disseminação de doenças, criando uma corrente de desastres que ameaçaram e inviabilizaram a manutenção do modo de vida tradicional.

Anteriormente ao período colonial havia uma fronteira entre os grupos indígenas Guarani e Kaingáng, que mantinham territórios separados e viviam em estado de guerra. Porém, com o colonialismo essas fronteiras começaram a desarticular. Sendo as terras progressivamente ocupadas por sucessivas frentes pioneiras, esses grupos foram empurrados para áreas cada vez menores, até que se viram forçados a compartilhar um mesmo território, independentemente de terem ou não inclinação à coexistência, e apresentarem profundas diferenças culturais e

linguísticas e no passado terem sido inimigos tradicionais (Ramos, 1980, p. 184; Pires, 1975, p. 9, 64-66).

No século XIX foram criadas colônias para o aldeamento de índios, com o propósito de diminuir os conflitos entre eles e os novos ocupantes das suas áreas. Esses aldeamentos coloniais, dirigidos por missionários, agruparam representantes de vários grupos étnicos que foram catequisados, casaram-se entre si, passaram a viver sob as normas impostas pelos catequistas, abandonando seus padrões culturais e sua identidade étnica original (MELATTI, 2007, p. 41).

Com a intensificação da exploração e colonização do território paranaense as sociedades europeias estenderam sua dominação no espaço. As áreas que, anteriormente, demarcavam fronteiras entre os grupos Jê e Tupi-Guarani recuaram e desapareceram, ocasionando a retração dos seus territórios de agricultura, de caça e coleta, além da diminuição da população em consequência de contágio de doenças, modificação de status e prestígio social e na desorganização das suas instituições sociais (GALVÃO, 1979, p. 127-128).

4. FRONTEIRAS CULTURAIS E RELAÇÕES INTERÉTNICAS

Quando falamos de fronteiras entre populações indígenas, nos referimos ao domínio de um território, cujos limites frequentemente coincidem com um determinado ambiente natural; elas têm uma identidade baseada na língua, na cultura e em uma longa convivência, mas sem uma estrutura política que mantenha a unidade, controle do movimento das partes, defenda os limites e organize as relações com outras unidades indígenas, coloniais ou nacionais. Sem uma instituição que garanta a circulação fora do território, todo estranho, em princípio, é um inimigo e a relação com ele é conflituosa (SCHMITZ, 2007, p. 129).

Nas fronteiras ocorre um conjunto de prescrições que governam as situações de contato e permitem uma articulação em alguns setores ou domínios de atividades específicas e interdições em relação a determinadas situações sociais, evitando interações interétnicas em outros setores, para que partes das culturas sejam protegidas da confrontação e da modificação (BARTH, 2000, p. 35).

A zona de fronteira pode representar um fator de separação ou disputa, podendo gerar situações de conflito; é um espaço marcado por ações que podem levar ao desenvolvimento de processos de interação através da integração e cooperação entre populações diferentes (ROGGE, 2004, p. 21).

John Hemming (1999, p. 423), informa que as sociedades nativas americanas possuíam suas próprias fronteiras que às vezes eram fluídas e variáveis, mas na maioria das vezes eram definidas geograficamente e bem conhecidas pelos seus membros. As fronteiras tribais eram os limites entre os grupos guerreiros, quase sempre hostis, ou eram também linhas de demarcação das incursões de caça ou coleta anuais.

As fronteiras são dinâmicas, abertas e fluidas, ao contrário dos limites, que são lineares como uma linha de divisão estática e fechada, podendo ser geográficos, políticos, demográficos, culturais e econômicos. As interações dinâmicas nas fronteiras são influenciadas pelas interconexões das categorias que compõem os limites e variam ao longo do tempo (PARKER, 2006, p. 80-81).

A territorialidade é uma resposta adaptativa aos fatores ambientais, com a distribuição dos recursos na área e a sua relação com a organização social do grupo e, designa uma série de estratégias de defesas dos recursos econômicos que, por

sua vez representam uma estratégia de subsistência (HUDSON E SMITH, 2007, p. 101-102).

Maria Zedeño (1997, p. 72) conceitua uma unidade territorial como um espaço de uma sociedade onde ocorre uma ampla gama de interações homem-terra através do tempo, através de três elementos materiais: terra, recursos naturais e os objetos feitos pelo homem, ou seja, são as três dimensões essenciais de um território: a gama de interações homem-terra, a escala espacial dessas interações e os processos históricos da terra e da utilização dos recursos.

Essas interações homem-terra estão na base da história de vida de um território: (1) as interações entre uma dada sociedade e a paisagem, que se traduzem em uso efetivo da terra e recursos, (2) as interações entre os setores de uma sociedade, que determinam as fronteiras internas ou limites de utilização efetiva e de propriedade e, (3) as interações entre a sociedade e seus vizinhos, que determinam as fronteiras externas ou limites de uso eficaz e a propriedade (Idem, p. 86).

As situações de contato e a definição de limites culturais nos permite observar a etnicidade e a identidade étnica, a qual é um fenômeno dinâmico que se manifesta dentro dos grupos étnicos e é revelada nas situações de contatos interculturais, ou seja, na relação da diferença entre nós e o outro, onde os indivíduos estabelecem fronteiras (BARTH, 2000, p. 34).

Assim as fronteiras que devemos estudar são as fronteiras sociais, pois cada grupo mantém sua identidade quando seus membros interagem com outros, tendo critérios para determinar se pertence ao grupo ou não. A fronteira étnica é que canaliza a vida social e implica em uma organização, na maior parte das vezes bastante complexa do comportamento e das relações sociais.

A implicação da afirmação do nós diante dos outros, segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1976, p. 5-6), corresponde à identidade contrastiva que constitui a base que define a identidade étnica. Ela se faz em meio à diferenciação de uma pessoa ou um grupo em relação à outra pessoa ou grupo que se defrontam diante da oposição e, não se afirmam isoladamente. Desse modo a identidade étnica é afirmada quando se nega outra identidade apresentada, sobretudo em uma situação de contato interétnico.

Fredrik Barth (2000, p. 29-30) ressalta que, quando consideramos a característica primária dos grupos étnicos como unidades portadoras de cultura, somos levados a identificar e distinguir os grupos étnicos pelas características morfológicas das culturas das quais eles são portadores. A classificação das pessoas e dos grupos locais como membros de um grupo étnico depende da presença de traços culturais particulares, de como essas formas culturais refletem a adaptação ao meio ambiente e das circunstâncias externas às quais os atores tem que se acomodar.

Júlio Cezar Melatti (2007, p. 75) salienta que não apenas a língua faz a diferença entre as sociedades indígenas, mas também seus costumes, suas instituições, suas visões de mundo, seus ritos, seus cantos, suas danças, seus artefatos, suas relações com o ambiente natural e com outros grupos humanos que as cercam. Cada sociedade tem suas peculiaridades e a sua configuração própria é única.

A partir do avanço da expansão colonial as situações de conflito se tornaram mais frequentes com os grupos indígenas. Criando um desequilíbrio nos recursos naturais que levaram essas populações indígenas a se deslocarem para áreas dominadas por outros grupos indígenas, provocaram processos de interação cultural entre eles (ROGGE, 2004, p. 20).

Na metade do século XX, o estudo dos fenômenos decorrentes dos primeiros contatos de grupos de indivíduos com culturas diferentes, resultando em alterações nos padrões culturais originais de um ou de ambos os grupos era descrito como aculturação, conforme o memorando de Redfield, Linton e Herskovits, sendo *“aqueles fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos com diferentes culturas entram em um contato direto contínuo, com mudanças subsequentes nos padrões originais de um ou de ambos os grupos”*. Enfatizava o impacto da cultura ocidental sobre os grupos não ocidentais, tentando explicar a mudança cultural apenas em termos de ideias ultrapassadas, ignorando as relações de poder nas situações de contato, com pequeno alcance de predição sobre seus efeitos. Mais tarde, autores subsequentes criticaram esse termo, pois este deixava de caracterizar a natureza do fenômeno e não estabelecia um critério para definir a situação de contato e, essa definição não levava em conta os diferentes níveis de poder entre as sociedades (CUSICK, 1998, p. 126, 131).

Para Jairo Henrique Rogge (2004, p. 28) a noção de aculturação como um processo unidirecional é usado em outra perspectiva, indicando processos mais complexos. Para o autor, no contexto entre sociedades indígenas, seria melhor utilizar o termo “interação”, que implica justamente na multidimensionalidade dos processos que envolvem o contato cultural.

Analisando os conceitos de aculturação e interação, utilizaremos como estrutura conceitual do nosso estudo o proposto por Rogge, o qual se adapta às premissas do presente trabalho, pois o resultado da análise do material cerâmico apontou uma multiplicidade de períodos e formas de contatos que abrangem os períodos pré-histórico e colonial, caracterizados primeiramente pelas relações intertribais e, posteriormente, entre os grupos indígenas e os colonizadores europeus.

Utilizaremos também como ferramenta adequada ao trabalho a concepção de que contato cultural representa uma predisposição de grupos diferentes de interagir, uma necessidade criada através da diversidade humana, do padrão de assentamento e do desejo de troca. A necessidade de mediar essas relações, entretanto, além de estabelecer, manter e controlar as fronteiras territoriais cria contextos nos quais o contato cultural é inevitável. A forma e a natureza dessa interação, porém, podem ser variáveis.

James G. Cusick (apud. ALEXANDER, 1998, p. 478) sugere quatro generalizações que fornecem estruturas adequadas para o estudo de contato cultural:

- (1) A interação é canalizada por fatores sistêmicos, tais como a distância, demografia e as diferenças de poder.
- (2) A variabilidade na interação é condicionada entre contato dirigido contra o não dirigido.
- (3) A variabilidade na interação destaca-se entre o contato conflituoso versus o não conflituoso.
- (4) O contato cultural é uma característica inerente ao controle das fronteiras e limites. Ao desagregar a interação em diversas dimensões distintas, podemos começar a olhar para a regularidade no padrão arqueológico entre essas variáveis.

Em relação aos sistemas interétnicos, Roberto Cardoso de Oliveira (1976, p. 54-58), estabelece uma matriz combinando dois pares de variáveis: simetria/assimetria e relações intertribais/relações interétnicas. Da combinação desses dois pares de variáveis, o autor constrói quatro sistemas interétnicos,

comparando as relações de grupos indígenas entre si e desses grupos com a sociedade nacional:

1. As relações simétricas “intertribais” caracterizam-se por relações igualitárias, nas quais as unidades em contato mantêm relações sem qualquer supremacia de uma em relação à outra.
2. As relações assimétricas “intertribais” apresentam relações de hierarquia, uma vez que os grupos indígenas em contato estariam justapostos hierarquicamente, ou seja, sistemas de estratificação, de status, sendo o que difere é a categoria étnica dos indivíduos ou grupos em contato.
3. As relações assimétricas “interétnicas” ocorrem entre os povos indígenas e segmentos regionais da sociedade nacional, apresentando caráter conflituoso que são moldados por relações de dominação dos brancos e sujeição dos índios e não pode ser explicado através de um modelo hierárquico como nas relações “intertribais”, mas por um modelo de fricção interétnica.
4. As relações interétnicas “simétricas”, não apresentam a fricção interétnica, é apenas uma possibilidade teórica e não se manifesta empiricamente, hipoteticamente índios e não-índios travariam relações igualitárias.

Fricção interétnica seria então para o autor, o resultado do contato entre grupos tribais e segmentos da sociedade brasileira, caracterizados pelos seus aspectos competitivos e muitas das vezes conflituosos, onde toda conduta tribal e não tribal passa a ser moldada conforme a natureza sócio-econômica das frentes de expansão da sociedade brasileira frente às sociedades tribais⁷.

A expansão da sociedade nacional através da economia extrativista, pastoril e agrícola, apresentou um processo duplo caracterizado por um lado, pela dominação por parte da população colonial através de percepções e ações de desigualdade, racismo, opressão, controle do trabalho, marginalização econômica e desapropriação e, por outro, pela resistência dos povos indígenas a estes processos para que não se tornassem definitivos. Dessa forma, estes conservavam ou refaziam suas identidades e tradições frente a condições muitas vezes brutais.

A arqueologia, através de múltiplas fontes, pode contribuir sobre as questões de interação e identidade com maior detalhe. A análise da cultura material pode captar a diversidade de experiências que ocorreram nos contatos culturais, os quais

⁷ A base do sistema interétnico está na contradição de interesses econômicos, onde o índio procura por bens manufaturados como armas, instrumentos agrícolas, roupas, cachaça e outros e, o branco tentando apossar do território e/ou da mão-de-obra indígena. A irreversibilidade do contato ocorre quando os bens alienígenas se tornam necessidades insubstituíveis, criando uma dependência definitiva do índio em relação à sociedade nacional (Idem, p. 59)

podem apresentar muitas ramificações, pois essas culturas representam a herança de vida dos povos.

Os levantamentos bibliográficos e as análises realizadas no material cerâmico coletado nos diversos sítios arqueológicos registrados na área em estudo, demonstraram diferentes períodos de interações interculturais ocorridas entre populações indígenas vinculadas aos Troncos linguísticos Macro-Jê, Tupi e europeus.

5. REGISTRO ARQUEOLÓGICO - VARIABILIDADE ARTEFATUAL

O objeto da arqueologia é adotar enfoques para obter novos conhecimentos sobre as ações humanas que ocorreram no passado e, os artefatos são peças importantes para entender essas atividades passadas, supondo que os objetos são parecidos porque as pessoas compartilham das mesmas ideias e das mesmas premissas culturais (GAMBLE, 2008, p. 64, 71).

O registro arqueológico é composto por restos materiais e distribuições de matéria e, para podermos entender o seu sentido, expondo o registro arqueológico em palavras, necessitamos averiguar como chegaram a existir esses materiais e como se modificaram e adquiriram as características que vemos hoje. Para compreendê-lo necessitamos de um grande acúmulo de conhecimentos que se relacionam ao contexto sistêmico (dinâmico), que seria a prática da ação social, uma sociedade em ação. As consequências destas atividades que foram observadas nos vestígios materiais representam os registros estáticos relacionados ao contexto arqueológico (SCHIFFER, 1972, p. 157).

Assim, o estudo da cultura material mostra-se como um importante veículo de transmissão e preservação do conhecimento e na orientação das pessoas no seu ambiente social e natural. A partir dela os grupos sociais constroem suas alteridades e expressam seu modo de ser e viver (SILVA, 2002, p. 120).

Em relação aos estudos de análise do material cerâmico arqueológico, existem duas vertentes mais utilizadas, a análise dos tipos e a análise de estilo ou decoração.

Na análise do estilo encontramos inúmeras classificações que variam de acordo com as diferentes perspectivas teóricas tanto de arqueólogos como de antropólogos, sendo que cada um possui um conceito próprio.

Para a escola iconológica de Binford, o estilo é derivado de aspectos secundários, integrado a um nível simbólico, ideológico e não adaptativo. Para ele as mudanças culturais não podem ser percebidas na variabilidade estilística; esta somente poderá ser compreendida através dos fatores adaptativos e funcionais.

Para outros autores, como Wobst, Braun, Plog e Carr, os estilos artefatuais são determinados por condições e necessidades sociais e individuais que estão adaptadas a comunicar o tempo da manufatura e o uso dos artefatos. Outros

priorizam os determinantes primários dos estilos artefatuais, como Sackett pelo isocretismo (enculturação passiva), Wiesnner pelo iconografismo-simbólico (comunicação ativa das identidades pessoais e sociais para a definição de ações sociais) e Hodder, por meio da intenção humana em estabelecer moldes que guiam as ações sociais e justificativas para as estratégias sociais (PACHECO, 2008, p. 396).

A respeito de tantas definições sobre o estilo, há um consenso entre os arqueólogos e outros pesquisadores, que o estilo é algo peculiar a um tempo e lugar específicos, porém há grandes divergências sobre o que o estilo reflete, relativo a diferentes perspectivas teóricas e metodológicas (FAGUNDES, 2004, p. 1).

A questão do estilo, para a arqueologia é importante para a análise e interpretação do registro arqueológico a partir das similaridades e diferenças da cultura material que forma conjuntos de objetos semelhantes, que comportam uma série de traços recorrentes e que se diferenciam de outros (RUNCIO, 2007, p. 2).

O conceito de estilo é um dos mais importantes para o estudo da cultura material. Muitos autores tentam definir a sua aplicação para o entendimento da variabilidade dos artefatos, pois para muitos, o estilo é o elemento que transmite informação social, uma relação com o processo de negociação de identidades, uma estratégia social para fixar significados a um meio de comunicação ideológico que define as relações entre os grupos.

Para um amplo entendimento dos contextos culturais do passado precisamos examinar os modos de interação social, a distribuição do material e o poder simbólico entre os grupos de pessoas, pois a etnicidade é um produto da intersecção das semelhanças e diferenças nos aspectos das pessoas e das condições que caracterizam uma determinada situação histórica. O conhecimento da organização social do passado é importante, pois a etnicidade é ao mesmo tempo uma construção transitória de repetidos atos de interação e comunicação, e um aspecto da organização social que se torna institucionalizado em diferentes graus, em diferentes formas e em diferentes sociedades (JONES, 1997, p. 126).

Os estudos sobre o papel da cultura material na geração e expressão da etnicidade revelaram que este não é um reflexo passivo de socialização dentro das unidades étnicas, mas desempenha um papel ativo na geração e no significado da etnicidade onde, através dos graus de semelhança e diferença, podemos obter um

indicador sobre a intensidade da interação entre grupos no passado, pois a cultura material está estruturada em toda a vida social e, conseqüentemente, seu significado não é fixo, porém está constantemente sujeito à reprodução e à transformação (Idem, p. 127)

O estilo constitui a variabilidade formal na cultura material, o qual pode ser relacionado com a participação dos artefatos em processos de troca de informações, sendo utilizado de forma ativa e refletindo as escolhas intencionadas dos indivíduos ou dos grupos para comunicar mensagens específicas. As diferenças de estilo são usadas para transmitir mensagens sobre a afiliação de grupo e identidade (WOBST, 1977, p. 321).

Para James R. Sackett (1986, p. 630), o estilo não é um domínio distinto da forma em si, mas sim uma qualidade latente ou aspecto inerente em praticamente todas as variações dos artefatos. As formas específicas dos objetos da cultura material representam uma sequência de escolhas conscientes ou inconscientes feitas pelos artesãos, com diversos caminhos alternativos viáveis para obter o mesmo fim. Como membros de grupos sociais, os indivíduos aprendem certas maneiras de fazer as coisas com os mais experientes transmitindo as informações do grupo e essas escolhas seriam as variações isocréticas. Assim, segundo ele, cada grupo ou unidade étnica terá seu próprio estilo e, o grau de similaridade estilística representado na cultura material de dois grupos, poderá ser compreendido como uma expressão direta da sua relação étnica.

Na abordagem isocrética, o estilo é uma categoria analítica de compreensão da dinâmica cultural do passado, como sendo diagnóstico de etnicidade. Sociedades distintas etnicamente, mesmo possuindo necessidades idênticas, nunca fariam as mesmas escolhas, assim o conjunto de artefatos seria regulamentado pela Tradição tecnológica na sociedade em que se insere, e a variabilidade seria entendida como produto dessas escolhas culturais, portanto étnica.

Assim a etnicidade está expressa em qualquer variação da cultura material, na medida em que as escolhas isocréticas representam uma expressão cultural de um tipo de comportamento que penetra em todos os aspectos da vida social, ou seja, a etnicidade não está adicionada, ela está contida.

Clive Gamble (2008, p. 121-122), complementa que para Sackett, o artesão pode escolher entre diferentes possibilidades para chegar ao produto, porém

determinados fatores relacionados com a etnia ditam as opções de escolha baseados no costume, ou geralmente chamados também de Tradição. Dessa forma o estilo está relacionado com a identidade e, em particular com a identidade étnica. O estilo icônico representa uma situação diferenciada, quando a opção escolhida possui um propósito determinado, sendo o estilo algo consciente para reforçar a identidade. A cerâmica nesse caso incorpora elementos de estilo que indicam um grupo.

A ocorrência de elementos estilísticos de uma tradição arqueológica em outra, poderia demonstrar um processo de interação direcionado à integração e à cooperação entre essas populações, não apenas na troca de objetos ou de técnicas, mas estabelecendo uma relação de convivência através do fluxo de indivíduos ou de grupos dentro das zonas de fronteira. Em alguns casos esses processos levaram à adoção de elementos estilísticos exógenos na incorporação de alguns aspectos formais e decorativos da cerâmica, não impedindo a continuação das suas culturas tradicionais, pois é a persistência de certos elementos estilísticos que fornece um papel relevante de informação social e étnica, mantenedora de identidade (ROGGE, 2004, p. 21-22).

Diferentes grupos terão diferentes estilos. Se compararmos as tradições Itararé e Tupiguarani, veremos que são totalmente distintas no estilo do material cerâmico, lítico e das estruturas de habitação, que seriam a base da identidade do grupo e que levaria à conscientização étnica.

Para Roberta Gilchrist (apud GAMBLE, 2008, p. 116), a cultura material possui um papel ativo nas relações sociais sendo muito mais que um reflexo da sociedade. Ela pode ser entendida como construtora, mantenedora, controladora e transformadora das identidades e relações sociais.

Ian Hodder, citado por Trigger (2004, p. 338), afirma que a cultura material não é um mero reflexo da adaptação ecológica ou da organização sociopolítica; também constitui um elemento ativo nas relações entre grupos. Elemento que tanto pode ser usado para disfarçar relações sociais como para refleti-las. Grupos em franca competição podem valer-se da cultura material para enfatizar suas diferenças, ao passo que um grupo étnico desejoso de usar recursos de outros podem tentar minimizar manifestações materiais de tais diferenças.

Os atributos, que são os produtos da atividade humana e que são repetidas em uma série de artefatos, podem ser tratados como manifestações de ideias em comum pelos artesãos e usuários desses artefatos. Intencionalmente ou não, conscientemente ou não, foram feitas por pessoas com ideias similares e possuíam as mesmas categorias de funções e meios de articulá-las em artefatos completos (DUNNEL, 2007, p. 172-173).

Assim, por exemplo, a forma das vasilhas é especialmente sensível às situações variáveis de cozinhar, servir e outras atividades de uso. Esses fatores abrangem desde os tipos e distribuições dos recursos de argila e do antiplástico, à variação da alimentação, a composição da cerâmica e as decisões do grupo que as usaram (SCHIFFER and SKIBO, 1997, p. 37).

Para eles, a variabilidade formal de uma vasilha cerâmica inclui o diâmetro da boca, sua forma, sua capacidade e o seu antiplástico, além dos tratamentos de superfície interna e externa. O padrão de variabilidade, primeiramente, é impulsionado pelo desempenho de um artefato nas atividades ao longo de sua história de vida e, todas as suas sequências de atividades compreendem a sua cadeia comportamental. As características de desempenho podem ser imputadas a outros fatores causais, incluindo a heterogeneidade social que afeta a opinião do artesão, constrangimentos inultrapassáveis da correlação da matriz, e os processos de conflitos e negociação. Analisando o papel dos artefatos na criação, manutenção e na interrupção das classes sociais, o pesquisador estará necessariamente preocupado com os padrões de "adoção" ou "consumo" do artefato. A imensa variabilidade dos artefatos não é causada por impenetráveis fatores "culturais" e muito menos pelo estilo e função, mas pelos resultados de pessoas que estão tentando resolver os problemas da vida cotidiana - conceituada em termos de interações específicas de atividade e desempenho - em diferentes comportamentos, sociedades e ambientes naturais (Idem, p. 29, 45).

O significado da variabilidade artefactual pode ser investigado através da descrição física dos objetos, relacionados com a tipologia e a classificação. Para isso podemos utilizar diferentes categorias teóricas e analíticas, como estilo e função, causas simbólicas e utilitárias, fatores tecnológicos e culturais (PACHECO, 2008, p. 390).

Se a partir da descrição física dos objetos, podemos definir o significado da sua variabilidade, através da tipologia e da classificação dos atributos tecnológicos e decorativos dos fragmentos cerâmicos e, da reconstituição das formas dos recipientes através das bordas, tentamos reconhecer suas funções, as quais refletem as opções culturais, pois para muitos pesquisadores a cultura material constitui um elemento ativo nas relações sociais.

Neste trabalho utilizarei a premissa que o estilo transmite mensagens sobre a afiliação de grupo e identidade, ou seja, cada grupo ou unidade étnica terá seu próprio estilo e, seguindo a linha de James R. Sackett, os conjuntos de artefatos seriam regulamentados pela tradição tecnológica na sociedade em que se insere, demonstrando que a etnicidade não estaria adicionada, ela estaria contida.

Para entender os processos de interação intercultural euro indígenas, detectados no presente estudo, demonstrando que as mulheres indígenas estavam em uma posição de intermediadoras culturais em dois períodos distintos, podemos através da arqueologia do gênero, tentar encontrar as respostas.

Nessa linha, a sociedade está formada por indivíduos que atuam como agentes sociais ativos e, cujas atividades e negociações diárias formam uma parte essencial da dinâmica histórica. As constantes interações nas relações de gênero são importantes, sendo uma das principais estruturas que organizam as relações sociais. Portanto o gênero é uma identidade que está na base das relações sociais e na prática das mesmas, produzindo uma contínua renegociação e mudança.

Assim, a cultura material possui uma natureza ativa usada não somente para construir e manter as relações de gênero, como também para se opor e transformá-las. É utilizada, também, para dar significado e para construir as identidades sociais. O estudo da cultura material é essencial para melhor interpretação das relações de gênero que ocorreram no passado (DIAZ-ANDREU, 2005, p.15 e 16)

6. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA

A Bacia Hidrográfica do rio Iguaçu ocupa uma área total de 72.637 km², dos quais 57.329 km² situam-se no Estado do Paraná. Constituindo a maior bacia hidrográfica do Estado, segundo MAACK (1968, p. 281) possui extensão de 910 quilômetros, cortando no sentido leste-oeste, o Primeiro, Segundo e Terceiro Planaltos. As suas nascentes localizam-se no Município de Piraquara, na região Metropolitana de Curitiba, junto à vertente ocidental da Serra do Mar e, a sua foz na margem esquerda do rio Paraná, no Município de Foz do Iguaçu. Sobre a extensão total do rio Iguaçu aparecem algumas controvérsias. A Secretaria Estadual do Meio Ambiente do Estado Paraná informa a extensão de 1.320 km e, outros autores consideram uma extensão de 1.270 km (Figura 7).

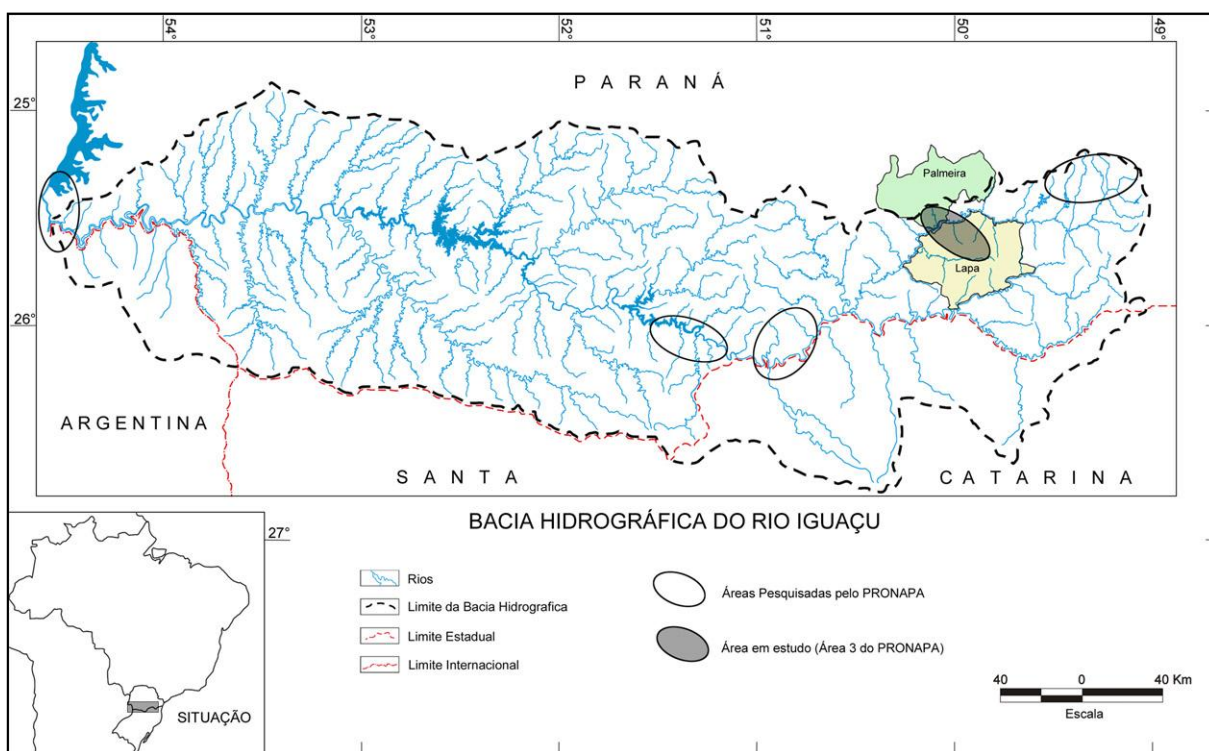


Figura 7. Áreas pesquisadas pelo Pronapa na bacia hidrográfica do rio Iguaçu.

O rio Iguaçu apresenta grande desnível altimétrico, fato que mostra diferentes características ao longo de seu percurso. A partir de suas nascentes, o Iguaçu, atravessando o Primeiro Planalto, apresenta-se sinuoso em vales amplos, e passa progressivamente ser mais encaixado ao cortar o Segundo Planalto e, principalmente, o Terceiro Planalto a partir do Município de União da Vitória.

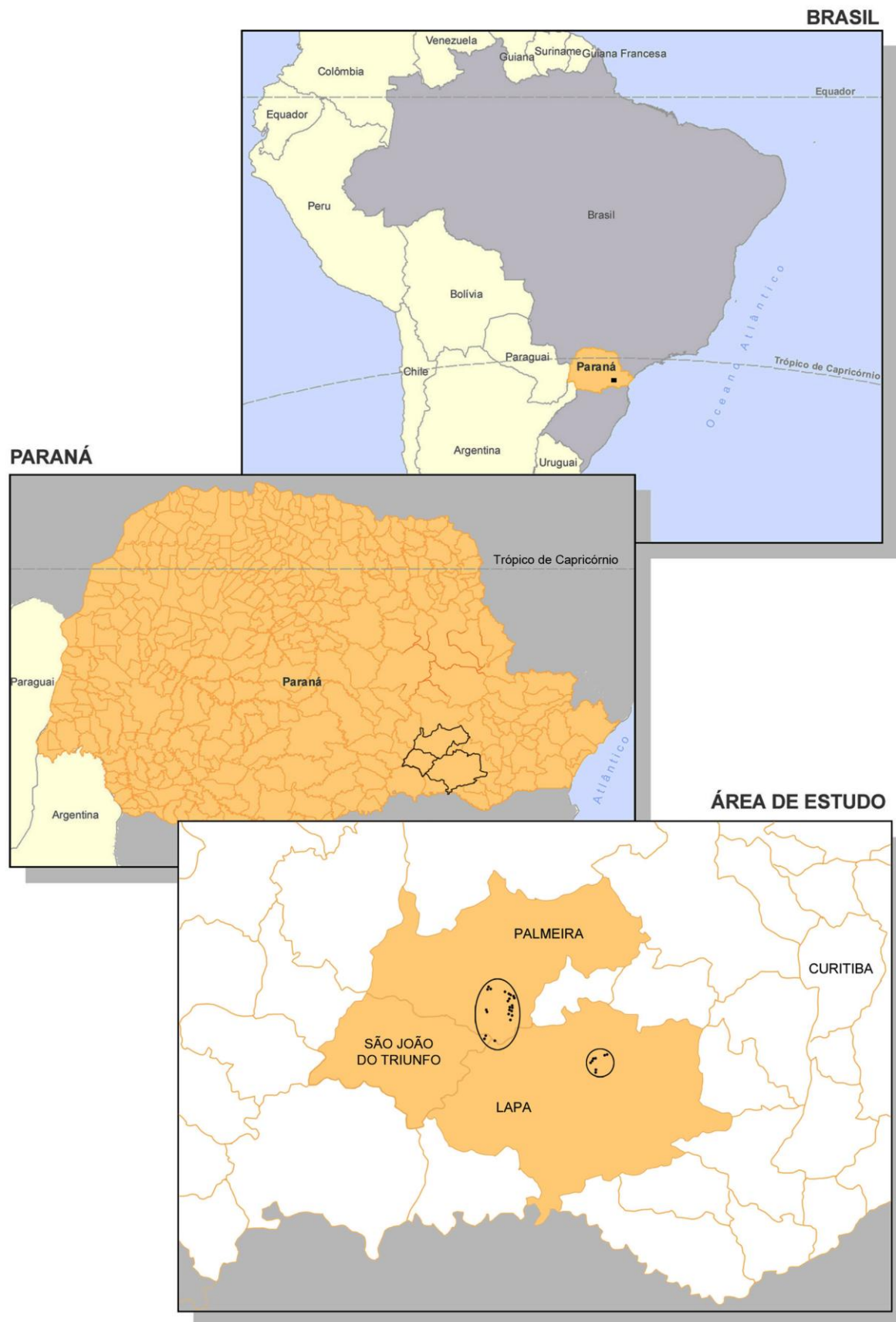


Figura 8. Localização da área de estudo nos municípios de Palmeira, Lapa e São João do Triunfo (Fonte: IGPlan Inteligência Geográfica Ltda. 2010).

A área enfocada nesta dissertação situa-se nos municípios paranaenses de Palmeira e Lapa, localizados no Segundo Planalto Paranaense, na região dos Campos Gerais (Figuras 8 e 9). Ocupa o flanco oriental da Bacia do Paraná, onde esta é profundamente afetada pelo Arco de Ponta Grossa, responsável pela elevação e arqueamento do embasamento proterozóico e das camadas sedimentares da bacia e por extensas fraturas NW-SE que deram passagem a grande volume de magma basáltico no Mesozóico.

Nessa região, as unidades presentes são o embasamento da Bacia do Paraná, com a base geológica sedimentar da Formação Furnas e do Grupo Itararé. Ocorrem ainda sedimentos cenozoicos representados, sobretudo, por depósitos aluviais do Quaternário ao longo das calhas dos principais rios da região (MELO et al., 2003, p. 24-26).

O Grupo Itararé compreende a sequência sedimentar de idade permo-carbonífera, cujos depósitos, caracterizados principalmente por diamictitos, refletem influências glaciais em seus diferentes ambientes deposicionais.

Na área ocorre a Formação Campo do Tenente, sendo a litologia característica da formação o argilito castanho-avermelhado, apresentando laminação plano-paralela. Secundariamente, ocorrem rítmicos e diamictitos de matriz arenosa. Em certos locais ocorrem, na parte basal da unidade, arenitos amarelados, finos e médios, mal selecionados com estratificação plano-paralela e cruzada acanalada.

À porção essencialmente argilosa atribui-se origem lacustre em ambiente altamente oxidante (SCHNEIDER et al., 1974, p. 45).

Segundo a classificação climática de Koeppen, a região se enquadra na classe Cfb, ou seja, zona temperada sempre úmida, que abrange os campos limpos e os capões com mata de araucária e mata ciliares de córregos e rios, as matas de declive das escarpas e as matas secundárias da região de araucárias dos Primeiro e Segundo Planaltos.

A média de temperatura do mês mais quente é inferior a 21,2° C e a média anual de 17,6° C. A precipitação média anual dos Campos Gerais é de 1.422,8 mm, e o mês mais seco é agosto, com 71,2 mm, porém a região em estudo apresenta os índices mais baixos, entre 1.200 e 1.400 mm (MAACK, 1968, p. 179, 184).

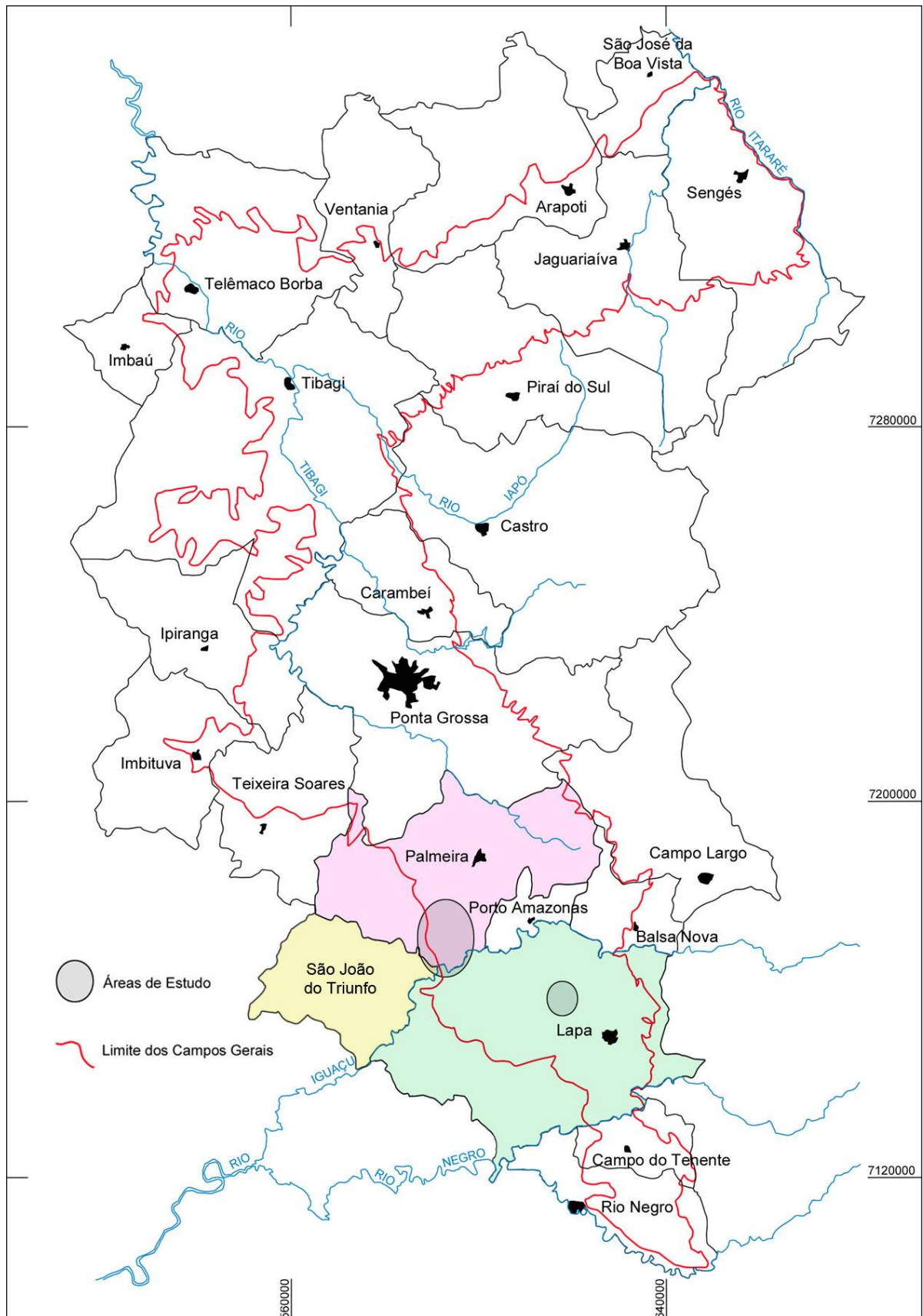


Figura 9. Localização dos municípios de Palmeira, Lapa e São João do Triunfo e, as áreas de estudo na região dos Campos Gerais. (Fonte: MELO, M. S. de. Caracterização do patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná, 2003).

Geralmente os solos dos campos gerais são descritos como arenosos, rasos, e pobres, originados a partir dos arenitos, com constituição arenosa. Porém, partes dos solos da região são formadas a partir de rochas sedimentares como folhelhos e argilitos, originando solos argilosos e muito argilosos. Os remanejamentos geomórficos (transporte e mistura de materiais) ao longo do tempo, para a formação da paisagem atual, por sua vez, resultaram no retrabalhamento dos sedimentos, ocasionando solos com textura média e argilosa (SÁ, 2007, p. 73-74).

A classe de solo que predomina na região dos Campos Gerais é representada por cambissolos (álícos e distróficos, com 37,12%); são heterogêneos e pouco profundos e, ocorrem preferencialmente nas áreas com relevo em entalhamento, sobre substrato rochoso de diversas unidades (Grupo Itararé e Formações Furnas e Ponta Grossa). Seguem-se depois os latossolos vermelho-escuros (32,13%), os latossolos roxos (0,47%) e os latossolos vermelho-amarelos (0,49%). Estes incidem em áreas de topos aplainados, relativamente preservados da erosão, onde os materiais pedológicos são mais antigos, espessos e homogêneos. O substrato rochoso é representado principalmente pelo Grupo Itararé e Formação Ponta Grossa. Os solos litólicos compreendem 15,81% e ocorrem junto aos arenitos do Grupo Itararé e da Formação Furnas. Seu substrato rochoso é raso e apresenta constituição quartzosa. Os solos podzólicos vermelho-amarelos compreendem 10,41% da área. Desenvolvem-se sobre o subgrupo Itararé e as formações Furnas e Ponta Grossa e são espessos. Aparentemente resultam de particularidades do substrato rochoso e do relevo, que controlam a circulação da água de infiltração, drenagem e erosão do solo, com consequências na mobilidade e preservação da matéria orgânica nos horizontes do solo (MELO et al., 2003, p. 58).

Na área em estudo predominam os cambissolos que estão localizados nos relevos mais dissecados e ondulados, nos interflúvios de vertentes curtas e abruptas e, também, em terraços inferiores de vertentes próximos das redes de drenagem e das planícies. São rasos e de textura predominantemente média, tendendo a arenosa. Os neossolos litólicos são solos hidromórficos constituídos por material mineral ou orgânico pouco espesso. Apresentam restrição ao aprofundamento das raízes das plantas quando do contato com o embasamento rochoso, predominando textura arenosa a média. Localiza-se nas paisagens associadas aos afloramentos rochosos e declives acentuados. Têm como característica principal a presença de

horizonte B textural⁸, o qual apresenta significativo incremento de argila em relação aos horizontes suprajacentes E ou A e argila de baixa atividade. Geralmente ocupam o terço médio inferior da vertente ou estão presentes nos relevos mais ondulados, precedidos nas vertentes pelos latossolos, estes ocupando as porções mais planas e bem drenadas da paisagem. Localizam-se principalmente nos municípios de Palmeira, Balsa Nova, Telêmaco Borba, e na divisa de Sengés com São José da Boa Vista. Estão assentados sobre rochas sedimentares do Grupo Itararé e, em menor proporção, das formações Ponta Grossa e Furnas. Os gleissolos correspondem a solos hidromórficos constituídos por material mineral. São periodicamente ou permanentemente saturados por água e, devido à gleisação, apresentam cores acinzentadas, azuladas ou esverdeadas e distribuem-se em áreas abaciadas, depressões e planícies, associados com os organossolos (SÁ, 2007, p. 77-80).

Segundo Maack (1968, p. 226-227), a região dos Campos Gerais do Paraná apresenta uma zona fitogeográfica com campos naturais que ocorrem junto a afloramentos rochosos e solos rasos e pobres, constituídos por uma vegetação herbácea e subarbustiva. Os campos podem ser a vegetação mais primitiva e antiga. As matas, para o pesquisador, se desenvolveram a partir do término do Pleistoceno.

Os campos limpos caracterizam-se por extensas áreas de gramíneas baixas desprovidas de arbustos, ocorrendo matas ou capões limitados nas depressões em torno das nascentes que, lentamente, conquistaram os declives com condições climáticas favoráveis e se expandiram até unirem-se aumentando a área de mata.

Os Campos Gerais são fitogeograficamente descritos como estepe gramíneo-lenhosa. Esta cobertura predominantemente herbácea, com elementos arbustivos lenhosos, associa-se a elementos da Floresta Ombrófila que ocupam posições distintas na paisagem, situando-se geralmente nas encostas, vales e matas de galeria, ou em formações arredondadas (capões). Próximo à borda oriental do planalto, estes são mais esparsos e menos desenvolvidos, aumentando em direção a oeste (MELO et al., 2003, p. 62).

⁸ Esse horizonte acumula argila oriunda dos horizontes logo acima dele. O processo de acúmulo de argila é chamado de argiluviação, ou seja, iluviação de argila.

Em ambientes com solo mais espesso ocorrem as matas galerias, ou capões isolados de várias dimensões e extensões com Araucárias angustifólias, chamadas de Floresta Ombrófila Mista Montana e Floresta Ombrófila Mista Aluvial.

A Floresta Ombrófila Mista Montana ocorre nas regiões de altitudes acima de 500 metros, predominando a Araucária angustifólia, associada com mirtáceas, aquifoliáceas e outras.

A Floresta Ombrófila Mista Aluvial, conhecida também como floresta ripária ou mata ciliar, se desenvolve em ambientes abertos e beira de capões de lugares úmidos e até brejosos, vinculados a neossolos flúvicos, a gleissolos e, com menor frequência, a neossolo litólico, cambissolo e argissolo. Nas áreas com maior saturação hídrica, a espécie mais característica é o branquilha ou branquinho e, nas com menor grau de hidromorfia, ocorrem associações mais complexas com a Araucária angustifólia. As formações herbáceas são compostas por gramíneas cespitosas e alguns arbóreos. Ambos ocorrem alternadamente junto às margens e áreas de várzea do rio Iguaçu (CARMO, 2007, p. 100).

7. LEVANTAMENTOS ARQUEOLÓGICOS

Na bacia do rio Iguaçu, pesquisas arqueológicas sistemáticas foram desenvolvidas entre 1967 e 1969 com a realização do Pronapa⁹. O programa contava com o apoio do Smithsonian Institution, de Washington D. C., do Conselho Nacional de Pesquisas e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Este projeto objetivava a ampliação e, a sistematização dos estudos arqueológicos.

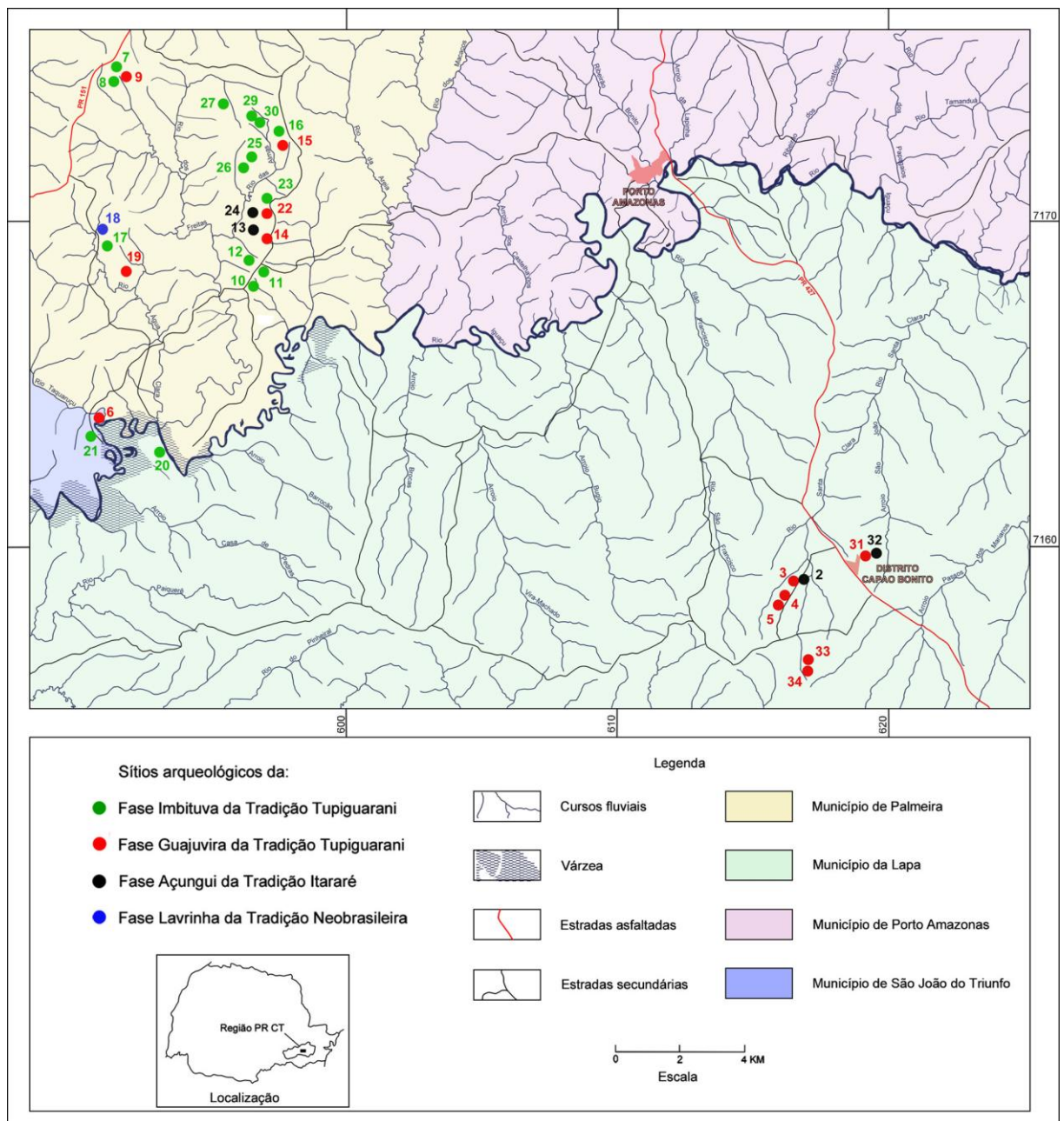


Figura 10. Localização dos sítios arqueológicos na área em estudo.

⁹ Pronapa - Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.

O objeto de estudo está localizado na Área 3 do Pronapa e compreende os Municípios paranaenses de Palmeira, Lapa e São João do Triunfo. Foram localizados 32 sítios arqueológicos, sendo 4 relacionados à fase Açungui da Tradição Itararé, 27 sítios da Tradição Tupiguarani, sendo 15 da fase Imbituva e 12 da fase Guajuvira e, 1 da fase Lavrinha, da Tradição Neobrasileira (Figuras 8 e 10).

Para o registro dos bens culturais, foi utilizado o sistema de identificação adotado pelo CEPA/UFPR. Caracteriza-se por um conjunto de letras e números, correspondentes ao Estado e região onde foram localizados e a sequência de achado, assim os sítios arqueológicos denominados PR CT correspondem à vestígios encontrados no Paraná (PR), na região de Curitiba e municípios adjacentes (CT), com seu número de registro e sua denominação particular.

7.1. Descrição dos sítios arqueológicos

7.1.1. Fase Açungui da Tradição Itararé

Os quatro sítios desta fase eram superficiais e estavam perturbados pelos trabalhos agrícolas. Foram localizados nas pesquisas desenvolvidas em dezembro de 1967. Apresentaram áreas variáveis entre 20 m de diâmetro (78,50 m²) e 30 x 20 m (471 m²). O material arqueológico ocorreu até 12 cm de profundidade.

PR CT 2 : Capão Bonito - 1 (Município da Lapa - PR)
Nº C. 370

Sítio cerâmico localizado a 1 km da margem esquerda do riacho Santa Clara, afluente da margem esquerda do rio Iguaçu. Distava aproximadamente 16 km da rodovia Curitiba – São Mateus do Sul e cerca de 2 km do Distrito de Capão Bonito. O local estava arado e com plantação de milho. O solo mostrava coloração marrom claro e textura arenosa. Não havia diferenciação na coloração do solo nas porções do terreno ocupado pelo material arqueológico. As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área com 20 x 15 m (235,50 m²) e não ultrapassavam 12 cm de profundidade.

PR CT 13: Santa Bárbara - 1 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 387

Sítio cerâmico localizado a 800 m da margem esquerda do Rio Freitas e, a cerca de 300 m do sítio PR CT 12. Estava 30 m a oeste de uma estrada secundária que conduzia à margem do rio Iguaçu. Ocupava o flanco de suave elevação, orientado em direção à estrada. O solo no local e nos arredores apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O terreno estava arado e com plantação de milho associado com feijão. As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 20 x 5 m (78,50 m²) e o material não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 24: Santa Bárbara - 7 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 400

Sítio cerâmico localizado a cerca de 300 m da margem esquerda do rio Freitas e, a 120 m do sítio PR CT 22. Encontrava-se a aproximadamente 80 m a oeste de uma estrada secundária que ligava a margem direita do rio Iguaçu com a Colônia Santa Bárbara. Ocupava o flanco de suave elevação voltada para a estrada. O local e os arredores apresentavam-se com plantação de milho e feijão. O solo mostrava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O material arqueológico ocorria em uma área com 20 m de diâmetro (314 m²) e não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 32: Rio Capivari - 2 (Município da Lapa - PR)

Nº C. 416

Sítio cerâmico localizado a aproximadamente 100 m da margem de um córrego e, a 20 m ao norte de uma estrada secundária. Ocupava o flanco de suave elevação. O terreno estava arado, com plantação de milho. O solo apresentava coloração marrom-claro, com textura areno-argilosa. O material arqueológico ocorria esparsamente e superficialmente em uma área com 30 x 20 m (471 m²) e não passava dos

12 cm de profundidade. A 30 m a sudoeste estava o sítio PR CT 31: Rio Capivari - 1, de Tradição Tupiguarani.

7.1.2. Fase Imbituva da Tradição Tupiguarani

Os 15 sítios desta fase eram superficiais e estavam perturbados pelos trabalhos agrícolas. Foram localizados nas pesquisas desenvolvidas em dezembro de 1967.

Os sítios apresentaram áreas variando de 10 m de diâmetro (78,50 m²) no sítio PR CT 17 a 100 x 80 m (6.280 m²) no sítio PR CT 7.

As camadas arqueológicas aprofundaram até 15 cm de profundidade nos sítios PR CT 7, PR CT 8, PR CT 11, PR CT 12, PR CT 25 e PR CT 27 e até 12 cm, nos sítios PR CT 10, PR CT 12, PR CT 16, PR CT 17, PR CT 20, PR CT 21, PR CT 23, PR CT 26, PR CT 29 e PR CT 30.

O solo era de coloração marrom-escuro, com textura areno-argilosa, nos sítios PR CT 7, 8 e PR CT 12. Na maioria dos sítios mostrava coloração marrom-clara, com a mesma textura, e foram assinalados devido à presença do material arqueológico na superfície.

As áreas eram, predominantemente, elípticas. Em três sítios foi possível a execução de coletas setorizadas, pois apresentaram espaços com concentrações de material arqueológico (PR CT 7, PR CT 12 e PR CT 21). Os sítios PR CT 10, PR CT 17 e PR CT 20, mostraram áreas circulares com 15, 10 e 12 m de diâmetro respectivamente. Suas coleções apresentaram pouco material arqueológico sendo desconsideradas pois poderiam modificar o resultado final da análise.

Na área do sítio PR CT 27 também foram coletados fragmentos de recipientes cerâmicos intrusivos correspondentes à fase Açungui, de Tradição Itararé.

PR CT 7: Fundão - 1 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 377, 378 e 379

Sítio localizado a 100 m da margem direita de um pequeno afluente do rio Freitas e, a aproximadamente 16,5 km da margem direita do rio Iguaçu. Ocupava o flanco de suave elevação perturbada em suas porções inferiores em decorrência da

abertura de uma estrada que ligava o Porto Cantagalo ao entroncamento rodoviário Palmeira-São João do Triunfo. No local o solo apresentava coloração marrom-escuro, quase preto, e textura areno-argilosa. Nos arredores, mostrava tonalidade marrom mais claro. Estava arado e com plantação de milho. As evidências arqueológicas ocorriam superficialmente em uma área com 100 x 80 m (6.280 m²). Coletas superficiais setorizadas foram efetuadas na área, sendo uma nas porções superiores, outra na parte central e, a terceira, na inferior. Com a estratigrafia perturbada era possível perceber, no entanto, que as evidências não ultrapassavam 15 cm de profundidade.

PR CT 8: Fundão - 2 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 380

Sítio localizado no flanco de uma elevação, a cerca de 200 m do sítio PR CT 7, de Tradição Itararé. Distava 200 m da margem direita de um córrego e aproximadamente 16,2 km da margem direita do rio Iguaçu. O solo apresentava coloração marrom-escuro e textura areno-argiloso. No local havia plantação de milho. O material arqueológico espalhava-se em uma área com 25 x 20 m (392,50 m²) e não ultrapassava 15 cm de profundidade.

PR CT 10: Três Morros - 1 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 382

Sítio localizado a 1 km da margem esquerda do rio Freitas, afluente da margem direita do rio Iguaçu e, a aproximadamente 2 km do mesmo. Ocupava o flanco de uma elevação suave. O solo apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O local estava arado e havia cultivo de milho e feijão. O material arqueológico ocorria esparsamente em uma área com 15 m de diâmetro (176,62 m²) e não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 11: Três Morros - 2 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 383

Sítio localizado a aproximadamente 1.100 m da margem esquerda do rio Freitas, 2.100 m da margem direita do rio Iguaçu e, a 100 m do sítio PR CT 10. Ocupava o flanco de uma elevação suave. No local e nos arredores o solo apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. Estava arado e com plantação de milho. O material arqueológico ocorria superficialmente em uma área com 15 x 10 m (117,75 m²) e não ultrapassava 15 cm de profundidade.

PR CT 12: Três Morros - 3 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 384, 385 e 386

Sítio localizado a 400 m do sítio PR CT 11, a aproximadamente 1 km da margem esquerda do rio Freitas e a cerca de 3 km da margem direita do rio Iguaçu. Ocupava o flanco de suave elevação. O local estava arado e com plantação de milho. O solo era de coloração marrom-escuro e textura areno-argilosa; nos arredores mostrava tonalidade mais clara. O material arqueológico ocorria em uma área com 80 x 70 m (4.396 m²) e não ultrapassava 15 cm de profundidade. No local foram realizadas três coletas superficiais setorizadas.

PR CT 16: Santa Bárbara - 4 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 390

Sítio localizado a aproximadamente 400 m da margem esquerda do rio Freitas, 6 km da margem direita do Iguaçu e, 300 m do sítio PR CT 15. Ocupava o flanco de suave elevação. O solo mostrava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O local estava com cultivo de milho associado com feijão. O material arqueológico era esparso e espalhava-se em uma área com 20 x 15 m (235,50 m²). A camada não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 17: Monjolinho (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 391

Sítio localizado a 400 m da margem esquerda do rio Água Clara e a 6 km da margem direita do rio Iguaçu. Situava-se no topo de pequena elevação com

encostas voltadas em direção ao rio curso fluvial. O local estava arado, com plantação de arroz. O material arqueológico ocorria esparsamente em uma área com 10 m de diâmetro (78,50m²) e não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 20: Paredões (Município da Lapa - PR)

Nº C. 394

Sítio localizado a 400 m da margem esquerda do rio Iguaçu e a aproximadamente 2 km do Porto da Balsa de Cantagalo. Ocupava o flanco de uma elevação pronunciada. O local estava arado, com plantação de milho e feijão. O solo apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. As evidências arqueológicas ocorriam esparsamente em uma área com 12 m de diâmetro (113,04 m²). Era rarefeito e não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 21: Taquaruçu - 2 (Município de São João do Triunfo - PR)

Nº C. 395, 396 e 397

Sítio localizado a 400 m da margem direita do rio Iguaçu e, a 1.200 m da margem direita do rio Taquaruçu. Ocupava o flanco de uma elevação. O local estava arado, com plantação de milho e feijão. O solo apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O material arqueológico era numeroso e ocorria superficialmente em uma área com 30 x 20 m (471 m²). No local foram realizadas três coletas superficiais. A camada arqueológica não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 23: Santa Bárbara - 6 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 399

Sítio localizado a aproximadamente 150 m da margem esquerda do rio Freitas, a cerca de 4,5 km da margem direita do rio Iguaçu. Encontrava-se a 60 m do sítio PR CT 22, ocupando o mesmo flanco da elevação. O solo, de textura areno-argilosa, mostrava coloração marrom-claro nos arredores. Na área do sítio apresentava tonalidade mais escura. No local havia plantação de milho. O material

arqueológico ocorria em uma área com 15 x 10 m (117,75 m²). Era esparso e não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 25: Santa Bárbara - 8 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 401

Sítio cerâmico localizado a 300 m da margem direita do rio das Almas, afluente do rio Freitas. Encontrava-se a aproximadamente 7 km da margem esquerda do rio Iguaçu e, a 300 m a oeste de uma estrada que conduzia à cidade de Palmeira. O terreno apresentava-se arado, com plantação de milho a leste e um parreiral de uva a oeste. O solo mostrava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. As evidências arqueológicas ocorriam superficialmente em uma área com 30 x 25 m (588,75 m²) e não ultrapassava 15 cm de profundidade.

PR CT 26: Santa Bárbara - 9 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 402

Sítio encontrado a 300 m da margem esquerda do rio Freitas, a 400 m da margem direita do rio das Almas e, a aproximadamente 100 m do sítio PR CT 25. Ocupava o flanco de uma elevação suave. O local estava arado, com plantação de milho. O solo apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O material arqueológico ocorria esparsamente pela superfície, em uma área com 20 x 15 m (255 m²), e não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 27: Santa Bárbara - 10 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 403, 404 e 405

Sítio localizado a 200 m da margem direita do rio das Almas e, a aproximadamente 9 km da margem direita do rio Iguaçu. Ocupava o flanco de uma elevação íngreme voltada para o rio das Almas. O local mostrava-se arado, com plantação de milho. Na porção sul do sítio havia capoeira, mas permaneciam sinais evidentes de antigas roças. Apresentava solo de coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O material arqueológico era numeroso. Ocorria superficialmente em

uma área com 35 x 30 m (824,25 m²). No sítio foram executadas três coletas superficiais setorizadas. Cortes-experimentais também foram realizados. Evidenciaram que a camada arqueológica não ultrapassava 15 cm de profundidade. A aproximadamente 40 m ao sul do sítio havia um abrigo-sob-rocha sem evidências de ocupação humana pretérita.

PR CT 29: Santa Bárbara - 12 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 407

Sítio arqueológico localizado a 100 m da margem direita do rio Freitas e, a 140 m da margem esquerda do rio das Almas. Ocupava o flanco de uma elevação suave voltada para o rio Freitas, na sua confluência com o rio das Almas. O solo apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O local estava arado, com plantação de milho. O material arqueológico ocorria de maneira esparsa e rarefeita em uma área com 15 x 10 m (117,75 m²). Cortes-experimentais mostraram que a camada arqueológica não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 30: Santa Bárbara - 13 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 408

Sítio cerâmico localizado a 30 m da margem direita do rio Freitas e, a cerca de 80 m do sítio PR CT 29. Ocupava o flanco da mesma elevação do sítio anterior, mas voltado para o vale do rio Freitas. O terreno apresentava-se arado, com plantação de milho. O solo era de coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O material arqueológico ocorria superficialmente em uma área com 20 x 15 m (235,50 m²). Diversos cortes-experimentais foram realizados, evidenciando que o material não ultrapassava 12 cm de profundidade.

7.1.3. Fase Guajuvira da Tradição Tupiguarani

Os 12 sítios desta fase eram superficiais e estavam perturbados pelos trabalhos agrícolas. Foram localizados nas pesquisas desenvolvidas em dezembro de 1967.

Apresentaram áreas variando de 10 m de diâmetro (78,50 m²) no sítio PR CT 22 a, 30 x 25 m (588,75 m²), no sítio PR CT 14.

As camadas arqueológicas aprofundaram até 15 cm de profundidade nos sítios PR CT 4, PR CT 5, PR CT 6, PR CT 14, PR CT 15, PR CT 19 e PR CT 31 e até 12 cm, nos sítios PR CT 3, PR CT 9, PR CT 22, PR CT 33 e PR CT 34.

O solo mostrava coloração marrom-escuro, com textura areno-argilosa, apenas nos sítios PR CT 9 e PR CT 14. Nos demais mostrava a mesma textura, porém com coloração marrom-claro. A maioria dos sítios foi assinalada pelas concentrações de material arqueológico na superfície. Quatro sítios apresentaram áreas circulares (PR CT 5, PR CT 15, PR CT 22 e PR CT 31) e os demais, áreas elípticas.

Nas áreas dos sítios PR CT 14 e PR CT 15 também foram coletados fragmentos de recipientes cerâmicos intrusivos correspondentes à fase Açungui, de Tradição Itararé.

Apenas o sítio PR CT 22, com área de 10 m de diâmetro, apresentou pouco material arqueológico e foi desconsiderado, porque poderia modificar o resultado final da análise.

As análises realizadas apontaram contemporaneidade das fases Imbituva e Guajuvira da Tradição Tupiguarani.

PR CT 3: Capão Bonito - 2 (Município da Lapa - PR)

Nº C. 371

Sítio cerâmico localizado a aproximadamente 80 m do sítio PR CT 2, ocupando o flanco da mesma elevação. Situava-se nas cabeceiras do riacho Santa Clara, afluente da margem esquerda do rio Iguaçu. O solo era de coloração marrom-claro e textura arenosa. Não havia diferenciação na coloração do solo nas porções do terreno ocupado pelo material arqueológico. O local fora arado e estava com plantação de milho. Os restos arqueológicos ocorriam em uma área com 20 m de diâmetro (314 m²) e não ultrapassavam 12 cm de profundidade.

PR CT 4: Plantação de Fumo - 1 (Município da Lapa - PR)

Nº C. 372

Sítio cerâmico localizado ao sul de uma estrada secundária e a cerca de 2 km a sudoeste da localidade de Capão Bonito. Situava-se a cerca de 700 m a sudoeste do sítio PR CT 3 e distava aproximadamente 3 km das nascentes do riacho Santa Clara. Córregos eram vistos nas proximidades do sítio, a cerca de 200 m de distância. Encontrava-se entre a casa do proprietário e um secador de fumo. O terreno estava arado e com plantação de fumo. O solo mostrava textura arenosa e era de coloração marrom-claro. As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área com 20 x 15 m (235,50 m²). Em um ponto que se encontrava intacto, situado na porção central do sítio, foi aberto um corte-estratigráfico com 2 m². Nele as evidências foram encontradas até 15 cm de profundidade, embora ocorressem em maior quantidade entre 5 e 12 cm.

PR CT 5: Plantação de Fumo - 2 (Município da Lapa - PR)

Nº C. 373

Sítio cerâmico localizado a 300 m a sudoeste do sítio PR CT 4. Distava cerca de 3 km das nascentes do riacho Santa Clara. Córregos menores estavam a 200 m do sítio. O solo era arenoso e de coloração marrom-claro. O local estava com cultivo de fumo e fora perturbado pelo arado. As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 20 m de diâmetro (314 m²) e ocorriam até 15 cm de profundidade. Abaixo era estéril e o solo se tornava mais argiloso.

PR CT 6: Taquaruçu - 1 (Município de São João do Triunfo - PR)

Nº C. 374, 375 e 376

Sítio cerâmico localizado a 80 m da margem direita do rio Taquaruçu e, a 60 m da sua foz na margem direita do rio Iguaçu. Ocupava o flanco de uma elevação pronunciada orientada para os rios, a cerca de 20 m de altura em relação aos cursos fluviais. O local estava arado e com plantação de milho. O solo apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área com 25 x 20 m (392,50 m²) e não ultrapassavam 15 cm de profundidade. No local foram realizadas três coletas superficiais setorizadas.

PR CT 9: Fundão - 3 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 381

Sítio cerâmico localizado a 150 m da margem direita de um córrego, afluente do rio Freitas, a 200 m do sítio PR CT 8 e, ao sul da estrada que conduzia ao entroncamento Palmeira - São João do Triunfo. Ocupava o flanco de uma elevação suave. O solo apresentava coloração marrom-escuro e textura areno-argilosa. O local estava arado e com plantação de milho. O material arqueológico ocorria esparsamente em uma área de 25 x 20 m (392,50 m²) e ocorria até 12 cm de profundidade.

PR CT 14: Santa Bárbara - 2 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 388

Sítio cerâmico localizado a 900 m da margem esquerda do rio Freitas, a 500 m da margem de um córrego, a aproximadamente 80 m do sítio PR CT 13 e, a 50 m a leste de uma estrada vicinal que conduzia à margem do rio Iguaçu. Ocupava o flanco de uma elevação suave orientado para a estrada. O solo apresentava textura areno-argilosa e coloração marrom-escuro. Nos arredores a sua tonalidade era mais clara. No local havia plantação de milho e feijão. As evidências arqueológicas eram numerosas e ocorriam em uma área com 30 x 25 m (588,75 m²), porém não ultrapassavam 15 cm de profundidade.

PR CT 15: Santa Bárbara - 3 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 389

Sítio cerâmico localizado a aproximadamente 500 m da margem esquerda do rio Freitas e, a 80 m a oeste de uma estrada vicinal que ligava a margem do rio Iguaçu com a Colônia Santa Bárbara. Ocupava o flanco de uma elevação suave orientada para a estrada. O solo, no local e nos arredores, apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O terreno estava arado e com plantação de milho. As evidências arqueológicas ocorriam em uma área com 20 m de diâmetro (314 m²) e não ultrapassavam 15 cm de profundidade.

PR CT 19: Água Clara - 2 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 393

Sítio cerâmico localizado a 100 m da margem esquerda do rio Água Clara, a aproximadamente 300 m do sítio PR CT 17 e, a 80 m a leste de uma estrada secundária que ligava a margem direita do rio Iguaçu ao entroncamento da estrada Palmeira - São João do Triunfo. Ocupava o flanco de uma elevação pronunciada orientada para a estrada. O local estava arado e com plantação de milho. O solo apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O material arqueológico ocorria esparsamente em uma área com 15 x 10 m (117,75 m²) e não ultrapassava 15 cm de profundidade.

PR CT 22: Santa Bárbara - 5 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 398

Sítio cerâmico localizado a 400 m de distância do sítio PR CT 14 e, 80 m do lado direito de uma estrada de acesso à Colônia Santa Bárbara. Ocupava o flanco de uma elevação suave. O terreno estava arado, com plantação de milho e feijão. O solo apresentava coloração marrom-claro, com textura areno-argilosa. O material arqueológico ocorria esparsamente em uma área com 10 m de diâmetro (78,50 m²). A camada arqueológica não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 31: Rio Capivari - 1 (Município da Lapa - PR)

Nº C. 415

Sítio cerâmico localizado a aproximadamente 100 m da margem de um córrego e a 10 m ao norte de uma estrada secundária. Ocupava o flanco de suave elevação. O terreno estava arado e com plantação de milho. O solo apresentava coloração marrom-claro, com textura areno-argilosa. O material arqueológico ocorria esparsamente e superficialmente em uma área com 20 m de diâmetro (314 m²) e não ultrapassava 15 cm de profundidade. A 30 m a nordeste situava-se o sítio PR CT 32: Rio Capivari - 2, de Tradição Itararé.

PR CT 33: Capão Bonito - 3 (Município da Lapa - PR)

Nº C. 417

Sítio cerâmico localizado ao lado de uma estrada secundária que conduzia às nascentes do rio Soares. Ocupava o flanco de uma elevação suave. O terreno estava arado, com plantação de milho e, o solo apresentava coloração marrom-claro com textura areno-argilosa. O material arqueológico ocorria esparsa e superficialmente em uma área com 20 x 15 m (235,50 m²) e não ultrapassava 12 cm de profundidade.

PR CT 34: Capão Bonito - 4 (Município da Lapa - PR)

Nº C. 418

Sítio cerâmico localizado 60 m a sudeste do sítio PR CT 33. Ocupava o mesmo flanco da elevação. Situava-se ao lado de uma estrada secundária que dava acesso às nascentes do rio Soares. O terreno estava arado, com plantação de milho. O solo apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O material arqueológico ocorria esparsa e superficialmente em uma área com 30 x 20 m (471 m²) e não ultrapassava 12 cm de profundidade.

7.1.4. Fase Lavrinha da Tradição Neobrasileira

Apenas um sítio foi vinculado à fase Lavrinha, relacionada à Tradição Neobrasileira. Era superficial e estava perturbado pelos trabalhos agrícolas.

PR CT 18: Água Clara - 1 (Município de Palmeira - PR)

Nº C. 392

Sítio cerâmico localizado a aproximadamente 200 m de um afluente do rio Água Clara. Encontrava-se a 250 m do sítio PR CT 17 e, a 300 m do lado leste de uma estrada secundária de acesso a um porto no rio Iguaçu ao entroncamento da PR-151, que atualmente interliga as cidades de Palmeira e São João do Triunfo. Ocupava o topo de pequena elevação situada no fundo do vale. O solo, no local e

nos arredores, apresentava coloração marrom-claro e textura areno-argilosa. O terreno estava arado e com plantação de milho e feijão. O material arqueológico ocorria esparsa e superficialmente por uma área com 20 x 15 m (235,50 m²), até 12 cm de profundidade.

Nos 32 sítios arqueológicos cadastrados na área em estudo foram executadas coletas superficiais; raros possibilitaram a abertura de cortes-estratigráficos devido à descaracterização da camada arqueológica pelas atividades agrícolas. O material coletado foi analisado ainda da década de 60, pelo Prof. Dr. Igor Chmyz e será detalhado no próximo capítulo.

Como o enfoque de nosso trabalho está limitado ao estudo do vasilhame cerâmico, não abordaremos a análise do material lítico.

8. DESCRIÇÃO DO ACERVO ARQUEOLÓGICO

As pesquisas arqueológicas realizadas entre 1967 e 1969, durante o desenvolvimento do Pronapa, resultaram na obtenção de material cerâmico e lítico relacionados às tradições Itararé, Tupiguarani e Neobrasileira. Esse material, estudado pelo Prof. Dr. Igor Chmyz, possibilitou ao pesquisador o estabelecimento das fases Açungui, vinculada à Tradição Itararé, Imbituva e Guajuvira, relacionadas à Tradição Tupiguarani e Lavrinha à Tradição Neobrasileira.

Durante a realização dos levantamentos dos dados que compõem a monografia, tentou-se localizar o material em pauta. Este, de acordo com informações do Prof. Igor Chmyz, foi incorporado no acervo do então MAAP¹⁰ em 1975, permanecendo em Curitiba apenas coleções tipo das fases Açungui, Imbituva, Guajuvira e Lavrinha. Solicitação para acesso ao acervo depositado na reserva técnica do atual MAE¹¹ foi encaminhada à sua direção. Atendidos no nosso pedido constatamos, no entanto, que somente pequena parte dela encontrava-se no local, mas misturado a outras coleções.

Inviabilizada a nossa proposta inicial que era, através de várias análises, estabelecer diferenças entre sítios arqueológicos comparando os processos de fabricação, a variação das formas e o uso dos recipientes cerâmicos visando determinar matematicamente a variabilidade espacial e diacrônica dessas amostras através dos Testes de Cluster e de Componente Principal nos baseamos, para a elaboração da nossa dissertação, na análise e descrição efetuada por Igor Chmyz, a qual foi por ele gentilmente cedida.

As coleções, antes de passarem pelo processo de análise, foram preparadas para evitar o estabelecimento de uma tipologia distorcida através da contagem repetida de uma mesma peça. Primeiramente foram abertas separadamente, procurando-se reunir os fragmentos de uma peça entre os componentes da mesma coleção.

A análise das coleções foi efetuada em seguida à sua preparação, obedecendo-se a ordem sequencial de coleta. Consistiu na separação das evidências que as compunham, formando-se grupos de peças cerâmicas e líticas.

¹⁰ Museu de Arqueologia e Artes Populares da UFPR.

¹¹ Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR.

Cada grupo, em seguida, foi analisado de acordo com as particularidades que apresentavam.

Preliminarmente, os fragmentos cerâmicos de uma coleção foram separados em dois grupos distintos: um representado pelos vasilhames com acabamento simples da superfície e, outro, pelos recipientes que receberam, como acabamento, algum motivo decorativo.

Na classificação da cerâmica simples da Tradição Tupiguarani, os fragmentos foram agrupados, ainda, observando-se a granulometria dos antiplásticos em Simples com Antiplástico Grosso e Simples com Antiplástico Fino.

Após esta separação, os fragmentos com superfícies simples foram analisados detalhadamente quanto à composição de sua pasta, sendo considerado o método de manufatura, a natureza e a granulometria dos antiplásticos, a sua textura, a cor do seu núcleo e a queima. Em relação à superfície dos recipientes foi observada a cor das faces, o tratamento de superfície recebido e a sua dureza, esta estabelecida segundo a escala mineralógica de F. Mohs. Foram consideradas ainda, a forma das vasilhas, as bordas, bases e a espessura da parede do corpo das peças.

O grupo de recipientes que apresentaram motivos decorativos foi, da mesma forma, analisado quanto à composição da pasta e superfície, acrescentando-se ainda, a análise da decoração, a qual consistiu na verificação da técnica empregada para sua obtenção e no motivo resultante. Foi comum, também, o uso de técnicas decorativas associadas em uma mesma peça, as quais foram consideradas separadamente.

Na ausência de peças completas, os fragmentos de bordas, bojós e bases constatados tiveram seus perfis desenhados. As bordas foram usadas, ainda, para determinar o diâmetro da boca. Cada perfil foi identificado pelo respectivo número de catálogo da coleção, o que possibilitou a contagem da frequência das variedades em cada amostra.

Os perfis de bordas desenhados foram utilizados para a reconstrução gráfica da forma do recipiente e subsequente classificação morfológica. A classificação das formas permitiu agrupá-las segundo suas semelhanças, mostrando a incidência de cada variação e determinando as formas dos vasilhames mais recorrentes.

O estudo da morfologia do acervo de cada sítio permitiu verificar o nível de desenvolvimento tecnológico e social do grupo produtor e suas mudanças através do tempo, pois as formas são indicadores sensíveis da estandarização da manufatura cerâmica. Da mesma maneira, possibilitou a correlação com as coleções provenientes de outros sítios que apresentaram características em comum.

8.1. Descrição do material da fase Açungui da Tradição Itararé.

As evidências recolhidas através de coletas superficiais nos sítios PR CT 2, PR CT 13, PR CT 24 e PR CT 32 proporcionaram 252 fragmentos cerâmicos.

As variedades da cerâmica simples, com relação à granulometria do antiplástico compreenderam: a fina, quando os antiplásticos não ultrapassaram 1 mm de comprimento e, a grossa, quando acima de 1 mm. Neste último foram constatados grânulos de quartzo leitoso até 4 mm e, raros de hematita, até 2 mm de espessura.

No sítio PR CT 13 a matéria-prima básica dos recipientes era constituída por argila naturalmente misturada com areia entre 1 e 5 mm. Nos outros sítios a análise da pasta dos fragmentos revelou que o antiplástico era composto, também, por grânulos arredondados e angulosos de quartzo leitoso até 4 mm, predominando 1 mm, sendo rara a presença de grânulos arredondados de hematita até 2 mm.

A técnica empregada para a confecção da maioria das vasilhas foi a acordelada; ocorreram, entretanto, algumas modeladas. A maioria dos fragmentos apresentou acabamento superficial simples, mostrando-se trincados ou erodidos, expondo o antiplástico na superfície.

A dureza da superfície das peças variou de 2,5 a 3,5, predominando 3, conforme a escala de Mohs.

Frequentemente os fragmentos dos recipientes apresentaram a superfície e o núcleo de tonalidades marrom-avermelhado e cinza-escuro. Poucos mostraram coloração marrom-claro. Entre os núcleos, raros eram marrom-claro. Alguns fragmentos conservavam restos de fuligem, principalmente na face interna.

Para obtenção da espessura da parede dos recipientes as medidas foram tomadas sempre na porção do bojo. Verificou-se assim que, entre a cerâmica simples com antiplástico grosso, a espessura da parede variou entre 1,5 e 7 mm,

predominando entre 4 e 5 mm e, na simples com antiplástico fino variou entre 2 e 6 mm (Figura 11).

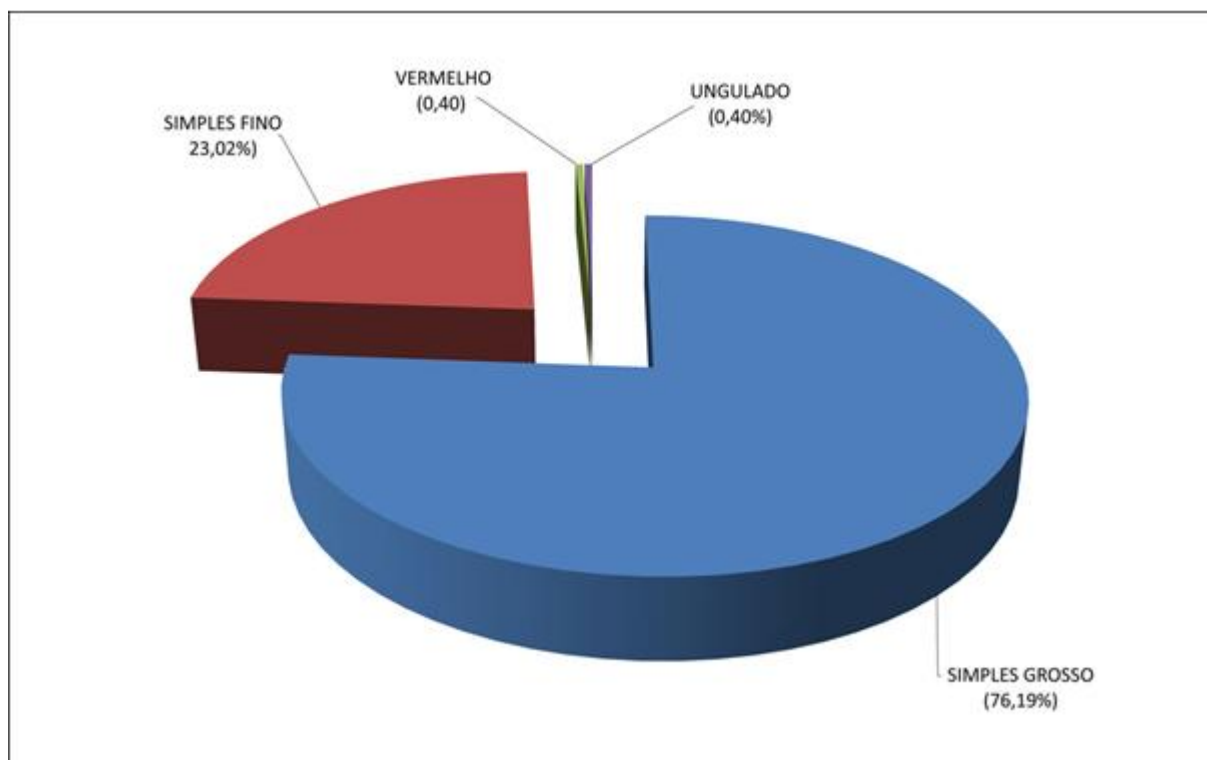


Figura 11. Frequência do material cerâmico nos sítios da fase Açungui da Tradição Itararé.

Os lábios eram arredondados e apontados. A poucas bases registradas foram predominantemente convexas; poucas côncavas e planas.

Em relação à tipologia, a cerâmica simples com antiplástico grosso foi representada por 192 peças, correspondendo a 76,19% do acervo; aquelas com antiplástico fino, correspondentes a 58 exemplares, representaram 23,02%.

Variações decorativas foram registradas somente no sítio PR CT 2. Estavam representadas por um exemplar com delgada camada de engobo vermelho nas duas faces e, outro, com ungulações associadas a incisões não ordenadas. Neste caso limitavam-se à face externa. Os fragmentos representaram 0,40% da coleção respectivamente (Figura 11).

Foram classificadas 10 formas de vasilhas (Figura 12 e Tabela 1). A morfologia dos recipientes cerâmicos foi estabelecida com base em porções que continuamente apresentaram borda e bojo, sendo reconstituídas pequenas tigelas fundas com bojo cilíndrico, em meia calota, cônico, meia esfera e globular (formas 1,

2, 3, 5 e 5A), panela com bojo circular (forma 7) e jarros (formas 8, 9 10 e 11), com bojos cônicos e globulares.

Tabela 1. Frequência das formas nos tipos de decoração nos sítios da fase Açungui.

	FORMAS											
	1	2	3	5	5A	7	8	9	10	11	TOTAL	%
DECORAÇÃO												
SIMPLES GROSSO	4	1	1	1	2	1	1	5	8	2	26	68,42
SIMPLES FINO	3		3	-	-	-	-	2	3	-	11	28,95
VERMELHO	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2,63
TOTAL	7	1	4	1	2	1	1	7	12	2	38	
%	18,42	2,63	10,53	2,63	5,26	2,63	2,63	18,42	31,58	5,26		100%

Nessa classificação, além do aspecto funcional dos recipientes, foram observados detalhes técnicos construtivos das bordas. As formas apresentaram variação na sua porção superior, sendo constatadas bordas diretas, extrovertidas, expandidas e reforçadas externamente.

Baseados em fragmentos de bordas, bojos e bases, no vasilhame do tipo **Simples Grosso** foi possível a reconstituição das seguintes formas:

Forma 10: 8 recipientes com 9 a 16 cm de diâmetro na boca, predominando de 12 a 14 cm.

Forma 9: 5 recipientes com 12(2), 14(2) e 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 1: 4 recipientes com 12, 14 e 22(2) cm de diâmetro na boca.

Forma 5A: 2 recipientes com 12 e 16 cm de diâmetro da boca

Forma 11: 2 recipientes com 12 e 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 2: 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 3: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 5: 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

Forma 7: 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

Forma 8: 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

No vasilhame do tipo **Simples Fino** foram reconstituídas as formas:

Forma 1: 3 recipientes com 10, 16 e 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 3: 3 recipientes com 12 e 18(2) cm de diâmetro na boca.

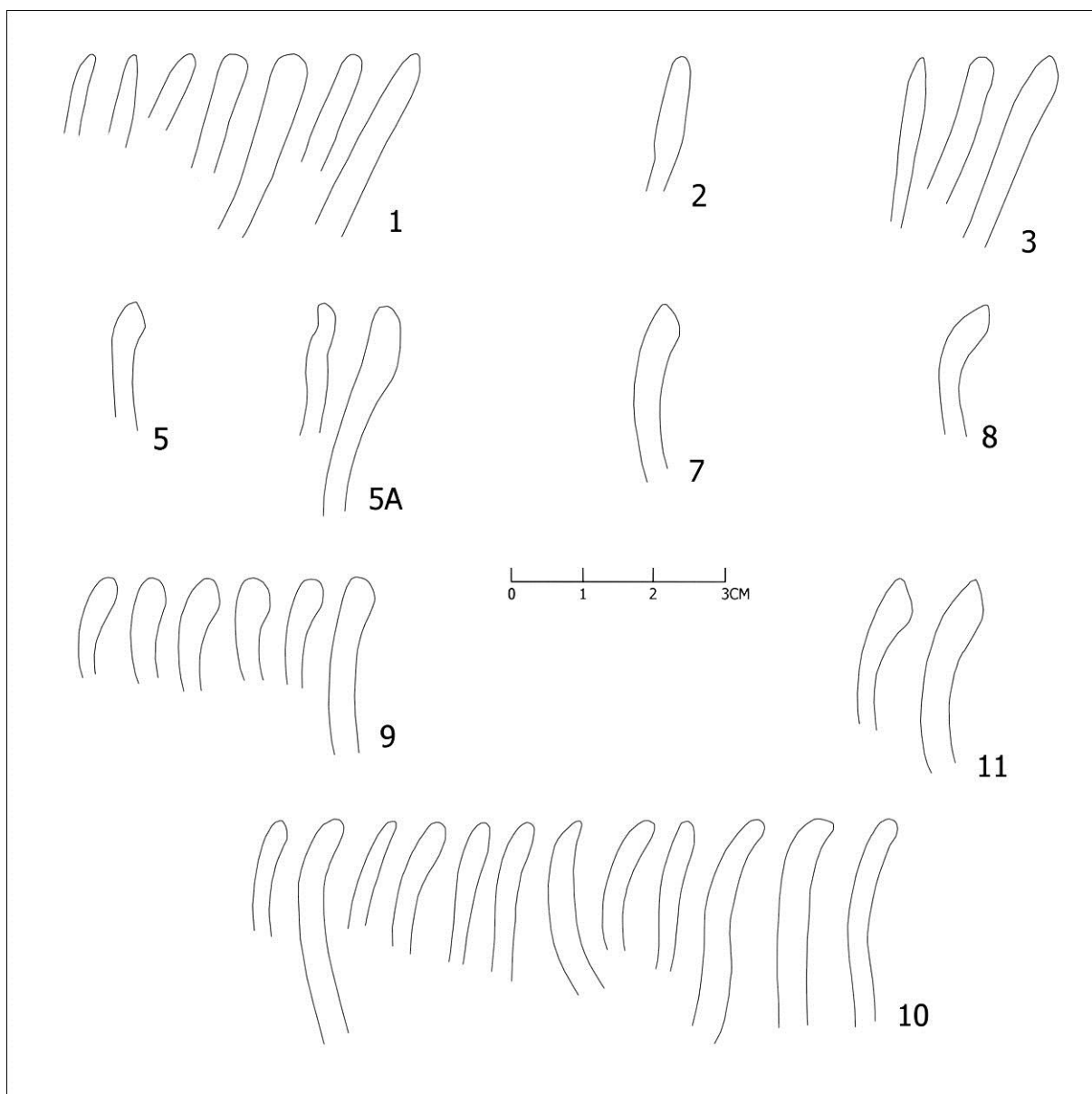


Figura 12. Perfis de bordas correspondentes às formas 1, 2, 3, 5, 5A, 7, 8, 9, 10 e 11 da fase Açungui.

Forma 10: 3 recipientes com 8, 12 e 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 9: 2 recipientes com 10 cm de diâmetro na boca.

No tipo **Engobo Vermelho** somente uma vasilha com 15 cm de diâmetro na boca pode ser reconstituída. Corresponde à Forma 10.

Entre as evidências líticas, destaca-se um virote procedente do sítio PR CT 2.

A análise demonstrou que tanto em relação à morfologia como a tipologia que o material obtido não apresentou evidências de interação cultural.

8.2. Descrição do material da Tradição Tupiguarani

8.2.1. Fase Imbituva

Três mil quatrocentos e vinte e quatro fragmentos de recipientes confeccionados pela técnica acordelada foram obtidos, através de coletas superficiais, nos sítios desta fase. De sua classificação e análise resultaram 20 modalidades de acabamento ou decoração (Figura 13 e Tabela 2).

Entre os tipos com superfície simples, a diferenciação foi realizada baseando-se na granulometria dos antiplásticos utilizados na pasta. Assim, aqueles fragmentos que apresentaram antiplástico com dimensões maiores que 2 mm foram classificados como Simples Grossos e, aqueles com antiplásticos menores, com dimensões até 2 mm, como Simples Finos. Nos recipientes, confeccionados pela técnica acordelada, geralmente os roletes eram bem visíveis na fratura recente.

Baseado em fragmentos de bordas, bojos e bases foram reconstituídas 28 formas do vasilhame. Estão representadas por pratos e tigelas em meia calota e hemisféricos, jarros globulares e ovóides e painéis globulares e cônicos com carena (Figura 14).

Quanto às bordas dos vasilhames ocorreram bordas diretas introvertidas, extrovertidas, inclinadas externamente expandidas, contraídas, reforçadas internamente e cambadas.

Predominaram lábios arredondados, raramente planos, apontados e biselados.

As vasilhas apresentaram bases convexas, cônicas e planas.

Em relação à tipologia, a variedade Simples Grosso, representada por 751 exemplares (21,93%) apresentou, como antiplástico, grande quantidade de cerâmica triturada até 7 mm de diâmetro, fragmentos de rocha até 4 mm, grânulos de hematita e bolas de argila clara até 3 mm. Com menor frequência ocorreram fragmentos de carvão vegetal até 5 mm de diâmetro. A espessura da parede dos recipientes variou entre 4 e 30 mm, predominando de 8 a 12 mm.

Tabela 2. Frequência do material cerâmico nos sítios da fase Imbituva.

			SIMPLES GROSSO	SIMPLES FINO	VERMELHO	PINTADO	CORRUGADO UNGULADO	CORRUGADO LEVE	CORRUGADO COMPLICADO	CORRUGADO ESPATULADO	ESCOVADO	UNGULADO	UNGULADO TANGENTE	SERRUNGULADO	INCISO	ENTALHADO	PONTEADO	DIGITUNGULADO	CARIMBADO	MARCADO COM MALHA	MARCADO COM CESTARIA	MARCADO COM TECIDO	TOTAL	%	
SÍTIO	CORTE	N.º C																							
PR CT 7	COL. A	377	28	24	31	57	89	9	-	15	-	50	-	-	1	5	-	-	-	-	-	-	309	9,02	
PR CT 7	COL. B	378	9	9	15	30	67	7	-	2	-	24	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	165	4,82	
PR CT 7	COL. C	379	45	20	50	80	158	13	-	24	-	62	-	-	1	18	-	-	-	-	-	-	471	13,76	
PR CT 8	SUP	380	46	31	17	29	17	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	142	4,15	
PR CT 10	SUP	382	2	8	2	-	6	-	-	2	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	26	0,76	
PR CT 11	SUP	383	28	9	13	21	-	-	-	-	3	22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18	114	3,33
PR CT 12	COL. A	384	63	26	28	38	17	-	-	-	-	11	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	186	5,43	
PR CT 12	COL. B	385	40	14	12	24	5	-	-	-	-	3	2	-	-	-	2	-	-	-	-	-	102	2,98	
PR CT 12	COL. C	386	28	11	35	24	5	-	-	-	-	3	4	-	-	-	-	1	-	-	-	-	111	3,24	
PR CT 16	SUP	390	22	9	12	9	7	-	-	-	-	22	4	-	-	-	1	-	-	-	-	-	7	93	2,72
PR CT 17	SUP	391	2	2	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	22	0,64
PR CT 20	SUP	394	15	8	9	-	3	-	-	-	-	11	5	-	-	-	3	-	-	-	-	-	9	63	1,84
PR CT 21	COL. A	395	87	20	54	46	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	213	6,22
PR CT 21	COL. B	396	100	33	62	42	3	-	-	-	-	11	7	-	-	1	-	-	-	-	-	-	7	266	7,77
PR CT 21	COL. C	397	70	25	37	30	2	-	-	-	-	1	2	2	-	2	-	-	-	-	-	-	1	172	5,02
PR CT 23	SUP	399	48	19	23	23	31	-	-	-	2	9	26	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	181	5,29
PR CT 25	SUP	401	24	8	33	34	1	-	-	-	-	27	9	-	-	3	5	-	-	-	-	-	9	153	4,47
PR CT 26	SUP	402	28	12	4	20	8	-	-	-	-	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	80	2,34	
PR CT 27	COL. A	403	21	16	29	9	8	4	-	4	-	18	6	1	1	-	-	1	-	8	-	-	17	143	4,18
PR CT 27	COL. B	404	19	12	13	24	37	4	2	10	-	10	22	-	1	-	1	-	-	1	-	-	5	161	4,70
PR CT 27	COL. C	405	12	7	8	13	20	4	-	9	-	9	9	-	1	2	2	-	-	2	-	-	11	109	3,18
PR CT 29	SUP	407	-	-	4	4	2	-	-	-	-	24	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	34	0,99	
PR CT 30	SUP	408	14	6	12	8	14	-	-	-	-	26	20	-	-	2	-	-	-	-	-	-	6	108	3,15
TOTAL			751	329	503	565	500	41	2	66	5	370	118	3	5	34	14	2	1	11	1	103	3424		
%			21,93	9,61	14,69	16,50	14,60	1,20	0,06	1,93	0,15	10,81	3,45	0,09	0,15	0,99	0,41	0,06	100,00	0,32	0,03	3,01		100%	

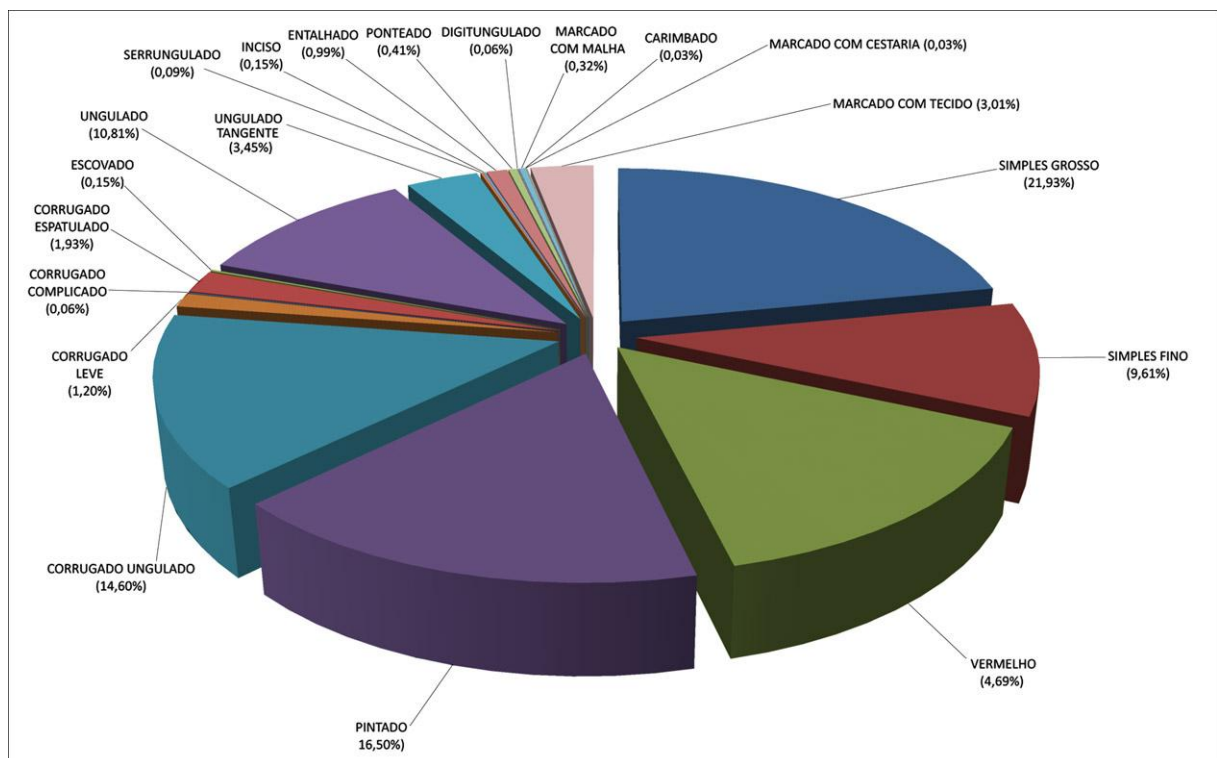


Figura 13. Frequência do material cerâmico nos sítios da fase Imbituva.

Da preparação e análise do vasilhame, foram reconstituídas as seguintes formas:

Forma 14: 8 recipientes com diâmetro da boca variando de 8 a 24 cm, predominando de 14 a 22 cm.

Forma 1: 7 recipientes com diâmetro da boca variando de 14 a 24 cm.

Forma 22: 7 recipientes com diâmetro da boca variando de 10 a 22 cm.

Forma 24: 6 recipientes com diâmetro da boca variando de 12 a 20 cm.

Forma 15: 4 recipientes com 16(2) e 24(2) cm de diâmetro na boca.

Forma 36A: 3 recipientes com 12(2) e 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 20: 2 recipientes com 16 e 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 25: 2 recipientes com 12 e 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 29: 2 recipientes com 10(2) cm de diâmetro

Forma 8: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 17: 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 26: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 27: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 31: 1 recipiente com 26 cm de diâmetro na boca.

Forma 36: 1 recipiente com 28 cm de diâmetro na boca.

Uma peça permaneceu sem classificação (SC). De formato elíptico, assemelhava-se à Forma 14.

Na coleção foi possível observar a presença de traços de **Interação** com grupos da fase Açungui, relacionados à Tradição Itararé. Estavam representados por recipientes com Formas 2 (PR CT 7) e 9 (PR CT 21). Nelas, o diâmetro da boca foi de 10 cm junto à primeira e, 20 cm na segunda.

Em 329 exemplares do tipo Simples Fino (9,61%), predominou grande quantidade de areia, com grãos menores que 0,5 mm até 1 mm de comprimento. Ocorreram, também, bolas de argila queimada, cerâmica triturada e fragmentos de quartzo leitoso e hialino até 2 mm, predominando 1 mm. A espessura da parede dos recipientes variou de 3 a 20 mm, predominando de 7 a 10 mm.

Com base em fragmentos de bordas, bojos e bases, foi possível a reconstituição das formas:

Forma 1: 17 recipientes com diâmetro de boca variando de 12 a 32 cm, predominando de 18 a 22 cm.

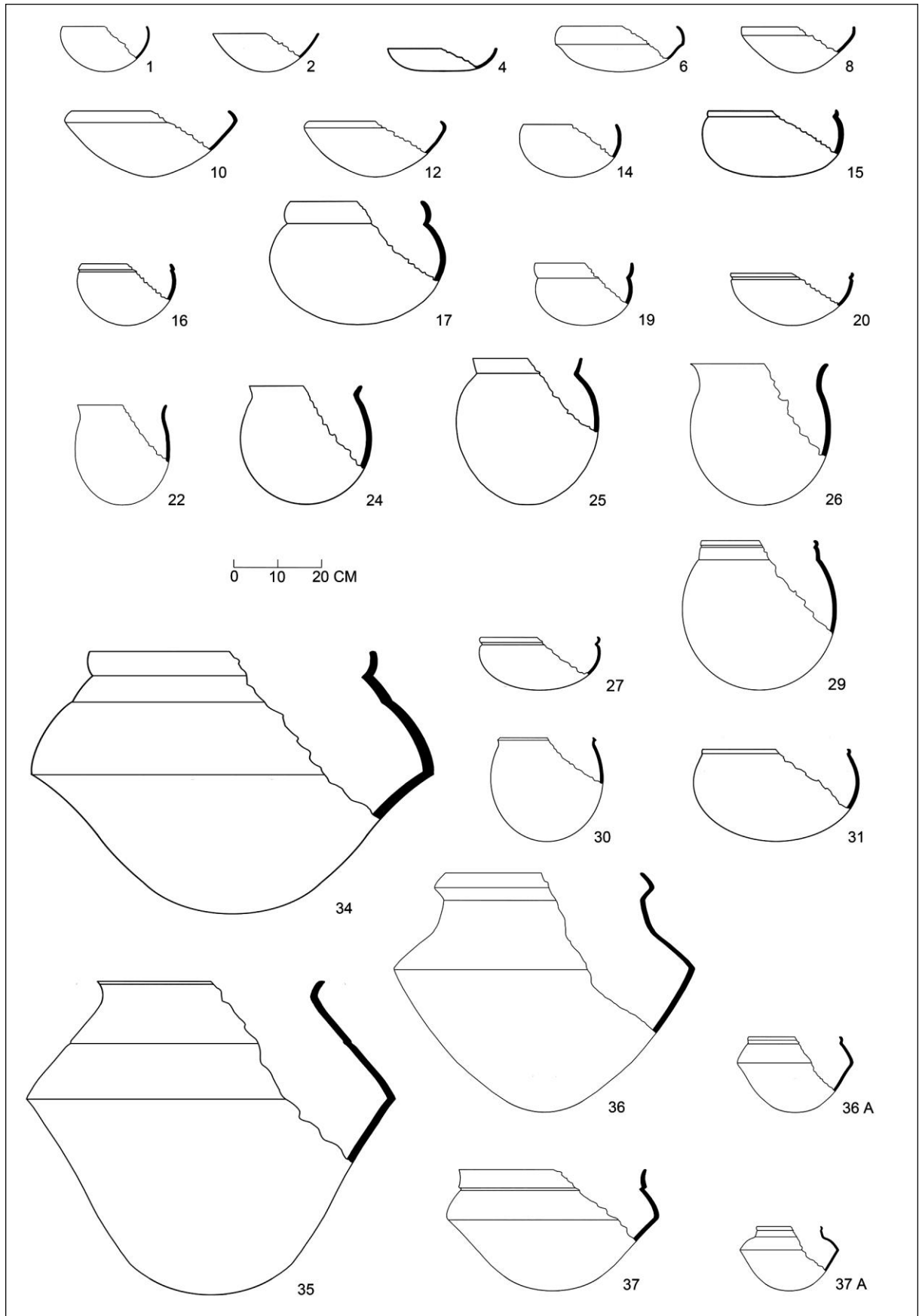


Figura 14. Formas reconstruídas do vasilhame da fase Imbituva da Tradição Tupiguarani. Adaptado de Chmyz et al. (2009, p. 79).

Forma 2: 8 recipientes com diâmetro da boca variando de 16 a 26 cm, predominando 16 cm.

Forma 22: 7 recipientes com diâmetro da boca variando de 14 a 28 cm, predominando 16 cm.

Forma 25: 6 recipientes com diâmetro da boca variando de 16 a 24 cm.

Forma 6: 5 recipientes com diâmetro da boca variando de 16 a 34 cm.

Forma 14: 4 recipientes com diâmetro da boca de 14, 20(2) e 22 cm.

Forma 24: 4 recipientes com diâmetro da boca de 18, 20, 24 e 26 cm.

Forma 27: 2 recipientes com 16 e 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 4: 1 recipiente com 10 cm de diâmetro na boca.

Forma 8: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 15: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 17: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 29: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 30: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 34: 1 recipiente com 30 cm de diâmetro na boca.

Uma peça permaneceu sem classificação (SC). Media 16 cm de diâmetro na boca.

No tipo Simples Fino, sinais de **Interação** também foram observados, através da presença de recipientes com formas características da fase Açungui, Tradição Itararé, correspondentes à Forma 2 (PR CT 21) e, à Forma 7 (PR CT 23). Mediam 16 e 18 cm de diâmetro na boca respectivamente.

No acervo dessa fase foram classificadas 18 variedades decorativas, sendo registradas: 503 peças com Engobo Vermelho (14,69%), 565 Pintado (16,50%), 500 Corrugado-Ungulado (14,60%), 370 Ungulado (10,81%), 118 Ungulado-Tangente (3,45%), 103 Marcado com Tecido (3,01%), 66 Corrugado-Espatulado (1,93%), 41 Corrugado-Leve (1,20%), 34 Entalhado (0,99%), 14 Ponteadado (0,41%), 11 Marcado com Malha (0,32%), 5 Escovado (0,15%), 5 Inciso (0,15%), 3 Serrungulado (0,09%), 2 Corrugado-Complicado (0,06%), 2 Digitungulado (0,06%), 1 Carimbado (0,03%) e 1 Marcado com Cestaria (0,03%) (Figura 13 e Tabela 2).

Nos 503 recipientes que receberam **Engobo Vermelho** (14,69%), a camada de tinta foi aplicada diretamente na face. Em alguns exemplares mostrava-se fina como a folha de papel; em outros era mais grossa, chegando quase a 1 mm de espessura. Neste último caso, tendia a sair com água. A tonalidade da tinta era variável: do vermelho pálido ao vermelho vivo. Nos recipientes rasos a tinta cobria totalmente uma ou ambas as faces. Nos maiores, podia cobrir toda a face externa, ou limitar-se apenas às porções superiores. Em relação à granulometria dos antiplásticos, 357 fragmentos (70,90%) apresentaram-se como no tipo Simples Grosso e, 146 (29,10%), como no tipo Simples Fino. A espessura da parede das vasilhas variou de 4 a 40 mm, predominando de 8 a 12 mm.

O uso associado de técnicas decorativas foi observado em apenas um exemplar. Está representado por ungulações executadas no seu lábio.

Fragmentos de bordas, bojos e bases possibilitaram a reconstituição das formas:

Forma 1: 9 recipientes com diâmetro de boca variando de 14 a 26 cm, predominando de 14 a 18 cm.

Forma 8: 9 recipientes com diâmetro de boca variando de 8 a 24 cm, predominando de 14 a 18 cm.

Forma 15: 5 recipientes com diâmetro de boca variando de 16 a 36 cm.

Forma 22: 5 recipientes com diâmetro de boca variando de 16 a 30 cm.

Forma 20: 5 recipientes com diâmetro de boca variando de 14 a 26 cm.

Forma 2: 4 recipientes com diâmetro de boca de 18(2), 20 e 26 cm.

Forma 14: 4 recipientes com diâmetro de boca de 12(3) e 20 cm.

Forma 25: 4 recipientes com diâmetro de boca de 12, 18, 20 e 30 cm.

Forma 36A: 4 recipientes com diâmetro de boca de 12, 18(2) e 28 cm.

Forma 4: 3 recipientes com 12(2) e 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 24: 3 recipientes com 18(2) e 26 cm de diâmetro na boca.

Forma 09: 3 recipientes com 22, 28 e 40 cm de diâmetro na boca.

Forma 16: 2 recipientes com 20 e 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 37A: 2 recipientes com 18 e 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 26: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 27: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 36: 1 recipiente com 48 cm de diâmetro na boca.

Uma vasilha, com 24 cm de diâmetro na boca, permaneceu inclassificada (SC).

Um recipiente com antiplástico grosso e que recebeu camada de Engobo Vermelho em ambas as faces corresponde à Forma 2 (PR CT 7) da fase Açungui (Tradição Itararé), remetendo a possível **Interação** entre os grupos. Media 26 cm de diâmetro na boca.

O tipo **Pintado** foi representado por 565 exemplares (16,50%). Entre eles, 380 fragmentos (67,30%) mostraram pasta com antiplásticos grossos e, 185 (32,70%), pasta com antiplásticos finos. Em relação à espessura da parede das vasilhas observou-se variação entre 4 e 32 mm, predominando entre 8 e 12 mm.

Sofrendo processo erosivo nas faces, 85,80% dos exemplares conservaram apenas restos de engobo branco e de tinta, não permitindo a sua classificação em relação à pintura executada nem ao uso dos corantes. Os fragmentos restantes, correspondentes a 14,20% da coleção, foram agrupados conforme a presença da tinta, em:

Grupo 1: Tinta Vermelha sobre Engobo Branco: 61 (76,30%).

Técnica: a tinta vermelha foi aplicada sobre o engobo na face interna ou na externa das peças e, raramente, nas duas. Quando a pintura ocorria na face interna, geralmente a cobria completamente. Quando na face externa, limitava-se às porções superiores do recipiente, isto é, do lábio ao ombro. A tonalidade do engobo variava do branco ao amarelado, assim como a sua espessura, que podia ser delgada como a folha de papel, ou mais espessa, atingindo 1,5 mm. O engobo mais espesso tendia a descascar. A tonalidade da tinta vermelha era igualmente variável, passando do vermelho pálido ao vermelho vivo. Alguns traços mostravam-se mais escuros, quase marrons.

Motivo A: Curvilíneas finas (3 exemplares): linhas onduladas paralelas, semicírculos e círculos concêntricos com 0,5 até 1,5 mm de largura. Em um caso apareciam traços curtos sobre as linhas, como reforços, com tinta mais forte. Às vezes ocorriam traços retos paralelos entre as curvilíneas.

Motivo B: Curvilíneas grossas (2 exemplares): linhas onduladas paralelas com 2 mm de largura.

Motivo C: Retilíneas finas (14 exemplares): linhas simples ou duplas paralelas dispostas horizontalmente à boca; ziguezagues paralelos, quadrados e retângulos concêntricos, triângulos concêntricos e linhas tracejadas paralelas. Mediam de 0,5 até 2 mm de largura. Em alguns casos ocorreram, em sentido paralelo à boca, faixas largas de tinta vermelha, de 2 até 10 mm.

Motivo D: Retilíneas grossas (27 exemplares): mesmos motivos do anterior, diferenciando-se pela largura maior dos traços de 2 até 3 mm.

Motivo E: Faixas largas (15 exemplares): faixas largas de tinta vermelha aplicadas no lábio, sobre sulcos abaixo da borda ou junto ao ombro. Também ocorriam na face interna. Não se tratava realmente de um motivo; os traços que preenchiam os espaços limitados pelas faixas desapareceram. As faixas mediam de 2 até 12 mm de largura.

Grupo 2: Tintas Vermelha e Preta sobre Engobo Branco: 14 (17, 45%).

Técnica: a aplicação do engobo e da tinta foi semelhante ao do primeiro grupo. Neste destaca-se a presença da tinta preta.

Motivo A: Retilíneas (7 exemplares): faixas pretas horizontais de 1 a 3 mm de largura; linhas pretas oblíquas com 0,5 mm de largura, cruzadas por outras linhas vermelhas; pontos pretos de 1,5 a 2 mm de diâmetro dispostos sobre as linhas.

Motivo D: Faixas paralelas (5 exemplares): faixas vermelhas horizontais com 2 mm de largura, ladeadas por outras pretas de 2 a 3 mm.

Motivo E: Pontos e traços (2 exemplares): faixa vermelha horizontal com 12 mm de largura, sobre a qual, em sentido perpendicular, foram executados traços pretos com 32 mm de comprimento e 2 mm de largura. Notavam-se restos de finos traços pretos e vermelhos.

Grupo 3: Tinta Preta sobre Engobo Branco: 5 (6,25%).

Técnica: a mesma observada nos grupos anteriores. Neste ocorria apenas a tinta preta.

Motivo A: Retilíneas (5 exemplares): Linhas paralelas em sentido horizontal, outras formando quadrados concêntricos e ziguezagues. As linhas mediam de 1 a 3 mm de largura.

Técnica associada: Engobo Vermelho: a presença de engobo vermelho na face oposta à pintada foi comum. Quando ocorria na face interna, costumava cobri-la completamente. Quando na externa, limitava-se às porções inferiores da peça, logo abaixo da parte ocupada pelo engobo branco e pintura.

Com base em fragmentos de bordas, bojos e bases foi possível a reconstituição das formas:

Forma 1: 16 recipientes com diâmetro de boca variando de 14 a 50 cm, predominando de 16 a 22 cm.

Forma 14: 16 recipientes com diâmetro de boca variando de 12 a 32 cm, predominando de 18 a 20 cm.

Forma 37A: 14 recipientes com diâmetro de boca variando de 12 a 22 cm, predominando de 16 a 22 cm.

Forma 15: 13 recipientes com diâmetro de boca variando de 10 a 24 cm, predominando de 16 a 22 cm.

Forma 20: 10 recipientes com diâmetro de boca variando de 18 a 26 cm, predominando de 22 a 24 cm.

Forma 22: 9 recipientes com diâmetro de boca variando de 16 a 24 cm.

Forma 36: 8 recipientes com diâmetro de boca variando de 24 a 46 cm.

Forma 35: 7 recipientes com diâmetro de boca variando de 34 a 50 cm.

Forma 8: 7 recipientes com diâmetro de boca variando de 18 a 24 cm.

Forma 24: 6 recipientes com diâmetro de boca variando de 16 a 30 cm.

Forma 16: 5 recipientes com diâmetro de boca variando de 16 a 24 cm.

Forma 17: 4 recipientes com diâmetro de boca de 14, 18 20(2) cm.

Forma 25: 4 recipientes com diâmetro de boca de 16(2), 20 e 24 cm.

Forma 26: 4 recipientes com diâmetro de boca de 14(2), 16 e 18 cm.

Forma 27: 4 recipientes com diâmetro de boca de 20 (3) e 28 cm.

Forma 2: 3 recipientes com 16, 20 e 24 cm de diâmetro de boca.

Forma 36A: 3 recipientes com diâmetro de boca de 12, 20 e 22 cm.

Forma 4: 2 recipientes com 16 cm de diâmetro de boca.

Forma 29: 2 recipientes com 12 e 22 cm de diâmetro de boca.

Forma 12: 1 recipiente com 20 cm de diâmetro de boca.

Forma 37: 1 recipiente com 28 cm de diâmetro de boca.

Uma peça com 10 cm de diâmetro de boca permaneceu inclassificada (SC).

Traços indicativos de **Interação** foram observados em dois exemplares com Forma 2 (PR CT 7) da fase Açungui (Tradição Itararé). As duas peças, que parecem pertencer ao mesmo recipiente, tinham 20 cm de diâmetro na boca e apresentaram pasta correspondente ao tipo Simples Grosso. Foram engobadas de branco na face interna. Os motivos de pintura, em vermelho, estavam muito danificados.

O tipo **Corrugado-Ungulado** ocorreu em 500 peças (14,60%). A pasta em 367 exemplares (73,40%) assemelhava-se à do tipo Simples Grosso e, em 133 (26,60%), à do tipo Simples Fino. A decoração, nessa variedade, estava representada por depressões regulares causadas pelo pressionamento dos cordéis com a polpa do dedo, seguidas de ungulações. As corrugações, regulares, alinhavam-se paralelamente à borda dos recipientes. Normalmente cobriam toda a face externa das vasilhas. Em alguns exemplares limitaram-se às suas porções superiores. A espessura da parede do corpo das vasilhas variou de 4 a 18 mm, predominando de 8 a 12 mm.

Técnicas associadas: Engobo Vermelho: 67 exemplares classificados nessa variedade decorativa apresentaram camada de Engobo Vermelho na face oposta à decorada. A tinta vermelha cobria completamente a face interna dos recipientes. Apenas em duas peças foi aplicada no lábio e em pequena porção da borda.

Pintado: dois exemplares conservavam restos de engobo branco, com traços em vermelho, na face interna.

Da preparação e análise do vasilhame foram reconstituídas as seguintes formas:

Forma 29: 9 recipientes com diâmetro de boca variando de 20 a 28 cm, predominando de 20 a 22 cm.

Forma 22: 8 recipientes com diâmetro de boca variando de 20 a 28 cm, predominando de 20 a 22 cm.

Forma 1: 7 recipientes com diâmetro de boca variando de 18 a 28 cm, predominando de 22 a 28 cm.

Forma 25: 7 recipientes com diâmetro de boca variando de 14 a 32 cm, predominando 24 cm.

Forma 8: 6 recipientes com diâmetro de boca variando de 18 a 34 cm.

Forma 24: 6 recipientes com diâmetro de boca variando de 16 a 28 cm.

Forma 14: 3 recipientes com 12, 28 e 32 cm de diâmetro na boca.

Forma 2: 2 recipientes com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 20: 2 recipientes com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 26: 2 recipientes com 14 e 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 15: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 16: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 17: 1 recipiente com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 36: 1 recipiente com 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 36A: 1 recipiente com 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 37A: 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

O tipo **Ungulado** foi registrado em 370 fragmentos de recipientes (10,81%). Entre eles, 252 (68,20%) apresentaram pasta semelhante à do tipo Simples Grosso e, 118 (31,80%) à do tipo Simples Fino. Tecnicamente, a decoração plástica resultou de incisões causadas pela impressão da extremidade da unha. O comprimento das ungulações era variável, de 4 até 11 mm. Nos exemplares obtidos geralmente cobriam toda a face externa do recipiente, dispondo-se em filas ordenadas e paralelas à borda. Ocorreram, também, em algumas peças, incisões formando concentrações em determinadas partes da superfície e, outras, desordenadas. Foram comuns os casos de ungulações apenas na borda, permanecendo o restante alisado (simples). Menos frequente foi a presença de ungulações na porção do pescoço das peças, ou iniciando logo abaixo do lábio, a cerca de 1 cm. A espessura da parede do corpo dos recipientes variou de 4 a 18 mm, predominando de 3 a 10 mm.

Técnicas associadas: Engobo Vermelho: 40 exemplares receberam camada de engobo vermelho na face interna.

Pintado: uma peça conservava restos de engobo branco na face interna.

Marcado com tecido: um exemplar recebeu ungulações da borda até a linha do ombro e, deste ponto para baixo, foi marcado com tecido.

Os fragmentos de bordas, bojos e bases dos recipientes possibilitaram a reconstituição das seguintes formas:

Forma 22: 12 recipientes com diâmetro de boca variando de 12 a 30 cm, predominando de 14 a 18 cm.

Forma 29: 7 recipientes com diâmetro de boca variando de 14 a 32 cm.

Forma 36A: 6 recipientes com diâmetro de boca variando de 14 a 18 cm, predominando 16 cm.

Forma 8: 5 recipientes com diâmetro de boca variando de 14 a 22 cm.

Forma 17: 5 recipientes com diâmetro de boca variando de 14 a 20 cm.

Forma 24: 5 recipientes com diâmetro de boca variando de 8 a 18 cm

Forma 25: 5 recipientes com diâmetro de boca variando de 12 a 24 cm.

Forma 1: 4 recipientes com diâmetro de boca de 16, 18, 24 e 26 cm.

Forma 14: 4 recipientes com diâmetro de boca de 14, 18, 22 e 28 cm.

Forma 15: 4 recipientes com diâmetro de boca de 14, 16(2) e 24 cm.

Forma 26: 3 recipientes com diâmetro de boca de 16, 18 e 20 cm.

Forma 37A: 2 recipientes com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 16: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 19: 1 recipiente com 10 cm de diâmetro na boca.

Forma 30: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 37: 1 recipiente com 36 cm de diâmetro na boca.

Traços indicativos de **Interação** foram observados com a presença das seguintes formas da fase Açungui (Tradição Itararé):

Forma 6 (PR CT 27): 2 recipientes com 18 e 20 cm de diâmetro na boca;

Forma 8 (PR CT 8): 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca;

Forma 9 (PR CT 29): 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca;

Forma 12 (PR CT 25): 1 recipiente com 32 cm de boca.

Nas formas 8 e 12, além da decoração ungulada da face externa, foi aplicada camada de Engobo Vermelho na interna.

O tipo **Ungulado-Tangente** foi representado por 118 fragmentos de recipientes (3,45%). Em 73 (61,80%) a pasta era semelhante à do tipo Simples Grosso e, em 45 (38,20%), à do tipo Simples Fino. Executadas pelo pressionamento da borda da unha na superfície ainda úmida dos recipientes, as ungulações ligavam-se entre si pelas extremidades. Comumente formavam linhas paralelas ou perpendiculares à boca. Raramente estavam dispostas em sentido oblíquo ou formando círculos, quadrados, retângulos ou triângulos concêntricos. Frequentemente cobriam toda a face externa do recipiente; em alguns, entretanto,

limitavam-se à porção da borda ou do pescoço da vasilha. Em poucos, as incisões iniciavam após um ou dois cm abaixo do lábio. A espessura da parede do corpo das peças variou de 4 a 15 mm, predominando de 8 a 10 mm.

Técnicas associadas: Engobo Vermelho: 18 peças foram engobadas de vermelho na face interna; em alguns casos, o engobo iniciava no lábio.

Inciso: dois exemplares receberam incisão com 1,5 mm de largura e profundidade paralela à boca, a aproximadamente 1,5 cm abaixo do lábio.

Da preparação e análise do vasilhame foram reconstituídas as seguintes formas:

Forma 14: 3 recipientes com 14(2) e 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 22: 3 recipientes com 18, 20 e 34 cm de diâmetro na boca.

Forma 25: 3 recipientes com 16, 18 e 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 1: 2 recipientes com 14 e 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 8: 2 recipientes com 22 e 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 20: 2 recipientes com 16 e 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 24: 2 recipientes com 14 e 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 29: 2 recipientes com 18 e 26 cm de diâmetro na boca.

Forma 36A: 2 recipientes com 14 e 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 17: 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 19: 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 26: 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Em 1 exemplar com pasta semelhante à do tipo Simples Fino, traços remetendo à **Interação** entre grupos foram observados. A vasilha, com 16 cm de diâmetro na boca enquadra-se na Forma 6 (PR CT 27) da fase Açungui (Tradição Itararé). Recebeu, no entanto, decoração ungulada na face externa e, camada de engobo vermelho na interna.

A variedade **Marcado com Tecido** foi representada por 103 peças (3,01%). Entre elas, 64 (62,20%) apresentaram pasta semelhante à do tipo Simples Grosso e, 39 (37,80%) à do tipo Simples Fino. A decoração plástica foi obtida através do pressionamento de tecidos na pasta ainda úmida dos recipientes, deixando impressões da sua trama. Comumente com menos de 0,5 mm de largura e profundidade, formavam alvéolos com 3 ou 4 mm de largura e com 2 ou 3 mm de

altura. Dispostos em filas paralelas à boca, cobriam toda a face externa do recipiente. Em alguns casos, as marcas começavam ao pé do lábio. A espessura da parede do corpo das vasilhas variou de 5 a 10 mm, predominando de 7 a 10 mm.

Técnicas associadas: Engobo Vermelho: 6 peças apresentaram camada de tinta vermelha na face interna.

Pintado: um exemplar conservava, na face interna, camada de engobo branco.

Ungulado: um recipiente recebeu, na porção do pescoço, duas filas de ungulações. O restante da peça estava Marcado com Tecido. Além das duas técnicas apontadas, a vasilha estava com Engobo Vermelho na face interna.

Os fragmentos de bordas, bojós e bases dos recipientes possibilitaram a reconstituição das seguintes formas:

Forma 15: 2 recipientes com 14 e 26 cm de diâmetro na boca.

Forma 26: 2 recipientes com 16 e 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 10: 2 recipientes com 32 e 34 cm de diâmetro na boca.

Forma 1: 1 recipiente com 32 cm de diâmetro na boca.

Forma 8: 1 recipiente com 22 cm de diâmetro na boca.

O tipo **Corrugado-Espatulado** foi representado por 66 fragmentos de vasilhas (1,93%). Entre elas, 42 (63,70%) apresentaram pasta como no tipo Simples Grosso e, 24 (36,30%), como no tipo Simples Fino. Tecnicamente a decoração consistiu na execução de depressões estreitas e alongadas, causadas possivelmente pelo pressionamento de espátula na pasta úmida das vasilhas, associadas a corrugações obtidas pelo pressionamento da polpa dos dedos. A decoração comumente cobria toda a face externa das peças. Em dois casos iniciavam 2 cm abaixo do lábio. Formavam linhas regulares e paralelas à borda. A espessura da parede do corpo dos recipientes apresentou dimensões variáveis entre 7 e 16 mm, predominando entre 8 e 9 mm.

Técnicas associadas: Engobo Vermelho: 5 exemplares apresentaram, na face interna, camada de engobo vermelho.

Pintado: apenas um recipiente conservava resíduos de engobo branco na face interna.

Os fragmentos de bordas, bojos e bases dos recipientes possibilitaram a reconstituição das seguintes formas:

Forma 26: 3 recipientes com 20 e 26(2) cm de diâmetro na boca.

Forma 29: 2 recipientes com 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 1: 1 recipiente com 28 cm de diâmetro na boca.

Forma 8: 1 recipiente com 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 17: 1 recipiente com 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 22: 1 recipiente com 26 cm de diâmetro na boca.

Forma 24: 1 recipiente com 22 cm de diâmetro na boca.

A variedade **Corrugado-Leve** ocorreu em 41 fragmentos de recipientes (1,20%). Em 31 exemplares (75,60%) a pasta assemelhava-se à do tipo Simples Grosso e, em 10 (24,40%), à do tipo Simples Fino. O motivo decorativo estava representado por depressões pequenas efetuadas com a polpa dos dedos na junção dos cordéis. Eram regulares, rasas e parcialmente obliteradas, sem associação a ungulações. Frequentemente cobriam toda a face externa do recipiente, dispondo-se em sentido paralelo à borda e formando linhas. A espessura da parede do corpo das peças variou de 5 a 16 mm, predominando de 7 a 9 mm.

Técnicas associadas: Engobo Vermelho: 5 peças relacionadas a este tipo decorativo receberam camada de engobo vermelho na face interna.

Pintado: um exemplar conservava, na face interna, restos de engobo branco e traços em vermelho sobre o engobo.

Fragmentos de bordas, bojos e bases possibilitaram a reconstituição das seguintes formas do vasilhame:

Forma 1: 1 recipiente com 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 2: 1 recipiente com 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 25: 1 recipiente com 20 cm de diâmetro na boca.

O tipo **Entalhado** foi representado por 34 exemplares (0,99%). Em 23 (69,80%) a pasta assemelhava-se à do tipo Simples Grosso e, em 11 (33,20%), à do tipo Simples Fino. A decoração consistiu na execução de incisões ou entalhes, através do pressionamento de espátulas na superfície do vasilhame. Os entalhes, nos exemplares estudados, mediam de 5 a 20 mm de comprimento, de 1 a 2 mm de

largura e de 1,5 a 2,5 mm de profundidade. Formavam linhas interrompidas, dispostas em sentido perpendicular à boca. Cobriam, geralmente, toda a face externa da peça. Em poucas peças iniciavam 1 cm ou pouco mais após o lábio. A espessura da parede do corpo dos recipientes variou de 5 a 11 mm.

Técnicas Associadas: Engobo Vermelho: 5 recipientes receberam camada de tinta vermelha na face interna.

Pintado: uma peça foi engobada de branco na face interna.

Ungulado: em um exemplar foram executadas, associativamente, ungulações alinhadas na sua parte superior. Abaixo delas foram efetuados os entalhes. A peça conservava, também, camada de Engobo Vermelho na face interna.

As formas reconstituídas do vasilhame corresponderam a:

Forma 1: 2 recipientes com 16 e 30 cm de diâmetro na boca.

Forma 22: 2 recipientes com 22 e 40 cm de diâmetro na boca.

Forma 24: 1 recipiente com 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 25: 1 recipiente com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 30: 1 recipiente com 30 cm de diâmetro na boca.

O tipo **Pontado** estava presente em 14 peças (0,41%). A pasta, em 10 (71, 40%), assemelhava-se à do tipo Simples Grosso e, em 4 (28,60%), à do tipo Simples Fino. A decoração correspondia a marcas causadas pela pressão de objetos com ponta de formas variáveis, na superfície ainda úmida das peças. Nos recipientes obtidos foram mais comuns marcas em forma de elipses com 6 a 7 mm de comprimento, 1 a 1,5 mm de largura e 1 mm de profundidade, e de semicírculos, com 4 a 6 mm de comprimento, 2 mm de largura e 1 mm de profundidade. Ocorreram, ainda, formas triangulares, com 3 a 5 mm de comprimento, 2 a 3,5 mm de largura e 1 mm de profundidade e, circulares, com 1,5 a 2 mm de diâmetro e 1,5 mm de profundidade. Essas depressões encontravam-se sempre afastadas entre si, mas formavam linhas paralelas dispostas perpendicularmente à boca das vasilhas. Cobriam a face externa dos recipientes. A espessura da parede do corpo dos exemplares variou de 8 a 12 mm.

Técnicas Associadas: Engobo Vermelho: apenas um exemplar conservava camada de engobo vermelho na face interna

O tipo **Marcado com Malha** foi representado por 11 exemplares (0,32%). Em 7 (63,60%) a pasta era grossa, como no tipo Simples Grosso e, em 4 (36,40%), fina, como no tipo Simples Fino. A decoração, nesta variedade, foi obtida através do pressionamento de malha sobre a superfície úmida das peças, resultando em impressões profundas que, nos exemplares estudados apresentaram de 1 a 1,5 mm de largura e profundidade. Formavam losangos em relevo, medindo 6 ou 7 mm de largura e 5 ou 6 mm de altura dispostos em filas paralelas à boca das vasilhas, recobrando toda a sua face externa. A espessura da parede do corpo do vasilhame variou de 4 a 10 mm.

Técnica associada: Ungulado: um exemplar recebeu ungulações na face externa, do lábio até cerca de 1 cm abaixo dele, sendo a seguir substituídas pelas marcas de malha. As ungulações se dispunham em sentido perpendicular à boca.

Foi possível a reconstituição de somente um recipiente. Representando a Forma 17, media 22 cm de diâmetro na boca.

O tipo **Escovado** foi registrado em 5 peças (0,15%). Em relação à pasta, em 3 era como no tipo Simples Grosso e, em 2, como no tipo Simples Fino. O motivo plástico dessa variedade foi obtido através do pressionamento de sabugos-de-milho na superfície das vasilhas, ocasionando estrias rasas, comumente com 0,5 mm de profundidade, e com larguras que variavam de 1 a 1,5 mm. Nas vasilhas as estrias se dispunham em sentido paralelo, oblíquo ou perpendicular à boca, cobrindo toda a sua face externa. A espessura da parede do corpo dos exemplares variou de 6 a 12 mm.

Nessa variedade apenas a Forma 22 foi reconstituída. Estava representada por dois recipientes com 14 e 20 cm de diâmetro na boca, respectivamente.

O tipo **Inciso** foi representado por 5 exemplares (0,15%), sendo 3 com pasta grossa, como no tipo Simples Grosso e, 2 com pasta fina, como no tipo Simples Fino. A decoração consistiu na execução de traços contínuos e regulares causados por estiletes com ponta aguda ou pouco rombuda. Mediam de menos de 1 até 1,5 mm de largura e de 1 a 2 mm de profundidade. Formavam linhas paralelas que se ligavam em ângulos retos ou agudos, sem muita ordem; linhas paralelas em sentido perpendicular ou oblíquo à boca; linhas curvas paralelas e triângulos concêntricos.

As incisões limitavam-se à face externa dos recipientes. A espessura da parede do corpo das peças variou de 6 a 15 mm.

A variedade **Serrungulado** ocorreu em 3 fragmentos de recipientes (0,09%). A pasta de 2 assemelhava-se à do tipo Simples Grosso e, a de 1, à do tipo Simples Fino. A decoração foi obtida através do repuxamento da pasta, com a ação simultânea de unhas e dedos em sentido oposto, o que resultou na formação de cordões em crista afastados por sulcos. Nos exemplares estudados os cordões, dispostos em sentido perpendicular à boca, foram separados entre si por distâncias variáveis entre 4 e 5 mm. Cobriam a face externa das peças, iniciando a cerca de 1 cm após o lábio. A espessura da parede do corpo dos recipientes variou de 5 a 8 mm.

Técnica Associada: Ungulado: em um exemplar foram executadas ungulações na face externa. Ocorriam do lábio até aproximadamente 1 cm abaixo dele.

Somente a Forma 17 pode ser reconstituída. O recipiente apresentava 16 cm de diâmetro na boca.

Dois exemplares (0,06%), com pasta semelhante à do tipo Simples Grosso, foram classificados na variedade **Corrugado-complicado**. A decoração consistiu na execução de depressões regulares causadas pela pressão dos dedos na linha de junção dos roletes, ligando-o ao anterior. As depressões mediam de 10 a 12 mm de altura, de 8 a 10 mm de largura e de 2 a 3 mm de profundidade. Dispunham-se paralelamente à boca dos recipientes e cobriam toda a sua superfície externa. A parede do corpo das vasilhas media 8 mm.

Na variedade decorativa **Digitungulado** 2 peças (0,06%) foram registradas. Uma mostrava pasta grossa, como no tipo Simples Grosso e outra, fina, como no tipo Simples Fino. A técnica para execução desse motivo decorativo consistiu na retirada de pequenas porções de pasta com a extremidade dos dedos e, a sua deposição ao lado da depressão formada. Estava associada a ungulações. As depressões, nos exemplares estudados, mediam de 7 a 11 mm de comprimento, de 3 a 4 mm de altura e de 2 a 3 mm de profundidade. Afastadas entre si, formavam

linhas paralelas à boca dos recipientes, cobrindo a sua face externa. A espessura da parede do corpo das peças era de 10 mm.

Técnica Associada: Engobo Vermelho: um exemplar, com borda, conservava camada de engobo vermelho na face interna. O engobo continuava pelo lábio até a face oposta, cobrindo porções do pescoço que não haviam sido decoradas com o digitungulado.

Inciso: o mesmo exemplar recebeu uma incisão em sentido paralelo à boca, a qual delimitava as áreas com aplicação do engobo vermelho e a digitungulada.

Uma vasilha, com 40 cm de diâmetro na boca, apontou para a Forma 29.

Um exemplar (0,03%), com pasta semelhante à do tipo Simples Grosso, apresentou decoração **Carimbada**. Resultante da impressão de carimbos na face ainda úmida do recipiente, na sua face externa viam-se concentrações regulares de círculos, sempre em número de três. Mediam 2 mm de diâmetro e encontravam-se afastados entre si em semicírculo. As marcas eram rasas, com menos de 0,5 mm e dispunham-se desordenadamente.

Com 15 mm de espessura na parede do corpo e forma indeterminada, o recipiente recebeu, associativamente, camada de Engobo Vermelho em ambas as faces.

Uma peça (0,03%) com pasta grossa, como no tipo Simples Grosso, foi **Marcada com Cestaria**. Não se tratava propriamente de uma decoração intencional, mas da impressão de um trançado de cestaria que talvez tenha suportado a peça durante a sua confecção. As impressões cobriam toda a face externa da base e correspondiam a talas de taquara com 3 mm de largura. A profundidade das impressões era variável de 0,5 a 2 mm. A espessura da base, que era convexa, era de 36 mm.

Modelagem:

Recipiente modelado: 1 (0.02%). Correspondente à metade de pequeno recipiente modelado a partir de um pedaço de pasta como no tipo Simples Grosso, apresentava faces irregulares, com sinais dos dedos e camada de engobo vermelho. Com base plana, media 14 mm de espessura na parede do corpo.

Cilindro: 1 (0,02%). Cilindro com pasta como no tipo Simples Fino, fragmentado nas duas extremidades. Media 13 mm de diâmetro. Na superfície, no sentido longitudinal, mostrava estrias com 1,5 mm de largura e profundidade, afastadas entre si por um espaço com 5 mm.

Fragmento com depressão circular (como quebra-coco): 1 (0,02%). Fragmento de recipiente Pintado, com restos de engobo branco e traços de tinta vermelha na face externa. Apresentava, na porção central da sua face interna, uma depressão circular resultante de rotação com 17 mm de diâmetro e 5 mm de profundidade. A depressão foi causada na cerâmica já queimada e possivelmente quando fragmentada. A sua espessura era de 21 mm.

Cordéis de pasta: 7 (0,20%). Fragmentos de roletes de pasta grossa semelhante à do tipo Simples Grosso. Queimados, conservavam sinais de dedos. Um fragmento foi achatado e nas suas faces ocorriam finas incisões desordenadas. Dois mostravam ungulações e, outros dois, estavam com restos de tinta vermelha.

8.2.1.1. Cerâmica Intrusiva da Tradição Itararé

Junto a duas coleções do sítio PR CT 27 foram coletados 44 fragmentos de recipientes cerâmicos semelhantes aos vasilhames correspondentes à fase Açungui, de Tradição Itararé (Figura 12).

Vinte e seis exemplares, com espessura da parede do corpo variando de 3 a 8 mm e predominando entre 4 e 6 mm, apresentaram pasta grossa e foram classificados no tipo Simples Grosso.

Em relação às bordas, foram registradas: borda direta, inclinada externa; borda direta, expandida, inclinada externa; borda expandida, extrovertida; borda direta, extrovertida. Quanto às bases, somente uma convexa foi obtida.

Fragmentos de bordas e bojos possibilitaram a reconstituição das seguintes formas:

Forma 1: 2 recipientes com 18 e 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 9: 2 recipientes com 10 e 12 cm de diâmetro na boca.

Forma 2: 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 10: 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

Dezoito recipientes mostraram pasta fina, sendo classificados no tipo Simples Fino. Apresentaram espessuras da parede do corpo variáveis entre 3 e 8 mm, predominando entre 4 e 6 mm.

A sua análise proporcionou a identificação das seguintes bordas: direta, expandida, inclinada externa; borda direta, extrovertida e, de 2 bases: 1 convexa e 1 côncava.

Em relação às formas do vasilhame, foi possível a seguinte reconstituição:

Forma 2: 1 recipiente com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 10: 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

8.2.2. Fase Guajuvira

Um mil oitocentos e noventa e oito fragmentos de recipientes confeccionados pela técnica acordelada foram obtidos, através de coletas superficiais, nos sítios desta fase. De sua classificação e análise resultaram 15 modalidades de acabamento ou decoração (Figura 15 e Tabela 3).

A diferenciação entre os tipos simples foi baseada na granulometria dos antiplásticos utilizados na pasta. Dessa forma, a variedade Simples Grosso apresentou antiplásticos com dimensões maiores que 2 mm e, a variedade Simples Fino, com dimensões até 2 mm. Nos recipientes, confeccionados pela técnica acordelada, geralmente os roletes eram bem visíveis na fratura recente.

Baseado em fragmentos de bordas, bojos e bases foram reconstituídas 24 formas do vasilhame da fase Guajuvira. Estão representadas por pratos e tigelas em meia calota e hemisféricos, jarros globulares e ovóides e panelas globulares e cônicas com carena (Figura 16).

Quanto às bordas dos vasilhames ocorreram bordas diretas introvertidas, extrovertidas, inclinadas externamente expandidas, contraídas, reforçadas internamente e cambadas.

Predominaram lábios arredondados, raramente planos, apontados e biselados.

As vasilhas apresentaram bases convexas, cônicas, levemente planas e em pedestal.

Tabela 3. Frequência do material cerâmico nos sítios da fase Guajuvira.

SÍTIO	CORTE	Nº. C	SIMPLES GROSSO	SIMPLES FINO	VERMELHO	PINTADO	CORRUGADO UNGULADO	UNGULADO	UNGULADO TANGENTE	SERRUNGULADO	ENTALHADO	PONTEADO	PINÇADO	CANELADO	MARCADO COM MALHA	MARCADO COM CESTARIA	MARCADO COM TECIDO	TOTAL	%
PR CT 3	SUP	371	43	15	9	6	-	25	37	-	1	8	-	-	2	-	3	149	7,85
PR CT 4	SUP	372	63	7	29	65	2	5	13	-	-	-	1	-	3	-	-	188	9,91
PR CT 5	SUP	373	38	14	11	2	28	9	6	-	1	-	-	-	1	-	-	110	5,80
PR CT 6	COL. A	374	80	44	20	8	-	11	3	-	-	-	-	-	-	-	44	210	11,06
PR CT 6	COL. B	375	16	27	26	6	-	15	8	-	-	-	-	-	-	1	47	146	7,69
PR CT 6	COL. C	376	63	45	19	5	-	13	1	-	-	-	-	-	-	-	27	173	9,11
PR CT 9	SUP	381	12	8	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	24	1,26
PR CT 14	SUP	388	73	34	30	50	-	19	3	1	3	-	-	-	-	-	3	216	11,38
PR CT 15	SUP	389	45	15	25	6	-	29	6	-	-	1	-	-	-	-	3	130	6,85
PR CT 19	SUP	393	12	4	6	2	-	12	4	-	-	-	-	-	-	-	-	40	2,11
PR CT 22	SUP	398	33	4	9	5	-	10	4	-	-	-	-	-	-	-	8	73	3,85
PR CT 31	SUP	415	32	4	20	6	-	36	58	-	-	2	-	-	8	-	-	166	8,75
PR CT 33	SUP	417	29	3	8	7	3	39	38	-	-	-	-	-	-	7	-	134	7,06
PR CT 34	SUP	418	18	2	11	18	-	49	34	-	-	-	-	1	-	5	1	139	7,32
TOTAL			557	226	227	186	33	272	215	1	5	11	1	1	14	13	136	1898	
%			29,35	11,91	11,96	9,80	1,74	14,33	11,33	0,05	0,26	0,58	0,05	0,05	0,74	0,68	7,17		100%

Representados por 557 fragmentos de recipientes (29,35%), a variedade **Simple Grosso** apresentou grande quantidade de grânulos de quartzo cristalino e leitoso medindo entre 2 e 6 mm, hematita entre 1 e 3 mm e, com menor frequência, fragmentos de bolas de argila com até 3 mm. A espessura da parede do corpo das vasilhas variou de 6 a 16 mm, predominando de 8 a 11 mm (Figura 15).

Com base em fragmentos de bordas, bojos e bases, foi possível a reconstituição das formas:

Forma 1: 11 recipientes com diâmetro da boca variando de 6 a 20 cm, predominando de 10 a 20 cm.

Forma 8: 4 recipientes com 12, 14 e 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 14: 3 recipientes com 16(2) e 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 24: 3 recipientes com 10, 14 e 28 cm de diâmetro na boca.

Forma 25: 3 recipientes com 14, 18 e 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 2: 2 recipientes com 14 e 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 4: 2 com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 20: 2 recipientes com 16 e 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 26: 2 recipientes com 12 e 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 19: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

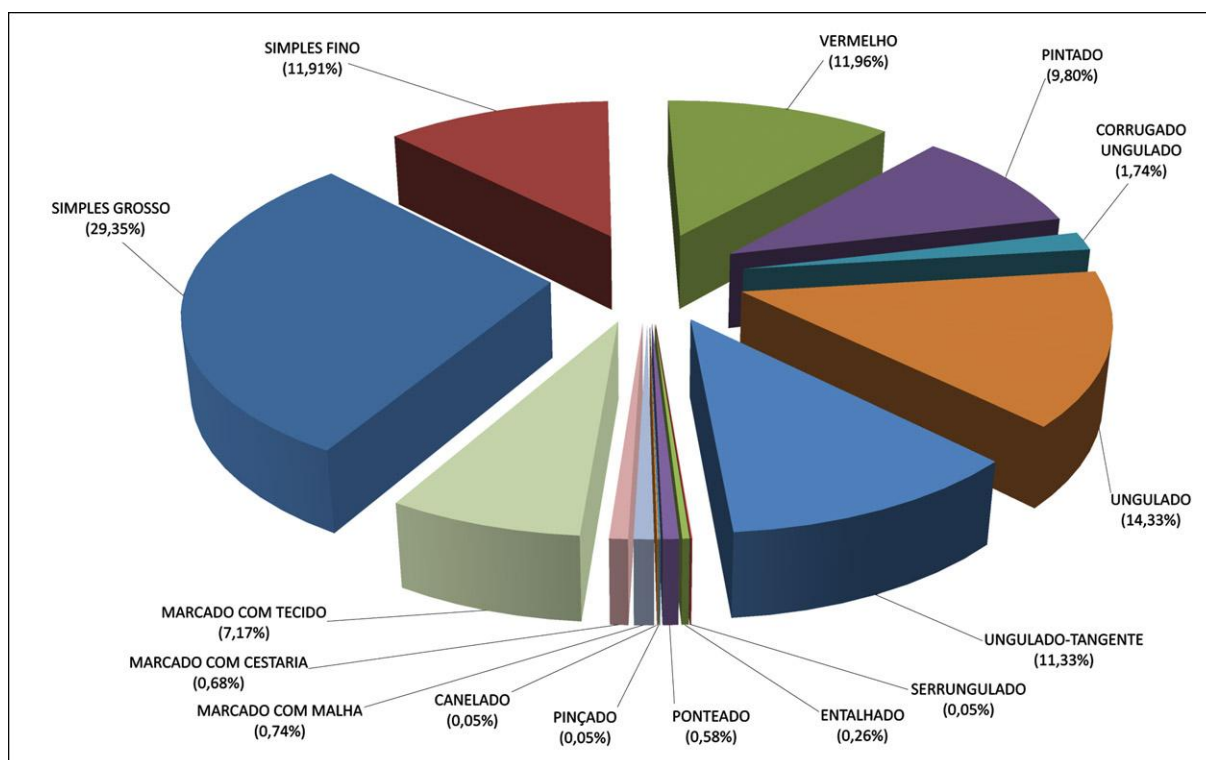


Figura 15. Frequência do material cerâmico nos sítios da fase Guajuvira.

Traços indicativos de **Interação** estavam representados na coleção através da presença de recipientes com formas relativas à fase Açungui, de Tradição Itararé:

Forma 3 (PR CT 6): 4 recipientes com 14(2), 20 e 28 cm de diâmetro na boca.

Forma 9 (PR CT 6 e PR CT 33): 3 recipientes com 10, 14 e 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 11 (PR CT 6): 2 recipientes com 12 e 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 5 (PR CT 6): 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 6 PR CT 6): 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

Forma 12 (PR CT 6): 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

Duzentos e vinte e seis exemplares (11,91%), classificados no tipo **Simples Fino**, apresentaram na pasta predomínio de areia fina com dimensões variáveis entre 0,5 e 1 mm e, fragmentos de quartzo leitoso e hialino até 2 mm. Em alguns ocorriam bolas de argila e hematita até 2 mm. A espessura da parede do corpo das vasilhas variou de 3 a 16 mm, predominando de 4 a 12 mm.

Fragmentos de bordas, bojos e bases possibilitaram a reconstituição das formas:

Forma 1: 9 recipientes com diâmetro da boca variando de 6 a 20 cm, predominando de 14 a 18 cm.

Forma 14: 2 recipientes com 6 e 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 25: 2 recipientes com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 4: 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

Forma 8: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 22: 1 recipiente com 8 cm de diâmetro na boca.

Cinco permaneceram sem classificação (SC). Mediam 12, 16(2), 18 e 22 cm de diâmetro de boca.

Na coleção foi possível observar a presença de traços de **Interação** com grupos da fase Açungui, relacionados à Tradição Itararé. Estavam representados por recipientes com as formas:

Forma 6 (PR CT 6): 2 recipientes com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 9 (PR CT 6): 2 recipientes com 10 cm de diâmetro na boca.

Forma 10 (PR CT 6): 2 recipientes com 10 e 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 1 (PR CT 6): 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 3 (PR CT 6): 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

Entre os tipos com decoração plástica foram classificadas 13 variedades: 227 com Engobo Vermelho (11,96%), 186 Pintado (9,80%), 272 Ungulado (14,33%), 215 Ungulado-Tangente (11,33%), 136 Marcado com Tecido (7,17%), 33 Corrugado-Ungulado (1,74%), 14 Marcado com Malha (0,74%), 13 Marcado com Cestaria (0,68%), 11 Ponteadado (0,58%), 5 Entalhado (0,26%), 1 Serrungulado (0,05%), 1 Pinçado (0,05%) e 1 Canelado (0,05%).

Na variedade denominada Engobo Vermelho, correspondente a 227 exemplares (11,96%), 151 apresentaram a pasta como no tipo Simples Grosso (66,52%) e 76, como no tipo Simples Fino (33,48%). O engobo foi aplicado, comumente, em ambas as faces das vasilhas. Em alguns casos mostrava tonalidade mais clara em relação à face oposta. A espessura da parede do vasilhame variou entre 4 e 13 mm, predominando entre 5 e 10 mm. Uma base em pedestal foi registrada junto ao material coletado no sítio PR CT 9. Com 7 mm de espessura, a peça recebeu camada de engobo vermelho nas duas faces.

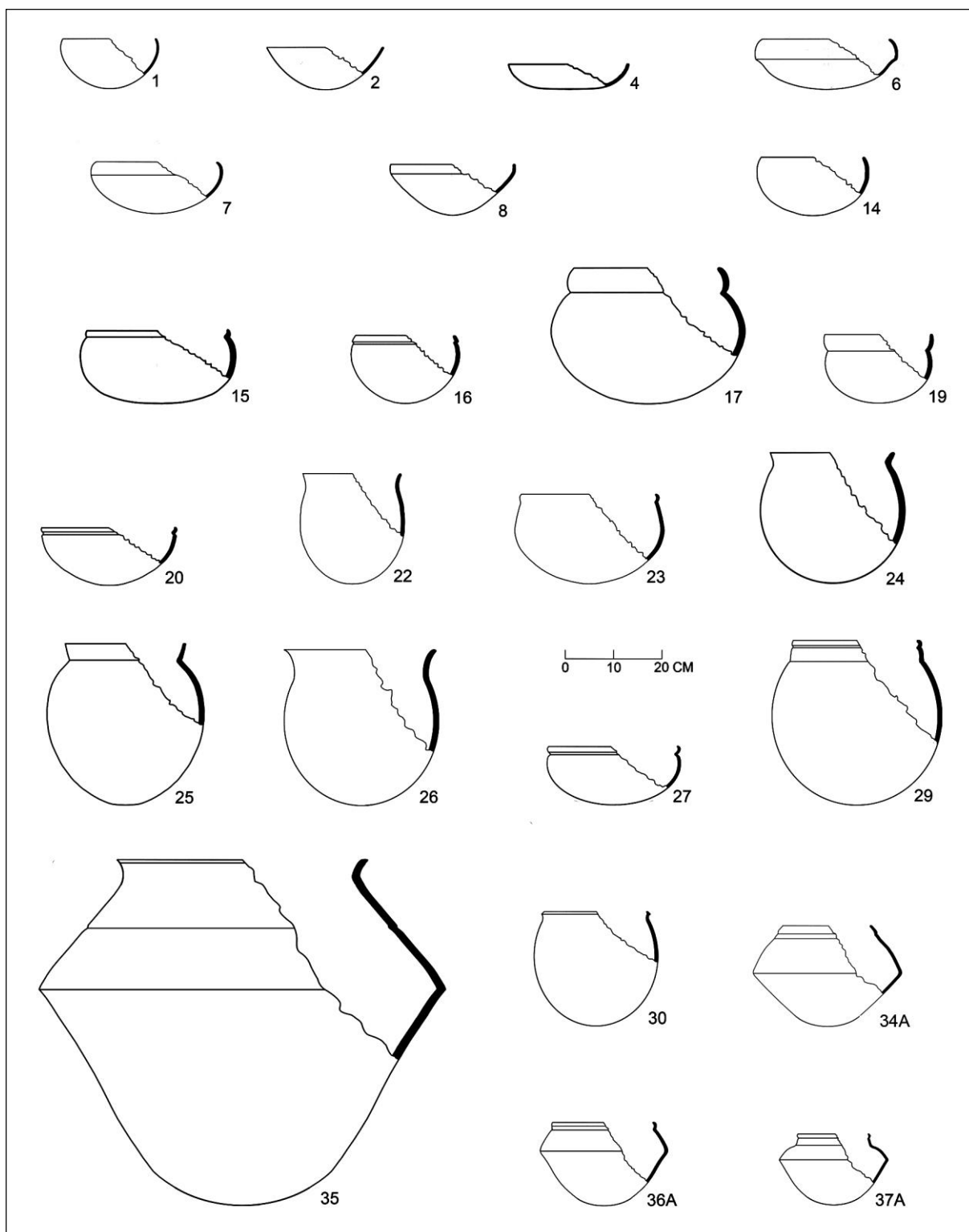


Figura 16. Formas reconstruídas do vasilhame da fase Guajuvira da Tradição Tupiguarani. Adaptado de Chmyz et al. (2009, p. 79).

Com base em fragmentos de bordas, bojos e bases foram reconstituídas as seguintes formas:

Forma 1: 5 recipientes com diâmetro da boca variando de 16 a 24 cm.

Forma 2: 4 recipientes com 14, 18(2) e 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 8: 4 recipientes com 14(2), 18 e 28 cm de diâmetro na boca.

Forma 4: 3 recipientes com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 7: 2 recipientes com 16 e 30 cm de diâmetro na boca.

Forma 14: 2 recipientes com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 22: 2 recipientes com 18 e 26 cm de diâmetro na boca.

Forma 24: 2 recipientes com 14 e 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 16: 1 recipiente com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 17: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 20: 1 recipiente com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 26: 1 recipiente com 10 cm de diâmetro na boca.

Forma 29: 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 30: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 36A: 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

Forma 37A: 1 recipientes com 20 cm de diâmetro na boca.

Traços indicativos de **Interação** com grupo da fase Açungui (Tradição Itararé) estão representados pela presença de um recipiente com a Forma 10 (PR CT 6), característica dessa Tradição. De pequenas dimensões, a vasilha media 16 cm de diâmetro na boca.

No tipo **Pintado**, com 186 exemplares (9,80%), 155 apresentaram pasta semelhante à do tipo Simples Grosso (83,33%) e, 31, à do tipo Simples Fino (16,67%). Na coleção, 149 fragmentos (80,10%) conservaram apenas o engobo branco, devido a processos erosivos. O engobo correspondia a uma camada fina e branca de argila, aplicada diretamente na superfície das vasilhas, preparando-as para receber a pintura decorativa. Trinta e sete peças (19,90%) conservaram restos de pintura na face externa. Esta se limitava às porções superiores dos recipientes. Somente em 16 foi possível identificar o motivo decorativo. A espessura da parede do corpo dos recipientes variou entre 5 e 15 mm, predominando entre 7 e 10 mm.

Grupo 1: Tinta Vermelha sobre Engobo Branco: 12 (75,00%).

Técnica: a tinta vermelha foi aplicada sobre o engobo na face interna ou na externa das peças e, raramente, nas duas. Quando a pintura ocorria na face interna,

geralmente a cobria completamente. Quando na face externa, limitava-se às porções superiores do recipiente, isto é, do lábio ao ombro. A tonalidade do engobo variava do branco ao amarelado, assim como a sua espessura, que podia ser delgada como a folha de papel, ou mais espessa, atingindo 1,5 mm. O engobo mais espesso tendia a descascar. A tonalidade da tinta vermelha era igualmente variável, passando do vermelho pálido ao vermelho vivo. Alguns traços mostravam-se mais escuros, quase marrons.

Motivo A: Curvilíneas finas (2 exemplares): linhas onduladas paralelas, semicírculos e círculos concêntricos com 0,5 até 1,5 mm de largura.

Motivo C: Retilíneas finas (5 exemplares): linhas simples ou duplas paralelas dispostas horizontalmente à boca. Mediam de 0,5 até 2 mm de largura.

Motivo D: Retilíneas grossas (1 exemplar): mesmos motivos do anterior, diferenciando-se pela largura maior dos traços de 2 até 3 mm.

Motivo E: Faixas largas (4 exemplares): faixas largas de tinta vermelha aplicadas próximo à borda.

Grupo 2: Tintas Vermelha e Preta sobre Engobo Branco: 2 (12,50%).

Técnica: a aplicação do engobo e da tinta foi semelhante ao do primeiro grupo. Neste destaca-se a presença da tinta preta.

Motivo A: Retilíneas finas. (2 exemplares) linhas pretas com 0,5 mm de largura, cruzadas por outras linhas vermelhas;

Grupo 3: Tinta Preta sobre Engobo Branco: 2 (12,50%).

Técnica: a mesma observada nos grupos anteriores. Neste ocorria apenas a tinta preta.

Motivo A: Retilíneas (2 exemplares): Linhas paralelas em sentido horizontal. Mediam de 1 a 3 mm de largura.

Técnica Associada: Engobo Vermelho: 15 peças receberam camada de engobo vermelho na face interna, 9 na face externa e 2 em ambas as faces.

Nessa variedade decorativa foi possível a reconstituição das formas:

Forma 35: 6 recipientes com diâmetro da boca variando de 28 a 44 cm.

Forma 1: 5 recipientes com diâmetro da boca variando de 16 a 30 cm.

Forma 8: 4 recipientes com 16, 20, 26 e 28 cm de diâmetro na boca.

Forma 36A: 4 recipientes com 12, 20, 24 e 28 cm de diâmetro na boca.

Forma 37A: 4 recipientes com 18, 20, 22 e 28 cm de diâmetro na boca.

Forma 20: 3 recipientes com 18 e 26(2) cm de diâmetro na boca.

Forma 27: 3 recipientes com 20 e 26(2) cm de diâmetro na boca.

Forma 6: 2 recipientes com 20 e 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 14: 2 recipientes com 20 e 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 16: 2 recipientes com 16 e 28 cm de diâmetro na boca.

Forma 22: 2 recipientes com 18 e 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 2: 1 recipiente com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 15: 1 recipiente com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 17: 1 recipiente com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 24: 1 recipiente com 12 cm de diâmetro na boca.

Forma 25: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Dois exemplares permaneceram inclassificados (SC). Mediam 16 e 26 cm de diâmetro na boca.

O tipo **Ungulado** ocorreu em 272 exemplares (14,33%). Entre eles, 196 mostraram antiplásticos como no tipo Simples Grosso (72,05%) e 76 como no tipo Simples Fino (27,95%). As incisões resultantes do pressionamento da borda da unha ocorriam na face externa das vasilhas, formando fileiras paralelas à borda de maneira ordenada, profunda e bem visível. Em algumas se apresentaram de forma desordenada. A espessura da parede do corpo das vasilhas variou entre 4 e 15 mm, predominando entre 5 e 11 mm.

Técnica Associada: Engobo Vermelho: 20 peças receberam camada de engobo vermelho na face interna.

Inciso: 1 vasilha recebeu incisões formando linhas paralelas finas e distantes entre si, desde a borda da peça

Fragmentos de bordas, bojos e bases possibilitaram a reconstituição das formas:

Forma 24: 6 recipientes com diâmetro da boca variando de 10 a 22 cm.

Forma 36A: 5 recipientes com diâmetro da boca variando de 18 a 26 cm.

Forma 22: 4 recipientes com 16(2), 22 e 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 1: 2 recipientes com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 17: 2 recipientes com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 29: 2 recipientes com 20 e 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 8: 1 recipiente com 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 14: 1 recipiente com 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 19: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 25: 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 26: 1 recipiente com 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 27: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 34A: 1 recipiente com 28 cm de diâmetro na boca.

Forma 37A: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Na coleção foi possível observar a presença de traços de **Interação** com grupos da fase Açungui, relacionados à Tradição Itararé. Estavam representados por recipientes com as formas:

Forma 11 (PR CT 22 e PR CT 34): 3 recipientes com 20 e 22(2) cm de diâmetro na boca.

Forma 12 (PR CT 3, PR CT 4 e PR CT 22): 3 recipientes com 20(2) e 24 cm de diâmetro na boca.

Forma 6 (PR CT 5 e PR CT 33): 2 recipientes com 18 e 20 cm de diâmetro na boca.

O tipo **Ungulado-Tangente** foi representado por 215 exemplares (11,33%). Em 155 a pasta era grossa, semelhante à do tipo Simples Grosso (72,10%) e, em 60 era fina como no tipo Simples Fino (27,90%). As peças mostravam, na face externa, ungulações ligadas entre si pelas extremidades. A espessura da parede do corpo dos recipientes variou entre 3 e 8 mm, predominando entre 5 e 9 mm.

Técnica Associada: Engobo Vermelho: 14 peças receberam, associativamente, camada de engobo na face interna. Em um, o engobo foi aplicado na face externa.

Pintado: um recipiente conservava restos de engobo branco na face interna.

Nessa variedade decorativa foi possível a reconstituição das formas:

Forma 36A: 6 recipientes com diâmetro da boca variando de 14 a 22 cm.

Forma 22: 4 recipientes com 12(2) e 18(2) cm de diâmetro na boca.

Forma 26: 4 recipientes com 14(2), 16 e 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 8: 2 recipientes com 20 e 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 14: 2 recipientes com 20 e 26 cm de diâmetro na boca.

Forma 6: 1 recipiente com 26 cm de diâmetro na boca.

Forma 17: 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Forma 24: 1 recipiente com 8 cm de diâmetro na boca.

Forma 25: 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

Um exemplar permaneceu inclassificado (SC). Media 8 cm de diâmetro na boca.

Indicativos de **Interação** com grupos relacionados à fase Açungui, de Tradição Itararé foram constatados na coleção, com a presença de recipientes com as formas:

Forma 6 (PR CT 4, PR CT 5 e PR CT 34): 4 recipientes com 16(2), 18 e 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 12 (PR CT 3 e PR CT 31): 3 recipientes com 22(2) e 26 cm de diâmetro na boca.

Forma 11 (PR CT 4 e PR CT 5): 2 recipientes com 20 cm de diâmetro na boca.

A variedade decorativa **Marcado com Tecido** ocorreu em 136 exemplares (7,17%). A pasta de 78 peças assemelhava-se à do tipo Simples Grosso (57,36%) e de 58 à do tipo Simples Fino (42,64%). Os recipientes mostravam, na face externa, delicadas impressões com filas paralelas e oblíquas, algumas com sobreposição e também em sentido contrário. Eram muito pequenas e pouco profundas. A espessura da parede do corpo das vasilhas variou de 6 a 14 mm, predominando de 8 a 12 mm.

Técnica Associada: Engobo Vermelho: 8 peças receberam camada de engobo vermelho na face interna e 1 na face externa.

Ungulado: 5 peças mostravam ungulações na face externa, em suas porções superiores.

Pintado: 1 vasilha conservava restos de engobo branco na face interna..

Fragmentos de bordas, bojós e bases possibilitaram a reconstituição das formas:

Forma 1: 4 recipientes com diâmetro da boca com 20, 22 e 24(2) cm.

Forma 22: 2 recipientes com 24 e 26 cm de diâmetro na boca.

Forma 2: 1 recipiente com 22 cm de diâmetro na boca.

Forma 15: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 24: 1 recipiente com 15 cm de diâmetro na boca.

A variedade **Corrugado-Ungulado** foi representada por 33 exemplares (1,74%). Em 28 a pasta era grossa, como no tipo Simples Grosso (84,84%) e, em 5 como no tipo Simples Fino (15,16%). As peças mostravam, na face externa, depressões resultantes do pressionamento da polpa dos dedos na superfície úmida das vasilhas associadas a ungulações. O motivo, comumente, cobria toda a sua superfície. A espessura da parede do vasilhame variou entre 4 e 11 mm, predominando entre 4 e 7 mm.

Técnica Associada: Engobo Vermelho: em 4 peças foi aplicada camada de engobo vermelho na face interna.

Em relação às formas do vasilhame, foi possível a seguinte reconstituição:

Forma 25: 3 recipientes com 18 e 20(2) cm de diâmetro na boca.

Forma 36A: 2 recipientes com 14 e 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 8: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 23: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 26: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Quatorze recipientes foram **Marcados com Malha** (0,74%). Os antiplásticos em 12 eram como no tipo Simples Grosso (85,71%) e, em 2, como no tipo Simples Fino (14,29%). As impressões de malha de rede cobriam a face externa das peças, formando pequenos alvéolos. A espessura da parede dos recipientes variou entre 4 e 9 mm, predominando entre 5 e 8 mm.

Técnica Associada: Ungulado-Tangente: 1 fragmento com ungulado-tangente na face externa.

Apenas a Forma 14 pode ser reconstituída nessa variedade decorativa. O recipiente apresentava 16 cm de diâmetro na boca.

Treze recipientes foram classificados no tipo **Marcado com Cestaria** (0,68%). Em 7 a pasta era grossa, como no tipo Simples Grosso (53,85%) e, em 6 como no

tipo Simples Fino (46,15%). As peças mostravam, na face externa, depressões não muito profundas, mas muito regulares. Dispunham-se em toda a superfície dos recipientes com se a pasta tivesse sido comprimida por uma cesta cobrindo toda a superfície dos recipientes. A espessura da parede do corpo das vasilhas variou de 7 a 12 mm.

Técnica Associada: Engobo Vermelho: 4 exemplares mostravam camada de engobo vermelho na face interna.

Quatro exemplares permitiram a reconstituição da Forma 29. Os diâmetros da boca variavam de 38(2) a 40(2) cm.

O tipo **Pontado** foi representado por 11 exemplares (0,58%). Entre eles, 9 apresentaram pasta como no tipo Simples Grosso (81,81%) e, 2 como no tipo Simples Fino (18,19%). Nove recipientes receberam, na face externa, linhas oblíquas paralelas à boca produzidas com objeto de ponta fina. Um exemplar estava com incisões entre 10 e 15 mm que interrompiam e se dispunham perpendiculares à borda. Outro apresentou incisões em forma de cunha formando filas paralelas regulares. As incisões mediam entre 4 e 5 mm de comprimento, 2 e 3 mm de largura, com profundidade de 1 mm. A espessura da parede do corpo das peças variou entre 5 e 10 mm.

Técnica Associada: Engobo Vermelho: 2 recipientes receberam camada de engobo vermelho na face interna.

Em relação às formas do vasilhame, foi possível a seguinte reconstituição:

Forma 8: 2 recipientes com 10 e 20 cm de diâmetro na boca.

Forma 1: 1 recipiente com 16 cm de diâmetro na boca.

Forma 6: 1 recipiente com 18 cm de diâmetro na boca.

Forma 24: 1 recipiente com 14 cm de diâmetro na boca.

O tipo **Entalhado** ocorreu em 5 exemplares (0,26%) com pasta semelhante à do tipo Simples Grosso. As vasilhas receberam pequenos entalhes na face externa. A espessura da parede do corpo das peças variou entre 6 e 8 mm.

Técnica Associada: Engobo Vermelho: 1 recipiente conservava camada de engobo vermelho na face interna.

Apenas uma peça representou a variedade **Serrungulado** (0,05%). Com pasta como no tipo Simples Grosso, apresentava 10 mm de espessura na parede do corpo. A decoração, executada na face externa, mostrava cordões em crista bem nítidos, profundos, longos e altos alinhados perpendicularmente à boca.

Técnica Associada: Engobo Vermelho na face interna.

O tipo **Pinçado** ocorreu em 1 recipiente (0,05%). Com pasta como no tipo Simples Fino e parede do corpo com 8 mm de espessura, a peça mostrava, na face externa, marcas espaçadas resultantes da ação contrátil e simultânea das unhas e dedos, em sentido oposto.

A variedade **Canelado** foi registrada em 1 vasilha (0,05%). Com pasta como no tipo Simples Grosso e 9 mm de espessura na parede do corpo, o recipiente mostrava sulcos perpendiculares à borda e paralelos entre si na face externa. Foram produzidos pelo pressionamento, com a extremidade do dedo, da face interna da cerâmica, resultando em caneluras salientes e alongadas na face oposta.

Modelagem:

Cordéis de pasta: 2 pequenos pedaços de argila queimada, com formato alongado e achatado com a extremidade arredondada (uma com a extremidade quebrada). Em uma face eram visíveis incisões oblíquas muito finas que se cruzavam; 1 pequeno fragmento de argila queimada com antiplásticos finos e com impressão de cestaria; 1 fragmento de argila queimada impregnada de hematita, apresentando formato circular, com algumas depressões de dedo; 1 fragmento disforme de argila queimada, com grande quantidade de hematita.

Suporte de panela: 1 fragmento de argila queimada, com antiplástico grosso. Assemelhava-se ao lado de um suporte de panela.

Recipiente modelado: 1 fragmento com uma face com sinais de alisamento. Poderia corresponder ao lado de um recipiente modelado.

Bases em pedestal: 3 correspondem ao fundo de peças diferentes. Apresentavam ambas as faces bem alisadas, mas com depressões na face externa, como se tivessem descolado do recipiente.

8.2.2.1. Cerâmica Intrusiva da Tradição Itararé

Junto às coleções dos sítios PR CT 14 e 15 foram coletados 26 fragmentos de recipientes cerâmicos semelhantes aos vasilhames correspondentes à fase Açungui de Tradição Itararé (Figura 12).

Três exemplares coletados no sítio PR CT 14 e, quatorze no PR CT 15 apresentaram espessura da parede do corpo variando de 4 e 7 mm. Com pasta grossa, composta por areia com grânulos entre 1 a 5 mm foram classificados no tipo Simples Grosso.

Em relação às bordas, foram registradas: borda direta, expandida e reforçada externamente.

Fragmentos de bordas e bojos possibilitaram a reconstituição das seguintes formas:

Forma 1: 2 recipientes com 10 e 12 cm de diâmetro na boca.

Forma 9: 2 recipientes com 10 e 12 cm de diâmetro na boca.

Inclassificado (SC): 1 com 12 cm de diâmetro na boca.

Nove fragmentos cerâmicos obtidos, sendo sete no PR CT 15 e dois no PR CT 14 mostraram pasta com areia fina com até 1 mm, e foram classificados no tipo Simples Fino. Apresentavam espessuras da parede do corpo variáveis entre 3 e 6 mm.

Em relação à forma do vasilhame, ocorreu um Inclassificado (SC) com 12 cm de diâmetro na boca.

8.2.3. Descrição do material da Fase Lavrinha da Tradição Neobrasileira

Cento e dezoito fragmentos de recipientes confeccionados pela técnica acordelada foram obtidos, através de coleta superficial, no sítio PR CT 18 desta fase. De sua classificação e análise resultaram 10 modalidades de acabamento ou decoração (Figura 17).

Entre os tipos com superfície simples, a diferenciação foi realizada baseando-se na granulometria dos antiplásticos utilizados na pasta. Assim, aqueles fragmentos que apresentaram antiplástico com dimensões maiores que 1 mm foram

classificados como Simples Grossos e, aqueles com antiplásticos menores, com dimensões até 1 mm, como Simples Finos.

Baseado em fragmentos de bordas, bojos e bases foram reconstituídas 8 formas do vasilhame, representadas por recipientes em forma de meia-calota, esférico, meia-esfera, ovóide e carenada (Figura 18).

As vasilhas apresentaram bases arredondadas, cônicas, planas e em pedestal. Alguns recipientes possuíam bases perfuradas.

Em relação à tipologia, a variedade Simples Grosso, representada por 52 exemplares (44,07%) apresentou, como antiplástico, grande quantidade de quartzo leitoso e hialino arredondado com até 6 mm de diâmetro. A espessura da parede dos recipientes variou entre 6 e 12 mm, predominando de 7 a 9 mm.

Técnica associada: 1 modelagem (asa).

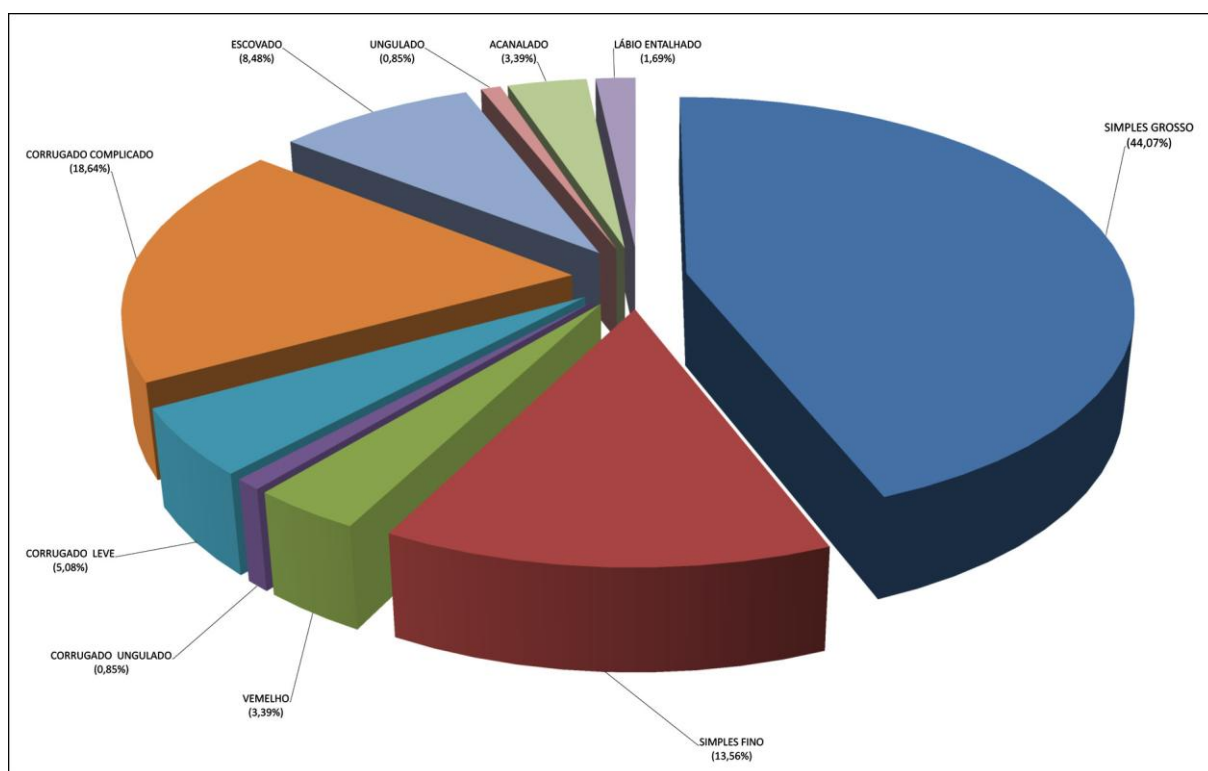


Figura 17. Frequência do material cerâmico no sítio da fase Lavrinha.

Em 16 exemplares do tipo Simples Fino (13,56%), predominou grande quantidade de areia, com grãos menores que 0,5 mm e também, quartzo leitoso e hialino até 2 mm, predominando 1 mm. A espessura da parede dos recipientes variou de 5 a 10 mm, predominando de 7 a 8 mm.

No acervo dessa fase foram classificadas 8 variedades decorativas, sendo registradas: 22 Corrugado-Complicado (18,64%), 10 Escovado (8,48%), 6 Corrugado-Leve (5,08%), 4 Engobo Vermelho (3,39%), 4 Acanalado (3,39%), 2 Lábio Entalhado (1,69%), 1 Corrugado-Ungulado (0,85%), 1 Ungulado (0,85%).

O tipo **Corrugado-Complicado** foi representado por 22 fragmentos de vasilhas (18,64%). Entre elas, 20 (90,90%) apresentaram pasta como no tipo Simples Grosso e, 2 (9,10%), como no tipo Simples Fino. Tecnicamente a decoração consistiu na execução de depressões regulares, espaçadas causadas possivelmente pelo pressionamento das pontas dos dedos no sentido perpendicular ou transversal na pasta úmida das vasilhas. A decoração comumente cobria toda a face externa das peças. A espessura da parede do corpo dos recipientes apresentou dimensões variáveis entre 10 e 22 mm.

Técnicas associadas: Lábio Entalhado: 2 exemplares apresentaram no lábio marcas de digitungulação. Os fragmentos podem corresponder a partes de torradeiras.

O tipo **Escovado** foi registrado em 10 peças (8,48%). Em relação à pasta, em 2 era como no tipo Simples Grosso e, em 8, como no tipo Simples Fino. O motivo plástico dessa variedade foi obtido através do pressionamento de sabugos-de-milho na superfície das vasilhas, ocasionando estrias rasas, comumente com 0,5 mm de profundidade, e com larguras que variavam de 1 a 1,5 mm. Nas vasilhas as estrias se dispunham em sentido horizontais e oblíquos à boca, cobrindo toda a sua face externa. A espessura da parede do corpo dos exemplares variou de 8 a 10 mm.

A variedade **Corrugado-Leve** ocorreu em 6 fragmentos de recipientes (5,08%). Em todos os exemplares a pasta assemelhava-se à do tipo Simples Grosso. O motivo decorativo estava representado por depressões pequenas efetuadas com a polpa dos dedos na junção dos cordéis. Eram regulares, rasas e parcialmente obliteradas, sem associação a ungulações. Frequentemente cobriam toda a face externa do recipiente. A espessura da parede do corpo das peças variou de 8 a 12 mm.

Nos 4 recipientes que receberam **Engobo Vermelho** (3,39%), a camada de tinta foi aplicada diretamente na face. Em alguns exemplares mostrava-se fina como a folha de papel; em outros era mais grossa, chegando quase a 1 mm de espessura. A tonalidade da tinta variava do vermelho pálido ao vermelho vivo. Em 3, o engobo ocorria na face interna e em 1, nas duas faces. Em relação à granulometria dos antiplásticos, 3 fragmentos (75,00%) apresentaram-se como no tipo Simples Grosso e, 1 (25,00%), como no tipo Simples Fino. A espessura da parede das vasilhas variou de 7 a 9 mm.

O tipo **Acanalado** foi representado por 4 exemplares (3,39%), com pasta como no tipo Simples Grosso. A decoração consistiu na execução de sulcos alongados e paralelos feitos com os dedos. Podem ser resultantes da regularização da superfície nas proximidades da base. A espessura da parede do corpo das peças era de 15 mm.

O tipo **Lábio Entalhado** foi representado por 2 exemplares (1,69%), com a pasta assemelhando-se à do tipo Simples Grosso. A decoração consistiu na execução de depressões resultantes do pressionamento da ponta do dedo no lábio dos recipientes. A espessura da parede do corpo dos recipientes variou de 10 a 11 mm.

O tipo **Corrugado-Ungulado** ocorreu em 1 exemplar (0,85%). A pasta assemelhava-se à do tipo Simples Grosso. A decoração, nessa variedade, estava representada por depressões regulares causadas pelo pressionamento dos cordéis com a polpa do dedo, seguidas de ungulações. Normalmente cobriam toda a face externa das vasilhas. A espessura da parede do corpo da vasilha era de 7 mm.

O tipo **Ungulado** foi registrado em 1 fragmento de recipiente (0,85%) com pasta semelhante à do tipo Simples Grosso. Tecnicamente, a decoração plástica resultou de incisões causadas pela impressão da extremidade da unha. No exemplar obtido cobria toda a face externa do recipiente, dispondo-se em filas ordenadas e paralelas à borda. A espessura da parede do corpo do recipiente era de 10 mm.

Foi registrado também, um fragmento de facão feito de ferro. Bastante oxidado e correspondia a parte do cabo e lâmina, medindo 13 mm de comprimento. Faltavam as guarnições do cabo. Dois pinos de ferro que as fixavam transpassavam o metal. A lâmina era plana no dorso e afilada no gume, medindo 34 mm de largura.

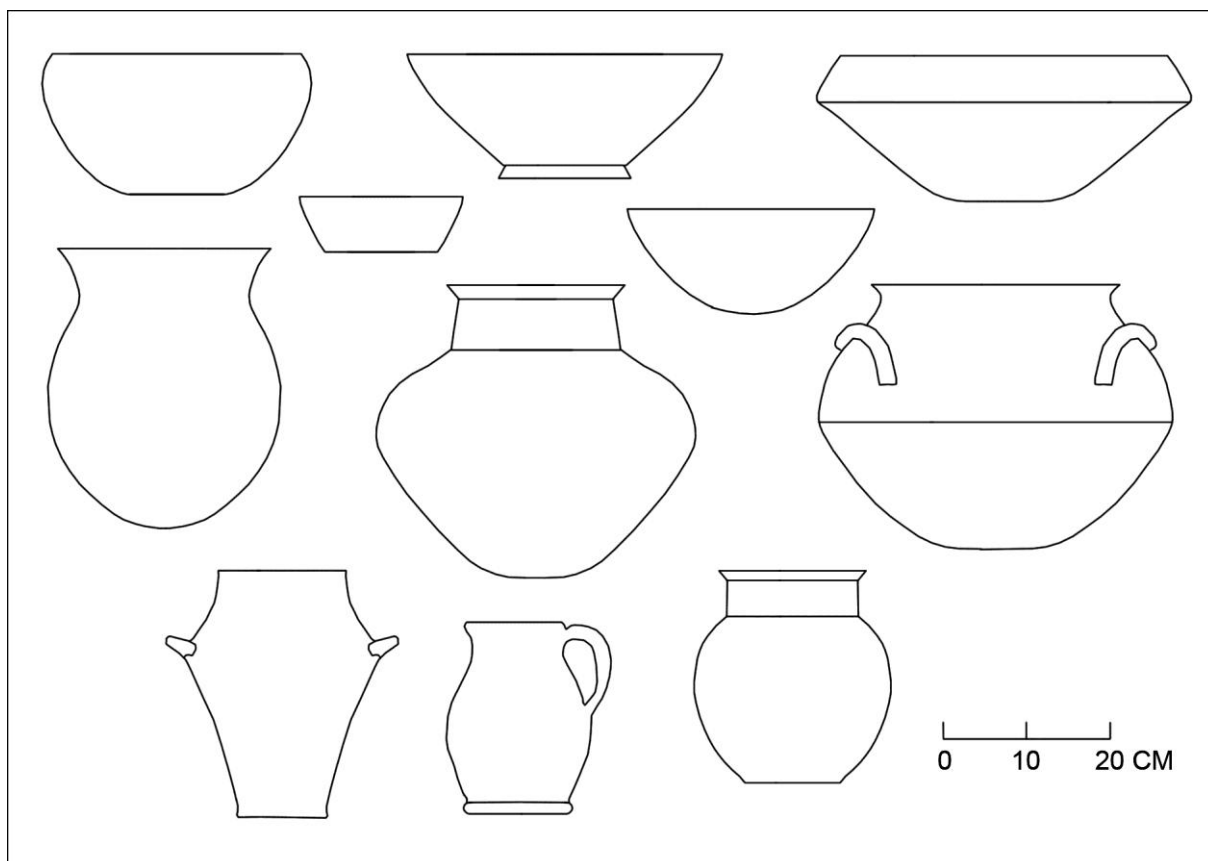


Figura 18. Morfologia da cerâmica registrada nos sítios da tradição Neobrasileira no Planalto Curitibano. (Fonte: CHMYZ, 1965, p. 35, Fig 7).

9. DISCUSSÕES E COMPARAÇÕES

A área abordada por Igor Chmyz na década de 1960 evidenciou sítios arqueológicos relacionados a grupos indígenas e ao período histórico. Apesar de descaracterizados em consequência dos trabalhos agrícolas modernos estes possibilitaram, ainda, estabelecimento de inferências sobre a sua ocupação. Constatou-se que a maioria dos sítios encontrava-se afastada da margem do rio Iguaçu, apesar de não haver empecilhos de ordem ambiental nas proximidades, como terrenos baixos inundáveis para o seu estabelecimento nos arredores do rio maior.

Na área estudada, os sítios da Tradição Itararé apresentaram áreas variando de 235 m² a 471 m². Neles o material arqueológico ocorreu até 12 cm de profundidade.

Na análise do material cerâmico das coleções obtidas nos 4 sítios da fase Açungui, vinculada a esta Tradição, constatou-se que o antiplástico era composto por grânulos arredondados e angulosos de quartzo leitoso até 4 mm, predominando 1 mm, sendo rara a presença de grânulos arredondados de hematita até 2 mm. Apenas no sítio PR CT 13 a matéria-prima básica dos recipientes era constituída por argila naturalmente misturada com areia com dimensões variáveis entre 1 e 5 mm.

Em relação à espessura da parede dos recipientes verificou-se que, entre a cerâmica simples com antiplástico grosso, a espessura da parede variou entre 1,5 e 7 mm, predominando entre 4 e 5 mm e, na simples com antiplástico fino, variou entre 2 e 6 mm.

Os recipientes foram confeccionados predominantemente através da técnica acordelada; poucos foram modelados. A maioria das peças apresentava acabamento superficial simples, mostrando-se trincadas ou erodidas, expondo o antiplástico na superfície. Diferenciando-se do conjunto, somente no sítio PR CT 2 foram registrados dois exemplares com decoração plástica: um mostrava fina camada de engobo vermelho em ambas as faces e, outro, ungulações associadas a incisões não ordenadas. Neste caso limitavam-se à face externa da peça.

Os fragmentos de bojos, bases e bordas permitiram a classificação de 10 formas de vasilhas, sendo reconstituídas tigelas fundas com bojo cilíndrico, em meia

calota, cônica, meia esfera e globular (formas 1, 2, 3, 5 e 5A), panela com bojo circular (forma 7) e jarros (formas 8, 9, 10 e 11), com formas cônicas e globulares.

Em ordem de frequência decrescente, de acordo com os tipos cerâmicos, ocorreram as formas: 10, 9, 1, 5A, 11, 2, 3, 5, 7 e 8, totalizando 26 formas no tipo Simples Grosso; 1, 3, 10 e 9 no tipo Simples Fino, totalizando 11 formas; um exemplar com a forma 10 no tipo Engobo Vermelho.

Os sítios vinculados às fases Imbituva e Guajuvira, da Tradição Tupiguarani, apresentaram áreas variando de 117 m² a 6.280 m²; as camadas aprofundaram-se até 15 cm e às vezes eram realçadas por terra preta. Os sítios eram assinalados principalmente na superfície, por manchas escuras ou concentrações do material arqueológico. Quase sempre mostravam áreas elípticas; algumas eram circulares. Aquelas com maior área compõem a fase Imbituva. Além do acabamento superficial simples, os fragmentos cerâmicos apresentaram na face externa e/ou interna decorações por engobo vermelho, pinturas em vermelho e preto sobre engobo branco, vários tipos de corrugações, ungulações, ponteados, etc. Em ambas as fases, diversos sítios encerraram cerâmica decorada por meio de impressão de tecido e malha. As formas dos recipientes compreenderam pratos, tigelas, panelas globulares e grandes panelas carenadas com bojo cônico. Entre as bases de recipientes, normalmente arredondadas, planas e cônicas, constatou-se uma plana em pedestal engobada de vermelho no sítio PR CT 9 da fase Guajuvira.

Exclusivamente na fase Imbituva ocorreram os tipos Corrugado-Leve, Corrugado-Complicado, Corrugado-Espatulado, Escovado, Inciso, Digitungulado e Carimbado. Os tipos Pinçado, Canelado e Marcado com Cestaria, foram registrados somente na fase Guajuvira.

Em relação ao antiplástico, notamos uma diferenciação no tipo Simples Grosso: enquanto na fase Imbituva foi registrada grande quantidade de cerâmica triturada com até 7 mm de diâmetro, fragmentos de rocha até 4 mm, grânulos de hematita e bolas de argila clara até 3 mm e, com menor frequência, fragmentos de carvão vegetal até 5 mm de diâmetro, na Fase Guajuvira foi constatado grande quantidade de grânulos de quartzo cristalino e leitoso medindo entre 2 e 6 mm, hematita entre 1 e 3 mm e, com menor frequência, fragmentos de bolas de argila com até 3 mm. A espessura da parede dos recipientes cerâmicos na fase Imbituva

variou entre 4 e 30 mm, predominando de 8 a 12 mm e, na fase Guajuvira, variou de 6 a 16 mm, predominando de 8 a 11 mm.

O tipo Simples Fino, da fase Imituva, apresentou grande quantidade de areia, com grãos menores que 0,5 mm até 1 mm de comprimento, além de bolas de argila queimada, cerâmica triturada e fragmentos de quartzo leitoso e hialino até 2 mm, predominando 1 mm. Na fase Guajuvira predominou, na pasta, areia fina com dimensões variáveis entre 0,5 e 1 mm e, fragmentos de quartzo leitoso e hialino até 2 mm; em alguns ocorriam bolas de argila e hematita até 2 mm.

A espessura da parede dos recipientes variou de 3 a 20 mm, predominando de 7 a 10 mm nos fragmentos da fase Imituva e, de 3 a 16 mm, predominando de 4 a 12 mm, na fase Guajuvira.

Tabela 4. Frequência de formas de recipientes cerâmicos nos sítios da fase Imituva.

	FORMAS																																	TOTAL	%
	1	2	4	6	8	10	12	14	15	16	17	19	20	22	24	25	26	27	29	30	31	34	35	36	36A	37	37A	SC							
DECORAÇÃO																																			
SIMPLES GROSSO	7	-	-	-	1	-	-	8	4	-	1	-	2	7	6	2	1	1	2	-	1	-	-	1	3	-	-	1	48	9,86					
SIMPLES FINO	17	8	1	5	1	-	-	4	1	-	1	-	-	7	4	6	-	2	1	1	-	1	-	-	-	-	-	1	61	12,27					
VERMELHO	9	4	3	-	9	-	-	4	5	2	-	-	5	6	3	4	1	1	3	-	-	-	-	1	4	-	2	1	67	13,48					
PINTADO	16	3	2	-	7	-	1	16	13	5	4	-	10	9	6	4	4	4	2	-	-	-	7	8	3	1	14	1	140	28,17					
CORRUGADO UNGULADO	7	2	-	-	6	-	-	3	1	1	1	-	2	8	6	7	2	-	9	-	-	-	-	1	1	-	1	-	58	11,67					
CORRUGADO LEVE	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	0,60					
CORRUGADO ESPATULADO	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1	-	3	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	2,01					
ESCOVADO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,40					
UNGULADO	4	-	-	-	5	-	-	4	4	1	5	1	-	12	5	5	3	-	7	1	-	-	-	-	6	1	2	-	66	13,28					
UNGULADO TANGENTE	2	-	-	-	2	-	-	3	-	-	1	1	2	3	2	3	1	-	2	-	-	-	-	-	2	-	-	-	24	4,83					
SERRUNGULADO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,20					
DIGITUNGULADO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,20					
ENTALHADO	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	7	1,41					
MARCADO COM TECIDO	1	-	-	-	1	2	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	1,61					
MARCADO COM MALHA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,20					
TOTAL	67	18	6	5	33	2	1	42	30	9	16	2	21	57	34	33	17	8	29	3	1	1	7	11	19	2	19	4	497						
%	13,48	3,62	1,21	1,01	6,64	0,40	0,20	8,45	6,04	1,81	3,22	0,40	4,23	11,47	6,84	6,64	3,42	1,61	5,84	0,60	0,20	0,20	1,41	2,21	3,82	0,40	3,82	0,80		100%					

Em ordem decrescente de frequência, as formas das vasilhas nos tipos cerâmicos da fase Imituva foram as seguintes: 14, 1, 22, 24, 15, 36A, 20, 25, 29, 8, 17, 26, 27, 31, 36 e SC¹², totalizando 48 exemplares no tipo Simples Grosso; 1, 2, 22, 25, 6, 14, 24, 27, 4, 8, 15, 17, 29, 30, 34 e SC no tipo Simples Fino, totalizando 61 exemplares; 1, 8, 22, 15, 20, 2, 14, 25, 36A, 4, 24, 29, 16, 37A, 26, 27, 36, e SC, totalizando 67 exemplares no tipo Engobo Vermelho; 1, 14, 37A, 15, 20, 22, 36, 8, 16, 35, 24, 17, 25, 26, 27, 2, 36A, 4, 29, 12, 37, e SC no tipo Pintado, totalizando 140 exemplares; 29, 22, 1, 25, 8, 24, 14, 2, 20, 26, 15, 16, 17, 36, 36A e 37A, totalizando 58 exemplares no tipo Corrugado-Ungulado; 1, 2, e 25 no tipo Corrugado-Leve,

¹² SC – Sem Classificação.

totalizando 3 exemplares; 26, 29, 1, 8, 17, 22 e 24 no tipo Corrugado-Espatulado, totalizando 10 exemplares; dois exemplares na forma 22 do tipo Escovado; 22, 29, 36A, 8, 17, 24, 25, 1, 14, 15, 26, 37A, 16, 19, 30 e 37, totalizando 66 exemplares no tipo Ungulado; 14, 22, 25, 1, 8, 20, 24, 29, 36A, 17, 19, 2 e 26 no tipo Ungulado-tangente, totalizando 24 exemplares; um exemplar com forma 17 no tipo Serrungulado; uma forma 29 no tipo Digitungulado; 1, 22, 24, 25 e 30, totalizando 7 exemplares no tipo Entalhado; 10, 15, 26, 1 e 8 no tipo Marcado com Tecido, totalizando 8 exemplares; um exemplar na forma 17 do tipo Marcado com Malha (Tabela 4).

Tabela 5. Frequência de formas de recipientes cerâmicos nos sítios da fase Guaiuvira.

	FORMAS																											TOTAL	%
	1	2	4	6	7	8	14	15	16	17	19	20	22	23	24	25	26	27	29	30	34A	35	36A	37A	SC				
DECORAÇÃO																													
SIMPLES GROSSO	11	2	2	-	-	4	3	-	-	-	1	2	-	-	3	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	33	15,57		
SIMPLES FINO	9	-	1	-	-	1	2	-	-	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	5	21	9,91		
VERMELHO	5	4	3	-	2	4	2	-	1	1	-	1	2	-	2	-	1	-	1	1	-	-	1	1	1	33	15,57		
PINTADO	5	1	-	2	-	4	2	1	2	1	-	3	2	-	1	1	-	3	-	-	-	6	4	4	2	44	20,75		
UNGULADO	2	-	-	-	-	1	1	-	-	2	1	-	4	-	6	1	1	1	2	-	1	-	5	1	2	31	14,62		
UNGULADO TANGENTE	-	-	-	1	-	2	2	-	-	1	-	-	4	-	1	1	4	-	-	-	-	6	-	1	23	10,85			
CORRUGADO UNGULADO	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	1	-	-	-	-	2	-	-	8	3,77			
PONTEADO	1	-	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	2,36			
MARCADO COM TECIDO	4	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	4,25			
MARCADO COM MALHA	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,47			
MARCADO COM CESTARIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	4	1,89			
TOTAL	37	8	6	4	2	19	13	2	3	5	2	6	15	1	15	11	9	4	7	1	1	6	18	6	11	212			
%	17,4	3,7	2,8	1,8	0,9	8,9	6,1	0,9	1,4	2,3	0,9	2,8	7,0	0,4	7,0	5,1	4,2	1,8	3,3	0,4	0,4	2,8	8,4	2,8	5,1		100%		

Na fase Guajuvira, também em ordem decrescente de frequência, nos tipos cerâmicos ocorreram os exemplares: 1, 8, 14, 24, 25, 2, 4, 20, 26 e 19 no tipo Simples Grosso, totalizando 33 exemplares; 1, 14, 25, SC, 4, 8, e 22 no tipo Simples Fino, totalizando 21 exemplares; 1, 2, 8, 4, 7, 14, 22, 24, 16, 17, 20, 26, 29, 30, 36A, 37A e SC, totalizando 33 exemplares no tipo Engobo Vermelho; 35, 1, 8, 36A, 37A, 20, 27, 6, 14, 16, 22, SC, 2, 15, 17, 24 e 25 no tipo Pintado, totalizando 44 exemplares; 24, 36A, 22, 1, 17, 29, SC, 8, 14, 19, 25, 26, 27, 34A e 37A, totalizando 31 exemplares no tipo Ungulado; 36A, 22, 26, 8, 14, 6, 17, 24, 25, e SC no tipo Ungulado-Tangente, totalizando 23 exemplares; 25, 36A, 8, 23 e 26, totalizando 8

exemplares no tipo Corrugado-Ungulado; 8, 1, 6 e 24 no tipo Ponteadado, totalizando 5 exemplares; 1, 22, 2, 15, e 24, totalizando 9 exemplares no tipo Marcado com Tecido; um exemplar na forma 14 do tipo Marcado com Malha; 4 exemplares na forma 29 do tipo Marcado com Cestaria (Tabela 5).

A comparação das formas dos recipientes entre essas duas fases demonstrou que somente na fase Imbituva ocorreram as formas 10, 12, 31, 34, 36 e 37 e, que as formas 7, 23 e 34A, apareceram somente na fase Guajuvira. O restante foi comum a ambas as fases (Figuras 14 e 16).

As pesquisas não revelaram padrões de enterramento. Fragmentos de cerâmica correspondentes a urnas, entretanto, figuram em várias coleções da fase Imbituva e, informações sobre a presença de urnas funerárias no sítio PR CT 7, foram obtidas pelo pesquisador (Igor Chmyz) através de contatos com a população local. Fragmentos de cerâmica correspondentes a urnas figuravam em várias coleções da fase Imbituva (formas 34, 35 e 36).

Tabela 6. Formas e tipologia do material cerâmico que apresenta sinais de interação nos sítios da fase Imbituva.

SÍTIO	Nº C	TIPO	FORMA	PRESENÇA DE MARCADO COM MALHA OU TECIDO
PR CT 7	377	Vermelho	2	1 Marcado com Cestaria
	379	Simples Grosso	2	
		Pintado	2 (2)	
PR CT 8	380	Ungulado	8	NÃO
PR CT 21	396	Simples Grosso	9	9 Marcados com Tecido
	397	Simples fino	2	
PR CT 23	399	Simples fino	7	NÃO
PR CT 25	401	Ungulado	12	9 Marcados com Tecido
PR CT 27	403	Ungulado	6	11 Marcados com Malha 33 Marcados com Tecido
	405	Ungulado	6	
	405	Ungulado Tangente	6	
PR CT 29	407	Ungulado	9	NÃO

O material lítico foi representado por lâminas de machados e mãos de pilões alisadas, assim como núcleos e lascas utilizadas para percutir, moer, cortar e raspar.

No sítio PR CT 12, da Fase Imbituva, ocorreu uma peça alongada de ferro que foi adaptada, através de abrasão, como ponta de lança.

Na fase Imbituva, dos 15 sítios cadastrados, sete apresentaram sinais de interação cultural. Representando 46,66% do total de sítios, foram constatados através da reconstituição de fragmentos de vasilhas, onde seis formas cerâmicas características da fase Açungui, de Tradição Itararé, foram evidenciadas (Tabela 6) e, representam percentualmente: forma 2 (38,46%), forma 6 (28,08%), forma 7 (7,69%), forma 8 (7,69%), forma 9 (15,38%) e forma 12 (7,69%) (Figuras 18 e 19).

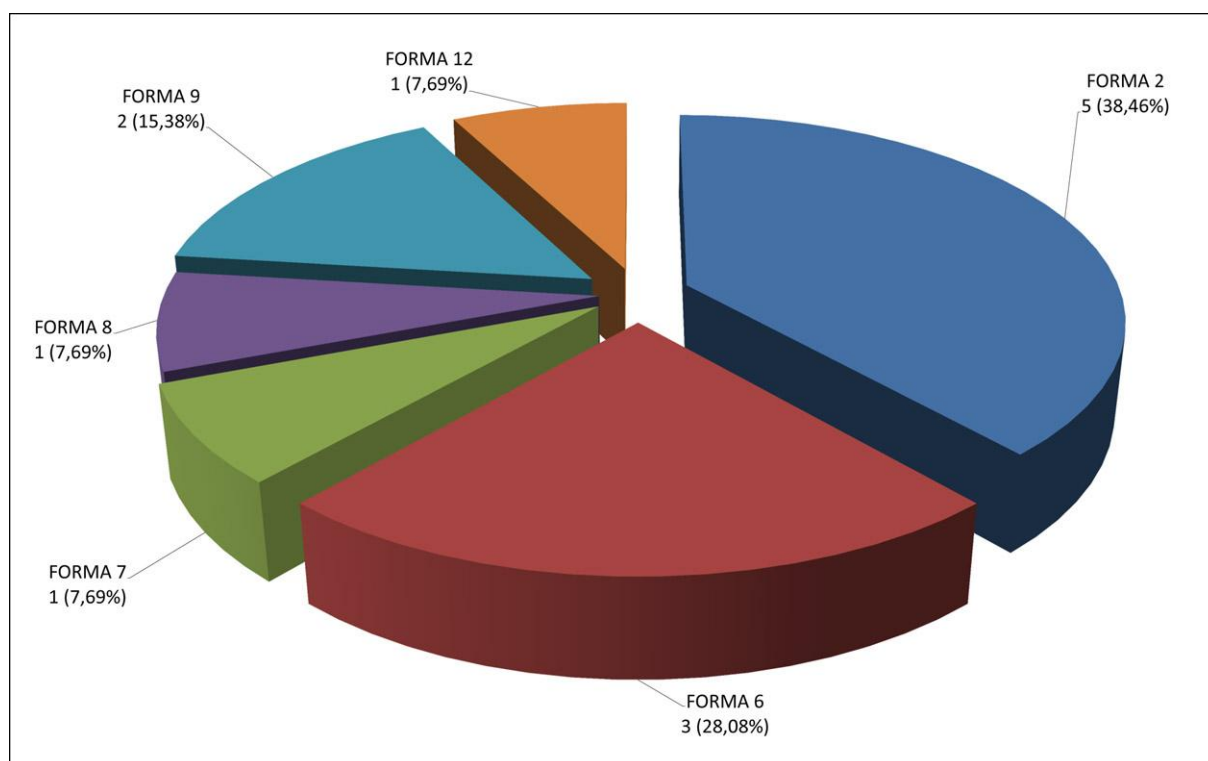


Figura 19. Frequência das formas cerâmicas da fase Açungui, que evidenciam sinais de interação nos sítios da fase Imbituva.

No total de 3.424 fragmentos da fase Imbituva, apenas 0,37% apresentaram evidências de interação. Através das análises efetuadas observamos que, entre os 15 sítios arqueológicos correspondentes a essa fase, sete mostraram sinais de interação cultural: PR CT 7, PR CT 8, PR CT 21, PR CT 23, PR CT 25, PR CT 27 e PR CT 29, presentes nas formas descritas abaixo:

Um exemplar com a forma 2 nos tipos Simples Grosso, Engobo Vermelho e Pintado (apenas com restos do engobo branco) do sítio PR CT 7 e, 1 no tipo Simples Fino do sítio PR CT 21. O diâmetro da boca dos recipientes era de 10, 26, 22 e 16 cm, respectivamente (Figura 19).

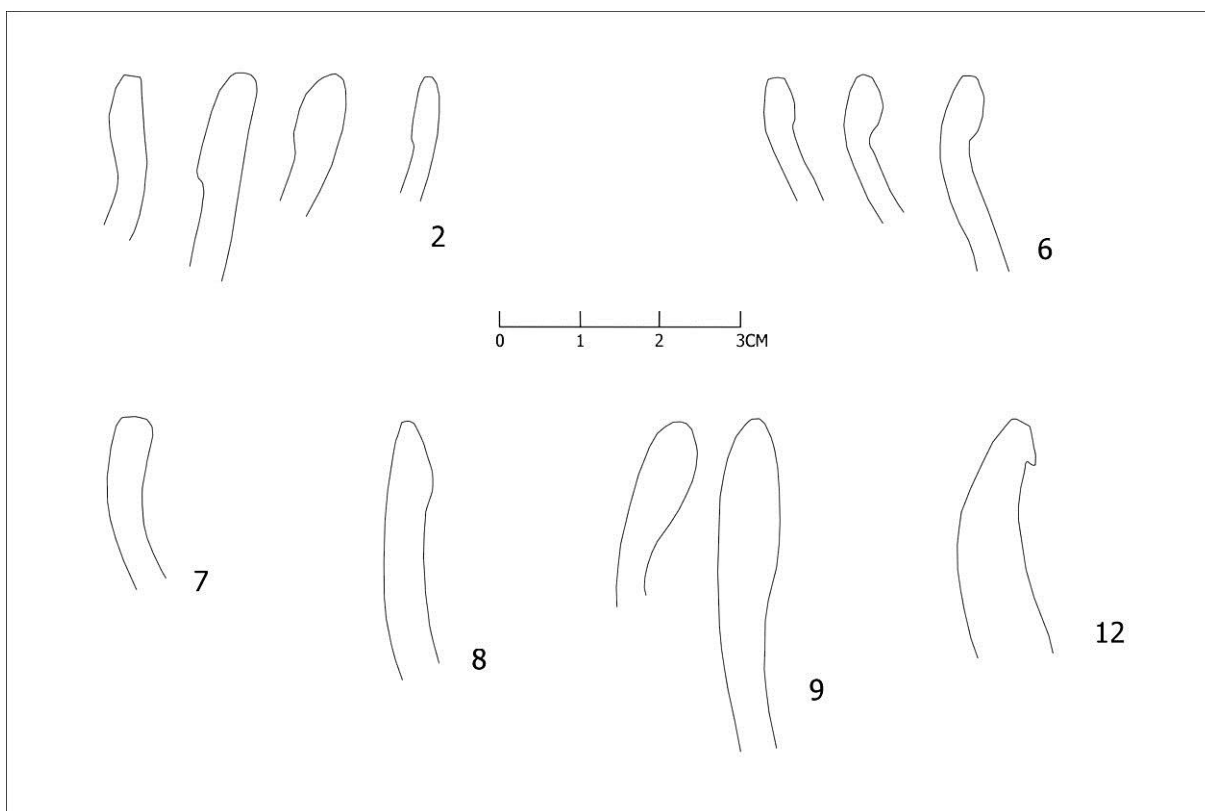


Figura 20. Perfis de bordas correspondentes às formas 2, 6, 7, 8, 9 e 12 da fase Açungui, classificados nos sítios da fase Imbituva, evidenciando sinais de interação.

Um exemplar com a forma 8 no tipo Ungulado do sítio PR CT 8. Com 18 cm de diâmetro de boca apresentava, associativamente, engobo vermelho na face interna.

Um exemplar com a forma 9 no tipo Simples Grosso e, um com a forma 2 no tipo Simples Fino do sítio PR CT 21. Mediam 28 e 16 cm de diâmetro de boca, respectivamente.

Um exemplar com forma 7 no tipo Simples Fino do sítio PR CT 23. O diâmetro da boca era de 18 cm.

Um exemplar com a forma 12 no tipo Ungulado do sítio PR CT 25. Com 32 cm de diâmetro de boca apresentava, associativamente, camada de engobo vermelho na face interna.

Dois exemplares com forma 6 no tipo Ungulado e, um, com forma 1 no tipo Ungulado-Tangente do sítio PR CT 27. Os diâmetros das bocas eram 16, 18 e 20 cm respectivamente.

Um exemplar com a forma 9 no tipo Ungulado do sítio PR CT 29. Media 18 cm de diâmetro de boca.

Na fase Guajuvira, dos 12 sítios cadastrados, 8 apresentaram sinais de interação, correspondendo a 66,66% do total. Essa interação foi constatada através da reconstituição de oito formas cerâmicas características da fase Açungui, da Tradição Itararé, que percentualmente representam: forma 1 (2,63%), forma 3 (10,53%), forma 5 (2,63%), forma 6 (23,68%), forma 9 (13,16%), forma 10 (7,89%), forma 11 (21,05%) e forma 12 (18,42%) (Figuras 20 e 21).

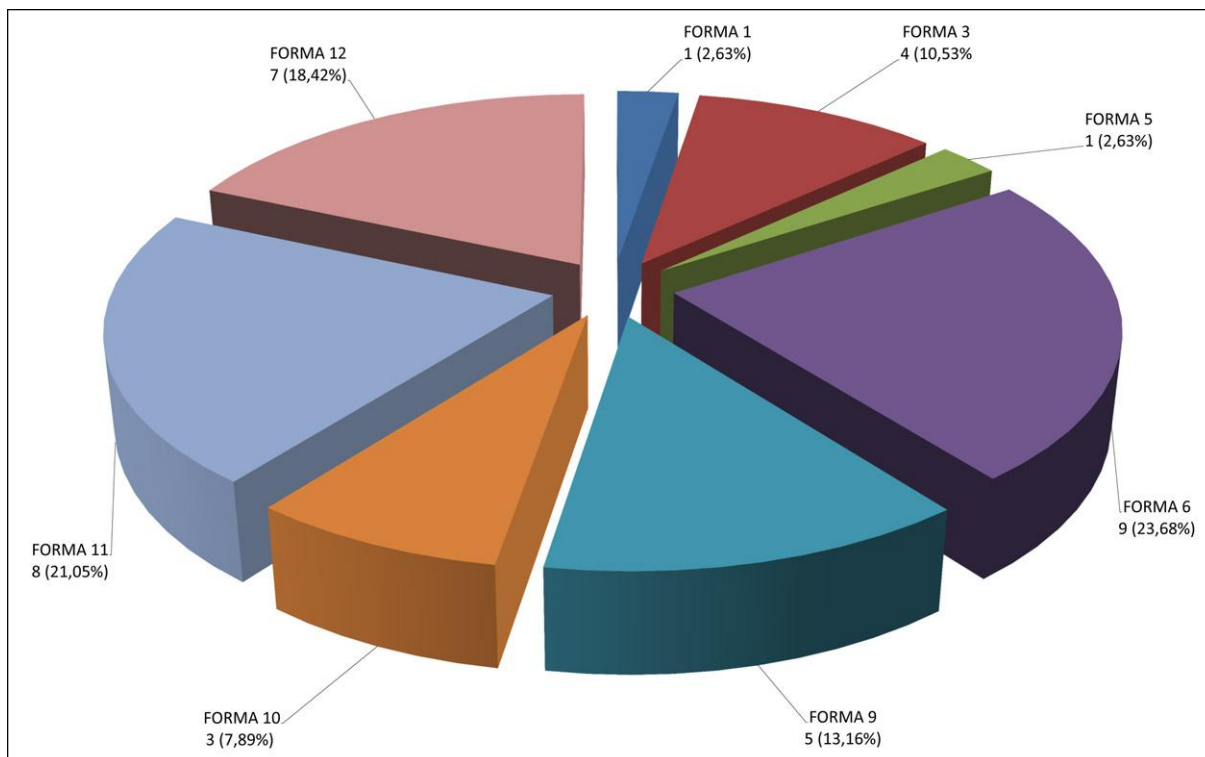


Figura 21. Frequência das formas cerâmicas da fase Açungui, que evidenciam sinais de interação nos sítios da fase Guajuvira.

Do total de 1.898 fragmentos referentes a esta fase, apenas 34 apresentaram sinais de interação, representando 1,79% da amostragem.

Foram frequentes nas variedades simples, sendo representados pelas formas 3, 5, 6, 9, 11 e 12 no tipo Simples Grosso e, pelas formas 1, 3, 6, 9, 10 e 11 no tipo Simples Fino. Ocorreram também através da Forma 10 no tipo Engobo Vermelho. Nos sítios PR CT 3 e PR CT 4, estavam presentes através da forma 12 nos tipos Ungulado e, pelas formas 6 e 12 no tipo Ungulado-Tangente (Tabela 7).

No sítio PR CT 3 foram registrados três exemplares com a forma 12, sendo um no tipo Ungulado e dois no tipo Ungulado-Tangente. Todos apresentavam, associativamente, camada de engobo vermelho na face interna. O diâmetro da boca dos recipientes media 20 cm no primeiro tipo e, 22 e 26 cm no segundo.

Tabela 7. Formas e tipologia do material cerâmico que apresenta sinais de interação nos sítios da fase Guajuvira.

SÍTIO	Nº C	TIPO	FORMA	PRESENÇA DE MARCADO COM MALHA OU COM TECIDO
PR CT 3	371	Ungulado	12	3 Marcados com Tecido 2 Marcados com Malha
		Ungulado Tangente	12 (2)	
PR CT 4	372	Ungulado	12	3 Marcado com Malha
		Ungulado Tangente	6 (2) e 11	
PR CT 5	373	Ungulado	6	1 Marcado com Malha
		Ungulado Tangente	6 e 11	
PR CT 6	374	Simples Grosso	3 (2), 6, 9 e 11	41 Marcados com Tecido
		Simples Fino	3 e 11	
		Vermelho	10	
	375	Simples Grosso	5, 11 e 12	45 Marcados com Tecido 1 Marcado com Cestaria
		Simples Fino	9	
	376	Simples Grosso	3	27 Marcados com Tecido
		Simples Fino	1, 9, 10 e 11	
PR CT 22	378	Ungulado	11 e 12	1 Marcado com Tecido 2 Marcados com Malha
PR CT 31	415	Ungulado Tangente	12	8 Marcados com Malha
PR CT 33	417	Simples Grosso	9	2 com Impressões
		Ungulado	6	
PR CT 34	418	Ungulado	11	1 Marcado com Tecido 2 com Impressões
		Ungulado Tangente	6	

No sítio PR CT 4 ocorreu um exemplar com forma 12 no tipo Ungulado. Com 12 cm de diâmetro de boca mostrava, na sua face interna, camada de engobo vermelho. No tipo Ungulado-Tangente, ocorreram dois exemplares com a forma 6 e um com a forma 11. Mediam 16, 18 e 20 cm de diâmetro de boca, respectivamente. Na forma 6, uma peça apresentava como técnica associada, camada de engobo vermelho na face externa. Na forma 11, o engobo vermelho foi aplicado nas duas faces.

No sítio PR CT 5 um exemplar apresentou a forma 6 no tipo Ungulado e, dois, a forma 11 nos tipos Ungulado e Ungulado-Tangente. Na primeira forma a peça mostrava 10 cm de diâmetro de boca e, na segunda, 16 e 20 cm, respectivamente.

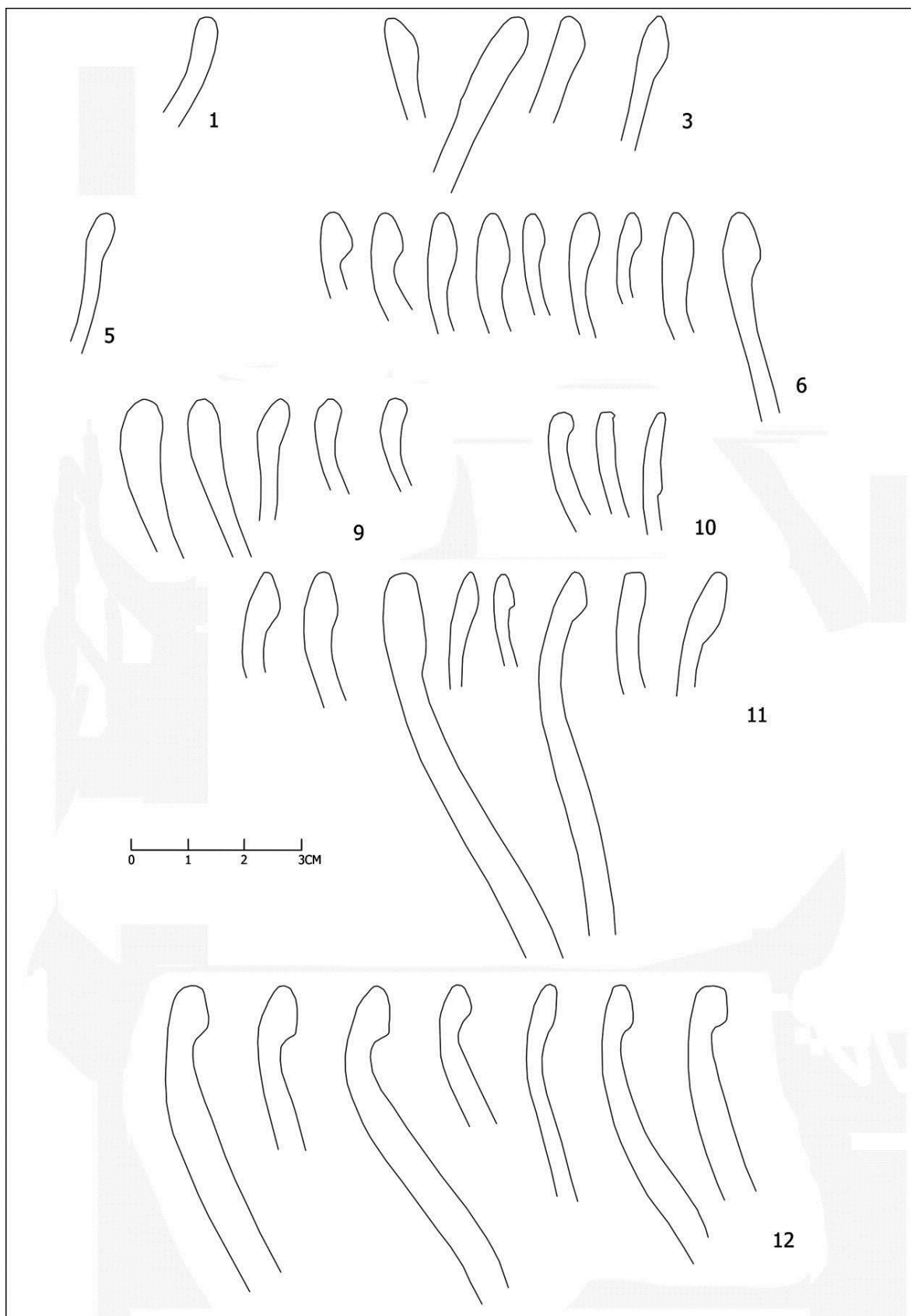


Figura 22. Perfis de bordas correspondentes às formas 1, 3, 5, 6, 9, 10, 11 e 12 da fase Açungui, classificados nos sítios da fase Guajuvira, evidenciando sinais de interação.

Os sinais de interação foram registrados em maior número junto ao material do sítio PR CT 6. No tipo Simples Grosso foram evidenciadas as formas 3, 5, 6, 9, 11 e 12. A forma 3 ocorreu em 3 recipientes com 14, 20 e 28 cm de diâmetro de boca respectivamente. O diâmetro de boca da vasilha com a forma 5 era de 14 cm. Na forma 6 o diâmetro de boca media 12 cm; 2 recipientes com a forma 9 mediam 10 e 14 cm de diâmetro de boca. A forma 11 ocorreu em 2 vasilhas que mediam 12 e 16 cm de diâmetro de boca.

A forma 12 foi representada por 1 exemplar com 12 cm de diâmetro de boca. No tipo Simples Fino ocorreram as formas 1, 3, 9, 10 e 11. A forma 1 foi evidenciada apenas em 1 peça e media 14 cm de diâmetro de boca. A forma 3 ocorreu em 1 vasilha que media 12 cm de diâmetro de boca. A forma 9 foi registrada em 2 exemplares com 10 cm de diâmetro de boca. A forma 10 foi representada por 1 exemplar no tipo Engobo Vermelho. Media 16 cm de diâmetro de boca e teve o engobo aplicado na face externa. A forma 11 ocorreu em 1 exemplar com 14 cm de diâmetro de boca.

No sítio PR CT 22, ocorreram as formas 11 (2) e 12 no tipo Ungulado. O diâmetro de boca das vasilhas era de 22(2) e 20 cm respectivamente.

No sítio PR CT 31 foi registrada uma vasilha com forma 12 no tipo Ungulado-Tangente. Com 22 cm de diâmetro na boca, apresentava camada de engobo vermelho na face interna.

No sítio PR CT 33, a interação está representada pela presença da forma 9 no tipo Simples Grosso e, da forma 6 no tipo Ungulado. Na primeira forma a vasilha tinha 16 cm de diâmetro de boca e, na segunda 20 cm. Esta apresentava técnica associada Vermelho na face interna.

Finalmente, no sítio PR CT 34, ocorreu a forma 11 no tipo Ungulado e a forma 6 no tipo Ungulado-Tangente. A primeira apresentava 20 cm de diâmetro de boca e, a segunda, 22 cm. Ambas mostravam, associativamente, camada de engobo vermelho na face interna.

Comparando as formas das vasilhas cerâmicas que apresentaram sinais de interação cultural notamos que apenas as formas 6, 9 e 12 ocorreram nas fases Imbituva e Guajuvira (em verde); as formas 2, 7 e 8, foram registradas apenas na Imbituva (em vermelho) e as formas 1, 3, 5, 10 e 11, estavam presentes apenas na fase Guajuvira (em azul) (Figura 22).

Em relação à função dos recipientes constatou-se que, na fase Imbituva as formas 2 e 6 correspondem a tigelas; a forma 7 é representativa de panela e as formas 8, 9 e 12 são relativas a jarros (Figura 19).

Os sítios PR CT 8, PR CT 12, PR CT 23, PR CT 26 e PR CT 29 da fase Imbituva não apresentaram os tipos Marcado com Malha ou com Tecido e, apenas os sítios PR CT 8, PR CT 23 e PR CT 29 mostraram sinais de interação.

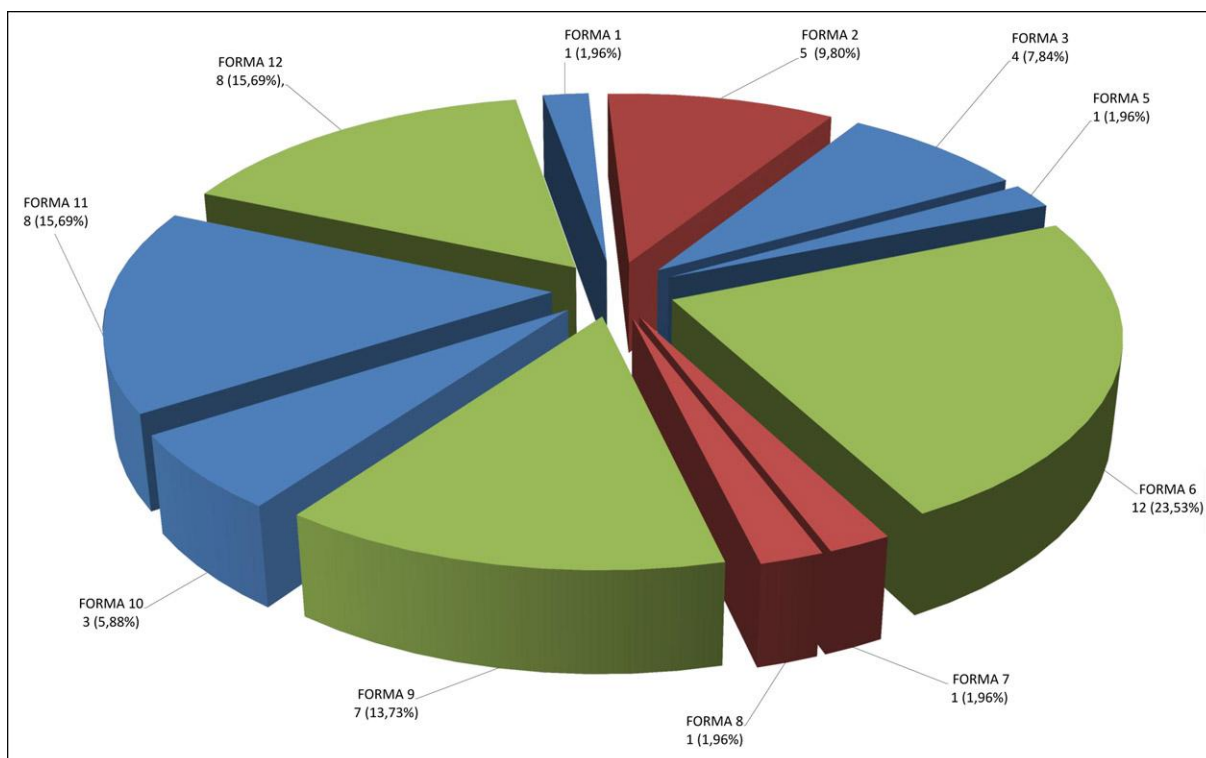


Figura 23. Frequência das formas cerâmicas da fase Açungui, que evidenciam sinais de interação nos sítios das fases Imbituva e Guajuvira.

Nos sítios PR CT 7, PR CT 11, PR CT 16, PR CT 21, PR CT 25, PR CT 27 e PR CT 30, ocorreram os tipos Marcado com Tecido, com Malha e Cestaria, indicando periodicidade relativa ao início da ocupação europeia. As formas representativas de interação intercultural ocorreram nos sítios PR CT 7, PR CT 21, PR CT 25 e PR CT 27. Os sítios PR CT 11 e PR CT 23 apresentaram em suas coleções, o tipo Escovado e, no sítio PR CT 27, ocorreu intrusão de cerâmica da fase Açungui.

Na fase Imbituva, os sítios PR CT 10, PR CT 17 e PR CT 20, por apresentarem coleções com pouco material arqueológico, foram desconsiderados porque poderiam modificar o resultado final da análise.

Na Fase Guajuvira, os traços de interação correspondem a tigelas representadas pelas formas 1, 3, 5 e 6, e jarros correspondentes às formas 9, 10, 11 e 12 (Figura 21).

Nessa fase apenas o sítio PR CT 19 não apresentou os tipos Marcado com Tecido ou com Malha, nem sinais de interação cultural.

Nos sítios PR CT 3, PR CT 4, PR CT 5, PR CT 6, PR CT 22, PR CT 31, PR CT 33 e PR CT 34 ocorreram os tipos Marcado com Tecido, Marcado com Malha e Marcado com Cestaria.

Tabela 8. Sítios arqueológicos das fases Imituva e Guajuvira, que apresentaram sinais de interação cultural.

Sítio	Fase	Sinais de Interação	Presença de do tipo Marcado com malha e marcado com tecido
PR CT 7	IMBITUVA	SIM	SIM
PR CT 8	IMBITUVA	SIM	NÃO
PR CT 10	IMBITUVA	NÃO	NÃO
PR CT 11	IMBITUVA	NÃO	SIM
PR CT 12	IMBITUVA	NÃO	NÃO
PR CT 16	IMBITUVA	NÃO	SIM
PR CT 17	IMBITUVA	NÃO	SIM
PR CT 20	IMBITUVA	NÃO	SIM
PR CT 21	IMBITUVA	SIM	SIM
PR CT 23	IMBITUVA	SIM	NÃO
PR CT 25	IMBITUVA	SIM	SIM
PR CT 26	IMBITUVA	NÃO	NÃO
PR CT 27	IMBITUVA	SIM	SIM
PR CT 29	IMBITUVA	SIM	NÃO
PR CT 30	IMBITUVA	NÃO	SIM
PR CT 3	GUAJUVIRA	SIM	SIM
PR CT 4	GUAJUVIRA	SIM	SIM
PR CT 5	GUAJUVIRA	SIM	SIM
PR CT 6	GUAJUVIRA	SIM	SIM
PR CT 9	GUAJUVIRA	NÃO	NÃO
PR CT 14	GUAJUVIRA	NÃO	SIM
PR CT 15	GUAJUVIRA	NÃO	SIM
PR CT 19	GUAJUVIRA	NÃO	NÃO
PR CT 22	GUAJUVIRA	SIM	SIM
PR CT 31	GUAJUVIRA	SIM	SIM
PR CT 33	GUAJUVIRA	SIM	SIM
PR CT 34	GUAJUVIRA	SIM	SIM

Foram constatadas ainda, junto ao vasilhame, formas indicativas de interação cultural.

No sítio PR CT 9 não foram constatados os tipos Marcado com Malha e Marcado com Tecido, nem sinais de interação, porém fazia parte de seu acervo, uma base em pedestal com engobo vermelho aplicada nas duas faces, referente ao contato com europeus.

Os sítios PR CT 14 e PR CT 15 apresentaram o tipo Marcado com Tecido, mas sem traços de interação cultural. No sítio PR CT 14 ocorreram três bases descascadas, podendo corresponder a bases anelares ou em pedestal. Foi constatada, também, nos dois sítios, a intrusão de cerâmica Itararé da fase Açungui.

O sítio PR CT 22, com uma área de 10 m de diâmetro e coleção pequena, com pouco material arqueológico, foi desconsiderado no presente estudo porque poderia alterar o resultado da análise.

Considerando-se que, de acordo com Igor Chmyz (1969, p. 121), as fases Guajuvira e Imbituva da Tradição Tupiguarani podem estar vinculadas com a fase Tamboara do rio Ivaí e, que esta corresponde ao período de estabelecimento das comunidades espanholas e das reduções jesuíticas nos séculos XVI e XVII, apresentando como traço característico a presença dos tipos Marcado com Tecido, com Malha, com Cestaria e o Escovado, (Tabela 8) foi possível a caracterização através da análise do material cerâmico, de quatro períodos distintos de ocupação da área (Figuras 24 e 25).

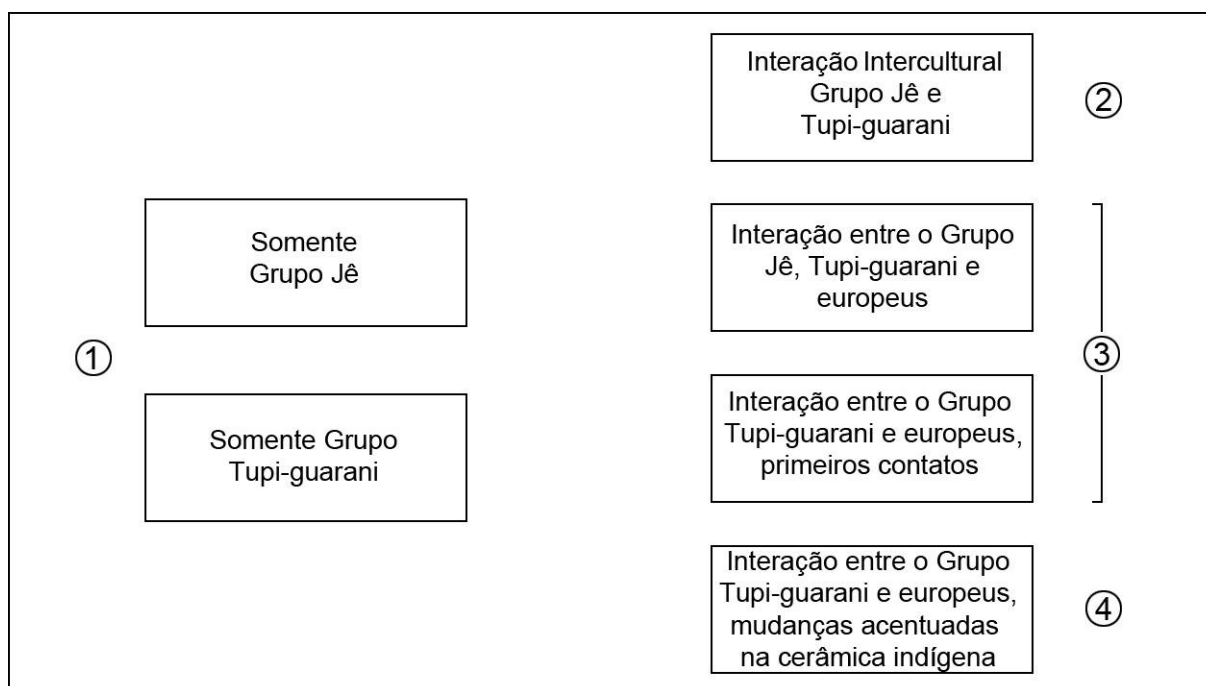


Figura 24. Os quatro períodos distintos da ocupação da área em estudo.

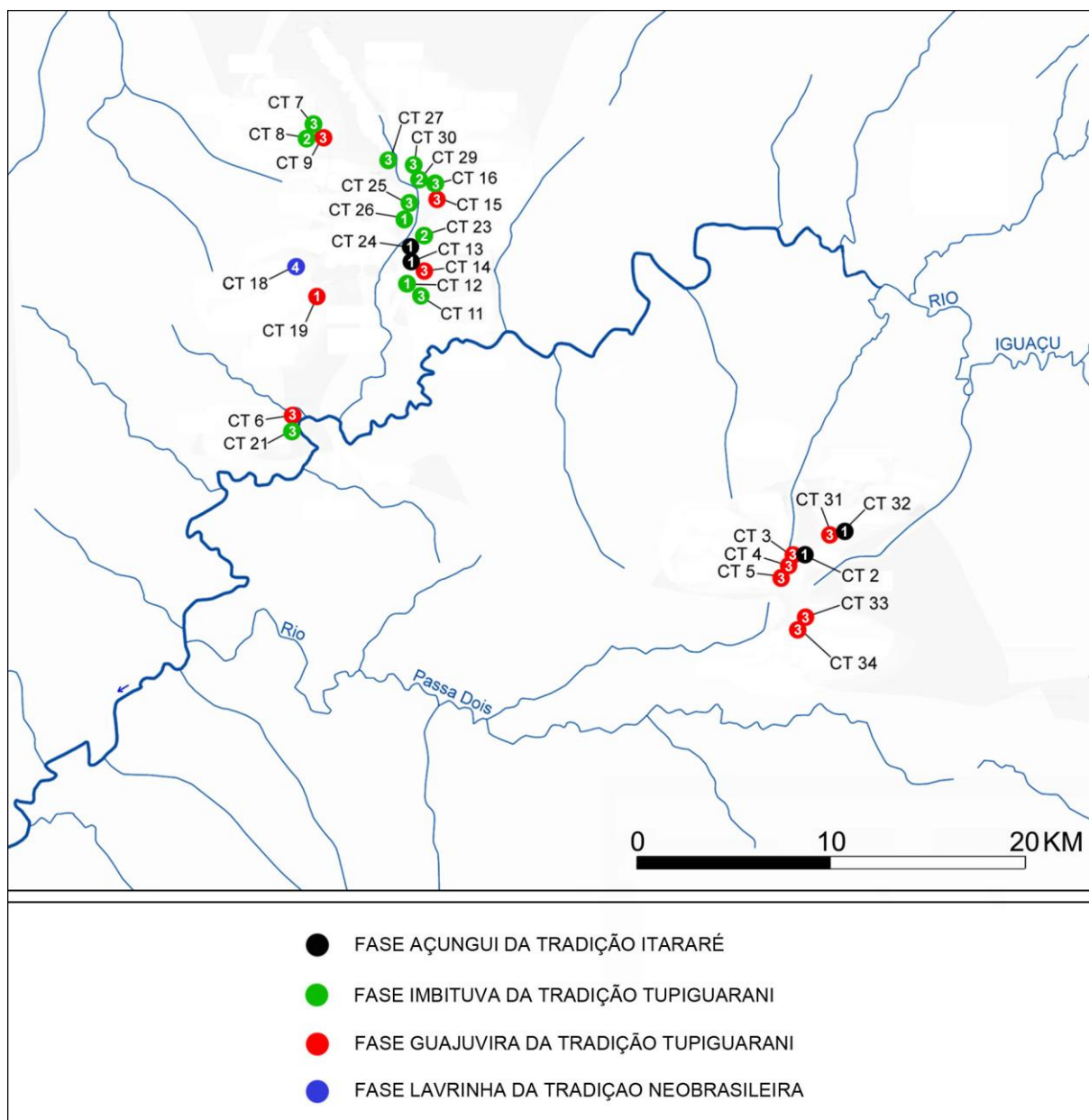


Figura 25. Localização dos sítios arqueológicos das Tradições Itararé, Tupiguarani e Neobrasileira com a sinalização dos quatro períodos de ocupação da área em estudo.

O primeiro período corresponde à ocupação da região pelos grupos Jê e Tupiguarani anterior ao período colonial. Referentes a ele estão os sítios PR CT 2, PR CT 13, PR CT 24 e PR CT 32 da Tradição Itararé, que não demonstraram nenhum contato intercultural indígena ou de relação com os europeus (Tabela 9 e Figura 26).

Os sítios PR CT 12 e PR CT 26 da fase Imbituva e, o sítio PR CT 19, da fase Guajuvira relacionados à Tradição Tupiguarani, da mesma forma, não apresentaram sinais de interação com o grupo Jê, nem sinais de influência europeia.

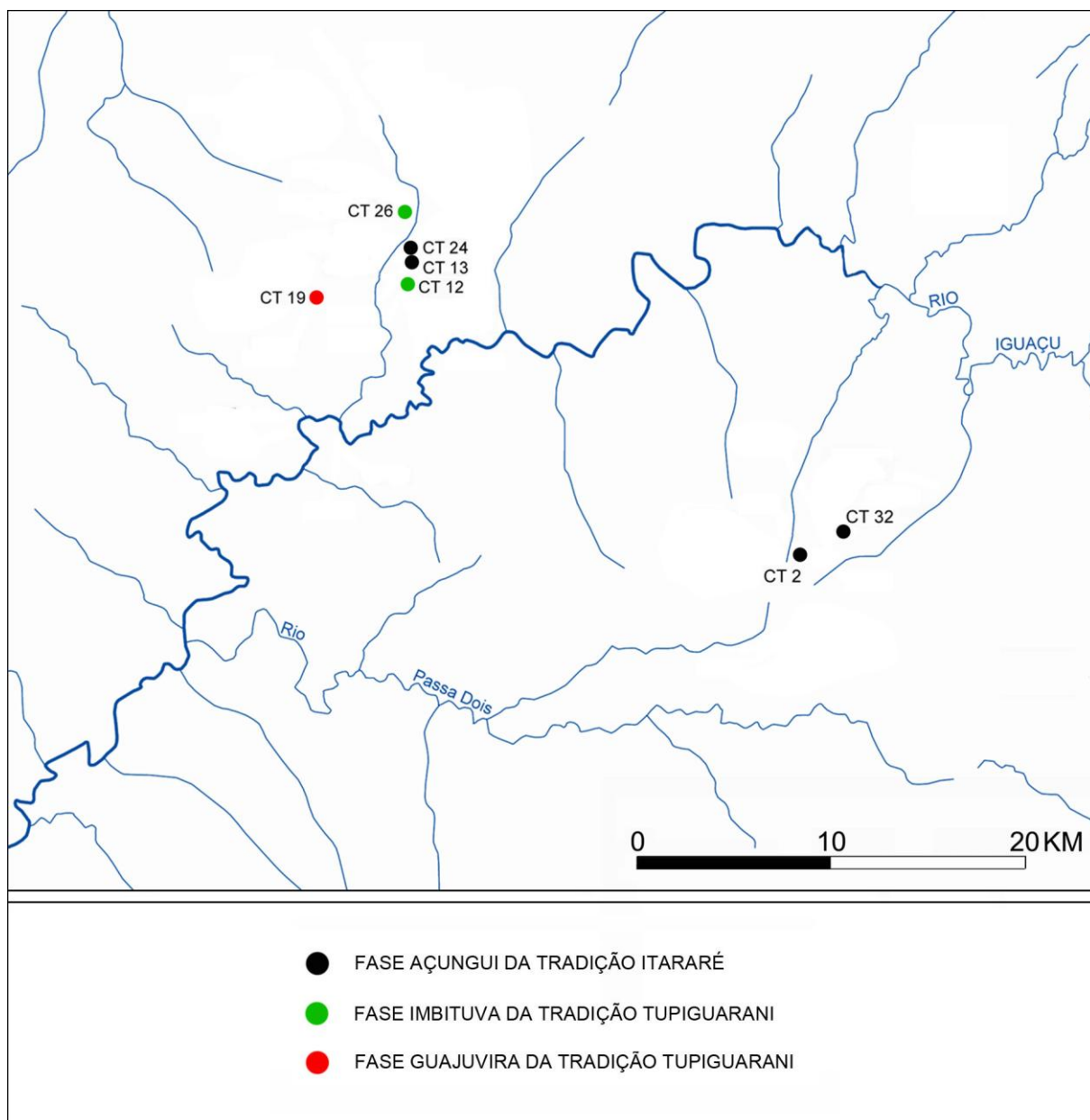


Figura 26. Localização dos sítios arqueológicos das Tradições Itararé e Tupiguarani referente ao primeiro período que corresponde à ocupação da região pelos grupos Jê e Tupi-Guarani anterior ao período colonial.

A análise do acervo desses sítios demonstrou a manutenção das técnicas de confecção, mesma composição de pasta, decoração e forma dos vasilhames características de cada grupo.

O segundo período corresponde, especificamente, ao momento em que ocorreram as relações entre os grupos indígenas Jê e Tupi-Guarani, ou seja, ao instante em quem teve início uma relação intercultural, representada pela presença de formas cerâmicas da Tradição Itararé no vasilhame cerâmico Tupiguarani, porém sem a influência europeia (Figura 27).

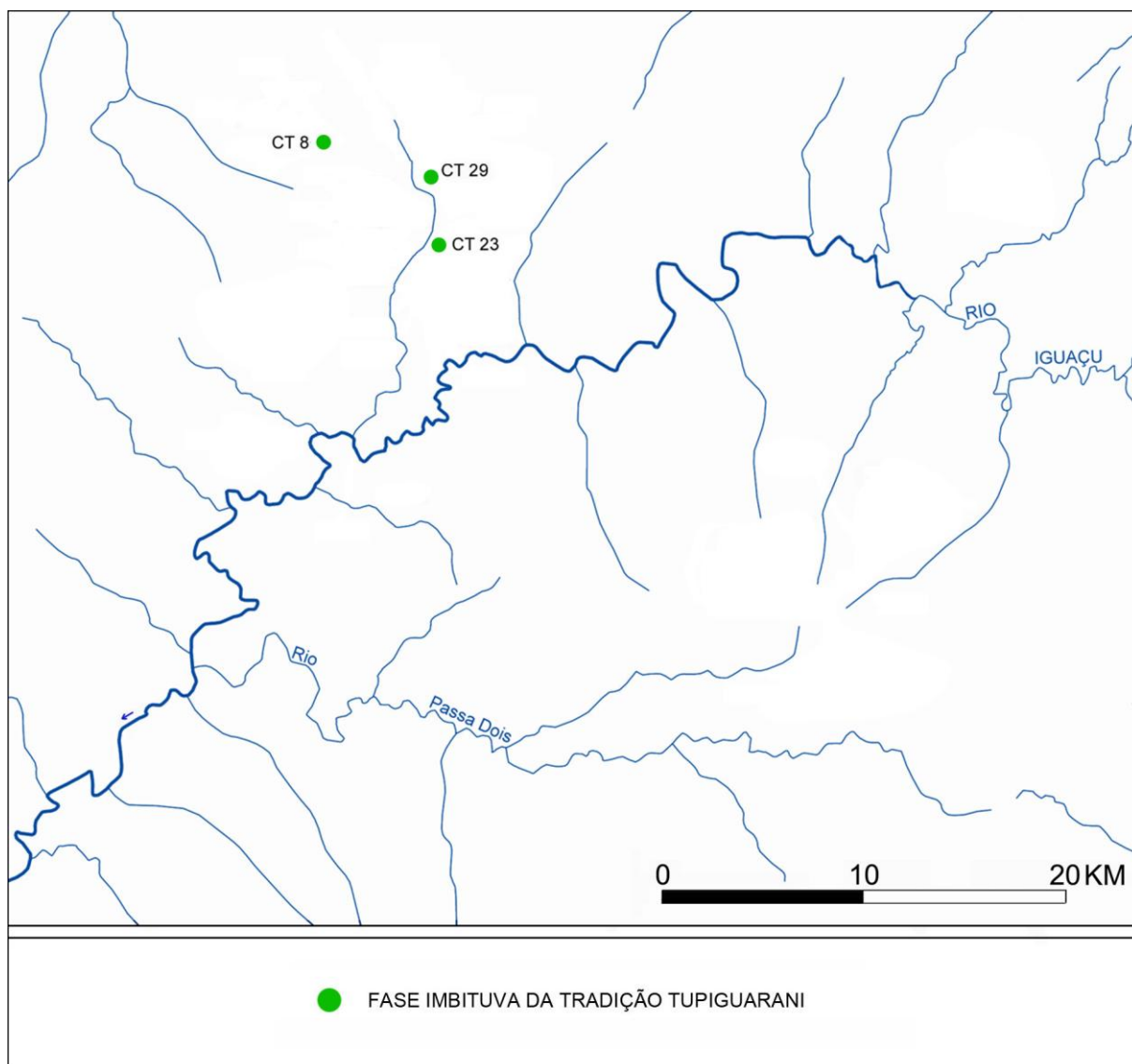


Figura 27. Localização dos sítios arqueológicos da Tradição Tupiguarani correspondente ao segundo período de ocupação da área, onde ocorreram as relações entre os grupos indígenas Jê e Tupiguarani sem a influência europeia.

Nesse período, no material cerâmico dos sítios a ela relacionados, evidenciou-se a incorporação de formas da Tradição Itararé no acervo da Tradição Tupiguarani, sem alterações na composição da pasta característica da última Tradição.

Essas alterações observadas na cerâmica Tupiguarani podem estar vinculadas ao início do período colonial. Foi registrado somente nos sítios PR CT 8, PR CT 23 e PR CT 29 da fase Imbituva.

O terceiro período foi subdividido em duas situações de contato, sendo que a primeira situação apresenta morfologia e a composição da pasta do vasilhame da Tradição Tupiguarani, com a inserção das formas dos recipientes dos grupos Jê e,

também, a presença de novos tipos decorativos representados pelos tipos Marcado com Malha e Marcado com Tecido, demonstrando a ocorrência de interação intercultural também com os europeus (Figura 28).

Está representado nos sítios PR CT 7, PR CT 21, PR CT 25 e PR CT 27 da fase Imituva e nos sítios PR CT 3, PR CT 4, PR CT 5, PR CT 6, PR CT 31, PR CT 33 e PR CT 34 da fase Guajuvira, além do sítio PR CT 9 que, apesar de não apresentar os tipos Marcado com Malha e com Tecido, evidenciou uma base em pedestal com engobo vermelho aplicado nas duas faces, característico da influência europeia.

As formas cerâmicas da fase Açungui da Tradição Itararé incorporadas na cerâmica Tupiguarani, no segundo e terceiro períodos evidenciaram que mulheres do grupo indígena Jê representaram papel de intermediadoras culturais. Mantendo a base cultural aprendida no seu grupo de origem, aplicaram seu aprendizado na confecção da cerâmica, preservando as características morfológicas do vasilhame dentro de outro sistema cultural indígena, adotando apenas alguns tipos de decoração e utilizando do mesmo antiplástico da cerâmica Tupiguarani.

Nesse período, corroborando com Rogge (2004, p. 21-22) observamos a ocorrência de elementos estilísticos de uma tradição arqueológica em outra, demonstrando um processo de interação direcionado à integração e à cooperação entre essas populações. Nesses períodos percebe-se que houve não apenas a troca de objetos ou de técnicas, mas a incorporação de alguns aspectos formais e decorativos da cerâmica indígena, o que não impediu a continuidade da sua cultura tradicional, mantenedora de identidade.

A aceitação dessa modificação e, a incorporação dessas mulheres como intermediadoras culturais por parte do grupo Tupi-Guarani foi, provavelmente, resultante da expansão colonizadora, que restringiu seus territórios e interferiu drasticamente na organização social de ambos os grupos indígenas.

No terceiro período, como no segundo, ocorreu a mesma intermediação de mulheres indígenas dos grupos Jê nos grupos Tupi-Guarani acrescida ainda pela intermediação das mulheres Tupi-Guarani, as quais mantiveram as características de manufatura tradicional da cerâmica, porém adotaram novas decorações representadas pelos tipos Marcado com Malha, Marcado com Tecido, Marcado com Cestaria e o Escovado.

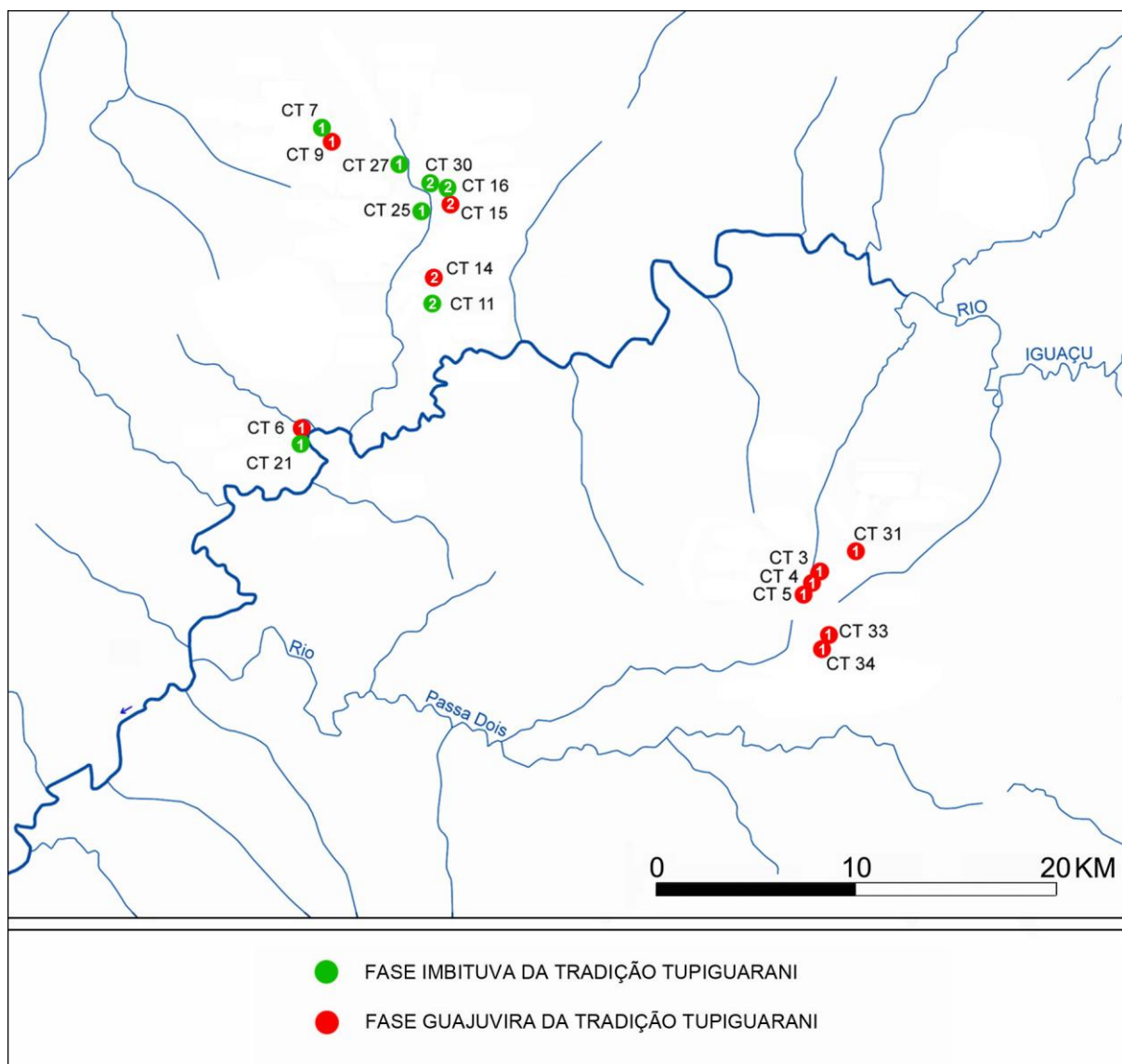


Figura 28. Localização dos sítios arqueológicos das fases Imbituva e Guajuvira da tradição Tupiguarani referentes ao terceiro período, subdividido em duas situações de contato cultural.

A segunda situação de contato no terceiro período mostra apenas a ocorrência dos tipos Marcado com Malha e Marcado com Tecido, sem a presença de cerâmica com interação intercultural indígena. Pode estar relacionado ao momento em que os contatos entre os índios da Tradição Tupiguarani e os europeus se tornaram mais constantes. Corresponde, provavelmente, àqueles grupos influenciados pelo período do estabelecimento das comunidades espanholas e das reduções jesuíticas nos séculos XVI e XVII. Está representado pelos sítios PR CT 11, PR CT 16 e PR CT 30 da fase Imbituva e, pelos sítios PR CT 14 e PR CT 15 da fase Guajuvira.

O quarto período está representado pelo sítio PR CT 18, vinculado à fase Lavrinha, que apresentou evidências de contato intenso entre os indígenas da família linguística Tupi-Guarani e o período da colonização. A cerâmica registrada em seu acervo, confeccionada artesanalmente pela técnica acordelada e conservando formas e decoração derivadas da Tradição Tupiguarani, apresentou influência ibérica, que refletiu em modificações acentuadas na produção cerâmica indígena com a incorporação de bases planas e em pedestal, asas, cachimbos angulares e técnicas mistas na decoração dos recipientes (Figura 29).

Na segunda situação do terceiro período e no quarto período foi constatado apenas a intermediação das mulheres do grupo Tupi-Guarani com os europeus, com contatos mais intensivos. Acordando com Herta Loëll Scheuer (1982, p. 22), durante os primeiros contatos os indígenas utilizaram, inicialmente, os recipientes cerâmicos já existentes e, a produção e o fornecimento permaneceram por muito tempo nas mãos das ceramistas nativas, onde foram mantidos os traços indígenas na cerâmica, principalmente na decoração. Devagar os vasilhames foram sendo adaptados e sofrendo alterações, como a modificação da base, a inclusão de pescoço, do bico, da alça, da asa e do cabo. Essas alterações não mudaram os estilos básicos das formas dos vasilhames, permanecendo ainda o uso de inúmeras decorações indígenas, tais como o corrugado, escovado, inciso, cortes, entalhes, ungulações e digitados.

Essas interações culturais, ocorridas a partir dos primeiros contatos com o colonizador europeu, resultaram em novas configurações culturais consequentes do etnocídio, realocações forçadas de populações indígenas e etnogênese, originando múltiplas identidades, produto das trocas entre luso-brasileiros, indígenas e mestiços e, em menor escala, africanos (SYMANSKI e GOMES, 2011).

As mudanças não ocorreram apenas nos grupos indígenas. Resultaram, também, em mudanças na sociedade dominante. Essas modificações foram observadas por Joaquim Osório Ribas (2008, p. 14-15), o qual informa que, na região de Irati, alguns usos e costumes dos índios Kaingáng passaram a fazer parte do cotidiano dos colonizadores, como o uso do pinhão, a construção de ranchos, camas e cestos de taquara.

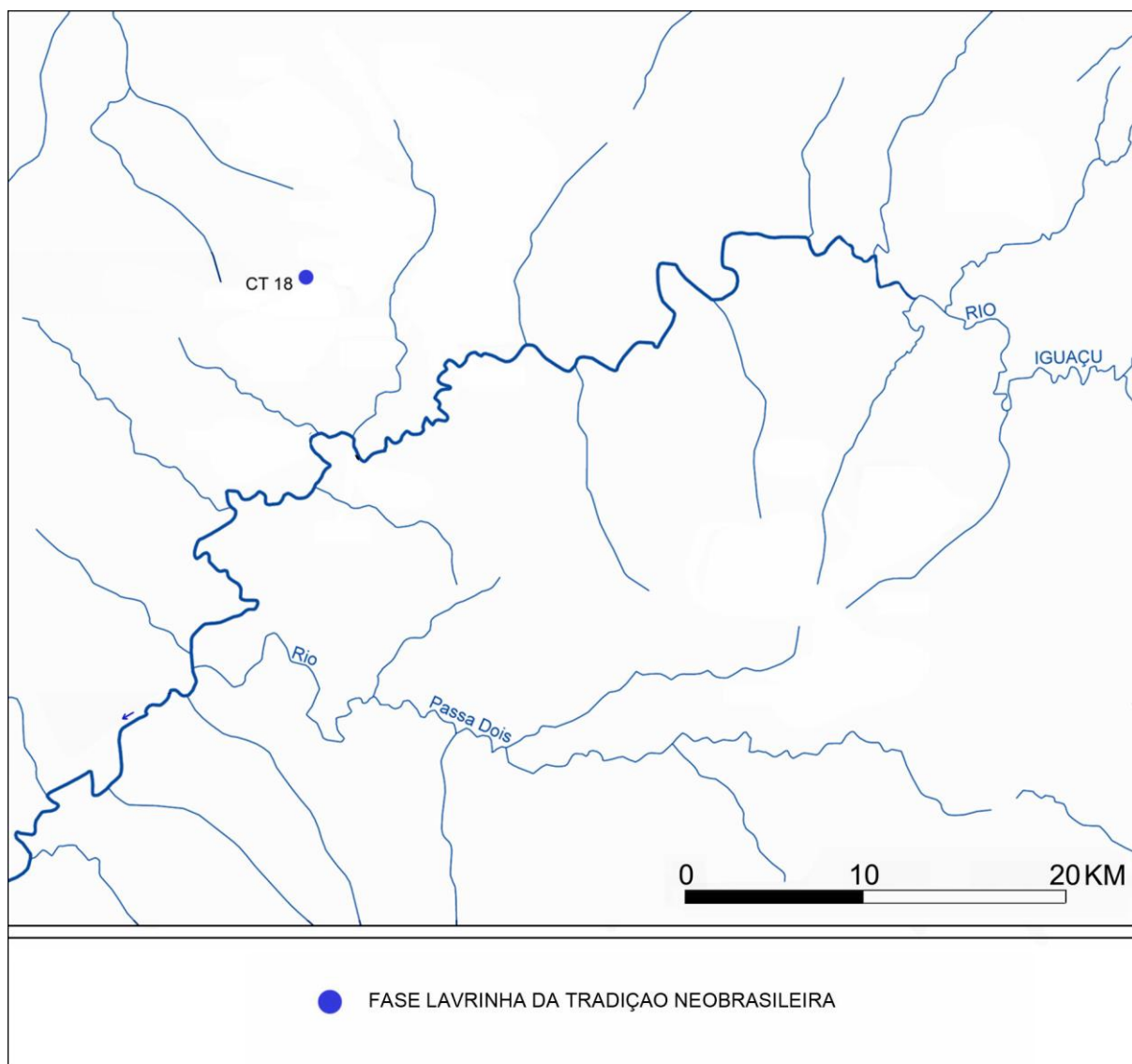


Figura 29. Localização do sítio arqueológico da Tradição Neobrasileira referente ao quarto período, que apresentou evidências de intenso contato entre os indígenas da família linguística Tupi-Guarani e europeus.

A caça de porco do mato e veado campeiro através de puladores, esperas e barreiros e armadilhas de pesca. Também foram adotados métodos de curas como uso de cipós para mordida de cobra e chás de plantas medicinais, além de alguns rituais religiosos e o vocabulário. As mulheres Kaingáng eram procuradas por homens mais humildes da sociedade nacional, constituindo uma geração de mestiços que se espalharam pela região.

Deve-se ressaltar ainda, que junto ao sítio PR CT 27 da fase Imbituva, foi constatada cerâmica intrusiva da Tradição Itararé. No seu acervo foram registrados também, traços de interação intercultural referente ao terceiro período.

Nos sítios PR CT 14 e PR CT 15 da fase Guajuvira, relacionados a segunda situação no terceiro período, ocorreu também, a intrusão de cerâmica. Estes podem remeter a uma possível reocupação do espaço separado temporalmente, ou mesmo a um convívio mais aproximado provocando uma relação de troca.

Tabela 9. Sítios arqueológicos das Tradições Itararé, Tupiguarani e Neobrasileira, com os períodos distintos da ocupação da área em estudo e a caracterização da interação intercultural a partir do segundo período.

Primeiro Período	Sítios Itararé	PR CT 2, 13, 24 e 32	
	Sítios TPG	Fase Imbituva PR CT 12 e 26	Fase Guajuvira PR CT 19
Segundo Período	Sítios TPG	Fase Imbituva PR CT 8, 23 e 29	
Terceiro Período	Sítios TPG Primeira Situação	Fase Imbituva PR CT 7, 21, 25 e 27	Fase Guajuvira PR CT 3, 4, 5, 6, 9, 31, 33 e 34
	Sítios TPG Segunda Situação	Fase Imbituva PR CT 11, 16 e 30	Fase Guajuvira PR CT 14 e 15
Quarto Período	Sítio Neobrasileiro	Fase Lavrinha PR CT 18	

Os estudos inferidos evidenciaram que, na área em pauta, se deram processos de interação cultural diferentes dos encontrados no Rio Grande do Sul. Aqui notamos a interação de formas da cerâmica da Tradição Itararé na cerâmica Tupiguarani, porém mantendo a decoração e a pasta relacionadas à última Tradição.

Os levantamentos arqueológicos realizados no Rio Grande do Sul demonstraram também movimentação dos grupos indígenas devido às frentes colonizadoras, com a ocorrência de processos interativos através da presença de fragmentos de vasilhas cerâmicas com formas e decoração Tupiguarani com antiplástico da Tradição Vieira e, também, a presença de material cerâmico da

Tradição Tupiguarani em vários sítios da Tradição Taquara (Jê), e a cerâmica Taquara incorporando formas e decorações da cerâmica de Tradição Tupiguarani.

Segundo Rogge (2004, p. 90) os sítios de Balneário Quintão e, possivelmente do Rio Pardo (Rio Grande do Sul), mostraram que houve uma convivência muito mais próxima, onde um conjunto cerâmico teve a possibilidade de complementar o outro, resultando de uma relação de troca de mulheres, via matrimônio.

Analisando-se os resultados obtidos, podemos concluir que essas interações culturais ocorreram a partir da chegada do europeu e, foram acentuadas com o colonialismo, que exerceu fortes pressões sobre esses grupos indígenas. Deve-se ressaltar também que na área em estudo, segundo relatos etno-históricos, passavam as expedições exploratórias para o interior paranaense e o caminho de tropas. A área está próxima ainda, do divisor de águas da bacia do alto rio Iguaçu e a da bacia do Tibagi, onde nesta, no século XVI, foram estabelecidas quatro reduções: a de São Francisco Xavier (1624); a redução de São José, (1625), a redução de Nossa Senhora da Encarnação (1625) e, a redução de São Miguel (1627), que abrigavam grupos Jês. Porém a redução jesuítica que pode ter influenciado diretamente essa área, é a redução de Jesus-Maria, nas cabeceiras do rio Ivaí.

De acordo com Chmyz (1979, p. 121), a fase Lavrinha representa um contato intenso entre o indígena da tradição Tupiguarani e o elemento branco, o colonizador, estando provavelmente relacionada com a fundação de Curitiba no século XVII.

Ressalta-se que nas diversas pesquisas arqueológicas executadas pelo CEPA/UFPR, no Estado do Paraná, somente nessa região foi evidenciada essa grande quantidade de sítios arqueológicos que apresentam sinais de interação cultural.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou entender de que maneira ocorreram interações culturais entre dois grupos indígenas culturalmente divergentes e, deles com a presença europeia, abrangendo quatro períodos distintos da ocupação da área.

Através de levantamentos de fontes históricas e etno-históricas, apresentamos os aspectos culturais dos grupos indígenas dos troncos linguísticos Macro-Jê e Tupi, que ocuparam essa região do território paranaense e, que anteriormente ao período histórico, mantinham um equilíbrio nas suas fronteiras territoriais e relações interétnicas estáveis.

A fronteira representava um fator de separação ou disputa capaz de gerar situações de conflito, configurando um espaço onde poderiam ocorrer ações capazes de gerar novos processos de interação através da integração e cooperação entre populações diferentes (ROGGE, 2004, p. 21).

Nessa interação intercultural, segundo Barth (2000, p. 35) havia um conjunto de prescrições que governavam as situações de contato e permitiam uma articulação em alguns setores ou domínios de atividades específicas, assim como um conjunto de interdições ou proscricções com relação a determinadas situações sociais que evitavam interações interétnicas em outros setores e, protegiam partes das culturas da confrontação e da modificação.

A área em estudo representou um corredor para o interior paranaense. Expedições com caráter exploratório e de conquista foram realizadas a partir do século XVI. Atravessaram a região em pauta, cortando o rio Iguaçu na região de Araucária passaram pelos Campos de Curitiba e os Campos Gerais, atingindo os rios Tibagi, Piquiri e novamente o rio Iguaçu. Dessas viagens resultaram as primeiras informações sobre a bacia do rio Iguaçu, com a descrição dos aspectos geográficos do seu vale e sobre os grupos Guarani que o habitavam, inclusive com a localização de algumas aldeias.

No século XVII a região foi percorrida pelos paulistas que tinham como objetivo a destruição de reduções jesuíticas e captura de índios Guarani.

As bandeiras paulistas ocasionaram uma descompressão demográfica Guarani no sul do Brasil, proporcionando aos povos Jê a exploração e a ocupação de territórios “vazios”, sem precisar estabelecer estratégias de continuidade social e

territorial, bem como a retomada de áreas no interior e no litoral por eles ocupadas no passado, das quais foram expulsos durante a conquista territorial guarani (NOELLI, 2004, p. 31).

O território paranaense foi novamente explorado a partir do século XVIII. Novas expedições foram organizadas resultando no reconhecimento, principalmente, dos Primeiro e Segundo Planaltos, assim como no início de sua colonização (CHMYZ et al., 2009, p. 21).

Nesse século, também, teve início o processo de concessões de sesmarias para fazendeiros procedentes de São Paulo, Curitiba e Rio Grande do Sul, os quais começaram a instalar nos arredores do Caminho das Tropas suas fazendas de pecuária, deslocando tropas de muares e gado de abate provenientes do Rio Grande do Sul para os mercados de São Paulo e Minas Gerais. Estrategicamente localizados para o descanso das tropas, os campos naturais da região dos Campos Gerais tornaram-se muito disputados.

Segundo Coelho dos Santos (1976, p. 46-47), ao longo do “Caminho de Tropas” nos pontos de descanso, foram criadas sedes de fazendas e povoados aproveitando os campos naturais para a criação de gado e, a partir desses estabelecimentos, iniciou-se a exploração da erva-mate, que se desenvolveu à sombra da atividade pastoril.

As explorações e o colonialismo, juntamente com a abertura do caminho de tropas, provocaram um movimento de fuga das populações indígenas em direção ao interior, para áreas ainda não ocupadas pelo colonizador. Para os grupos indígenas restaram três alternativas: a fuga para territórios inexplorados, adiando o conflito, a reação hostil aos invasores configurando-se uma situação de guerra e a aceitação do convívio com o europeu.

As consequências da expansão luso-brasileira para o interior resultaram em reassentamentos, escravidão e doenças. As fronteiras entre os grupos Jê e Tupi-Guarani recuaram e desapareceram diminuindo seus territórios de agricultura, de caça e coleta, ocasionando uma interação entre populações etnicamente diversificadas, desestabilizando o equilíbrio das relações intertribais e introduzindo novos elementos na dinâmica das sociedades indígenas.

A resistência indígena se mostrou sob a forma de revoltas, fugas de assentamentos, de colônias, e a procura de refúgio para o interior na tentativa de,

alguma forma, se reagrupar e reorganizar em novos territórios, tentando reconstruir uma identidade comum, com o entrelaçamento de diferentes tradições culturais.

O objetivo desse estudo foi de estabelecer, através da análise do material cerâmico, inferências sobre as mudanças na cultural material indígena em função dos processos de contatos multiculturais. Os resultados obtidos corroboraram que a interação cultural entre os grupos indígenas Jê e Tupi-Guarani foi intensificado pelo colonialismo forçando uma adaptação entre esses dois grupos na região.

Evidenciaram também que, anteriormente à entrada do europeu, os grupos Jê e Tupi-Guarani mantinham fronteiras territoriais e culturais definidas e estáveis. Estabelecendo-se uma classificação temporal, corresponde ao primeiro período de ocupação. No acervo das coleções dos sítios arqueológicos referentes a ele não foram observados traços de interação ou contato entre os grupos indígenas, mantendo cada um as suas características culturais tradicionais.

No século XVI, com a chegada dos europeus, seguiram-se várias situações que geraram, primeiramente, relações intertribais e, depois relações multiculturais. Esses contatos se refletiram e foram identificados na cultural material, através da incorporação de diferentes formas e decorações no vasilhame cerâmico Tupiguarani, sendo diferenciados temporalmente em três períodos. Para o estabelecimento desses períodos utilizamos como baliza temporal a premissa de Igor Chmyz (1969), que as Fases Guajuvira e Imbituva da Tradição Tupiguarani são contemporâneas e estão vinculadas com a fase Tamboara do rio Ivaí, que corresponde ao período de estabelecimento das comunidades espanholas e das reduções jesuíticas nos séculos XVI e XVII e apresentam como traço característico a presença dos tipos Marcado com Tecido, Marcado com Malha, Marcado com Cestaria e o Escovado.

O segundo período demonstrou que ocorreram relações intertribais entre os grupos indígenas Jê e Tupi-Guarani. Em suas coleções foi constatada a presença de formas cerâmicas da Tradição Itararé no vasilhame cerâmico Tupiguarani. Esta, contudo, não sofreu alterações, mantendo suas características tipológicas e morfológicas.

Mesmo não mostrando sinais de influência europeia na cerâmica, esse período provavelmente está relacionado ao início do período colonial que interferiu diretamente na organização tradicional indígena e na sua territorialidade com o avanço das expedições exploradoras e colonizadoras.

No terceiro período, na primeira situação de contato cultural, o material cerâmico da Tradição Tupiguarani manteve as suas características tipológicas, mas apresentou sinais de interação intercultural com a incorporação de formas da Tradição Itararé associado, ainda, com os tipos decorativos Marcado com Malha e Marcado com Tecido, demonstrando que além dos contatos culturais entre os dois grupos indígenas, os Tupi-Guarani interagiram, também, com os europeus.

Já a segunda divisão desse período evidenciou a permanência da tipologia e a morfologia típicas do vasilhame da Tradição Tupiguarani. O acervo relativo a esse período não evidenciou traços de interação intercultural. Demonstrou, porém a presença de interação com o elemento europeu, com a adoção dos tipos decorativos Marcado com Malha e Marcado com Tecido. Está relacionado, provavelmente, aos primeiros contatos entre os índios da Tradição Tupiguarani e os europeus.

O quarto período apresentou evidências de contato intenso entre os indígenas da família linguística Tupi-Guarani e o período da colonização. A cerâmica registrada foi confeccionada artesanalmente pela técnica acordelada, apresentando formas e decoração derivadas da Tradição Tupiguarani, porém com forte influência ibérica, refletida em modificações acentuadas na produção cerâmica indígena com a incorporação de bases planas e em pedestal, asas, cachimbos angulares e técnicas mistas na decoração dos recipientes, bem como a substituição dos artefatos confeccionados em pedra por instrumentos produzidos a partir da fundição do ferro.

Ressalta-se que no terceiro e quarto períodos, a partir do contato entre as populações indígenas e os europeus, houve um processo de absorção dos elementos europeus e a gradativa eliminação das tradições indígenas. Estes se submeteram aos modelos e valores da sociedade dominante, criando uma crise na sociedade indígena devido à imposição da cultura europeia, variando de acordo com a sociedade e a intensidade de dominação (WACHTEL, 1988, p. 120).

Baseando-se na matriz estabelecida por Roberto Cardoso de Oliveira (1976, p. 54), no primeiro período deve ter ocorrido uma relação simétrica “intercultural” entre os grupos dos troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê e, a partir do segundo período, representado pelo início do contato com o europeu, até o quinto período, com a intensificação da colonização, tiveram início relações assimétricas “interétnicas”, caracterizadas por uma situação de conflito e dominação do branco sobre o índio, resultando em um modelo de fricção interétnica, onde toda a conduta

tribal e não tribal passava a ser moldada conforme a natureza sócio-econômica da sociedade colonial.

Os estudos realizados apontaram também que as mulheres indígenas podem ter desempenhado, durante o processo ocupacional do território paranaense, o papel de intermediadoras culturais. Primeiramente com as mulheres Jê em meio a grupos Tupi-Guarani, quando as primeiras, mantendo seu aprendizado, mantiveram a base cultural aprendida no seu grupo de origem e a aplicaram na confecção da cerâmica preservando alguns tipos de formas, porém utilizando da mesma pasta da cerâmica Tupiguarani, seguindo-se depois a intermediação de mulheres Tupi-Guarani em processos multiculturais, com uma reestruturação social refletida também na sua cultura material.

A aceitação dessas mulheres Jê em um sistema cultural indígena diferente ocorreu, provavelmente, em consequência da expansão colonizadora que restringiu seus territórios e interferiu drasticamente na organização social de ambos os grupos indígenas, conforme sugerido através da análise do material cerâmico. Essa intermediação poderia estar associada, também à captura dos homens dos grupos Jê por parte dos paulistas, quando esses estavam envolvidos em expedições de caça ou de guerra, fora do âmbito doméstico, o que implicava no aprisionamento de maior número de homens que de mulheres. As dificuldades na captura dos índios Jê devia-se à sua baixa densidade populacional e também pela sua resistência à captura (MONTEIRO, 2009, p. 83).

A partir do terceiro período as mulheres Guarani tornaram-se as intermediadoras culturais. Mostrando a aceitação do convívio dos indígenas com o europeu, iniciaram um processo de mudança configurando novas identidades.

Conclui-se que as interações intertribais constatadas foram ocasionadas pela pressão das sucessivas frentes pioneiras forçando os grupos indígenas a compartilhar o mesmo território, independente ou não de terem inclinação à coexistência, provocando a desestruturação do seu substrato biológico, social e da sua cultura original. Observa-se, entretanto, de acordo com trabalhos de Alcida Ramos e Maria Ligia Moura Pires que, atualmente, ocorre uma retomada do antigo distanciamento cultural entre os grupos. Esse fato foi constatado pelas pesquisadoras na reserva indígena de Manguerinha, com o registro da presença de algumas imposições entre as suas relações, onde o grupo Jê impõe interdições com

relação a determinadas situações sociais com os Tupi-Guarani, objetivando a manutenção de sua cultura.

Se o desafio da arqueologia é compreender como ocorreram esses processos de interação entre as populações estudadas, através da interpretação do estilo cerâmico podemos caracterizar as identidades dos diferentes grupos sociais. Como descreve James Sackett, cada grupo ou unidade étnica terá seu próprio estilo e o grau de similaridade estilística estará representado na cultura material dos dois grupos, e poderá ser compreendido como uma expressão direta de sua relação étnica, pois a etnicidade está expressa em qualquer variação da cultura material.

Nas diversas pesquisas arqueológicas executadas no Estado do Paraná poucos sítios arqueológicos cadastrados pelo CEPA/UFPR apontaram traços indicativos de interação cultural. São comuns as reocupações de assentamentos, com a sobreposição de ocupações vinculadas a sítios ceramistas das tradições Itararé, Casa de Pedra, Tupiguarani e Neobrasileira, entre elas e sobre sítios de tradições pré-ceramistas.

Regionalmente, a área em estudo é que encerra ao maior número de sítios arqueológicos com a presença de traços indicativos de interação cultural, o que infere a ela grande importância para a arqueologia.

Durante os trabalhos de campo executados na década de 1960 o pesquisador Igor Chmyz, observou a destruturação da camada de ocupação e o impacto causado pela agricultura intensiva nos sítios arqueológicos. De acordo com Chmyz, mostrando-se de pouca profundidade e descaracterizados, poucos sítios possibilitaram a execução de cortes-estratigráficos, inviabilizando também a execução de coletas de carvão vegetal que permitissem a organização cronológica dos sítios.

Deve-se salientar que no presente estudo o material lítico não foi abordado, pois o objetivo central do trabalho manteve-se focado na análise do material cerâmico. Poderá compor estudo futuro voltado para a indústria lítica, aventando-se a hipótese de que a presença de vários períodos de interações culturais constatados através do material cerâmico poderá estar refletido também no acervo lítico.

Outro aspecto que poderá ser explorado na área em estudo e seu entorno, relaciona-se aos padrões de assentamento dos grupos indígenas através da

comparação temporal entre os sítios arqueológicos para determinação da permanência ou presença de alterações nesses padrões devido ao colonialismo.

A execução de estudos mais amplos e sistemáticos na área será relevante para melhor compreensão de como ocorreram essas diferentes situações de interação cultural, bem como, contribuir para a reconstituição da ocupação pretérita do território paranaense de forma mais abrangente.

11. REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Rani T. Toward an archaeological theory of culture contact. In: **Studies in Culture Contact**. Interaction, Culture Change and Archaeology. (J. M. Cusick, Ed.). Carbondale: Southern Illinois University, Center for Archaeological Investigations. Occasional Papers Nº 25, p. 476-495, 1998.

AMBROSETTI, Juan Batista. **Os índios Kaingáng de San Pedro (Misiones)**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 159 p., 2006.

BALDUS, Herbert. **O culto aos mortos entre os Kaingáng de Palmas**. Ensaios de Etnologia Brasileira. Série 5ª. V.101. Brasileira. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Companhia Editora Nacional. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife. p. 29-69, 1937.

_____. Terminologia de Parentesco Kaingáng. **Sociologia**. São Paulo. V.14, Nº 1, 1952.

BANDEIRA, Joaquim José Pinto. Notícia da descoberta do Campo de Palmas. **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, V. 14, p. 425-438, 1851.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BECKER, Ítala I. Basile; LAROQUE, Luís Fernando da Silva. O índio Kaingáng do Paraná: subsídios para uma etno-história. São Leopoldo: Unisinos, 344 p, 1999.

BERTONI, Moisés Santiago. **La civilización guarani**: parte I - Etnologia (origen, extensión y cultura de la raza Karaí-Guaraní y protohistória de los Guaraníes. Puerto Bertoni. Ex Sylvis, 1922.

BORBA, Telêmaco. **Actualidade indígena**. Chorographia do Paraná. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.

BOTELHO, Afonso. Notícia da Conquista e Descobrimento dos Sertões do Tibagi. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. V. 76, p. 1-290, 1956.

CARDOSO, Jayme A.; WESTPHALEN, Cecília M. Atlas Histórico do Paraná. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 78 p, 1981.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

CARMO, Marta Regina B. do; MORO, Rosemeri S.; NOGUEIRA, Melissa Koch F. de S. A vegetação florestal nos Campos Gerais. In: MELO, M. S.; MORO, R. S.; GUIMARÃES, G. B. **Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, Cap. 9, p. 99-104, 2007.

CHMYZ, Igor. Pesquisas arqueológicas no alto e médio rio Iguaçu. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 3. Resultados Preliminares. 3º ano, 1967/ 68. **Publicações Avulsas N° 13**. Museu Paraense Emílio Goeldi, p.103-131, 1969.

_____. Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica. Segunda edição revista e ampliada. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal do Paraná (1): 119-148, 1976.

_____. Arqueologia e história da vila espanhola de Ciudad Real do Guairá. **Cadernos de Arqueologia**. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, 1 (1): 7-103, 1976.

_____. Contatos interétnicos verificados em sítios arqueológicos no Estado do Paraná, Brasil. **Hombre y Cultura**. Panamá, V. 3, N° 2, p. 5-19, 1977.

_____. **Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas na Área da Usina Hidrelétrica de Salto Santiago (1979-80)**. Florianópolis - Curitiba. Eletrosul. 101 p., 1980.

_____. **Projeto Arqueológico Rosana-Taquaruçu**. São Paulo, Cesp. 74 p., 1986.

_____. Arqueologia de Curitiba. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba. V. 21, p. 3-54, 1995.

CHMYZ, Igor; BROCHIER, Laércio L. Proposta de Zoneamento Arqueológico para o Município de Curitiba. **Arqueologia** - Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR. Curitiba, V. 8, p. 35-60, 2004.

CHMYZ, I.; SGANZERLA, Eliane M.; VOLCOV, Jonas E.; BORA, Eloi; CECCON, Roseli S. A arqueologia da área da LT 750 kV Ivaiporã-Itaberá III, Paraná - São Paulo. **Arqueologia** - Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR. Curitiba, V. 5, p. 1-305, 2008.

CHMYZ, I.; SGANZERLA, Eliane M.; VOLCOV, Jonas E.; BORA, Eloi; CECCON, Roseli S. Arqueologia da área da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul - Paraná. **Arqueologia** - Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR, Curitiba, V. 6, p. 1-147, 2009.

COELHO DOS SANTOS, Sílvio. **Índios e brancos no sul do Brasil**. Porto Alegre: Movimento, 1987.

CUSICK, James G. (Ed.). Studies in Culture Contact. Interaction, Culture Change and Archaeology. Carbondale: Southern Illinois University, **Occasional Papers**, N° 25, p. 126-145, 1998.

DÍAZ-ANDREU, Margarita. Género y arqueología: una nueva síntesis. In: Sánchez Romero, Margarita (Ed.) **Arqueologia y Género**. Granada: Universidade de Granada, p. 13-51, 2005.

DUNNELL, Robert C. **Classificação em Arqueologia**. São Paulo: EDUSP, 2007.

DYSON-HUDSON, Rada; SMITH, Eric Alden. La Territorialidad Humana: una evaluación ecológica. En: **Clásicos de teoría arqueológica contemporánea**. Victoria D. Horwitz. SAA, Buenos Aires, 2007.

FAGUNDES, Marcelo. O conceito de estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas. **Canindé**. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, N°. 4, p. 117-146, 2004.

FERNANDES, José Loureiro. Os Caingangues de Palmas. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, V. 1, p. 161-209, 1941.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 342 p., 2006.

FREITAS, ASTROGILDO de. **Palmeira: reminiscências e tradições**. Curitiba: IHGEP, V. 2, (Estante Paranista, N° 20), 131 p., 1984.

GALVÃO, Eduardo. **Encontro de Sociedades: Índios e Brancos no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 300 p., 1979.

GAMBLE, Clive. **Arqueología Básica**. Barcelona: Editora Ariel S.A, 2008.

HEMMING, John. **Os índios e a fronteira no Brasil colonial**. IN: BETHELL, Leslie. História da América Latina. São Paulo: EDUSP/Brasília, FUNAG, V. 2, 1999.

HENRY, Jules. **Jungle People**. A Kaingang Tribe of the Highland of Brazil. New York, 1941.

HICKS, David. The Kaingang and the Aweikoma: a Cultural Contrast. **Anthropos**. V. 61, 1966.

IRIARTE, José; MAROZZI, Óscar; GILLAM, Christopher. Monumentos Funerarios Y Festejos Rituales: Complejos De Recintos Y Túmulos Taquara/Itararé En Eldorado, Misiones (Argentina). **Arqueologia Iberoamericana**. N° 6, 2010.

JONES, Siân. **The archaeology of ethnicity: constructing identities in the past and present**. London: Routledge, 1997.

MAACK, Reinhard. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná e Instituto de Biologia e Pesquisa Tecnológica, 1968.

MANIZER, Henrich H. **Os Kaingáng de São Paulo**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 63 p., 2006.

MARCONDES, Moysés. **Pae e Patrono**. Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá. Rio de Janeiro: Tipografia do Anuário do Brasil, 1926.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. (Coleção Farol do Saber), 471 p., 1995.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MELIÁ, Bartomeu. **Guarani Retã**. Cartilha dos povos Guaranis da fronteira. Argentina Brasil e Paraguai. 28 p, 2008.

MELO, Mário Sérgio de (Coord.) **Caracterização do patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa: UEPG, (Fundação Araucária), 168 p., 2003.

MENTZ RIBEIRO, Pedro. A.; SILVEIRA, Ítela. Sítios Arqueológicos da Tradição Taquara, Fase Erveiras, no Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul. N° 8, p. 3-59, 1979.

MENTZ RIBEIRO, Pedro A. M. et alli. Levantamentos Arqueológicos na Porção Central da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. V. 17, p 85 - 99, 2004

MERCER, Edmundo A.; MERCER, Luiz L. **História de Tibagi**. Curitiba: CENICOM. 196 p., 1934.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 300 p., 1994.

MOREIRA, Julio Estrela. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá**. Curitiba: Imprensa Oficial, V. 3, p. 739-1024, 1975.

NIMUENDAJU, Curt. **Cartas do Sertão, de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira**. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/Assírio & Alvim, 2000.

NOELLI, Francisco S. O mapa arqueológico dos povos Jê no sul do Brasil. In: K. Tommasino, L.T. Mota & F.S. Noelli (eds.), **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Editora da UEL, p. 17-55, 2004.

_____. O espaço dos Guarani: a construção do mapa arqueológico no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. In: MOREIRA, Luiz Felipe Viel; GONÇALVES, José Henrique Rollo (Orgs.). **Etnias, Espaços e Ideias: Estudos Multidisciplinares**. Curitiba: Instituto Memória, p. 69-90, 2009.

OLIVEIRA, Elisangela Regina de. **Aspectos da interação cultural entre os grupos ceramistas pré-coloniais do médio curso do rio Tocantins** - Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, Kelly de. A Cerâmica Pintada da Tradição Tupiguarani: Estudando a Coleção Itapiranga, SC. **Documentos 11**. Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS. São Leopoldo - RS, 148 p, 2009.

PACHECO, Mírian Liza A. F. As diferentes abordagens sobre estilo e função em Arqueologia. **História. Questões e Debates**. Curitiba: Editora UFPR, N° 48/49, p. 389-425, 2008.

PARANÁ, Presidentes do. **Relatório do Presidente da Província, Góes e Vasconcellos à Assembleia Legislativa do Paraná**, em 15 de julho de 1854. Curitiba. Tipografia Paranaense, 1854.

PARANÁ, Sebastião. **Chorographia do Paraná**. Curitiba. 741 p, 1900.

PARKER, Bradley J. **Toward an Understanding of Borderland Processes**. American Antiquity. V. 71, N°. 1, p. 77-100, 2006.

PAULA, José M. de. Memória sobre os botocudos do Paraná e Santa Catarina organizada pelo serviço de protecção aos selvícolas. In: **Anais do 20º Congresso Internacional de Americanistas**. Rio de Janeiro, V. 1, p. 117-137, 1924.

PIRES, Maria Ligia Moura. **Guarani e Kaingang no Paraná: Um estudo de relações intertribais**. Universidade de Brasília - UnB, (Dissertação de Mestrado – Antropologia Social), 1975.

RAMOS, Alcida Rita. **Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1980.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. Petrópolis: Vozes, 1977.

RIESEMBERG, Alvir. **A instalação humana no vale do Iguaçu**. União da Vitória. Edição do Autor, 154 p., 1973.

RODERJAN, Roselys Vellozo. Caminhos do Tropeirismo no Brasil Meridional (Paraná e Expansão para o Sul-Século XVIII e XIX). **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, V. XLVII, p. 7-11, 1990.

ROGGE, Jairo Henrique. Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. **Pesquisas Antropologia**. São Leopoldo, Nº 62, p 1-125, 2005.

RUNCIO, María Andrea. El estilo en arqueología: diferentes enfoques y perspectivas. **Revista Espacios de Crítica y Producción**. Buenos Aires, Nº 36, p. 18-28, 2007.

SÁ, Márcia Freire M. Os solos dos Campos Gerais. In: MELO, M. S.; MORO, R. S.; GUIMARÃES, G. B. **Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, p. 73-83, 2007.

SACKETT, James R. Style, Function, and Assemblage Variability: A Reply to Binford. **American Antiquity**. Vol. 51, Nº 3, p. 628-634, 1986.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 209 p, 1978.

SCHADEN, Egon. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo: EPU/EDUSP, 190 p., 1974.

SCHEUER, Herta Loëll. **A Tradição da Cerâmica Popular**. São Paulo: Editora Livramento, 1982.

SCHIFFER Michael B. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*. V. 37, Nº 2 (Apr), p. 156-165, 1972.

SCHIFFER, Michael. B; SKIBO, James. M. The Explanation of Artifact Variability. **American Antiquity**. V. 62, Nº 1, p. 27-50, 1997.

SCHMITZ, Pedro I. Índios Guaranis, Kaingang e Xokleng: territórios indígenas e fronteiras. In: MOREIRA, Luis Felipe Viel. (Org.). **Instituições, Fronteiras e Política na História Sul-Americana**. Curitiba: Juruá Editora, 2007.

SCHNEIDER, R. L.; MÜHLMANN, H.; TOMMASI, E.; MEDEIROS, R. A.; DAEMON, R. F.; NOGUEIRA, A. A. Revisão estratigráfica da Bacia do Paraná. **Congresso Brasileiro de Geologia**. Anais. Porto Alegre: SBG, V. 1, p. 41-65, 1974.

SILVA, Cleto da. **Apontamentos históricos de União da Vitória. 1768-1933**. [União da Vitória]. Edição do autor, 225 p, 1933.

SILVA, Fabíola Andrade. As tecnologias e seus significados. **Canindé**. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, Sergipe, v. 2, p. 119-138, 2002.

SOARES, André L. R. **Guarani: organização social e arqueologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Arqueologia 4, 256 p, 1997.

SOUZA, Geraldo H. de Paula. Notas sobre uma visita a acampamentos de índios Caingangos. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, Tomo 20, p. 739-758, 1918.

STADEN, Hans. Relação verídica e sucinta dos uzos e costumes dos Tupinambás. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: V. 5, Nº 1, p. 267-360, 1892.

SUSNIK, Branislava. **Los aborígenes del Paraguay**. V. 2: Etnohistoria de los Guaraníes. Assunção: Museo Etnográfico “Andrés Bello”, 1982.

_____. **Los aborígenes del Paraguay**. V. 5: Ciclo vital y estructura social. Assunção: Museo Etnográfico “Andrés Bello”, 1983.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Mundos Mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém - PA**. 45 p. (em preparação) 2011.

TAUNAY, Alfredo de Eschagnolle. Viagem do Presidente Dr. Alfredo de Eschagnolle Taunay ao Rio Iguaçu (Província do Paraná), em março de 1886. **Revista**

Trimestral do Instituto histórico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro, T. 50, N° 3, 1887.

TRIGGER, Bruce. **A History of Archaeological Thought.** Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

WACHOWICZ, Ruy C. **História do Paraná.** Curitiba: Editora dos Professores, 1968.

_____. O Xokleng na Província do Paraná. Aldeamento do Papanduva. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense.** Curitiba: V. 37, p. 59-82, 1980.

WACHTEL, Nathan. A Aculturação. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História: novos problemas.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

WOBST, H. Martin. Stylistic Behavior and Information Exchange. **University of Michigan Anthropological Papers.** Ann Arbor, N° 61, p. 317-342, 1977.

ZEDENÑO, Maria Nieves. Landscapes, Land Use, and the History of Territory Formation: An example from the Pueblo an Southwest. **Journal of Archaeological Method and Theory.** V. 4, N° 1, p. 67-103, 1997.

ANEXOS



Tradição Tupiguarani - Fase Guajuvira - Simples Grosso.



Tradição Tupiguarani - Fase Guajuvira - Simples Fino.



Tradição Tupiguarani - Fase Guajuvira - Engobo Vermelho.



Tradição Tupiguarani - Fase Guajuvira – Pintado.



Tradição Tupiguarani - Fase Guajuvira - Ungulado Tangente.



Tradição Tupiguarani - Fase Guajuvira - Ungulado com técnica associada: Marcado com Tecido.



Tradição Tupiguarani - Fase Guajuvira - a, Corrugado Ungulado; b, Ponteadado.



Tradição Tupiguarani - Fase Guajuvira - Marcado com Tecido.



Tradição Tupiguarani - Fase Imbituva - Simple Grosso.



Tradição Tupiguarani - Fase Imbituva - Engobo Vermelho.



Tradição Tupiguarani - Fase Imbituva – Pintado.



Tradição Tupiguarani - Fase Imbituva – Ungulado.



Tradição Tupiguarani - Fase Imbituva - Ungulado Tangente.



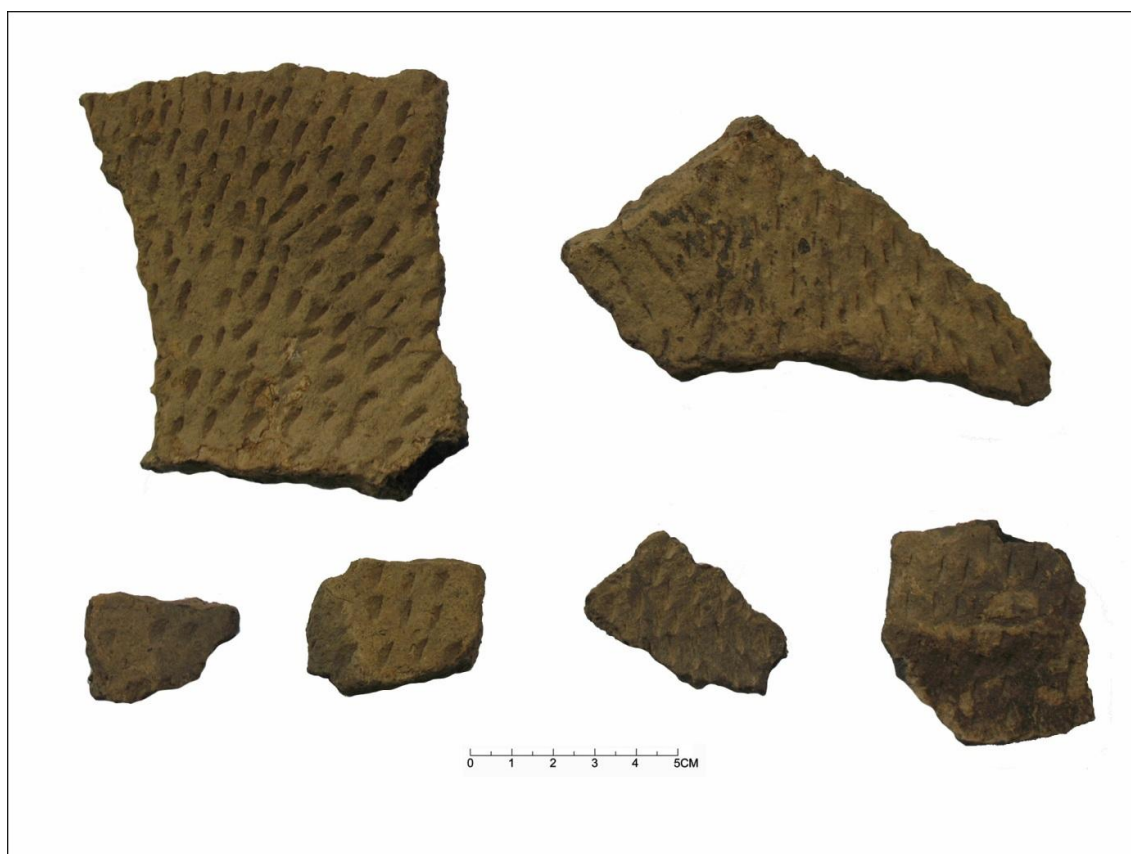
Tradição Tupiguarani - Fase Imbituva - a, Serrungulado; b, Corrugado Complicado.



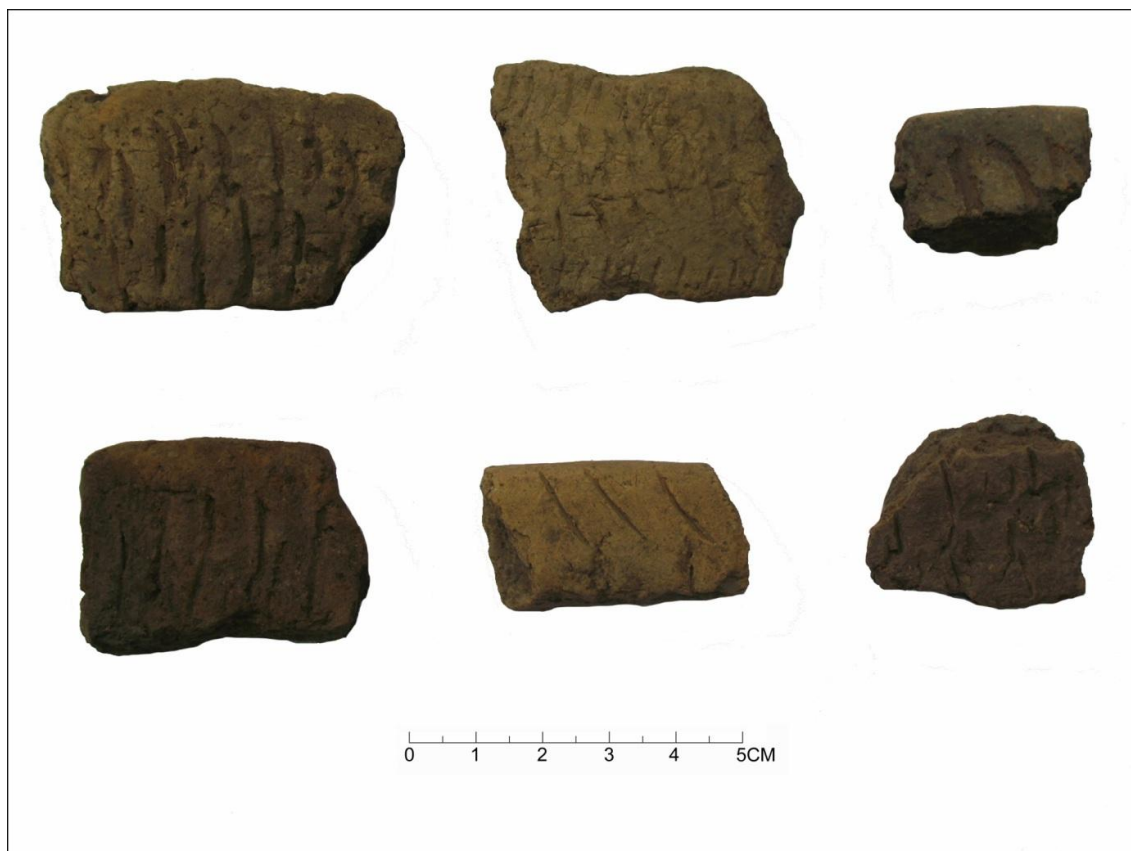
Tradição Tupiguarani - Fase Imbituva - Corrugado Espatulado.



Tradição Tupiguarani - Fase Imbituva - Corrugado Ungulado.



Tradição Tupiguarani - Fase Imbituva – Ponteados.



Tradição Tupiguarani - Fase Imbituva – Entalhados.



Tradição Tupiguarani - Fase Imbituva - Marcado com Tecido.



Tradição Itararé - Fase Açungui – a, Simples Grosso; b, Simples Fino.